

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

SIMONE FONSECA GOMES

LÍNGUAS AMEAÇADAS:
O FRANCOPROVENÇAL

Belo Horizonte
2019

SIMONE FONSECA GOMES

LÍNGUAS AMEAÇADAS:
O FRANCOPROVENÇAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística teórica e descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da variação e mudança linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

G554l Gomes, Simone Fonseca.
Línguas ameaçadas [manuscrito] : o francoprovençal / Simone
Fonseca Gomes. – 2019.
210 f., enc. : il., mapas (color).
Orientadora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 181-187.
Anexos: 188-210.

1. Línguas românicas – Teses. 2. Dialeto franco-provençal –
Teses. 3. Mudanças linguísticas – Teses. 4. Sociolinguística –
Teses. I. Cohen, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III.
Título.

CDD: 440



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



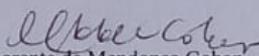
FOLHA DE APROVAÇÃO

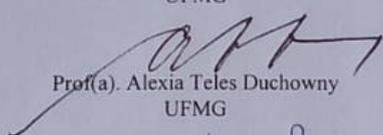
Línguas ameaçadas: o francoprovençal

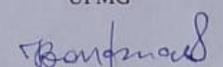
SIMONE FONSECA GOMES DUARTE GUIMARÃES

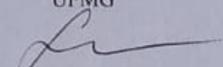
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

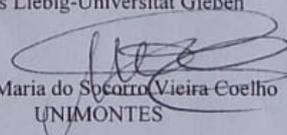
Aprovada em 20 de agosto de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Maria Antonieta Amarante de Mendonca Cohen - Orientadora
UFMG


Prof(a). Alexia Teles Duchowny
UFMG


Prof(a). Fábio Bonfim Duarte
UFMG


Prof(a). Anna Ur Evna Ladilova
Justus Liebig-Universität Gießen


Prof(a). Maria do Socorro Vieira-Coelho
UNIMONTES

Belo Horizonte, 20 de agosto de 2019.

À Maria, meu porto seguro

À Clarice, estrela-guia

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à professora Maria Antonieta A. M. Cohen, Tilah, não apenas pela orientação mas pela amizade construída durante todos esses anos que venho trilhando os caminhos das letras, pelo incentivo e entusiasmo por este projeto e pelo estudo das línguas minoritárias em geral, e pela humanidade e generosidade em apoiar e acolher seus alunos nas demais esferas da vida, além da acadêmica.

Agradeço à professora Aléxia Teles Duchowny, que acompanha minha formação desde a graduação, sendo sempre uma fonte de inspiração e de incentivo para continuar meus projetos e persistir na árdua jornada da vida acadêmica. À querida Anna Ladilova, pelas preciosas dicas bibliográficas, pelo material disponibilizado e pelas conversas sobre problemáticas teóricas em meio a discussões sobre os desafios da maternidade, que pudemos travar nesses últimos meses.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida para realização desta pesquisa.

Agradeço imensamente aos membros da banca Aléxia Teles Duchowny, Anna Ladilova, Maria do Socorro Coelho e Fábio Bonfim Duarte pelos preciosos comentários que me permitiram aperfeiçoar este texto e que me apontaram possíveis caminhos para futuras pesquisas.

Aos queridos Claudine Fréchet e Jean-Baptiste Martin, por me acolherem em Lyon e orientarem meu trabalho de busca dos falantes do francoprovençal. Aos demais colegas do Institut Pierre Gardette: Jean-Pierre Gerfaud e Rémi Bernard pelo incentivo e pelas dicas que facilitaram minha estadia na França e contribuíram para o bom desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço especialmente ao Jean-Paul Pobel por compartilhar comigo todo o seu *patois*, à Marie-Josette Subtil e aos demais membros do grupo *patoisant* de Saint-Étienne-du-Bois, guardiães da língua francoprovençal, que me receberam de braços abertos e contribuíram enormemente para o desenvolvimento desta pesquisa: *on grè massi a vou!*

Agradeço aos queridos amigos que, de diferentes maneiras, fizeram parte desta jornada. Ao amigo Leandro pela proeza de me tirar da inércia e me fazer caminhar e correr na Andradas, por me lembrar que o mundo vai muito além do nosso próprio umbigo e por me fazer redescobrir o prazer de rir de si mesmo.

Um agradecimento especial às mulheres que me deram apoio durante esta caminhada, a qual coincidiu com o fato de ter me tornado mãe. À Maria - meu porto seguro,

amiga de todas as horas, pilar principal da minha formação pessoal -, à Isnaia e à Célia, mulheres fortes e mães dedicadas, que inspiram minha maternagem, pela generosidade, paciência, compreensão e por serem as melhores avós e tia-avó que a Clarice poderia ter.

Ao João, que, nesses 16 anos de vida comum, acompanhou e contribuiu para meu amadurecimento intelectual e humano, por sempre acreditar no meu potencial e me dar apoio nos momentos em que pensei em desistir. Agradeço ainda por estar sempre presente em minha vida, pela confiança e pelo amor, persistentes apesar dos desencontros, e por dividir comigo um sonho lindo chamado Clarice. E, finalmente, agradeço à pequena Clarice, cujos olhinhos brilhantes acompanhados de largos sorrisos matinais me fazem feliz um pouquinho todo dia, por me despertar para um novo mundo e ser minha dose diária de esperança.

RESUMO

Nesta tese estuda-se o francoprovençal, língua românica minoritária ameaçada de extinção. Seu domínio compreende o sudeste da França, adentra a Suíça e o Vale d'Aosta na Itália. Na França, a situação da língua é resultado do processo histórico longo e gradual de expansão da língua francesa, que se torna língua literária, nacional e de prestígio, levando as populações locais a abandonarem seu idioma. O estudo dos fatores da UNESCO (2003) para a avaliação da vitalidade de línguas nos permitiu comprovar a delicada situação dessa língua na atualidade, sobretudo devido à ruptura da transmissão intergeracional, à inexistência de ensino institucionalizado e de uma legislação efetiva de proteção e promoção das línguas regionais na França. Para desenvolver esta pesquisa, realizamos trabalho de campo, observação participante e coleta de dados linguísticos e sociolinguísticos junto a um grupo que atua na manutenção da língua francoprovençal no vilarejo de Saint-Étienne-du-Bois, departamento de Ain na França. A pesquisa se apoia nos pressupostos da sociolinguística de Labov (1972) e na dialetologia social de Milroy (1992). Transitamos ainda no campo de estudos do contato linguístico e da extinção, ameaça ou obsolescência linguística, de onde pudemos extrair parâmetros para análise dos dados e compreensão dos fenômenos observados. Na análise dos dados, pudemos traçar o perfil do falante do francoprovençal na comunidade estudada e estabelecer uma tipologia dos falantes, na qual identificamos três categorias: o falante *quasi*-nativo, mais velho e mais competente que teve uma aquisição quase completa da língua ainda durante a infância; o semi-falante, menos exposto à língua na infância, mas que conseguiu recuperá-la parcialmente na idade adulta; o falante passivo, que teve contato com a língua na infância mas desenvolveu apenas a competência passiva. O estudo dos dados propriamente linguísticos levou em conta a tipologia dos falantes e os fatores históricos, políticos, socioeconômicos e culturais atuantes no processo de abandono do francoprovençal na França. Pudemos constatar que os semi-falantes apresentam uma versão da língua fortemente marcada pelo contato com o francês, no entanto, mantem-se as características distintivas da língua dentro do grupo galo-românico assim como alguns elementos característicos do falar do vilarejo estudado. Esses elementos sobrevivem sobretudo por sua função simbólica e identitária dentro da comunidade. Apesar de a língua sofrer perdas, sobretudo lexicais e morfológicas, os falantes ainda conseguem preencher essas lacunas preservando as características distintivas da língua através de processos de alinhamento ou adaptações via analogia, revelando a criatividade do falante e sua capacidade de recriar uma língua que não é mais usada na comunidade. Os principais obstáculos à

manutenção da língua são a ruptura da transmissão, a perda acentuada de seus contextos de uso e seu encarceramento em atividades de cultivo das tradições e da cultura local com pouca penetração entre os jovens, o que nos leva a entrever a sobrevivência da língua como objeto ou símbolo da cultura e da identidade e não como meio de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: línguas ameaçadas; línguas românicas; francoprovençal; sociolinguística; contato linguístico.

ABSTRACT

In this thesis one studies the Francoprovençal, a Romance minority language threatened of extinction. Its domain comprises the southeast of France, part of Switzerland and the Valle d'Aosta in Italy. In France, the language situation is the result of the long and gradual historical process of the expansion of French, which becomes a literary, national and prestigious language, leading local populations to abandon their native language. The study of the factors by UNESCO (2003) for the evaluation of the vitality of languages allowed us to prove the delicate situation of this language today, mainly due to the rupture of intergenerational transmission, the lack of institutionalized teaching and effective legislation to protect and promote languages in France. To develop this research, we carried out fieldwork, participant observation and collection of linguistic and sociolinguistic data together with a group that works to maintain the francoprovençal in the village of Saint-Étienne-du-Bois, department of Ain in France. This research is based on the assumptions of Labov's sociolinguistics (1972) and the social dialectology of Milroy (1992). We also dealt with the field of studies of language contact and endangered language or language obsolescence, from where we could extract parameters for data analysis and understanding of observed phenomena. Through the analysis of the data, we have been able to trace the profile of the francoprovençal speaker in the studied community and to establish a typology of the speakers, for which we have proposed three categories: the quasi-native speaker, the older ones who had acquired the language in childhood and showed more competence about the language; the semi-speaker, who has been less exposed to language in childhood, but partially managed to recover it in adulthood; the passive speaker, who had contact with the language in childhood but has developed only a passive competence. The analysis of the linguistic data proper took into account the typology of the speakers and the historical, political, socioeconomic and cultural factors involved in the process of abandoning the francoprovençal in France. It has been verified that the semi-speakers use a version of the language strongly marked by the contact with French, however, the distinctive features of the language within the Gallo-Romance group are maintained, as well as some elements typical of the linguistic variant spoken in the studied village. These elements survive mainly due to the symbolic and identity function they have within the group. Although the language undergoes losses, especially lexical and morphological, speakers still manage to fill these gaps by preserving the distinctive features of the language through alignment processes or adaptations via analogy, revealing the speaker's creativity and his ability to recreate pieces of the language that is not

longer fully used in the community. The main obstacles to maintaining the language are the rupture of transmission, the continuing loss of its contexts of use and its restriction to activities related to local traditions and cultures, that do not interest the younger generations, which leads us to see the survival of this language mainly a symbol of culture and identity and not as a vehicle of communication.

KEY WORDS: endangered languages; romance languages; francoprovençal; sociolinguistics; language contact.

RESUME

Dans cette thèse, on étudie le francoprovençal, une langue romane minoritaire menacée de disparition. Son domaine comprend le sud-est de la France, une partie de la Suisse et la vallée d'Aoste en Italie. En France, la situation de cette langue est le résultat d'un long et progressif processus d'expansion de la langue française, laquelle devient une langue littéraire, nationale et prestigieuse, amenant les populations locales à abandonner leur langue. L'étude des facteurs de l'UNESCO (2003) pour l'évaluation de la vitalité des langues nous a permis de prouver la situation délicate de cette langue aujourd'hui, surtout en raison de la rupture de la transmission intergénérationnelle, du manque d'enseignement institutionnalisé ou d'une législation efficace pour protéger et promouvoir les langues régionales en France. Pour développer cette recherche, nous avons effectué un travail de terrain, l'observation participante et la collecte de données linguistiques et sociolinguistiques, auprès d'un groupe travaillant à la préservation de la langue francoprovençal dans le village de Saint-Étienne-du-Bois, département de l'Ain en France. La recherche est basée sur les hypothèses de la sociolinguistique de Labov (1972) et de la dialectique sociale de Milroy (1992). Nous sommes toujours dans le champs d'études du contact de langues et dans le domaine des langues en danger, d'où nous pourrions extraire des paramètres pour l'analyse de données et la compréhension des phénomènes observés. Dans l'analyse des données, nous avons pu tracer le profil du locuteur du francoprovençal dans la communauté étudiée et établir une typologie des locuteurs, dans laquelle nous avons identifié trois catégories: le locuteur quasi-natif, plus âgé et plus compétent, ayant acquis la langue pendant la petite enfance; le semi-locuteur, moins exposé à la langue pendant l'enfance, mais ayant réussi à la récupérer partiellement à l'âge adulte; le locuteur passif, qui a eu un contact avec la langue dans son enfance mais n'a développé que la compétence passive. L'étude des données linguistiques a pris en compte la typologie des locuteurs et les facteurs historiques, politiques, socio-économiques et culturels impliqués dans le processus d'abandon du francoprovençal en France. On peut observer que les locuteurs présentent une version de la langue fortement marquée par le contact avec le français. Cependant, les caractéristiques distinctives de la langue au sein du groupe gallo-romain y sont conservées, ainsi que certains éléments caractéristiques du patois parlé dans le village étudié. Ces éléments survivent principalement en raison de leur fonction identitaire et symbolique au sein de la communauté. Bien que la langue subisse des pertes, en particulier lexicales et morphologiques, les locuteurs parviennent toujours à combler ces lacunes en préservant les traits distinctifs de la langue par

le biais de processus d'alignement ou d'adaptations par analogie, révélant ainsi sa créativité et sa capacité à recréer une langue qui n'est plus utilisée dans la communauté. Les principales entraves s'opposant au maintien de la langue sont la rupture de la transmission, la perte marquée de ses contextes d'utilisation et son emprisonnement dans une culture traditionaliste et locale avec une faible pénétration parmi les jeunes, ce qui nous amène à voir la sauvegarde de la langue plutôt comme objet ou symbole de culture et d'identité et pas plus comme un moyen de communication.

MOTS CLÉS: langues en danger; langues romanes; francoprovençal; sociolinguistique; langues en contact.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1	Domínios linguísticos da França.....	40
Mapa 2	Domínio francoprovençal (TUAILLON, 2007).....	41
Mapa 3	Domínio francoprovençal (MARTIN, 1990)	42
Mapa 4	Regiões dentro do domínio francoprovençal	43
Mapa 5	Diferentes dialetos ou falares dentro do domínio francoprovençal	43
Mapa 6	<i>Les étincelles</i> (pt. as faíscas).....	170
Mapa 7	<i>Une taupe</i> (pt. uma toupeira).....	172
Figura 1	Imagens utilizadas na eliciação de demonstrativos.....	88
Figura 2	Rota Saint-Étienne-du-Bois/Lyon (aprox. 80 km).....	91
Figura 3	Vista aérea do vilarejo – cartão postal dos anos 1950.....	92
Figura 4	Vista aérea do vilarejo – foto de 2017.....	92
Figura 5	<i>La Ferme des Mangettes</i> , atual sede da Associação <i>Maison de Pays en Bresse</i>	95
Figura 6	<i>La Ferme des Mangettes</i> (detalhe chaminé <i>sarrasine</i>).....	96
Figura 7	Festa da Paria , preparação tradicional da geleia de pera, típica da região.....	97
Figura 8	Representação esquemática de uma comunidade de língua ameaçada.....	99
Figura 9	Local de origem dos entrevistados.....	106
Figura 10	Rede de parentesco, amizade e vizinhança entre os entrevistados.....	116
Texto 1	Poema La tara de Brache , Jean-Paul Pobel.....	94
Texto 2	Canção <i>Petite Sylvie</i>	104

LISTA DE QUADROS

Quadro Fator 1	Transmissão intergeracional da língua.....	25
Quadro Fator 3	Número proporcional de falantes dentro da população total.....	26
Quadro Fator 4	Mudanças nos domínios e usos da língua.....	26
Quadro Fator 5	Resposta aos novos domínios e às novas mídias.....	27
Quadro Fator 6	Disponibilidade de material para educação e letramento.....	28
Quadro Fator 7	Atitudes e políticas linguísticas no nível governamental e das instituições, uso e status oficial.....	29
Quadro Fator 8	Atitude dos membros da comunidade em relação à própria língua.....	30
Quadro Fator 9	Tipo e qualidade da documentação existente.....	30
Quadro 1	Matriz retenção-mudança.....	72
Quadro 2	Perfil dos entrevistados.....	103
Quadro 3	Tipologia do falante do francoprovençal de SEB.....	111
Quadro 4	Artigos indefinidos.....	140
Quadro 5	Artigos definidos.....	141
Quadro 6	Adjetivos demonstrativos	146
Quadro 7	Pronomes demonstrativos.....	150
Quadro 8	Verbos gardô e mèzhe no pretérito imperfeito.....	158
Quadro 9	Síntese dos fenômenos analisados.....	175
Quadro 10	Matriz retenção-mudança no francoprovençal.....	177

LISTA DE ABREVIATURAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
ADV	advérbio(ial)
ART	artigo
AUX	auxiliar
COND	condicional
CONJ	conjunção
DEF	definido
DEM	demonstrativo
F	feminino
INDF	indefinido
INF	infinitivo
IPFV	imperfeito
M	masculino
N	neutro
NEG	negação, negativo
PL	plural
POSS	possessivo
PRS	presente
PST	passado
PTCP	particípio
REFL	reflexivo
REL	relativo
SBJ	subjuntivo
SG	singular
fr.	francês
pt.	português
SEB	Saint-Étienne-du-Bois
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Introdução.....	16
1 Francoprovençal: língua e sociedade.....	21
1.1 Apresentação.....	21
1.2 Línguas em extinção: avaliando a vitalidade de uma língua.....	23
1.3 O francoprovençal na França: avaliação segundo os critérios da UNESCO (2003).....	31
1.4 História de uma língua ameaçada.....	38
1.4.1 O domínio francoprovençal: definição e delimitação.....	39
1.4.2 Do plurilinguismo do <i>pays</i> ao monolinguismo da nação.....	44
1.4.3 Gênese da diversidade e do plurilinguismo na antiga Gália.....	46
1.4.4 Gênese do francoprovençal.....	48
1.4.5 Muitos falares, poucos falantes.....	50
1.4.6 Surgimento da nação moderna: o avanço do francês.....	51
1.5 Políticas linguísticas e revitalização.....	55
2 Pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos.....	58
2.1 Apresentação.....	58
2.2 O contato de línguas e o fenômeno da extinção de línguas.....	61
2.3 Consequências estruturais da extinção linguística.....	66
2.4 Metodologia de campo.....	73
2.4.1 Trabalho de campo e coleta de dados em contexto de extinção linguística.....	74
2.4.2 Observação participante.....	76
2.4.3 A escolha do campo e suas características.....	77
2.4.4 Realização das entrevistas.....	81
2.4.5 Seleção dos entrevistados.....	82
2.5 Constituição do corpus.....	84
2.6 Questionário.....	86
2.6.1 Questionário sociolinguístico.....	86
2.6.2 Questionário linguístico.....	86
3 Os <i>patoisants</i> : perfil sociolinguístico do falante do francoprovençal.....	90
3.1 Apresentação.....	90
3.2 <i>Commune de Saint-Étienne-du-Bois</i> : a comunidade.....	90
3.3 Perfil dos entrevistados: aquisição, competência e uso da língua.....	101
3.4 Tipologia dos falantes.....	107
3.5 Um modo de vida em mudança, uma língua em declínio.....	112

3.6	Vida associativa e rede social.....	115
3.7	Língua-objeto: valorização, manutenção e transmissão.....	117
3.8	Novos falantes e o futuro da língua.....	121
4	Análise dos dados linguísticos : o falar bressan de Saint-Étienne-du-Bois.....	125
4.1	Apresentação.....	125
4.2	Organização e apresentação dos dados.....	127
4.3	Grafia e sons da língua.....	128
4.4	Fenômenos fônicos.....	130
4.4.1	Tonicidade.....	130
4.4.2	Palatalização de consoantes e vogais.....	133
4.4.3	Ditongação.....	136
4.4.4	Nasalização de vogais e o fenômeno de desnasalização típico do bressan.....	136
4.4.5	Síntese sobre os fenômenos fônicos.....	138
4.5	Morfologia nominal.....	139
4.5.1	Artigos indefinidos e definidos.....	139
4.5.2	Nomes masculinos e femininos.....	143
4.5.3	Demonstrativos.....	146
4.5.4	Os adjetivos possessivos neutron e veutron	151
4.5.5	O pronome relativo que	152
4.5.6	Pronomes pessoais.....	152
4.6	Morfologia verbal.....	154
4.6.1	Infinitivos dos verbos do primeiro grupo.....	155
4.6.2	Verbos do terceiro grupo: as formas fortes do presente do indicativo.....	155
4.6.3	O imperfeito do indicativo.....	157
4.6.4	O subjuntivo presente e imperfeito.....	161
4.6.5	Síntese dos fenômenos morfológicos.....	163
4.7	Vocabulário da língua: manutenção e mudança lexical.....	165
4.7.1	Fenômenos de manutenção.....	167
4.7.2	Fenômenos de mudança.....	168
4.7.3	Síntese do estudo do léxico.....	173
4.8	Síntese e discussão sobre a análise linguística.....	174
	Conclusão.....	179
	Referências.....	181
	Anexos.....	188

INTRODUÇÃO

Este estudo tomou como objeto uma língua minoritária em perigo de extinção: o francoprovençal, língua românica que compõe o subgrupo galo-românico da România Ocidental, ao lado do francês e do occitano. Trata-se de uma língua transnacional, cujo domínio compreende, em sua maior parte, o sudeste da França, se estende pela Suíça Romanda e penetra a região denominada Vale d’Aosta, na Itália.

O fenômeno da ameaça de línguas começou a ganhar atenção de antropólogos e linguistas sobretudo a partir da década de 1970, quando percebeu-se o real perigo de desaparecimento de diferentes línguas e culturas, sobretudo em decorrência da política imperialista das grandes potências econômicas nas Américas, na África e na Oceania. Os trabalhos de antropólogos americanos na documentação de línguas indígenas da América do Norte e de linguistas que trataram de temas como multilinguismo, educação bilíngue e línguas minoritárias, tiveram importante impacto na conscientização acerca da importância da diversidade cultural e linguística.

No campo dos estudos linguísticos, é com os trabalhos da americana Nancy Dorian sobre o gaélico escocês, a partir de 1973, que emerge uma discussão propriamente científica sobre o fenômeno de extinção de línguas e suas consequências na estrutura linguística. Como afirma Thomason (2015), o desaparecimento de uma língua é um fenômeno essencialmente social e não pode ser compreendido avaliando-se apenas fatores estritamente linguísticos. Excetuando-se os casos de desastres naturais, epidemias ou genocídio, quando há morte abrupta de toda uma comunidade linguística, uma língua desaparece quando deixa de ser falada pelos membros da comunidade onde ela é língua nativa em benefício de uma outra língua, que a substitui de forma abrupta ou gradual. Trata-se assim de um dos possíveis resultados decorrente de uma situação de contato onde, em geral, o grupo dominante e com maior prestígio impõe sua língua – por meio da legislação e de políticas monolíngues que beneficiam apenas a língua oficial, pressionando as demais línguas e comunidades presentes em seu território à assimilação cultural e linguística como condição para a integração social e acesso aos direitos civis.

Evidentemente, outros contextos são possíveis e já foram testemunhados na história, por exemplo, o caso da adoção do latim pelas tribos germânicas após a queda do Império Romano, em virtude do grande prestígio da cultura e língua latinas na Antiguidade (AUERBACH, 1987). Há casos de comunidades bilíngues relativamente estáveis, onde duas

ou mais línguas convivem no mesmo território ou em regiões adjacentes dentro de um mesmo território ou país, como é o caso do francês e do alemão na Suíça. O contato entre culturas e línguas pode ter como resultado também o surgimento de novas línguas como os pidgins e as línguas crioulas. Por outro lado, o que se observa na modernidade é o esfacelamento de culturas e línguas em territórios caracterizados por uma grande diversidade linguística.

O documento *Language Vitality and Endangerment*, publicado pelo grupo especialista em línguas ameaçadas da UNESCO (2003), constatou que a maior parte das línguas do mundo (96%) é falada por uma pequena porcentagem da população mundial (3%). Trata-se, em geral, de comunidades minoritárias em intenso contato com línguas majoritárias de sociedades com alto poder político e econômico, que exercem pressão sobre essas línguas e culturas. Quando culturas minoritárias são assimiladas por grandes sociedades, suas respectivas línguas tendem a ser abandonadas pelos falantes, que passam a não transmiti-la mais às novas gerações, a utilizá-la em domínios comunicativos cada vez mais reduzidos, o que, com o passar do tempo, leva ao efetivo desaparecimento da língua. A perda da diversidade linguística tem como consequência a perda da diversidade cultural, o que se revela um prejuízo para toda a humanidade, na medida em que significa o desaparecimento de saberes, técnicas e visões de mundo originais.

Do ponto de vista linguístico o estudo de línguas em situação de ameaça possibilita conhecer os efeitos da perda de funções sociolinguísticas na estrutura de uma língua e as características do processo de obsolescência de línguas em situação de contato. Os trabalhos de Cohen (2002, 2003 e 2009) sobre o francoprovençal e o judeu-espanhol, o de Scheinbein (2006) sobre o *hakitia* e os trabalhos de Dorian (1977 e trabalhos posteriores) sobre o gaélico escocês mostraram que línguas minoritárias em intenso contato com uma língua dominante passam por processos de mudança linguística que podem levar à substituição de uma língua por outra, podendo-se observar também fenômenos de manutenção ou retenção de determinados elementos que resistem ou são passíveis de resistir à extinção (COHEN, 2009).

Nesta pesquisa, tratamos de uma língua regional falada na França, país onde concentra-se a maior parte do domínio francoprovençal e onde realizamos pesquisa de campo entre setembro de 2015 e maio de 2016. A bibliografia e os dados fornecidos pelo sítio *ethnologue.com* já apontavam o avançado grau de ameaça da língua nesse país, em decorrência de uma série de eventos históricos e de fatores sociais e políticos que afetaram as línguas regionais na França como um todo, mas que tiveram efeitos particularmente catastróficos no domínio francoprovençal.

No capítulo 1 apresentamos os fatores propostos pelo documento da UNESCO (2003) para avaliação da vitalidade de línguas e analisamos o caso do francoprovençal com base em dados atualizados e nos resultados da pesquisa de campo por nós empreendida. Apresentamos os domínios linguísticos na Gália, a delimitação geográfica do domínio francoprovençal e empreendemos um vôo pela história da formação da língua, descrevendo os eventos que contribuíram para sua condição atual de língua ameaçada. Enquanto línguas como o occitano, o catalão e o basco resistiram e avançaram em termos de proteção regional e institucionalização da língua, o francoprovençal manteve-se fragmentado em seus diversos falares – que nunca foram unificados ou normatizados, configurando o que Tuaille (1988) chamou de “língua em estado dialetal” – incrustados em seus pequenos vilarejos, cada vez mais sufocados e isolados diante da língua francesa.

Embora a antiga Gália tenha surgido como um território marcado pelo plurilinguismo, tendo sido colonizada por diferentes levas de povos com diferentes origens e diferentes línguas, as quais se encontraram, se misturaram, e mantiveram contato por séculos, a França inicia seu processo de nacionalização ancorado na adoção de uma única língua nacional, a língua francesa, que passa a ser escrita, padronizada, torna-se língua literária, da administração e da educação, agregando grande prestígio dentro e fora do país. O francoprovençal, e outras línguas regionais, passa então por um processo de perda de legitimidade, torna-se uma língua menosprezada, considerada uma linguagem corrompida, um falar local e de pessoas sem instrução, trazendo forte estigma aos seus falantes.

A partir da segunda metade do século XX as línguas minoritárias começam a ser objeto de interesse de grupos sociais e políticos por toda a Europa e começam a se multiplicar os projetos de recuperação dessas línguas. Ao final do capítulo 1 discutimos as políticas linguísticas na França e a situação dos projetos de revitalização da língua francoprovençal. As iniciativas de reconhecimento e recuperação das línguas regionais na França são bastante recentes e enfrentam inúmeros entraves legislativos, além de receberem pouco apoio institucional. Hoje, esses projetos, conduzidos sobretudo por associações comunitárias, começaram a ganhar maior atenção da comunidade acadêmica e dos governos no nível da região. O reconhecimento da diversidade linguística ainda é um ponto de tensão em toda a Europa, visto que em alguns contextos ocorrem conflitos que podem abalar a unidade do estado-nação, como ocorre com o catalão na Espanha. Na França, o projeto de unificação linguística foi bastante eficaz, e grupos separatistas são raros e pouco expressivos, sobretudo em domínio francoprovençal, onde não existem mais falantes monolíngues do língua, sendo o francês a primeira língua mesmo dos falantes bilíngues mais velhos.

No capítulo 2 apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos baseados em teorias do contato linguístico e em estudos da extinção ou obsolescência linguística a partir de uma abordagem sociolinguística que procura associar a análise dos fenômenos linguísticos aos fatores históricos, socioculturais, políticos e econômicos atuantes. Descrevemos em detalhes a preparação e execução do trabalho de campo, realizado no vilarejo de Saint-Étienne-du-Bois, no departamento Ain, na França, onde realizamos a metodologia da observação participante junto a um grupo de manutenção e vivência da língua e selecionamos nove pessoas para a realização de entrevistas formais. Dois questionários foram aplicados: o primeiro buscou coletar informações sobre o perfil sociolinguístico do entrevistado – aquisição, contato e uso da língua, atitude em relação à língua – e o segundo objetivou a coleta de dados da língua por meio da tradução de uma lista de palavras e de frases simples e complexas, propostas em francês.

No capítulo 3 apresentamos a comunidade estudada, descrevemos as características da região, marcada historicamente pelo elemento rural, que caracterizava o modo de vida e de sociabilidade na comunidade quando a língua local ainda era o meio de comunicação cotidiano privilegiado. Abordamos a biografia de cada entrevistado, sua história familiar, aquisição e contato com a língua na infância e ao longo da vida, seu uso atual e atitude diante da mesma. A partir dessas informações chegamos a uma tipologia dos falantes do francoprovençal no vilarejo de Saint-Étienne-du-Bois. Em seguida analisamos os fatores socioeconômicos e culturais que contribuíram para o abandono da língua, sobretudo as mudanças no modo de vida rural, com o advento das máquinas e o êxodo rural, e discorremos sobre a forma como os falantes percebem esse processo de perda da língua.

Discutimos ainda a rede social dos entrevistados dentro da comunidade – onde predomina o francês –, sua relação com as associações e o papel delas na valorização e manutenção da língua, enquanto centro agregador e facilitador dessas ações, embora enfrentem importantes impasses no nível supralocal, em relação ao impacto, à visibilidade e à ampliação das políticas e projetos de valorização da língua. Na sequência retomamos o tema da transmissão, valorização ou revitalização da língua na atualidade, analisando o papel da identidade na manutenção da língua e na criação de um novo lugar para ela num contexto em que o francês permanece a língua predominante na comunicação cotidiana.

Por fim, abordamos o tema dos novos falantes, os quais aprenderam ou estão aprendendo a língua como segunda língua, constituindo um importante grupo sociolinguístico nos projetos de valorização e nas perspectivas de futuro da língua. O surgimento desses

falantes e de uma nova versão da língua fortemente marcada pelo contato, por outro lado, lança alguns desafios, colocando em questão as noções de falante nativo e de língua autêntica.

No capítulo 4 empreendemos a análise dos dados coletados por meio do questionário linguístico buscando compreender as consequências do processo de obsolescência na estrutura da língua. Postulamos que os fenômenos linguísticos presentes nesse processo têm como principais fatores condicionantes o contato com uma língua majoritária associado a questões socioculturais que serão decisivas no direcionamento das mudanças. Nesse sentido, na interpretação dos fenômenos linguísticos levamos em conta o perfil do falante, discutido no capítulo 3, e os fatores históricos, sociais e políticos que tiveram e ainda têm papel no abandono da língua e nas recentes iniciativas de recuperá-la, apresentados no capítulo 1 e 3.

Todo contato linguístico é caracterizado por trocas e mesclas entre as línguas. No caso de línguas em extinção, uma se sobrepõe à outra, forçando a redução das funções comunicativas da língua dominada na comunidade e as consequentes simplificações, reduções e perdas em sua estrutura linguística. Observou-se, no entanto, que nem tudo se perde, alguns elementos tendem a se manter e a resistir ao desaparecimento. A criatividade do falante, em especial os falantes menos competentes, também atua na recriação da língua, através de fenômenos como o decalque, os empréstimos, as adaptações por analogia, entre outros, que contribuem para o surgimento de uma nova versão da língua. Os fenômenos de mudança e de retenção linguísticas foram organizado numa matriz, baseada em Cohen (2009), onde sistematizamos as características internas e externas (extralinguísticas) que tendem a se manter e as que tendem a mudar em contexto de ameaça de língua.

Por fim, tecemos as conclusões finais, apresentamos as referências da pesquisa e os anexos.

1 FRANCOPROVENÇAL: LÍNGUA E SOCIEDADE

1.1 Apresentação

Na presente pesquisa, assumimos uma abordagem centrada no estudo direto da língua em uso dentro de uma comunidade e concebemos a linguagem humana como uma forma de comportamento social. Partindo de autores como William Labov e James Milroy, referências clássicas dos estudos em sociolinguística e em dialetologia social, propomos neste trabalho trazer o elemento social para o primeiro plano da análise linguística. As trocas linguísticas não veiculam apenas mensagens ou informações, mas exercem múltiplas funções que dizem respeito a dimensões como identidade, solidariedade, distinção, polidez entre outras. As marcas linguísticas carregam marcas sociais, e é na dinâmicas das relações e das interações sociais que deve-se compreender os fenômenos de variação, mudança ou manutenção linguística (MILROY, 1992).

Nesta pesquisa, nos debruçamos sobre um fenômeno de caráter essencialmente social: a ameaça e o desaparecimento de línguas – excluindo-se os casos de desaparecimento de línguas e suas populações por desastres naturais. O francoprovençal, língua românica objeto deste estudo, encontra-se em situação de ameaça por não estar sendo transmitida às novas gerações devido à preferência por uma língua dominante, o francês, que também é a língua oficial, com tradição literária reconhecida, língua da escolarização, das mídias quotidianas, da administração e do direito. Essa língua vem, assim, sofrendo um progressivo processo de restrição de uso, de perda de suas funções comunicativas na vida cotidiana, como consequência de um longo processo histórico que teve como resultado a formação do atual Estado francês.

A situação atual do francoprovençal não é, no entanto, um fato isolado. Muitas outras línguas regionais presentes na França e em outros países da Europa – sem falar de outros continentes onde há línguas e populações em situação ainda mais delicada – encontram-se atualmente em grande perigo de desaparecimento completo. O dalmático, língua românica falada numa região onde atualmente é a Iugoslávia, se viu extinta com a morte de seu último falante no final do século XIX. Esse pode ser o destino de muitas línguas regionais e minoritárias que não atingiram o *status* de língua nacional ou de língua oficial/co-oficial nos países em que suas comunidades estão inseridas, e que foram sendo abandonadas aos poucos em benefício daquelas línguas que se tornaram majoritárias, oficiais e de prestígio.

Línguas não territorializadas encontram-se em situação ainda mais delicada, como é o caso do judeu-espanhol, falado por remanescentes dos judeus sefarditas refugiados e radicados em diferentes países do mundo [ver estudos de Sefhira (1986, 1991); Hassán (1995); Guimarães (2000); Cohen (2003 e 2009); Scheinbein (2006),], e das diversas línguas dos ciganos, povo originalmente nômade, cuja origem linguística ainda gera bastante controvérsia [ver o estudo de Dantas de Melo (2005)]. As línguas indígenas encontram-se também em situação bastante precária em muitos países do mundo. Thomason (2015) comenta o estado das línguas indígenas nos Estados Unidos, no Canadá e na Austrália, e poderíamos incluir na lista as línguas indígenas do Brasil, onde fatores sociais, econômicos e políticos têm contribuído historicamente para o abandono dessas línguas, a assimilação cultural e, em muitos casos, o extermínio de etnias e assim de línguas e até mesmo famílias linguísticas inteiras.

Desta forma, o estudo dos eventos históricos e dos fatores socioculturais se mostraram centrais para a compreensão da formação, desenvolvimento e declínio dessa língua românica que surgiu nos arredores das montanhas alpinas. Neste sentido, consideramos que a linguagem não deve ser entendida apenas como código fora do contexto ou como competência linguística definida abstratamente, mas como um conjunto sociolinguístico que só existe nas situações de comunicação. As trocas linguísticas “são também trocas simbólicas onde se atualizam as relações de força entre os falantes ou seus respectivos grupos” (BOURDIEU, 1998, p. 24) e devem ser observadas levando-se em conta suas condições sociais de produção, definidas por Bourdieu (1998) como o encontro de duas séries causais independentes: “de um lado, as disposições, socialmente modeladas, do *habitus* linguístico, que implicam uma certa propensão a falar e a dizer coisas determinadas (...); do outro, as estruturas do mercado linguístico, que se impõem como um sistema de sanções e de censuras específicas” (p. 24).

Os conceitos de Bourdieu (1998) nos ajudam a visualizar o elemento “sócio” que interessa à sociolinguística em sua dimensão individual – do *habitus* e das atitudes dos falantes – e coletiva, da comunidade linguística, sintetizada na ideia de mercado linguístico, o qual define a língua legítima, o adequado/inadequado, o aceito/não aceito, enfim a norma consensual a que todos estão submetidos e que condiciona o comportamento linguístico dos membros da comunidade. “Enquanto produto da dominação política incessantemente reproduzida por instituições capazes de impor o reconhecimento universal da língua dominante, a integração numa mesma ‘comunidade linguística’ constitui a condição da instauração de relações de dominação linguística” (BOURDIEU, 1998), o que nos ajuda a

pensar o fenômeno de ameaça e desaparecimento de línguas as quais, ao receberem baixo valor social na comunidade, são progressivamente abandonadas pelos falantes.

No caso da França, como veremos no decorrer deste capítulo, a pressão da língua dominante, o francês, atuou, e atua ainda, de forma implacável, constante e progressiva. A língua dominante é a língua de prestígio, da integração social e comunitária, é a língua oficial, da educação, do trabalho e da ascensão social. A língua minoritária local foi sendo cada vez mais associada ao atraso, ao passado, condenada ao isolamento, ou a tornar-se peça de museu, folclore, resultado de um projeto de unificação linguística expressamente direcionado para a eliminação das outras línguas faladas em seu território.

1.2 Língua em extinção: avaliando a vitalidade de uma língua

Uma das primeiras perguntas que pode surgir quando lidamos com o fenômeno de ameaça de línguas é a própria definição e identificação da situação de ameaça. A situação de ameaça de uma língua deve ser avaliada levando-se em conta diferentes fatores. Segundo Thomason (2015), uma língua está claramente em perigo quando há risco de desaparecimento em uma ou duas gerações, quando seus últimos falantes são mais velhos, quando poucas ou nenhuma criança a está aprendendo como primeira língua e quando ninguém a está aprendendo como segunda língua.

O *Atlas of the world's languages in danger* e o documento *Language Vitality and Endangered Framework*, elaborados por experts da UNESCO (2003), foram concebidos com o objetivo de dar visibilidade às línguas minoritárias ameaçadas e contribuir para o desenvolvimento de políticas, para a identificação das demandas e necessidades das comunidades, e para a implementação de medidas apropriadas à salvaguarda dessas línguas. Esses documentos fornecem uma lista com nove fatores que buscam aferir o grau de ameaça de uma língua organizados em escalas que vão de 5 a 0: no grau 5 se enquadram as línguas com maior vitalidade e no grau 0 as línguas extintas. Os graus 1, 2, 3 e 4 buscam caracterizar as situações intermediárias entre os dois extremos da escala, que detalharemos a seguir. Apresentamos e discutimos a seguir os nove fatores (UNESCO, 2003):

1. a transmissão intergeracional da língua
2. número absoluto de falantes
3. número proporcional de falantes dentro da população total

4. utilização da língua nos diferentes domínios públicos e privados
5. resposta aos novos domínio e às novas mídias
6. disponibilidade de material para educação e letramento na língua, o que inclui a existência de uma ortografia da língua
7. atitudes e políticas linguísticas no nível governamental e das instituições, uso e *status* oficial
8. atitude dos membros da comunidade em relação à própria língua
9. tipo e qualidade da documentação existente

Os seis primeiros fatores dizem respeito à vitalidade da língua e seu estado de ameaça. Os fatores sete e oito buscam acessar as atitudes linguísticas e as políticas linguísticas em questão, tanto no que diz respeito às instituições e ao governo, incluindo o *status* oficial da língua, como em relação ao próprio falante, seus sentimentos e atitudes em relação à própria língua. A atitude positiva/negativa do falante em relação à sua língua é um fator de extrema importância, visto que ela atua diretamente na continuidade ou ruptura da transmissão intergeracional de uma língua ou dialeto: a atitude negativa frequentemente acelera o processo de abandono da língua e de assimilação à língua e cultura dominantes, na medida em que levam os falantes a pararem de transmitir a língua aos seus descendentes e a adotarem a língua de maior prestígio. O tema do falante será retomado no capítulo 2 (subseção 2.4.5).

O último fator trata da avaliação da urgência e necessidade de documentação. Nenhum desses fatores deve ser utilizado isoladamente, mas em conjunto e devem ser adaptados a cada situação analisada, para que assim eles possam determinar a vitalidade da língua, sua função na sociedade e os tipo de ações necessárias à sua manutenção e revitalização (UNESCO, 2003). Para cada um desses fatores, com exceção do fator dois (número absoluto de falantes), propõe-se uma escala com 6 graus. Veremos a seguir cada fator e suas respectivas escalas de avaliação.

Quadro Fator 1: Transmissão intergeracional da língua [traduzido de UNESCO, (2003)]

Nível de ameaça	Grau na escala	Transmissão da língua
Em segurança	5	A língua é usada por todas as gerações e a transmissão intergeracional está ocorrendo. Não há sinais de ameaça por nenhuma outra língua.
Vulnerável	4	A maior parte das crianças falam a língua, mas ela pode estar restrita a alguns domínios. Algumas crianças já não aprendem a língua como primeira língua.
Em perigo	3	A língua é usada majoritariamente pela geração dos pais ou mais velhos. A língua não é mais adquirida como primeira língua pelas crianças no ambiente familiar.
Seramente ameaçada	2	A língua é falada apenas pelo avós ou mais velhos. Os pais podem ainda compreender a língua, mas não a usam mais com os filhos ou entre si.
Moribunda	1	A língua é falada por pouquíssimas pessoas, em sua maioria da geração dos bisavós. A língua não é mais usada nas interações do dia-a-dia. Os falantes existentes encontram dificuldades em encontrar interlocutores.
Extinta	0	Não há mais falantes que possam falar ou lembrar da língua.

A transmissão é um fator de grande importância na avaliação da vitalidade de uma língua. A interrupção na transmissão de uma língua às novas gerações indica que em algumas gerações a mesma pode estar extinta, caso nenhum esforço seja feito no sentido contrário. A escala que vai de 0 a 5 descreve as diferentes fases do processo de ruptura da transmissão, que ocorre gradualmente e combinada com outros fatores, como o de redução dos domínios de uso da língua. O papel das crianças é fundamental, visto que são elas que promovem a mudança definitiva para a língua dominante, na medida em que, nos graus mais baixos da escala – mais próximos da extinção – elas não aprendem mais a língua dos pais, ou dos avós, não sendo portanto capazes de transmiti-la. Nos contextos avançados de ameaça, a revitalização pode ocorrer via escolarização e a língua passa a ser adquirida como segunda língua.

Fator 2: Número absoluto de falantes

Este fator não apresenta escala de avaliação e o próprio documento da Unesco (2003) chama a atenção para a dificuldade em se interpretar número absoluto de falantes. É possível afirmar, no entanto, que um número pequeno de falantes de uma comunidade linguística coloca a língua em situação de ameaça, na medida em que são mais vulneráveis a fatores como doenças, guerras ou desastres naturais, e, acima de tudo, pelas pressões de comunidades vizinhas maiores e mais poderosas que frequentemente forçam a assimilação de comunidades minoritárias próximas (UNESCO, 2003).

Quadro Fator 3: Número proporcional de falantes dentro da população total [traduzido de UNESCO, (2003)]

Nível de ameaça	Grau na escala	Proporção de falantes na população total
Em segurança	5	Todos falam a língua
Vulnerável	4	Quase todos falam a língua
Em perigo	3	Uma maioria fala a língua
Seramente ameaçada	2	Uma minoria fala a língua
Em ameaça crítica	1	Poucos falam a língua
Extinta	0	Ninguém fala a língua

Considera-se como população total os membros do grupo com o qual a comunidade linguística se identifica: grupo étnico, religioso, regional ou nacional. Esse fator, embora também de difícil interpretação, é importante na classificação da vitalidade da língua na medida em que nos dá pistas sobre a dinâmica de uso da língua, as condições de interlocução e abrangência da mesma dentro da comunidade considerada. Em contextos de bilinguismo, quando uma língua é falada por uma porcentagem pequena de pessoas, ela pode estar em situação de ameaça diante da língua que é compartilhada por todos e que será provavelmente a língua privilegiada em grande parte dos contextos de interação. Como já afirmamos anteriormente, a análise de cada fator deve levar em conta os outros e a situação sociolinguística e sociopolítica da comunidade em estudo (UNESCO, 2003).

Quadro Fator 4: Mudanças nos domínios e usos da língua [traduzido de UNESCO, (2003)]

Nível de ameaça	Grau na escala	Domínios e funções da língua
Uso universal	5	A língua é usada em todos os domínios e funções sociais e comunicativas.
Paridade multilíngue	4	Duas ou mais línguas podem ser usadas na maior parte dos domínios sociais e das funções.
Domínios em declínio	3	A língua é usada nos domínios domésticos e para muitas funções, mas a língua dominante já começa a penetrar os domínios da vida familiar.
Domínios limitados ou formais	2	A língua é usada em domínios sociais limitados e para algumas funções.
Domínios altamente limitados	1	A língua é usada apenas em um número restrito de domínios e para poucas funções.
Extinta	0	A língua não é mais usada em nenhum domínio e para nenhuma função.

O uso ou o não uso de uma língua nos diferentes domínios da vida afeta diretamente sua transmissão às novas gerações: línguas que entram em desuso passam a não ser mais transmitidas e são substituídas por outra língua que passa a cumprir as diferentes funções comunicativas e sociais da comunidade. Esse processo ocorre, em geral, gradualmente e a língua dominada vai perdendo aos poucos seus contextos de uso, ficando restrita aos domínios domésticos, privados e informais. A situação de paridade multilíngue, grau 4 na escala, pode traduzir situações mais ou menos estáveis de bilinguismo e nem sempre uma das línguas está realmente ameaçada. Podemos estar diante de uma situação de diglossia, quando duas línguas

coexistem e são usadas em diferentes contextos e funções sociais. Uma não está necessariamente substituindo a outra (UNESCO, 2003).

No entanto, nessas situações, a língua usada nos contextos oficiais e públicos, no mundo dos negócios, na educação e é considerada a língua das oportunidades sociais e econômicas, acaba ganhando maior prestígio, colocando as demais em situação de risco potencial. Nesses casos, as línguas não dominantes, frequentemente presentes nos contextos doméstico, informal e outras interações a nível local (comércio local, atividades e eventos comunitários, instituições religiosas locais, entre outros), podem entrar no grau 3 de ameaça, se a língua dominante começar a penetrar esses domínios. Quando os domínios de uso da língua estão em declínio, as crianças ficam menos expostas à língua e começam a se tornar semi-falantes, a ter uma competência passiva da língua de seus pais e avós (UNESCO, 2003).

O grau 2 de ameaça compreende as situações em que a língua ameaçada é usada apenas em determinados contextos, em alguns domínios formais como rituais e alguns níveis da administração – como foi o caso do hebraico quando se torna língua oficial do recém-criado estado de Israel –, ou nos centros comunitários, em festivais ou cerimônias, quando os falantes têm ocasião de se encontrar e falar a língua. A língua ainda pode estar presente no ambiente doméstico onde estão presentes os avós ou mais velhos, mas a maioria dos membros da família apenas compreende a língua e não é mais capaz de falá-la. Quando esses domínios de uso da língua se reduzem ainda mais e os falantes se limitam a poucos membros da comunidade, todos mais velhos, chegamos ao grau 1 de ameaça. Algumas pessoas podem ter uma memória fragmentada da língua (UNESCO, 2003).

Quadro Fator 5: Resposta aos novos domínios e às novas mídias [traduzido de UNESCO, (2003)]

Nível de ameaça	Grau na escala	Resposta aos novos domínios e mídias
Dinâmico	5	A língua é usada em todos os novos domínios e mídias.
Robusto/ativo	4	A língua é usada na maioria dos novos domínios e mídias.
Receptivo	3	A língua é usada em muitos domínios novos.
Suficiente	2	A língua é usada em alguns domínios novos
Mínimo	1	A língua é usada em poucos domínios novos.
Inativo	0	A língua não é usada em nenhum novo domínio.

A resposta aos novos domínios e mídias como televisão, radiodifusão, *internet*, mas também educação e novos ambientes de trabalho, característicos da contemporaneidade, confere maior visibilidade e alcance a uma língua, aumentando seu escopo e seu poder. Tratando-se de línguas ameaçada, o acesso a esses novos domínio pode ser bastante limitado e difícil por conta de uma série de características de ordem social, política e cultural da comunidade em questão. Línguas de grupos étnicos ou de comunidades ainda ligadas a um

modo de vida tradicional podem ter dificuldade de se adaptar a esses novos domínios e mesmo de atualizar a língua nesse novo mundo tecnológico que se lhes apresenta (UNESCO, 2003).

Há que se considerar ainda, como explica o documento da UNESCO (2003), os tipos e usos que as línguas fazem desses novos domínios. Em alguns casos, a língua pode estar presente na televisão ou rádio, mas num tempo muito pequeno, o que significa uma reduzida exposição da comunidade à língua. O mesmo pode ser observado na educação: é preciso considerar qual nível e qual amplitude uma língua tem no currículo escolar – se ela é o meio de instrução de todos os cursos ou se é ensinada apenas uma vez na semana. Todos esses nuances devem ser observados na avaliação desse fator, embora não esteja explícito na escala proposta no quadro Fator 6 (UNESCO, 2003).

Quadro Fator 6: Disponibilidade de material para educação e letramento [traduzido de UNESCO, (2003)]

Grau na escala	Disponibilidade de material escrito
5	Há uma ortografia estabelecida e uma tradição em letramento com gramáticas, dicionários, textos, literatura e mídia quotidiana. A escrita na língua é usada na administração e na educação.
4	Existe material escrito, e na escola, as crianças estão aprendendo a língua. A escrita na língua não é usada na administração.
3	Materiais escritos existem e as crianças podem estar expostas a sua forma escrita na escola. No entanto, o letramento não é promovido por meio de mídia impressa.
2	Materiais escritos existem, mas podem ser úteis apenas a alguns membros da comunidade; para outros, apresentam um significado simbólico. O letramento na língua não faz parte do currículo escolar.
1	Uma ortografia prática é conhecida na comunidade e algum material está sendo escrito.
0	Não há ortografia disponível na comunidade.

Historicamente, a língua escrita, frequentemente associada ao desenvolvimento social e econômico, confere grande prestígio e poder às comunidades. Embora muitas línguas tenham sobrevivido e se reproduzido por meio apenas da oralidade, a educação na língua e os registros escritos são essenciais para sua vitalidade, sobretudo no caso de línguas que sofrem pressão de uma língua dominante. Além disso, a existência de materiais escritos para educação e letramento são de extrema importância para os projetos de revitalização e de recuperação de línguas que estão em avançado grau de ameaça e possuem poucos ou nenhum falante nativo vivo (UNESCO, 2003).

A existência de uma ortografia estabelecida também é um fator que favorece o desenvolvimento de materiais para ensino e facilita sua difusão. No entanto, em alguns casos de línguas ameaçadas, pode ser difícil chegar a um consenso em relação a uma forma padronizada da língua, o que pode gerar impasses nos projetos de revitalização.

Quadro Fator 7: Atitudes e políticas linguísticas no nível governamental e das instituições, uso e *status* oficial
 [traduzido de UNESCO, (2003)]

Nível de ameaça	Grau na escala	Atitudes oficiais em relação à língua
Suporte igualitário	5	Todas as línguas são protegidas pela lei.
Suporte diferenciado	4	As línguas minoritárias são protegidas enquanto línguas do domínio privado. A língua não dominante tem prestígio em alguns contextos.
Assimilação passiva	3	Não existe políticas explícitas de proteção às línguas minoritárias; a língua dominante prevalece nos domínios públicos.
Assimilação ativa	2	O governo encoraja a assimilação à língua dominante. Não há proteção às línguas minoritárias.
Assimilação forçada	1	A língua dominante é a única oficial e as demais línguas não são reconhecidas nem tampouco protegidas.
Proibição	0	Línguas minoritárias são proibidas.

O fator 7 toca num ponto bastante sensível em contextos de multilinguismo, o das ideologias e políticas linguísticas, que frequentemente refletem conflitos sociais e políticos. A manutenção ou o abandono de línguas não dominantes são frequentemente condicionados pela cultura da língua dominante, tanto no nível regional como no nacional. A ideologia linguística nacional pode atuar, seja incentivando as populações minoritárias a manterem suas línguas e culturas, seja forçando o abandono e a assimilação. Segundo o documento da Unesco (2003), a ideologia da cultura dominante propaga um sistema de valores no qual sua própria língua é vista como um bem positivo que simboliza e unifica a região ou a nação, e as demais línguas tendem a serem vistas como concorrentes nesse espaço simbólico de prestígio, ameaçando a unidade e a identidade nacional.

Quando há percepção de que múltiplas línguas são uma ameaça, os governos tendem a criar legislações desencorajando ou mesmo proibindo outras línguas além da língua dominante, a qual adquire *status* de língua oficial e nacional. As línguas não dominantes ganham assim estigma e são desvalorizadas pela sociedade mais ampla, gerando um impacto na atitude dos próprios falantes dessas línguas minoritárias (UNESCO, 2003). Quando não há iniciativa governamental de proteção às línguas não dominantes, mas suas comunidades se organizam para reivindicar seu reconhecimento e proteção, podem ocorrer conflitos, como os observados na Espanha em relação ao Catalão, por exemplo. Em alguns casos, a língua costuma conquistar algum tipo de proteção e promoção a nível regional, mas a tensão em relação ao governo central pode permanecer.

Quadro Fator 8: Atitude dos membros da comunidade em relação à própria língua [traduzido de UNESCO, (2003)]

Grau na escala	Atitudes dos membros da comunidade em relação à língua
5	Todos os membros valorizam sua língua e desejam vê-la promovida.
4	A maior parte dos membros apoiam a manutenção da língua.
3	Muitos membros apoiam a manutenção da língua; outros são indiferentes ou podem até mesmo apoiar a perda da língua.
2	Alguns membros apoiam a manutenção da língua; outros são indiferentes ou podem até mesmo apoiar a perda da língua.
1	Apenas poucos membros apoiam a manutenção da língua; outros são indiferentes ou podem até mesmo apoiar a perda da língua.
0	Ninguém se preocupa se a língua está desaparecendo; todos preferem utilizar a língua dominante.

A atitude do falante tem uma importante função na manutenção linguística e no desenvolvimento de projetos de revitalização. Os falantes de línguas não dominantes podem desenvolver atitudes positivas, negativas ou mesmo ambíguas em relação à sua própria língua. Nos casos em que a língua está fortemente relacionada à identidade do grupo ou de um subgrupo dentro da comunidade, observa-se uma atitude positiva e uma vontade de manutenção e promoção da língua. Quando a língua é vista como um entrave à mobilidade e à integração social de seus falantes na sociedade mais ampla, desenvolve-se em geral uma atitude negativa em relação à mesma. Deve-se considerar ainda que as atitudes do falante estão estreitamente relacionadas às políticas governamentais e às pressões sociais, podendo levar tanto ao crescimento como à redução de uso de uma língua (UNESCO, 2003)

Quadro Fator 9: Tipo e qualidade da documentação existente [traduzido de UNESCO, (2003)]

Nível de ameaça	Grau na escala	Documentação da língua
Superlativa	5	Existem gramáticas compreensivas e dicionários, textos extensos e um fluxo constante de materiais na língua. Existem áudios e vídeos anotados adequadamente em abundância.
Boa	4	Há pelo menos uma boa gramática e uma quantidade de gramáticas, dicionários, textos, literatura adequados e, ocasionalmente, mídia cotidiana atualizada. Existem gravações de áudio e vídeo de alta qualidade adequadamente anotados.
Justa	3	Pode haver uma gramática adequada ou um número suficiente de gramáticas, dicionários e textos, mas não há mídia cotidiana. Podem existir gravações de áudio e vídeo de qualidade e grau de anotação variados.
Fragmentada	2	Há esboços de gramáticas, lista de palavras e textos útil a pesquisas linguísticas limitadas, com alcance inadequado. Gravações de áudio e vídeo de qualidade variada, com ou sem anotação, podem existir.
Inadequada	1	Há apenas alguns esboços gramaticais, listas de palavras curtas e textos fragmentados. Gravações de áudio e vídeo não existem, estão inutilizáveis ou totalmente sem anotação.
Não documentada	0	Não existem materiais escritos na língua.

A identificação dos tipos e qualidade dos materiais em uma língua é essencial para se avaliar a urgência da necessidade de documentá-la. Quando uma língua está em situação de

ameaça, a existência de textos escritos e gravações de áudio/vídeo transcritas e anotadas de fala espontânea são de extrema importância para os projetos de manutenção e revitalização linguística. Em alguns casos, é preciso empreender um grande esforço na coleta de dados e no registros na língua, para que, em conjunto com a comunidade, a língua tenha a possibilidade de ser recuperada (UNESCO, 2003).

1.3 O francoprovençal na França: avaliação segundo os critérios da UNESCO (2003)

Apresentaremos nesta seção uma proposta de avaliação atualizada da vitalidade do francoprovençal na França, tendo como embasamento a pesquisa de campo realizada durante o doutorado, estudos e textos clássicos sobre a língua e pesquisas mais recentes sobre sua vitalidade. Trataremos especificamente das condições dessa língua na França, visto que a situação na Suíça e na Itália é diferente e demanda estudos à parte.

Destacamos a importância da pesquisa denominada *Étude FORA – Francoprovençal et occitan en Rhône-Alpes* (2009) (Estudo FORA : Francoprovençal e occitano em Rhône-Alpes) empreendida pela *Université Catholique de Lyon* e pelo *Institut Pierre Gardette*, sob responsabilidade de Michel Bert, James Costa e Jean-Baptiste Martin (Conselheiro Científico), que procurou diagnosticar a vitalidade do francoprovençal e do occitano na região Rhône-Alpes. Por meio de entrevistas quantitativas e qualitativas, o estudo abarca os seguintes pontos: características sociolinguísticas, história linguística dos falantes, prática das línguas regionais pelos falantes, nome e estatuto das línguas regionais, ensino, recursos conhecidos (associações, mídia, etc.), entre outros.

Em relação ao fator 1, podemos afirmar que a transmissão intergeracional da língua em contexto familiar foi interrompida já há algumas décadas. Os falantes considerados fluentes, que aprenderam a língua na infância, possuem mais de 60 anos, e representam um número em declínio (conforme Bert e Costa, 2009), o que coloca a língua no grau 2 do quadro Fator 1, seriamente ameaçada: a língua é falada apenas pelos avós ou mais velhos. Alguma transmissão acontece em contextos bem específicos: em algumas atividades profissionais, ligadas ao meio rural, no seio das associações comunitárias, nos projetos de sensibilização e valorização da língua e nas festas tradicionais.

O fator 2, número absoluto de falantes, é de difícil aferição, visto que os dados disponíveis são bastante divergentes. Além disso, deve-se ter cautela ao comparar dados de pesquisas diferentes visto que nem sempre os mesmos critérios foram seguidos, sobretudo no

que diz respeito à definição de falante. Tuaille (1988) estimava um número de 60 mil falantes na França – concentrados sobretudo nos departamentos de Savoie e de Haute-Savoie (35 mil falantes) e de Ain (15 mil falantes) – e 70 mil na Itália. No caso da Suíça o autor afirma desconhecer dados atuais na época.

Os dados oficiais mais recentes datam de 1999 e foram coletados pelo *Institut Nationale d'études démographiques* (Ined). Neste recenseamento estima-se que 210 mil pessoas falem francoprovençal, mas apenas 80 mil pratiquem a língua regularmente¹. Em 2002 o próprio Ined publica um estudo sobre a dinâmica das línguas regionais na França no decorrer do século XX e fornece alguns dados importantes sobre o francoprovençal. Aproximadamente 50 mil adultos habitantes de metrópoles afirmam que os pais falavam habitualmente em francoprovençal com eles na idade de 5 anos. Desses mesmos adultos entrevistados, 90% declararam não utilizar essa língua com seus próprios filhos. Esse dado revela a abrupta erosão da língua em uma geração (HÉRAN; FILHON; DEPREZ, 2002).

O sítio *ethnologue.com*² fornece o dado de 150 mil falantes na França e 227 mil somando-se os falantes da Itália e da Suíça. Os números datam de 2013 mas o sítio não informa claramente a fonte.

A análise do fator 3 complementa a do fator 2 e possibilita uma interpretação mais acertada da importância desses dois fatores para a vitalidade de uma língua. O número proporcional de falantes de uma língua, no caso do francoprovençal, deve ser considerado em relação à população total da região, visto tratar-se uma língua regional. Como os limites dos domínios linguísticos não coincidem com os limites administrativos definidos de forma arbitrária, não existem dados da população total das regiões de domínio francoprovençal na França. O dado mais aproximado que temos é em relação aos habitantes da Região Rhône-Alpes³, que abarca a maior parte do domínio linguístico. No sul dessa região, no entanto, existe uma faixa que pertence ao domínio occitano. O estudo *FORA* (BERT; COSTA, 2009) estima que 1% da população da região é capaz de falar uma língua regional (francoprovençal ou occitano), o que significa aproximadamente 60 mil pessoas.

A porcentagem de 1% de falantes é extremamente baixa e coloca a língua em situação fragilizada, no interior de uma população majoritariamente falante do francês. Não existem mais falantes monolíngues do francoprovençal, todos aprenderam o francês como língua

¹ Disponível em <https://www.francetvinfo.fr/societe/combien-de-francais-parlent-vraiment-une-langue->

² Disponível em: <https://www.ethnologue.com/language/frp>

³ A divisão regional da França foi redefinida em 2016 e a região Rhône-Alpes incorporou a região vizinha Auvergne, ganhando a denominação Auvergne Rhône-Alpes.

materna na infância e possuem poucas oportunidades de utilizar a língua regional. Trata-se portanto de uma população minoritária de falantes, frequentemente isolados uns dos outros, fortemente vulneráveis à assimilação e ao abandono da língua. Podemos enquadrá-la então no grau 2 de ameaça: seriamente ameaçada, pois apenas uma minoria dentro da população fala a língua.

Com relação ao fator 4, mudanças nos domínios e usos da língua, o francoprovençal situa-se entre os graus 2 e 1: domínios limitados e formais e domínios altamente limitados. Embora a língua seja conhecida por muitos, é usada efetivamente apenas em um número restrito de domínios e para algumas funções, dentre os quais podemos citar os encontros promovidos por associações e centros comunitários, os festivais e festas tradicionais, nos contextos de algumas atividades profissionais rurais, em alguns contextos domésticos – grande parte dos falantes tem perdido seus interlocutores, muitos em idade avançada. Parte dos contextos de uso da língua na atualidade são resultado de projetos e iniciativas de valorização e revitalização da língua encabeçados por diversas associações, como os chamados *groupes patois*, as festas e festivais, entre outros, que buscam criar situações de encontro e de trocas entre falantes e pessoas interessadas na língua de seus antepassados.

O fator 5, resposta aos novos domínios e mídias, tem avançado com o desenvolvimentos de projetos e iniciativas de valorização e revitalização da língua. Vale lembrar que o francoprovençal no passado era uma língua tradicionalmente oral, que nunca foi padronizada ou normatizada e que nunca fez parte do currículo escolar, pré-requisito para que a modalidade escrita de uma língua seja difundida pela população. Mesmo quando a língua ainda era usada no dia-a-dia, não havia o costume de se escrever em francoprovençal, e alguns falantes que aprenderam a língua na infância ainda hoje não sabem como escrevê-la. Foram alfabetizados em francês, única língua permitida nas escolas, e desencorajados a falar a língua local nos contextos públicos. Isso não significa que não se tenha escrito na língua. Textos jurídicos e administrativos foram escritos no século XIII e existe uma rica literatura em francoprovençal produzida sobretudo a partir do século XVI, ainda pouco conhecida e valorizada.

Nas últimas décadas tem-se avançado no sentido de criar obras atuais na língua: livros, textos, peças de teatro, quadrinhos, músicas e traduções. As diversas associações estão presentes nas redes sociais e no canal *youtube.com*, divulgando a língua e suas atividades. Já existem rádios com emissões bilíngues francoprovençal/francês como a emissão *Les langues se délient* (As línguas se soltam) organizada por Jean-Paul Pobel e Albert Belay na Radio B de Bourg-en-Bresse. Observa-se, no entanto, que essas iniciativas dependem bastante da

atuação de determinadas pessoas, em geral dos militantes voluntários mais engajados em prol da língua, e podem ser interrompidas caso essas pessoas, em geral idosas, tenham algum impedimento, por problemas de saúde, por exemplo. Propomos classificar o francoprovençal no grau 3 do fator 5. No entanto, destacamos que a circulação desses materiais e o alcance desses sítios e emissões são limitados, ficando restritos basicamente ao público ligado às associações.

Quanto ao fator 6, disponibilidade de materiais para educação e letramento, avalia-se que o francoprovençal esteja no grau 2 da escala. Existem materiais escritos na língua, mas o ensino da e na língua não faz parte do currículo escolar. A língua não é reconhecida pelo Ministério Nacional da Educação da França, o que significa que não se pode obter o chamado *baccalauréat*⁴ em francoprovençal, como acontece com o occitano, o basco, o catalão, o corso, o flamengo, o bretão e o galo (BERT; COSTA, 2009, p. 77). As ações de sensibilização e difusão da língua nas escolas são esporádicas e acontecem de forma descontínua no tempo denominado *péri-scolaire*, fora da grade curricular. No domínio da escrita, da educação e letramento, o francês é dominante, deixando pouco espaço às línguas regionais, as quais não apresentam uma aplicabilidade tal como o inglês, ou outras línguas estrangeiras, e são frequentemente vistas, sobretudo pelos jovens, como sem função ou interesse no atual mundo globalizado. Observa-se que o francoprovençal possui um baixo valor no chamado mercado linguístico, que regula as interações simbólicas entre os indivíduos impondo a língua legítima, colocada em posição hierarquicamente superior às demais, e estabelecendo um sistema de sanções e censuras que atuam favorecendo a língua dominante (BOURDIEU, 1998). Conhecer uma língua local pouco valorizada socialmente não traz benefícios aos jovens em termos de formação curricular ou de prestígio dentro da comunidade, sobretudo nas médias e grandes cidades.

Não obstante, os projetos e grupos interessados na recuperação do francoprovençal se esforçam para criar obras e documentos escritos, registrar a língua na escrita, em áudio e em vídeo, de maneira a conservar esse conhecimento, sobretudo dos falantes mais competentes em idade avançada. Outra iniciativa importante é a de pesquisadores e professores que têm coletado textos na língua de todas as épocas e lançado novas edições, tornando-os acessíveis aos leitores atuais e gerando materiais em condições de serem trabalhados nos projetos de revitalização.

⁴ Exame nacional francês realizado ao final dos estudos secundários que possibilita o acesso ao ensino superior. É também o nome do título obtido após o sucesso no exame.

Um dos maiores impasses observados para o sucesso dessas ações de coleta e preparação de materiais na língua francoprovençal é a inexistência de uma ortografia unificada que possa representar todos os falares sem eliminar suas particularidades. Os esforços mais recentes em criar uma ortografia supradialetal (a exemplo de Stich, 2003) não tiveram grande adesão na França. Os grupos *patoisants* de cada cidade ou vilarejo possuem sua própria maneira de escrever a língua, e têm grande resistência em adotar outra grafia.

No que diz respeito ao fator 7, atitudes e políticas linguísticas no nível governamental e das instituições, uso e *status* oficial, o francoprovençal encontra-se ainda em situação delicada, entre os graus 2 e 1 da escala de ameaça. Apesar dos avanços dos projetos de valorização da língua, a legislação avança muito lentamente, sobretudo em nível nacional. A “Carta europeia para as línguas regionais ou minoritárias”, único tratado internacional que protege as línguas minoritárias da Europa, aprovada pelo Conselho da Europa em 1992, só foi assinada pela França em 1999 e até hoje não foi devidamente regulamentada. Um dos entraves é o adendo ao artigo 2 da Constituição que declara o francês como a língua da República (BERT; COSTA, 2009). Desta forma, o francês é a única língua oficial da nação, e as línguas regionais só ganharam um lugar tímido na Constituição Francesa a partir de 2008: “As línguas regionais pertencem ao patrimônio da França”⁵ – artigo 75-1 (BERT; COSTA, 2009, p. 7).

Apesar disso, avanços significativos se processaram no nível regional. Na região Rhône-Alpes, por exemplo, a Deliberação de 9 de julho de 2009 afirmou a necessidade de “Reconnaître, valoriser, promouvoir l’occitan et le francoprovençal, langues régionales de Rhône-Alpes”⁶ (Reconhecer, valorizar, promover o occitano e o francoprovençal, línguas regionais de Rhône-Alpes) e tem possibilitado o apoio efetivo a projetos dessa natureza. Em domínio francoprovençal, no entanto, esses avanços ainda não foram suficientes para introduzir o ensino da línguas nas escolas, nem mesmo como disciplina optativa, como aconteceu no domínio occitano (ver BERT; COSTA, 2009).

A atitude do falante diante de sua própria língua, fator 8, pode ser reconhecido como um dos principais fatores atuantes no processo de abandono de uma língua, juntamente com o fator 1, a transmissão intergeracional. Uma atitude negativa em relação à língua favorece seu abandono e a não transmissão da mesma às novas gerações. Houve durante muito

⁵ Tradução nossa do original “Les langues régionales appartiennent au patrimoine de la France” (BERT; COSTA, 2009, p. 7).

⁶ Délibération n° 09-11-450 disponível em:
<http://www.ddl.ishlyon.cnrs.fr/aalled/Telechargeable/11.AP.%20LANGUES%20REGIONALES%20-%20TEXTE%20ADOPTÉ.pdf>

tempo o desejo de se banir as línguas regionais da França e toda outra língua que não o francês (CERTEAU *et al.*, 1975). A proibição de se falar a língua nas escolas a partir do estabelecimento do ensino obrigatório em francês (final do séc. XIX), o desprezo aos *patois*, considerados falares corrompidos e desordenados e o estigma depositado sobre seus falantes, vistos como ignorantes e atrasados, trouxe um sentimento misto de vergonha e orgulho a essas pessoas em relação à sua língua (COHEN, 2003; BERT; COSTA, 2009).

Em seu estudo, Bert e Costa (2009) analisam a atitude dos entrevistados em relação à língua regional a partir das respostas sobre o nome da língua. Sabe-se que o nome *patois* foi durante muito tempo concebido como “falar informe utilizado por pessoas rudes” (TUAILLON, 1988, p. 190). Esse sentido pejorativo jamais se descolou da palavra, que ainda hoje é inferiorizada em relação à palavra língua ou mesmo à palavra dialeto. No estudo *FORA*, a maior parte dos entrevistados, com exceção dos membros de associações, não conferem o *status* de língua aos falares francoprovençais. Para esses, trata-se de um *patois* ou um dialeto, de um falar sem regras, sem gramática, sem norma padrão, que cada um fala *à sa façon* (a sua maneira), diferentemente do francês. Essa visão leiga e ingênua da língua revela na verdade uma hierarquização dos falares dentro da sociedade e mostra a desvalorização da língua regional minoritária diante da língua dominante.

Todavia, o sentimento de pertencimento, o valor afetivo da língua regional – língua nativa, língua dos antepassados, de um passado saudoso – não foi totalmente eliminado e assimilado com a adesão ao francês e à identidade nacional. A partir da segunda metade do século XX, com a conscientização do real risco de desaparecimento dessas línguas e com a revalorização das culturas, das riquezas e das identidades locais, a atitude dos falantes começa a se tornar mais positiva, associada certamente a uma mudança na conduta institucional – que na França ocorre lentamente e não sem entraves legislativos – que passa a possibilitar e a incentivar a valorização e a revitalização dessas línguas. No caso do francoprovençal, esse movimento acontece tardiamente, num momento em que a língua já se encontrava em situação bastante delicada em termos de perda de falantes e de vitalidade (BERT; COSTA, 2009). As associações que atuam em defesa da língua tiveram e ainda têm um grande papel em reverter o estigma associado a ela, sobretudo ao mostrar que os chamados *patois* são línguas tais como o francês: apesar de variarem enormemente no nível local, eles fazem parte de um todo maior, o francoprovençal, sendo possível descrevê-lo, escrevê-lo, criar gramáticas, ensiná-lo, etc.

O estudo *FORA* (BERT; COSTA, 2009) constata que a maioria dos entrevistados na região Rhône-Alpes é favorável à valorização das línguas regionais, enquanto elemento

constitutivo da identidade regional e como um elemento favorecedor da integração social na região. Há uma grande demanda com relação à transmissão, um desejo de que as novas gerações possam conhecer a língua, no entanto, observa-se ainda a percepção de que a língua regional está fortemente ligada ao passado e à ruralidade, à uma história tradicional local bastante valorizada e cultivada pela comunidade, mas que muitas vezes não atrai a atenção dos jovens. Como comentamos anteriormente, o ensino da língua nas escolas ainda não foi implementado de forma regular, ocorrendo de forma esporádica por meio da ação das associações e de voluntários. Desta forma, colocamos a língua no grau 3 de ameaça do fator 8: muitos membros são a favor da manutenção da língua, outros são indiferentes ou podem até mesmo incentivar a perda da língua.

Quanto aos tipos e qualidade dos materiais na língua, fator 9, o francoprovençal classifica-se entre os graus 2 e 3 da escala: fragmentada ou justa. Essa situação varia enormemente no interior do domínio, visto que há diferenças na quantidade e qualidade do material reunido nas diversas variantes da língua. Há disparidades também em relação aos materiais produzidos atualmente, o que depende sobremaneira da atuação das associações locais que cultivam a língua, do desenvolvimento de projetos de revitalização e da cooperação de pesquisadores e pessoal qualificado na documentação de línguas em perigo. Não basta apenas produzir textos, áudio e vídeos na língua, é preciso que o dado bruto esteja em condições de uso para a produção de materiais pedagógicos – gravados em boa qualidade, anotados, transcritos, traduzidos, etc.

De fato, existem gramáticas de qualidade, dezenas de estudos aprofundados de diferentes variantes da língua e os atlas linguísticos que, desde o início do século XX com o *Atlas Linguistique de la France*, de Gilliéron e Edmond (1902), coletam dados das línguas regionais em todo o território do país. A literatura escrita também já está reunida e editada, disponível aos pesquisadores e demais interessados. Contudo, como já comentamos anteriormente, tropeça-se ainda na inexistência de um ortografia unificada e no fato de que cada conjunto de materiais é utilizado apenas em sua localidade de origem, no vilarejo e adjacências onde aquele falar, o chamado *patois*, é reconhecido, não havendo muita troca ou compartilhamento de dados e obras entre as diferentes variantes dentro do domínio da língua.

A análise e discussão dos 9 fatores propostos pela Unesco (2003) para a avaliação da vitalidade de uma língua aplicados ao francoprovençal justificam sua inclusão na lista das línguas ameaçadas de extinção. Na maioria dos fatores, a classificação na escala fica entre os graus 1 e 2, os mais próximos da extinção (grau 0), mostrando o avanço do processo. Um dos fatores mais preocupantes diz respeito à transmissão da língua, fator 1, o qual classificamos

no grau 2 de ameaça. No *Atlas das línguas em perigo no mundo*, da UNESCO (MOSELEY, 2010), o francoprovençal é considerado uma língua **em perigo**, grau 3 na escala, a língua é majoritariamente utilizada pela geração dos pais ou mais velhos. Essa classificação mais otimista provavelmente justifica-se por tratar-se de uma avaliação da língua como um todo, incluindo a situação na Suíça e na Itália. Na França, observou-se que a ruptura da transmissão intergeracional ocorreu já há algumas décadas e a língua ainda é falada majoritariamente pela geração dos avós ou mais velhos.

Os projetos de valorização e revitalização da língua, alavancados nos últimos 15 anos, têm contribuído para alguns avanços no que diz respeito à penetração da língua nos novos domínios e mídias, sobretudo na internet, que tem sido grande aliada dos grupos e associações que atuam na defesa da língua. A atuação das associações tem impactado igualmente a atitude dos falantes e da comunidade mais ampla em relação à língua, contribuindo para uma diminuição do estigma por meio da sensibilização do público em relação à riqueza dos falares e das culturas locais. A língua começa a ser vista como patrimônio e símbolo da identidade local, tornando-se um elemento de integração da comunidade e comunhão entre seus membros. Além disso, a língua local é algo que singulariza a região e a torna única no interior da nação, atraindo o interesse turístico e elevando o *status* da comunidade como um todo.

Outro avanço observado diz respeito à documentação da língua, fator 9. As iniciativas de registro da língua têm se desenvolvido e se aperfeiçoado, gerando uma quantidade relevante de materiais de alta qualidade (edições de textos, gramáticas, dicionários, gravações de áudio e vídeo, etc), que podem ser utilizados nos programas de revitalização e em pesquisas científicas.

1.4 História de uma língua ameaçada

A caracterização do francoprovençal tendo como base os critérios de avaliação da vitalidade de uma língua propostos pela UNESCO (2003), discutida na seção anterior, nos mostrou que essa língua encontra-se em estágio avançado de ameaça. Nesta seção discutiremos sobre as origens dessa língua e os caminhos que a levaram à essa situação.

O francoprovençal é uma língua galo-românica, resultante da colonização romana da Gália. Seu nome foi cunhado pelo dialetólogo italiano Graziadio Isaia Ascoli no século XIX, o primeiro a reconhecer a singularidade desses falares e a reagrupá-los, delimitando assim o terceiro domínio linguístico românico em território francês face aos domínios do occitano e

do francês (*langue d'oïl*): o domínio francoprovençal. A despeito das discussões acerca da pertinência do nome francoprovençal – grafado inicialmente franco-provençal dando a falsa impressão de uma mistura entre o francês e o provençal –, foi esse o nome que se impôs e é amplamente utilizado nos meios acadêmicos, nas associações e mesmo entre os falantes mais engajados no estudo e na proteção da língua.

1.4.1 O domínio francoprovençal: definição e delimitação

Ascoli define a autonomia dos falares francoprovençais a partir de uma “particular combinazione” de traços distintivos em relação aos falares vizinhos. O primeiro traço, o qual distingue o francoprovençal do domínio *oïl* e, portanto, do francês, é o tratamento das vogais átonas finais. O francês e os falares *d'oïl* se caracterizam por um oxitonismo generalizado, identificado a partir do século XVI, resultante do progressivo enfraquecimento e queda das vogais átonas finais. O francoprovençal mantém essas vogais, as quais podem apresentar timbres variados, e a acentuação predominante é a paroxítona, como pode-se observar nas palavras [fəna] (fr. *femme*) (pt. mulher) e [tsjevra] (fr. *chèvre*) (pt. cabra). O paroxismo é, portanto, um traço distintivo na língua, como confirmam as oposições entre [la 'ruza] (fr. *la rose*) (pt. a rosa) e [la ruza] (fr. *la rosée*) (pt. o orvalho); [paɛ] (fr. *père*) (pt. pai) e [paɛ] (fr. *parent*) (pt. pais, parente) (TUAILLON, 2007).

O segundo traço proposto por Ascoli trata da ditongação espontânea e permite distinguir o francoprovençal de sua vizinha *langue d'oc*. O occitano não conhece nenhuma ditongação espontânea de vogais acentuadas. O francoprovençal, por sua vez, apresenta ditongação em quatro timbres vocálicos acentuados, como por exemplo em [pja] (oc. *pe*) (pt. pé), [kwer] (oc. *cor*) (pt. coração), [tej] (oc. e pt. *te*) (TUAILLON, 2007).

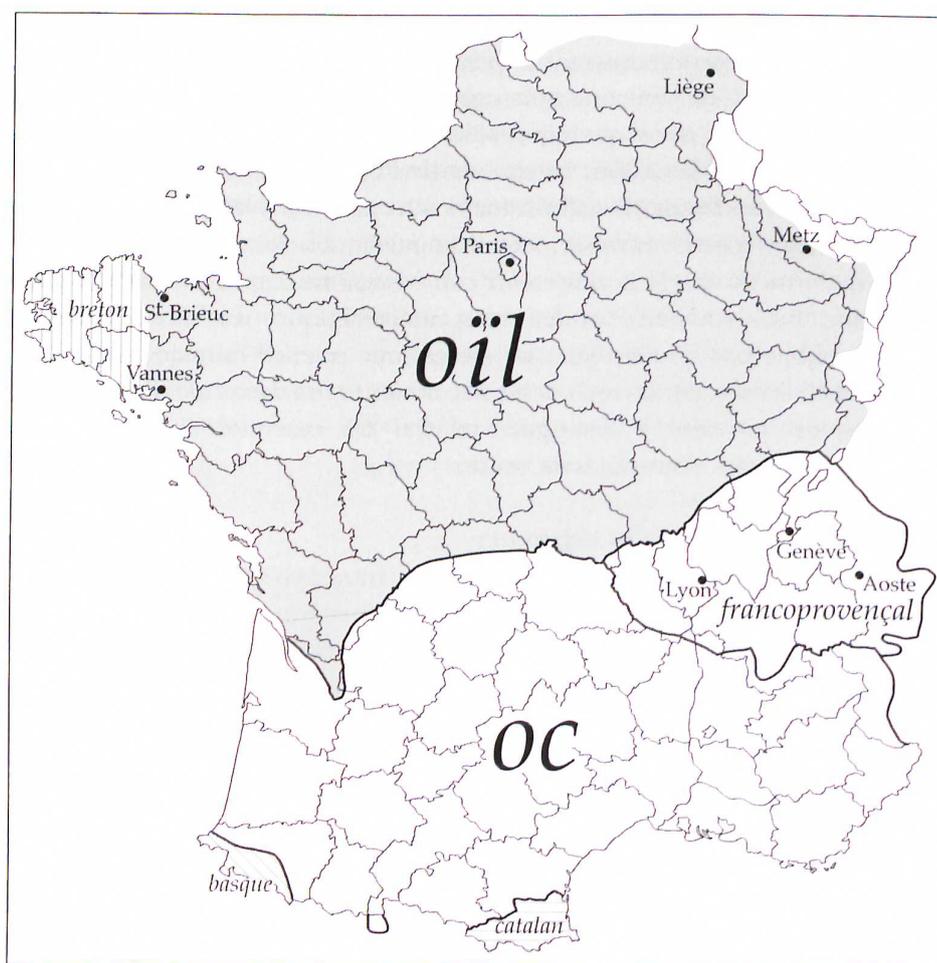
Outro critério utilizado por Ascoli para distinguir os falares francoprovençais dos falares *d'oïl* é a evolução do A tônico livre latino: A se mantém em contexto não palatal no francoprovençal e torna-se *e* em domínio *d'oïl*, como nas palavras **ama** (>AMARE) (fr. *aimer*) (pt. amar) e **pra** (> PRATU) (fr. *pré*) (pt. prado). Em contexto fonético palatal, no entanto, o A tônico e átono sofre alteração e evolui para **ie**, **i** ou **e**, diferentemente do occitano que mantém A em todos os contextos: [mãdie] (oc. *manjar*) (pt. comer), ['vaθi] (oc. *vac[h]a*) (pt. vaca) (MARTIN, 1990).

Mesmo após o reconhecimento do domínio francoprovençal por Ascoli em 1873 como um domínio linguístico a parte, compondo ao lado do occitano e da *langue d'oïl* o conjunto das línguas galo-românicas, resultantes da latinização das Gálias com a expansão do Império

Romano, a língua francoprovençal continuou sendo negligenciada e sua originalidade negada por muitos linguistas na primeira metade do século XX. O processo de reconhecimento foi longo e controverso e a delimitação geográfica que prevalece até hoje é resultado de diversas pesquisas dialetológicas com destaque para os atlas linguísticos e os dicionários geográficos franceses e suíços que determinaram os traços característicos da língua, considerando e distinguindo as línguas vizinhas, e estabeleceram as isoglossas que delimitam cada domínio linguístico (MARTIN, 1990).

Apresentamos a seguir a tripartição das línguas galo-românicas: ao norte domínio *oïl*, ao sul domínio *oc* e no sudeste o domínio francoprovençal.

MAPA 1: Domínios linguísticos da França (TUAILLON, 2007, p. 12)

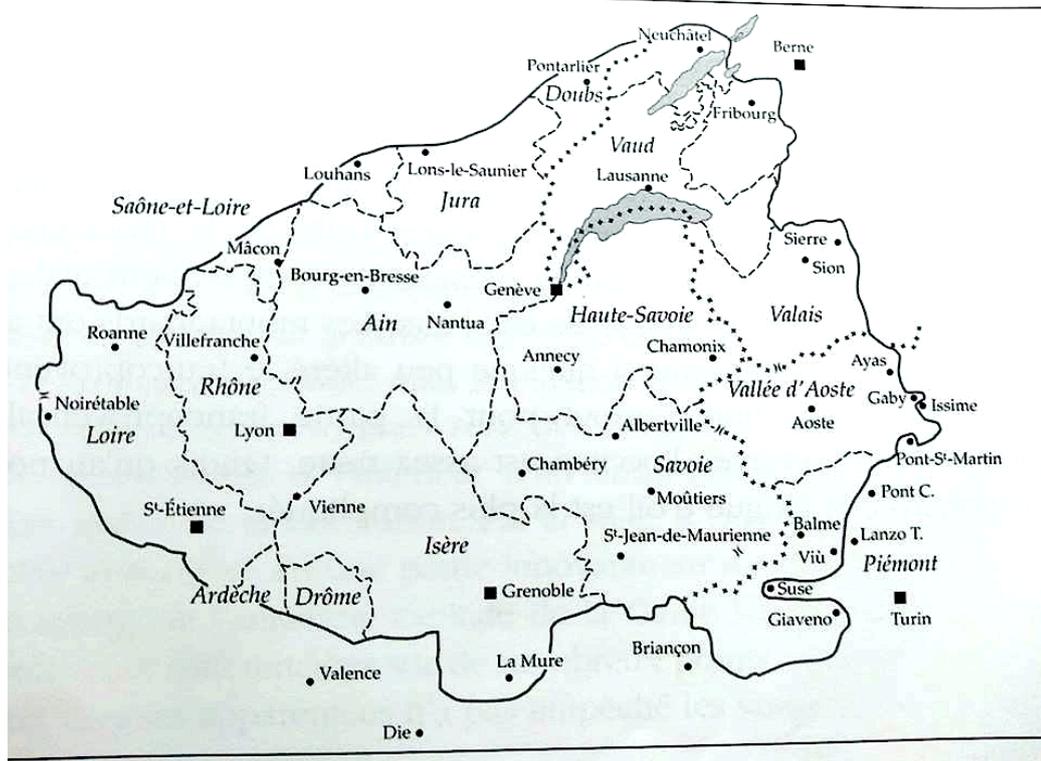


O domínio francoprovençal extrapola os limites políticos da França, onde, no entanto, está concentrada sua maior extensão, adentra a Suíça e o Vale d'Aosta na Itália. Na França, ele compreende a maior parte do departamento da Loire, o departamento Rhône, a extremidade sudeste da Saône-et-Loire, o sul de Doubs, os dois terços meridionais do Jura, o

departamento de Ain, a Haute-Savoie e a Savoie, grande parte do Isère, o extremo norte da Drôme e o departamento de Ardèche. Na Suíça, o francoprovençal se estende pelos cantões de Neuchâtel, Vaud, Genève e a parte românica dos cantões de Fribourg e do Valais. Na Itália, o Vale d’Aosta, os pequenos vales montanhosos ao sul do Grand-Paradis e quatro comunas do vale da Cenischia entre o Mont-Cenis e Suse são francoprovençais (MARTIN, 1990). O francoprovençal também está presente na Itália meridional, no norte da região de Pouilles, para onde migraram populações de regiões francoprovençais e cujos descendentes conservam ainda hoje a língua de seus ancestrais. Não se sabe ao certo quando ou de onde exatamente vieram. Aventa-se a hipótese de que teriam vindo da região do Bugey, na França, no século XV (TUAILLON, 2007).

O mapa 2 apresenta o domínio francoprovençal, seus limites departamentais na França e as principais cidades da região.

MAPA 2 : Domínio francoprovençal (TUAILLON, 2007, p. 25)



O mapa 3 apresenta ainda as línguas ou falares vizinhos nos três países por onde a língua se estende. Uma área a oeste do domínio foi classificada como “francoprovençal afrancesado”: trata-se de uma zona de transição entre francoprovençal e *langue d’oil* onde houve grande interferência dos falares *d’oil* sobre os falares francoprovençais, marcada

principalmente pelo enfraquecimento das vogais átonas finais e generalização do oxitonismo (MARTIN, 1990).

Mapa 3: Domínio francoprovençal (extraído e traduzido de MARTIN 1990, p. 675)



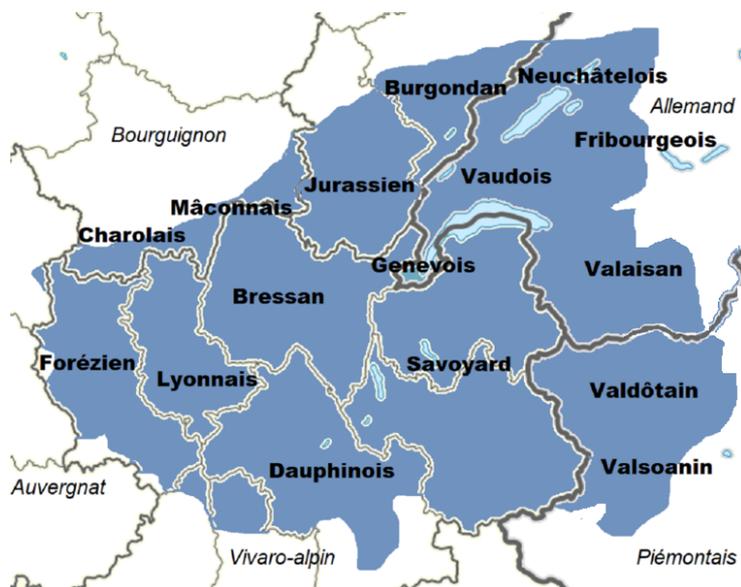
- Limites linguísticos
- Fronteiras de Países
- Limites administrativos (departamentos na França, cantões na Suíça e regiões/províncias na Itália)
- ↯↯ Grandes passos alpinos (passagens)
- ▨ Falares germânicos
- ▨ Piemontês
- ▨ Langue d'oïl
- ▨ Langue d'oc
- ▨ Francoprovençal afrancesado

Os mapas 4 e 5 se complementam. O primeiro apresenta os limites dos tradicionais *pays* ou regiões (em geral advindos das antigas províncias romanas, conforme detalhado na seção 1.4.2), que correspondem aproximadamente aos diferentes dialetos ou variedades do francoprovençal, os quais podemos visualizar no mapa 5: na Savouè fala-se o *savoyard*, na Brêsse, Domba e Bugê o *bressan*, no Lyonês o *patois lyonnais*, no Dôfenâ o *patois dauphinois*, no Fribôrg *fribourgeois*, no Vale d’Aosta o *patois valdôtain*, e assim por diante.

Mapa 4: Regiões dentro do domínio francoprovençal⁷



Mapa 5: Diferentes dialetos ou falares dentro do domínio francoprovençal



⁷ Mapas 4 e 5 disponíveis em www.arpitania.eu.

Devemos considerar que essas divisões dialetais do domínio francoprovençal são controversas e nem sempre aceitas entre os estudiosos da língua, dada a inegável diversidade das variedades da língua no interior desses limites dialetais.

1.4.2 Do plurilinguismo do *pays* ao monolinguismo da nação

A França que conhecemos hoje – uma das nações mais importantes da Europa, referência por sua cultura, sua produção literária e artística, sua culinária, símbolo da luta pela liberdade e pelos direitos dos homens nos molde de uma sociedade ocidental moderna – formou-se a partir de uma história conturbada, marcada por lutas, guerras e por momentos de grande instabilidade. O que muitas vezes fica obscurecido na ascensão de uma nação e de uma língua que se torna oficial naquele território são os grupos ou minorias étnicas, linguísticas, religiosas ou políticas que são frequentemente massacradas nesse processo.

A história da França não fugiu a esse padrão, a partir da monarquia – passando pela Revolução, as tentativas de restauração monárquica, os Impérios napoleônicos e o chamado Estado de Vichy – até o estabelecimento da 5ª República selada pela Constituição de 1958 até os dias atuais, observa-se um movimento constante em direção à centralização política, à unificação territorial com a expulsão de povos considerados invasores e à expansão e manutenção da língua francesa como única língua oficial da nação. A diversidade de povos, línguas e culturas historicamente presentes naquele território, pacificados sobre o domínio do Império Romano e do latim e posteriormente esfacelados pela queda e as invasões germânicas, deveria, na transição para a Idade Moderna, dar lugar à uma nação una e indivisível.

Para o historiador Fernand Braudel (2010 [1986]), esse projeto, embora amplamente concretizado, não conseguiu apagar por completo essa diversidade, base fundadora da cultura e da identidade dos franceses. Segundo Braudel, a ideia de uma nação francesa una e indivisível se desfaz quando se observa as paisagens, os hábitos e costumes dos habitantes do antigo território gaulês, as tradições e as línguas locais, os chamados *patois du pays*, que ainda persistem. Segundo Braudel (2010 [1986], p. 32) “cada vilarejo, cada vale, a fortiori cada ‘país’ – essas pequenas unidades locais, país de Bray, país de Caux, etc. cujo nome

deriva do *pagus* gaulês – cada cidade, cada região, cada província têm suas originalidades nítidas”⁸.

Essa diversidade pode ser observada sobretudo nas comunidades locais marcadas pelo elemento rural, arraigadas a seus costumes, suas construções tradicionais, seu folclore e seu *patois* (BRAUDEL, 2010 [1986]). A antiga Gália permanece, assim, diversa, e essa diversidade pode ser encontrada muitas vezes em regiões distantes 20 ou 30 quilômetros apenas: cada qual com sua natureza, seu tipo de povoamento, seu modo de vida, suas cores, suas originalidades (BRAUDEL, 2010 [1986], p. 36). Cada região, oriundas das históricas províncias do Antigo Regime, se fragmenta em tantos outros *pays*. Esse caráter outro, ora mais ora menos distinto de cada região, *pays* ou *village*, é peça fundadora da identidade de cada comunidade que busca, exaltando suas originalidades, “não se confundir com a minúscula pátria vizinha”⁹ (p. 36-37).

Braudel (2010 [1986]) se lança na tarefa de destrinchar essa diversidade francesa percorrendo o território de sua pátria e buscando os elementos concretos que confirmam sua interpretação. O historiador destaca a importância de se observar as chamadas zonas fronteiriças ou zonas de transição e as rupturas observáveis: as mudanças nos tipos de telhas das construções; os tipos de poços; os diferentes signos mágicos que protegem as casas da má sorte, os cata-ventos tradicionais (*girouettes*), alguns ricamente ornados, no topo das casas. Cada um desses elementos marcam a paisagem e revelam, ainda hoje, onde termina um *pays* e começa outro, a despeito da modernização e da mecanização do campo e de seus efeitos no modo de vida tradicional do camponês. Como afirma Braudel, “embora profundamente modificada pela economia moderna, o antigo mosaico do interior francês se manteve, em linhas gerais, e com ele uma diversidade evidente, e mesmo insolente”¹⁰ (BRAUDEL, 2010 [1986], p. 66). A diversidade de falares soma-se a esse conjunto de características que individualiza cada região, cada *pays*.

⁸ Tradução nossa. Do original: “Chaque village, chaque vallée, a fortiori chaque ‘pays’ – ces petites unités locales, pays de Bray, pays de Caux, etc. dont le nom derive du *pagus* gaulois – chaque ville, chaque région, chaque province ont leurs originalités nettes” (BRAUDEL, 2010, p. 32).

⁹ Tradução nossa. Do original: “ne pas se confondre avec la minuscule patrie voisine” (BRAUDEL, 2010, p. 36-37).

¹⁰ Tradução nossa. Do original: “Bien que profondément modifiée par l’économie moderne, l’ancienne mosaïque des campagnes françaises s’est maintenue, en gros, et avec elle une diversité evidente, insolente même” (BRAUDEL, 2010, p. 66).

1.4.3 Gênese da diversidade e do plurilinguismo na antiga Gália

Para compreender a origem dessa diversidade é preciso recuar à época da colonização romana da Gália, até então ocupada sobretudo por diversas tribos célticas, os gauleses ou galos. O avanço romano na região iniciou-se em 120 a.C. com a conquista da Gália Narbonensis ou Gália Transalpina. Com a expansão romana, os galos já haviam perdido espaço na Itália setentrional, conhecida como Gália Cisalpina e com Caio Júlio César toda a Gália se tornaria província romana por volta de 50 a. C. (TAGLIAVINI, 1973).

Com seus exércitos, suas leis e sua cultura, os romanos levavam também sua língua: o latim. A conquista romana e a expansão do Império teve como resultado um longo processo conhecido como romanização: os territórios e povos conquistados iam se tornando pouco a pouco romanos, adotando voluntariamente o latim – Roma jamais impôs coercitivamente sua língua – e assim ganhavam o prestígio e as benesses de uma das civilizações mais desenvolvidas da Antiguidade. Nas regiões onde o latim se difundiu e se manteve se desenvolveriam posteriormente as línguas românicas (AUERBACH, 1987). Os povos celtas sob domínio romano foram progressivamente adotando o latim e se submetendo à lei de Roma, o que representava a possibilidade de ascender socialmente e atingir um grau mais avançado de civilização. Os gauleses aderiam rapidamente às escolas romanas, uma instituição particularmente bem organizada que teve um importante papel na difusão do latim e da cultura romana (WARTBURG, 1946).

Segundo Chaves de Melo (1971), a diferenciação das línguas românicas pode ser explicada a partir de três principais fatores: a diferenciação cronológica do latim, a diversidade de substrato e a quebra da unidade política e cultural do Império Romano e chegada dos povos germânicos (superestrato). Considerar a diversidade do latim, em especial do latim falado ou latim vulgar, é imprescindível para se compreender suas evoluções posteriores. As línguas mudam com o passar do tempo e, evidentemente, o latim que chegou ao sul da Gália no ano de 120 a.C, não é o mesmo que chegou ao norte 70 anos depois. Há que se considerar ainda que as línguas variam socialmente, classes sociais diferentes falam variedades distintas de uma mesma língua.

A língua dos romanos também alterou-se em decorrência do contato com diversos outros idiomas ao longo de sua história e de sua expansão. São as chamadas línguas de substrato, as línguas dos povos presentes nos territórios conquistados pelos romanos. Esses diversos povos – oscos, umbros, lígures na Itália, celtas na Gália e ibéricos na Ibéria, e tantos outros –, uns mais outros menos propensos à assimilação, ao falarem o latim imprimiam

marcas advindas de seus hábitos linguísticos anteriores, alterando a língua de Roma. Com o tempo e o passar das gerações essas marcas foram sendo transmitidas, gerando diferentes dialetos do latim, cujas tendências divergentes permaneceram represadas enquanto a unidade política e cultural do Império exercia sua força centrípeta, mantendo uma relativa unidade da língua (CHAVES DE MELO, 1971). Na Gália, a romanização foi bastante profunda, entretanto as línguas célticas deixaram suas marcas sobretudo na toponímia, no léxico e em algumas características sonoras do latim, que serão transmitidas às línguas românicas que florescerão posteriormente na região (WARTBURG, 1946).

A unidade do Império e da língua de Roma chega ao fim com a queda do Império do Ocidente, cujo marco foi a destituição de seu último imperador no ano de 476. A defesa e a manutenção de território tão vasto, que chega ao seu auge por volta do ano 100 d.C., foi ficando cada vez mais difícil, tanto devido às pressões externas dos povos chamados bárbaros, sobretudo germânicos vindos do norte, quanto em decorrência de fatores internos: guerras civis, epidemias, crises administrativas, empobrecimento progressivo da população, desorganização e decadência do exército, entre outros (BASSETTO, 2013).

A queda do Império, com efeito, já se delineava há bastante tempo, dada a constante pressão dos povos germânicos que desde o século I já se incorporavam ao Império, tanto de forma pacífica como conflituosa. Essa série de fatores favoreceu a penetração massiva de diversas tribos germânicas a partir do século V, as quais traziam consigo seus falares que, ao serem pouco a pouco abandonados em favor do latim, deixariam também suas marcas nessas novas línguas que se formariam a partir do latim vulgar. É o que conhecemos como interferência de superestrato (CHAVES DE MELO, 1971).

A decomposição do Império na Gália e por toda parte foi caracterizado pela ruína das cidades, destruídas e despovoadas; a fuga para o campo, que passa a ser dominado pelos grandes proprietários; o enfraquecimento do contato e do comércio entre as diversas regiões; uma profunda reviravolta da estrutura social com o desmantelamento da classe média, a qual garantia a produção e a composição do exército, bases do Estado romano. Estabelece-se assim um sistema do tipo feudal ou dominial, fundado na relação entre senhores e vassalos. Esse sistema era bastante afim aos costumes dos povos germânicos que chegavam à Gália: visigodos, burgúndios e saxões, que tiveram uma permanência menos duradoura, e mais profundamente os francos. Esses últimos, amantes da caça, da agricultura, da criação de animais e da guerra, legaram um grande número de palavras germânicas ao vocabulário francês nesses campos semânticos (WARTBURG, 1946).

Sob o domínio conturbado das primeiras dinastias germânicas, os Merovíngios e os Carolíngios, a Gália se viu constantemente cindida. As tentativas de centralização do poder fracassavam, contribuindo para o empoderamento cada vez maior da aristocracia local. Economicamente, sem a produção e o comércio desenvolvidos nas cidades, a vida material – alimentação, vestuário, utensílios, materiais de construção, etc. – passa a ser garantida a nível local (WARTBURG, 1946). Segundo Wartburg (1946, p. 65), “a vida tomou uma feição cada vez mais local, a desintegração territorial continuou. E a consequência foi a formação de numerosos dialetos e sub-dialetos”. Estima-se que tenha sido nessa época o delineamento dos domínios linguísticos românicos da França. Sob o domínio Capetiano (séc. X) essa tendência se acentua.

Como o chão sob nossos pés e os homens, tudo se desintrega, tudo se esfarela. Ainda que exista um rei e um reino, trata-se de um rei impotente e de um reino sem unidade. Principados grandes como uma região ou província; soberanias equivalentes a um departamento, um distrito ou a um cantão; minúsculos estados que abrangem somente um burgo, alguns vilarejos, um bairro; meros direitos civis ou criminais sobre uma rua ou uma residência, eis a França feudal de inícios do século XI. Ela é a um só tempo a extrema diversidade e o extremo particularismo (WARTBURG, 1946, p. 79).¹¹

É nesse contexto propício à diferenciação espacial das línguas que surgem os chamados *patois*, as línguas locais que, posteriormente, serão classificadas e agrupadas em domínios dialetais ou linguísticos.

1.4.4 Gênese do francoprovençal

Diferentes teorias tentam explicar a origem do francoprovençal, o surgimento desse conjunto de falares cuja especificidade se destaca diante de seus vizinhos já tradicionalmente reconhecidos, o francês e o occitano. W. von Wartburg atribui tal especificidade ao superestrato burgúndio, tribo germânica que de fato ocupou a região em torno do lago Léman (Suíça), a cidade de Lyon, o Franche-Comté e a Bourgogne por volta de 443 até sua incorporação ao reino dos Francos em 534. Essa região permaneceu com pouca penetração

¹¹ Tradução nossa. Do original: “Comme le sol et les hommes, tout se désagrège, tout s’émiette. Il existe un roi et un royaume, mais un roi sans pouvoir et un royaume sans unité. Des principats grands comme une région ou comme une province ; des souverainetés égales à un département, un arrondissement, un canton ; des États minuscules qui n’englobent qu’un bourg, quelques villages, un quartier ; de simples droits de justice ou de police sur une rue ou une maison, telle est la France seigneuriale des débuts du onzième siècle. Elle est l’extrême diversité et l’extrême particularisme” (WARTBURG, 1946, p. 79).

franca e só tornou-se francesa tardiamente (WARTBURG, 1946). O elemento burgúndio teria exercido um papel importante não apenas no léxico mas também na fonética dessa área dialetal, semelhante ao papel do superestrato franco na formação do francês. Segundo Martin (1990), essa teoria foi amplamente refutada e abandonada, visto que estudos posteriores mostraram que a penetração burgúndia não parece ter deixado muitas marcas, nem mesmo no vocabulário ou na toponímia, o que não nos permite atribuir ao papel do superestrato uma influência decisiva na formação do francoprovençal.

A teoria mais aceita afirma estar no processo de romanização ou latinização da região e seus desdobramentos a melhor explicação para a formação do domínio francoprovençal. A romanização da região lionesa inicia-se com a fundação de *Lugdunum* (43 a. C.) (atual Lyon), cidade que torna-se rapidamente capital das Gálias (*capital des Gaules*), ganhando grande importância por sua posição estratégica e proximidade de Roma (MARTIN, 1990). As rotas de deslocamento naquela área nos permitem compreender a ligação entre a região de Lyon e o Vale d’Aosta, a caminho de Roma; de Lyon a Genebra, passando pela Savoie, seguindo o curso do rio Rhône, de onde também se atinge a Itália; ou seguindo o curso do rio Isère para chegar novamente à Aosta na Itália. Todos esses deslocamentos tinham como obstáculo a cadeia montanhosa dos Alpes, a qual apresentava na época duas passagens principais: Grand Saint-Bernard e Petit Saint-Bernard (GARDETTE, 1971 *apud* MARTIN, 1990).

Para Martin (1990) a originalidade do francoprovençal deve ser buscada no estudo do léxico latino usado na região, que revela o tipo de romanização a qual ela foi submetida. Esse estudo, detalhadamente empreendido por Pierre Gardette (1971, *apud* MARTIN, 1990) mostrou uma forte proximidade entre o latim do domínio francoprovençal e o da região Narbonnaise, onde surge o provençal, o que revela uma proximidade maior, nesse primeiro momento, com o domínio occitano. De fato, os dois domínios linguísticos compartilham características importantes, como por exemplo a manutenção das vogais átonas finais e o consequente paroxitismo, comum às demais línguas românicas, com exceção do francês. Esse latim traria uma certa originalidade, conservando um vocabulário bastante arcaico, marcado pela presença de palavras de origem literária, que compõem hoje parte considerável do léxico especificamente francoprovençal (MARTIN, 1990).

A aproximação com os falares do norte que, posteriormente, darão origem ao francês, por outro lado, teria acontecido num momento ulterior, por meio de um latim tardio a partir do século III, em decorrência da mudança do centro de gravidade em direção às áreas limítrofes com a *Germania*, cuja densidade populacional aumentara sensivelmente nos

últimos séculos do Império. Neste momento, uma ruptura se processou entre o latim dos entornos de Lyon e o latim do sul, fortemente magnetizado pelos importantes centros urbanos próximos à bacia do Mediterrâneo. A orientação do domínio francoprovençal em direção ao galo-romano do norte torna-se então cada vez mais forte e pode ser observada nas seguintes evoluções comuns: palatalização do C diante de A com influência sobre a vogal, enfraquecimento das consoantes intervocálicas e ditongação de determinadas vogais acentuadas (MARTIN, 1990, p. 678).

Segundo Tuailon (1988), o francoprovençal nasce de fato quando ocorre uma ruptura em relação aos falares do norte, sobretudo após a penetração dos francos, que definiu os rumos da evolução do latim falado na Gália ao norte do rio Loire. A região de domínio francoprovençal “ficou suficientemente ao abrigo das influências francas, para se desligar do domínio linguístico onde essas influências atuaram amplamente o qual se tornou o domínio *langue d’oïl*” (TUAILLON, 1988, p. 190)¹². Tal ruptura caracterizou-se por uma tripla recusa em relação às evoluções setentrionais: recusa ao oxitonismo generalizado, recusa em dizer *é* por *a* em sílaba tônica livre e recusa em dizer *ii* por *u* (TUAILLON, 1968 *apud* MARTIN, 1990). A partir desse momento, o domínio francoprovençal passa a seguir uma trajetória autônoma, bastante conservadora em relação às evoluções do norte.

1.4.5 Muitos falares, poucos falantes

Como vimos na seção anterior, a cidade de Lyon, principal centro diretor da região nos tempos romanos, teve importante papel no nascimento do domínio linguístico francoprovençal. Esta cidade terá também igual importância na decadência dessa língua quando, a partir do século XII até fins do século XIV, começa a substituir progressivamente a língua local pelo francês, que vinha ganhando grande prestígio, sobretudo como língua escrita. No final da Idade Média, após todo o processo de fragmentação territorial, social, econômica, política e linguística da França, as duas principais cidades de domínio francoprovençal, Lyon e Genebra, não exerciam mais o poder dos tempos antigos. Não havia unidade histórica ou identidade cultural entre as diferentes regiões naturais que compunham a região: as planícies dos rios Loire e Saône, o vale do rio Rhône, os Montes do Lyonnais, as montanhas do Jura, o massivo dos Alpes (MARTIN, 1990).

¹² Tradução nossa. Do original: “est restée suffisamment à l’abri des influences franques, pour se détacher du domaine linguistique où ces influences ont joué à plein et qui est devenue le domaine de la langue d’oïl” (TUAILLON, 1988, p. 190).

Não tendo havido nenhuma tentativa de unificação em benefício de uma língua urbana ou literária, os falares também permaneceram fragmentados. Embora existam numerosos arquivos e textos literários em língua francoprovençal, não houve um movimento em direção ao estabelecimento de uma ortografia unificada, à elaboração de gramáticas descritivas ou prescritivas naquele momento. A língua regional permaneceu livre de toda e qualquer força centrípeta, o que autoriza Tuailleon a afirmar que:

(...) o domínio franco-provençal é assim formado por um número de *patois* correspondente ao número de comunas existentes, ou seja, ao número de comunidades sociopolíticas agrupadas em torno de uma igreja ou de uma família, ligadas por um patrimônio material e imaterial comum e, se elas o preservaram, por um mesmo *patois*, espécie de língua local (TUAILLON, 1988, p. 190).¹³

Essa língua do *patelin*, o *patois* (língua local, língua do vilarejo), se apresenta assim em estado dialetal, o que Tuailleon (1988) chamou de *stade dialetal parfait*, variando ao nível do vilarejo, da *commune* ou do *pays*, que permaneceram durante muito tempo mais ou menos independentes, não correspondendo a nenhuma divisão política moderna nem tampouco aos obstáculos geográficos complexos da região. Entretanto, dentro da comunidade, a língua é fortemente normalizada, todos os seus membros utilizam a mesma pronúncia, as mesmas regras gramaticais e atribuem sentidos estreitamente definidos a cada palavra. Esse rigor interno garante a intercompreensão e fortalece os laços de identidade e pertencimento àquela coletividade, mesmo que pequena (TUAILLON, 1988).

Não é de se surpreender que uma língua nessa situação e com essas características tenha se tornado vulnerável ao avanço do francês que, a partir sobretudo do século XVIII com a Revolução Francesa, lança-se no projeto declarado de eliminação das línguas regionais e difusão do francês como língua da nação, da República.

1.4.6 Surgimento da nação moderna: o avanço do francês

O processo de expansão do francês foi longo, e só se concretiza efetivamente no século XIX com a instauração do ensino obrigatório em francês e os efeitos da industrialização, que alteraria completamente os modos de produção e as relações de trabalho, impactando profundamente o modo de vida nas cidades e no campo. A partir do século XIII a

¹³ Tradução nossa. Do original: “(...) le domaine franco-provençal est donc constitué par autant de *patois* qu’il y a de *communes*, c’est à dire de *communautés* sociopolitiques de base, groupées autour de leur église ou de leur temple et de leur maison commune, groupées autour de leur patrimoine matériel et spirituel et, si elles l’ont conservé, autour de leur *patois*, la langue du lieu” (TUAILLON, 1988, p. 190).

língua francesa começou a ser sistematicamente imposta por meio dos atos públicos. Em 1539, com o decreto de *Villers-Cotterêts* por Francisco I, o latim é substituído pelo francês em todos os escritos oficiais e o francês ganha o apoio das Igrejas católica e protestante. A partir de meados do século XVII, após a anexação das províncias recentemente conquistadas como a Alsácia, todos os éditos exigiam o uso exclusivo do francês. O objetivo não era tanto, naquele primeiro momento, afrancesar as massas, mas evitar o autonomismo nas regiões e fortalecer a centralização monárquica (CERTEAU *et al.*, 1975).

A França múltipla e plurilíngue, pesadelo das administrações, combatida pelos sucessivos governos centralizadores, foi aos poucos sendo penetrada pela língua francesa, a qual foi ficando cada vez mais presente nos ambientes públicos, nas escolas, no trabalho, nas cidades, enfim, na maior parte dos contextos de interação de seus habitantes. Pouco a pouco, o francês foi conquistando cada região, cada *province* ou *pays*, as pequenas cidades ou vilarejos. A *langue du roi* (língua do rei) finalmente chega à boca dos camponeses, os quais foram pouco a pouco adotando a língua francesa, e transmitindo-a aos seus descendentes, sentindo-se parte de um todo, *la République* (a República).

Nesse processo temos o surgimento da identidade nacional – fortemente ligada e simbolizada pela língua nacional – constituindo o que Benedict Anderson (2008) chamou de “comunidades imaginadas”, comunidades socialmente construídas que não dependem da interação face a face para se constituir e se manter. Pessoas desconhecidas se conectam em torno de uma ideia de nação por meio de um imaginário coletivo compartilhado que estabelece o que é a nação (seus limites, suas características culturais, sua língua, etc).

Como discute Lagares (2011), comunidades linguísticas rompem o *continuum* caótico que são as comunidades reais criando comunidades de fala “estabelecidas em torno a uma aldeia, a um senhorio, a uma corte régia, a uma tradição de escrita, a uma atividade socioeconômica ou a certas funções culturais” (p. 125). Lagares (2011) destaca o papel da língua escrita e sua capacidade de impor de “forma mais ou menos efetiva modelos linguísticos para os falantes de um determinado território” (p. 125),

A escrita tem contribuído poderosamente na formação de consciência linguística e de imaginários comunitários, desde os primeiros textos escritos em “romance”; e no início da Idade Moderna a imprensa foi um elemento fundamental para a criação de comunidades de língua na Europa, pelo menos entre a minoria alfabetizada (LAGARES, 2011, p. 126).

Não se pode esquecer que houve um tempo em que a tradição escrita era o critério privilegiado para o reconhecimento de uma língua. Nesse contexto, muitas línguas,

pertencentes a territórios onde outra língua escrita se impunha – como língua oficial, língua da administração, ensinada nas escolas e imprescindível a todos para o exercício dos direitos civis – não eram sequer consideradas “línguas”. Assim, o galego e até mesmo o catalão, por exemplo, se encontrariam sob o domínio do espanhol escrito (LAGARES, 2011).

Na França, duas línguas alcançaram o *status* de língua de cultura, com uma produção literária reconhecida e valorizada: o francês e o occitano. O francoprovençal não teve o mesmo tratamento, e sua literatura ainda é amplamente desconhecida. Textos foram escritos nessa língua desde o século XIII: leis, livros de contas e outros documentos usados na jurisprudência feudal e textos jurídicos foram escritos em língua francoprovençal.

Durante a Idade Média, no entanto, essa língua não era utilizada como língua literária, e os escritores e poetas da região preferiam escrever em francês, empregando frequentemente palavras em língua regional. A partir do século XVI inicia-se uma produção mais substancial de obras literárias em língua regional, dentre as quais podemos destacar os poemas de Laurent de Briançon da região de Grenoble, os *Noëls* e Canções do *savoyard* Nicolas Martin e os poemas de Bernardin Uchard em *patois bressan* (MARTIN, 1990). Com uma literatura rica, porém pouco reconhecida, a língua francoprovençal permaneceu sob o domínio do francês escrito, o que constitui mais um fator que favoreceu o abandono da língua.

Ao longo do Antigo Regime observa-se por toda a França a manutenção do bilinguismo *patois*/francês. A língua regional permanecia a língua do cotidiano, enquanto o francês era a “língua do domingo”, dos atos solenes, da vida pública e das classes cultivadas (TUAILLON, 1988). A identidade e a língua local, atrelada ao modo de vida tradicional prevalecem. No final do século XVIII essa situação começa a mudar. Almejando a adesão popular, a Revolução teve que lidar com a questão linguística de maneira diferente. Para os agentes da Ilustração, a resistência à nova ordem tinha como fonte a ignorância e os preconceitos sobretudo das províncias. As línguas regionais eram associadas então a costumes atrasados, grosseiros, supersticiosos. Era preciso levar “as luzes” a cada canto da França (CERTEAU *et al.*, 1975).

Se num primeiro momento, as leis e decretos eram traduzidas em língua local como forma de transmitir os novos sentimentos, hábitos e costumes aos cidadãos, a partir de 1793 as políticas linguísticas tornam-se mais rígidas, inicialmente nas regiões onde se falava línguas consideradas estrangeiras como o alemão, o bretão, o italiano e o basco, e onde identificou-se a difusão de ideais contrarrevolucionários. Decorreu daí o *Rapport sur la nécessité et les moyens d’anéantir les patois et d’universaliser l’usage de la langue française*

(Relatório sobre a necessidade e os meios de destruir os *patois* e de universalizar o uso da língua francesa) apresentado à Convenção em 1794 pelo abade Grégoire, padre originário da região de Lorena que dedicou-se à causa revolucionária. O relatório buscou, por meio da aplicação de questionários, coletar informações sobre o uso do francês e de outras línguas nas diversas regiões, sobre as características dessas línguas, informações sobre os efeitos da Revolução na comunidade e a adesão dos cidadãos, a situação do ensino, etc. O objetivo principal e explícito do relatório era *aniquilar* os chamados *patois* enquanto línguas de uso cotidiano e preservá-los apenas como relíquias do passado (CERTEAU *et al.*, 1975, p. 15).

A partir desse período, acentua-se estigma associado às línguas regionais, que passam a ser diretamente associadas ao atraso do Antigo Regime, consideradas a origem dos conflitos no interior e um entrave à difusão dos ideais revolucionários. As línguas locais são reduzidas ao *status* de linguagem corrompida e consideradas corruptoras do francês na medida em que atrapalhariam o aprendizado da língua nacional. O relatório de Grégoire mostrou que uma boa parte da população no interior da França tinha então um domínio insuficiente da língua francesa ou a desconhecia completamente, daí a necessidade de se instaurar uma política de universalização do francês em todo o território nacional (CERTEAU *et al.*, 1975).

Idealizado em 1793, o Ensino Obrigatório Laico e Gratuito em francês é instituído pela lei *Jules Ferry* em 1882. A partir desse momento, implantou-se uma severa política linguística e educacional na França, priorizando a língua nacional. Nessa época, houve uma forte campanha contra o francoprovençal e outras línguas regionais que se apoiava no adágio *le patois est l'ennemi du français* (o *patois* é inimigo do francês). As famílias começaram então a abandonar o *patois* na educação das crianças, como uma forma de não prejudicá-las na escola. Em algumas cidades, as famílias continuaram a usar a língua local até por volta de 1914, entretanto, ao fim da guerra, muitos combatentes, habituados a falar o francês – língua comum na guerra –, decidiram abandonar sua língua materna em benefício do francês e seus filhos passam a ter o francês como primeira língua (TUAILLON, 1988). Inicia-se, assim, a ruptura da transmissão intergeracional dessas línguas.

A *École de la République* (Escola da República) teve papel decisivo nesse processo. Segundo Pivot (2014, p. 90), a Escola:

(...) é pensada como o meio de educar o cidadão “do amanhã” segundo os ideais morais e patrióticos. A escola é considerada o vetor da ascensão social e da dignidade, duas maneiras de ver que reforçam o declínio dos falares locais que os discursos republicanos e patrióticos lograram rebaixar à categoria de “línguas de segunda classe”, línguas dos “rudes e ignorantes”, ao contrário do francês, que

levava a todos conhecimento e ilustração (PIVOT, 2014, p. 90).¹⁴

Embora não houvesse uma interdição explícita do uso das línguas regionais nas normas escolares, a rigidez dos métodos repressivos então vigentes marcaram a memória das crianças da época. Não eram raros os castigos aos alunos que falassem *patois* na escola. Um método comum relatado por pessoas mais velhas era a chamada *patoise*: quando um aluno falava *patois* em sala ele recebia um objeto, *la patoise*, e só poderia passá-lo adiante quando outro aluno também falasse *patois* em sala. Assim, o objeto era passado de aluno para aluno, os quais deviam vigiar uns aos outros com o objetivo de se livrar do objeto. Ao final da aula, o aluno em posse da *patoise* receberia uma punição. A prática, travestida em jogo, materializava o estigma e estimulava a delação em ambiente escolar.

Outros fatores agravaram ainda mais o declínio das línguas regionais: o abandono do campo, associado à mecanização da produção agropecuária que teve como resultado uma profunda mudança no modo de vida tradicional, e o isolamento de pessoas no meio rural. Essa situação tornou cada vez mais difícil a prática da língua devido à dificuldade de se encontrar interlocutores. Muitos falantes ou pessoas que tiveram contato com a língua na infância foram morar nas médias ou grandes cidades, onde exerciam profissões diversas, frequentemente no funcionalismo público, passando a ter pouca ou nenhuma oportunidade de usar a língua (TUAILLON, 1988).

1.5 Políticas linguísticas e revitalização

Na seção 1.3, analisamos a situação do francoprovençal em relação às atitudes e políticas linguísticas no nível governamental e das instituições, fator 7 na escala da UNESCO (2003), e mostramos como a situação dessa língua na França ainda é bastante delicada devido a entraves na legislação francesa. A dificuldade em se efetivar as diretrizes propostas na “Carta europeia para as línguas regionais ou minoritárias” assinada em 1999, demonstra a falta de consenso e a resistência em reconhecer adequadamente e implementar políticas de valorização e promoção dessa língua, sobretudo no nível nacional.

¹⁴ Tradução nossa. Do original : “ (...) est pensée comme le moyen d'éduquer le citoyen de demain selon des idéaux moraux et patriotiques. L'école est perçue comme le vecteur de l'ascension sociale et de la dignité, deux visions qui accentuent le déclin des parlers locaux que les discours républicains et patriotiques avaient réussi à déclasser au niveau de “sous langues”, de langues de “rustres et ignorants”, à l'opposé du français qui permettait l'instruction de tous” (PIVOT, 2014, p. 90).

Embora a Carta tenha tido um efeito positivo a nível internacional, como afirma Ramallo (2017), no sentido de incentivar a inclusão das minorias linguísticas na agenda política nos países aderentes, alterando o *status* de muitas línguas em situação de risco, reduzindo o preconceito e o estigma e mudando a atitude dos falantes de línguas majoritárias e dos próprios falantes em relação à língua, a França ainda tem um longo caminho a percorrer para impedir o avanço do processo de desaparecimento das línguas minoritárias presentes em seu território.

Por outro lado, os governos regionais franceses têm melhorado suas atuações, sobretudo nos últimos 10 anos. Línguas como o bretão, o alsaciano, o corso, o occitano, o catalão e o basco têm sido beneficiadas pelas políticas implementadas pelas suas respectivas regiões na França. Essas políticas são mantidas pelos Conselhos Regionais por meio de organismos criados especificamente para cuidar das línguas e culturas locais, como o *Office de la langue Bretonne*, na Bretanha, ou o *Office de la Langue et de la Culture d'Alsace*, na Alsácia. No caso do francoprovençal e mesmo do occitano, a vasta extensão de seu domínio e a diversidade dialetal e cultural dessas línguas impossibilitam a centralização das ações em um único órgão governamental. É preciso considerar as coletividades territoriais de base, os *pays*, as *comunes*, os departamentos, e assim preconizar ações colaborativas (BERT; COSTA, 2009).

Nas regiões de domínio francoprovençal, as associações desempenham um papel fundamental na manutenção e promoção da língua. É através delas que são empreendidas a maior parte das ações de revitalização, num contexto em que inexistem políticas linguísticas centralizadas implementadas de cima para baixo, ou seja, pelos órgãos governamentais por meio de instituições públicas, como as escolas, por exemplo. A rede de associações que se ocupam da língua francoprovençal tem se ampliado nas últimas décadas. Muitos grupos informais, não organizados em associações, também atuam na manutenção e promoção da língua (BERT; COSTA, 2009). Apenas no departamento *Ain*, a associação *Patrimoine des Pays de L'Ain* (PPA) agrupa atualmente 130 associações dedicadas à salvaguarda do patrimônio cultural, histórico, ecológico e linguístico do departamento.

As associações que se ocupam da língua local organizam reuniões regulares, geralmente mensais, nas quais propõem atividades de registro ou documentação da língua (traduções, elaboração coletiva de textos, edição de dicionários ou monografias sobre o falar local, etc), transmissão de conhecimentos dos mais velhos aos mais jovens, algum nível de estudo da língua baseado no conhecimento dos mais velhos e em materiais

existentes sobre a língua (dicionários, glossários, gramáticas, textos), vivências e convivência entre as pessoas.

As associações atuam também na promoção de eventos (festas, festivais), apresentações e intervenções em escolas, asilos, hospitais, dando visibilidade e colocando a língua em cena para o público externo. Dessas ações pode resultar a produção de materiais como livros, boletins, DVDs, gravações de áudio e músicas, os quais nem sempre são difundidos de forma satisfatória na comunidade mais ampla, ficando muitas vezes restritos apenas aos membros das associações. Outro problema enfrentado é o de falta de contato entre os diversos grupos e associações pulverizadas por todo o território de domínio da língua (BERT; COSTA, 2009). O fechamento das comunidades locais em si mesmas e a falta de abertura para as comunidades vizinhas gera um isolamento que não beneficia as ações de valorização da língua.

A partir de 2013, grande parte das associações e grupos culturais interessados na língua francoprovençal na França, Itália e Suíça, se uniram formando uma *Fédération du Francoprovençal*, que tem como propósito unir as iniciativas de difusão, valorização e transmissão dessa língua, coordenar as atividades realizadas e representar esses grupos diante do poder público buscando apoio governamental para desenvolvimento dos projetos. Desde 2007, a *Fête Internationale du Francoprovençal* (Festa Internacional do Francoprovençal), que ocorre cada ano alternativamente nos três países onde a língua está presente, contribui para conectar esses diferentes grupos possibilitando assim o desenvolvimento de projetos colaborativos.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Apresentação

Como introduzido na seção 1.1 do capítulo 1, esta pesquisa empreende uma abordagem sociolinguística do fenômeno de desaparecimento da língua francoprovençal na França, enfatizando a centralidade dos fatores externos – sociais, políticos e culturais. Buscamos compreender como esse processo condiciona as práticas linguísticas da comunidade e de seus falantes e afeta a estrutura da língua. Veremos que, em se tratando de uma língua ameaçada, um estudo de caráter sociolinguístico, que tem como pressuposto o estudo da língua em uso, enfrenta alguns desafios teórico-metodológicos: a língua objeto de análise encontra-se em processo de restrição de uso, tem perdido suas funções comunicativas e, em muitos contextos, existe apenas na mente de seus poucos falantes, os quais têm cada vez menos oportunidades de utilizá-la.

Questiona-se sobre as estratégias metodológicas para o estudo de uma língua nessas condições: uma língua que não é mais falada no dia-a-dia de seus falantes, que apresenta fenômenos de mudança em sua estrutura linguística provocados pelo desuso e pelo contato constante e intenso com a língua dominante de maior prestígio. Apesar das pressões pelo abandono da língua e da ruptura da transmissão, ela ainda é conhecida pelos membros mais velhos da comunidade e sobrevive em algumas situações sociais, além de ser objeto de recentes iniciativas de revitalização e valorização.

Nos interessa, assim, saber o que restou dessa língua, em quais condições e contextos ela sobrevive, quais os impactos e perspectivas dos projetos de revitalização e como todo esse processo sócio-histórico se traduz na estrutura da língua, nos elementos que se alteram ou se perdem e nas características que se mantêm e resistem ao desaparecimento.

Primeiramente, mobilizamos dois autores que consideramos fundamentais para o embasamento desta pesquisa: James Milroy e William Labov, o primeiro, criador de uma abordagem teórico-metodológica chamada dialetologia social, o segundo, o pai da sociolinguística moderna. Ambos os autores propõem a observação dos chamados fatores extralinguísticos no estudo de uma língua. Conforme Milroy (1992), é impossível observar ou descrever uma língua independentemente da sociedade. Em seu estudo centrado na variação e na mudança linguística, Milroy (1992) chama a atenção para a necessidade de se observar os fatores que tendem a manter o estado de uma língua e a resistir à mudança, lembrando que,

em sua dinâmica, as línguas estão submetidas tanto a forças divergentes propulsoras da mudança, como a forças que promovem a manutenção ou a estabilidade do sistema.

Milroy (1992) levanta uma questão bastante pertinente para se pensar o fenômeno da ameaça de línguas: como formas ou variedades divergentes de uma língua se mantêm através do tempo? Variedades linguísticas com baixo prestígio podem persistir a despeito de supostas pressões padronizadoras externas. Para o autor, essa questão só pode ser respondida quando levamos em conta os fatores sociais envolvidos e a existência de uma norma consensual interna a cada comunidade de fala – essa norma consensual pode ter importante papel na manutenção linguística, superando as interferências externas.

Um exemplo que confirma a importância dos fatores externos é o estudo de Labov (2008 [1972]) sobre o inglês da ilha de Martha's Vineyard. Labov comprovou que o fenômeno de centralização dos ditongos /ai/ e /au/ não era um evento aleatório, mas estava relacionado à atitude do falante em relação à ilha: uma maior centralização dos ditongos foi observada entre os falantes mais comprometidos e com uma visão positiva da ilha, mostrando tratar-se de um marcador de atitudes sociais.

No caso da França, como vimos no capítulo 1, as línguas minoritárias foram associadas ao atraso e ao passado, e seu uso trazia forte estigma social ao falante. Ainda hoje é comum encontrar falantes de línguas regionais que não admitem falar a língua (falantes fantasmas), sobretudo aqueles em situação social mais vulnerável – pobreza, analfabetismo ou baixo nível de instrução, etc. Para esses, o uso da língua era mais um elemento que agravava sua insegurança social e atravancava qualquer mobilidade ou ascensão (BERT, 2010).

Milroy (1992) defende ainda que a análise sociolinguística seja centrada no falante, e não no sistema. Embora o autor não negue o conceito de sistema estruturado, ele questiona a ideia de que tal sistema seria autônomo – um conjunto de elementos *où tout se tient*. Para Milroy, os fenômenos da linguagem não podem ser explicados por um modelo *system-based*, que leva em conta apenas os elementos internos ao sistema, privilegiando a homogeneidade, e deixando os fatores sociais em segundo plano. Essa ideia vai ao encontro do pensamento de Labov (2008 [1972]) ao conceber a linguagem como um fenômeno social que deve ser estudado enquanto tal. Ao comprovar o caráter sistemático da heterogeneidade observada na linguagem, o autor tira o foco do lado homogêneo das línguas: os sistemas linguísticos não são uniformes, as línguas estão em constante variação e mudança.

Segundo Milroy (1992), são as múltiplas funções dos falantes que tornam a mudança possível. O *locus* da mudança linguística é o falante em interação, e não o grupo enquanto entidade abstrata. Da mesma forma, tratando-se de línguas em desaparecimento, é no

indivíduo bilíngue que identificamos o *locus* do contato linguístico desencadeador dos fenômenos objetos da presente análise.

Labov (2008 [1972]) nos fornece ainda um guia de execução da pesquisa sociolinguística, onde ele discute os problemas relacionados ao estudo da fala cotidiana, tais como: o tratamento da variação e as dificuldades de registrar os dados e a raridade de algumas formas linguísticas. Mesmo com o avanço tecnológico, o processo de coleta de dados ainda impõe desafios, sobretudo no caso de línguas em extinção, em que frequentemente é difícil tanto localizar os falantes como presenciar (ou provocar) o uso da língua nativa, muitas vezes estigmatizada e desvalorizada pelos próprios falantes, o que faz com que os dados sejam raros e esparsos.

Alguns problemas metodológicos tratados por Labov (2008 [1972]) mostraram-se relevantes para a condução desta pesquisa: a alternância de estilo da fala, o grau de monitoramento e o paradoxo do observador, enfrentados na realização da coleta de dados e realização das entrevistas; a observação da ordenação valorativa (prestígio X estigma) das variedades linguísticas, classificadas como superiores ou inferiores, em uso na comunidade, o que fez emergir uma hierarquia dos grupos sociais e seus impactos na atitude do falante da língua minoritária, favorecendo o abandono da mesma.

Devemos deixar claro que, no caso de línguas em desaparecimento, a possibilidade de realizar uma pesquisa de caráter quantitativo como as empreendidas tanto por Labov como por Milroy, com grande quantidade de dados, é bastante pequena. Quando lidamos com línguas ameaçadas, a indisponibilidade dos dados limita enormemente as possibilidades de construir um *corpus* balanceado da língua que represente os diferentes estilos e os diferentes contextos de uso dessa língua, a qual passa exatamente por uma progressiva diminuição de seu uso. Não obstante, muitas pesquisas relevantes foram desenvolvidas a partir de *corpora* relativamente pequenos (conforme Adamou, 2016), e essa realidade não deve desencorajar o estudo dessas línguas já tão pouco estudadas cientificamente. Deve-se, por outro lado, buscar artifícios metodológicos que nos permitam lidar com essas limitações e possibilitar “o melhor uso de maus dados”, na célebre frase de Labov (1982).

Nesta tese optamos por desenvolver uma abordagem qualitativa dos dados, os quais não se limitam aos materiais linguísticos gravados, mas inclui a coleta de informações sociolinguísticas através da observação participante, de entrevistas dirigidas e semi-dirigidas, por meio das quais pudemos observar as práticas sociais, linguísticas e culturais dos falantes nos moldes de uma pesquisa etno-sociolinguística interpretativa, conforme Blanchet (2012). Segundo esse autor, a abordagem etno-sociolinguística busca responder a questões do tipo

“quem fala, como, o que, quando, onde, com quem, por que e com qual objetivo concreto ou simbólico”, privilegiando a dimensão da identidade cultural dos indivíduos e dos grupos em interação. Nas palavras do autor, esse tipo de abordagem leva a:

uma compreensão complementar das funções comunicacionais e simbólicas (principalmente no que tange à identidade etnocultural e às dinâmicas sociopolíticas) das variedades e variações linguísticas nas competências comunicativas dos indivíduos e nas tomadas de posição dos grupos ou comunidades em interação (BLANCHET, 2012, p. 87).¹⁵

Nesse sentido, a atitude do falante se mostra de grande importância em uma abordagem com foco no indivíduo: a mudança ou manutenção linguística depende, portanto, do comportamento do falante, de sua identificação ou adesão a um determinado grupo, do sentimento de solidariedade ou de oposição – esses fatores serão responsáveis pela constituição, manutenção ou mudança dos padrões de variação acordados pelos indivíduos no interior da comunidade linguística (MILROY, 1992).

2.2 Contato linguístico e o fenômeno da extinção de línguas

No clássico trabalho de Weinreich (1970 [1953]), o contato de línguas é entendido como um aspecto do contato entre culturas, entre comunidades linguísticas distintas, e seu *locus* é o indivíduo bilíngue que utiliza duas ou mais línguas alternativamente. Na esteira de Weinreich, Thomason (2012) afirma que o contato entre línguas ocorre quando há interação face a face e quando as pessoas envolvidas possuem um grau de fluência não trivial em ambas as línguas (THOMASON, 2012). O contato linguístico, em geral, pode ter como resultado, dependendo das condições sociais e políticas em questão, o bilinguismo estável, o bilinguismo – quando em um mesmo território duas ou mais regiões falam línguas diferentes – ou o desaparecimento de uma língua. Todos esses casos são caracterizados por diferentes fenômenos de interferência linguística entre os dois ou mais sistemas linguísticos em contato (THOMASON; KAUFMAN, 1991).

¹⁵ Tradução nossa. Do original: “une compréhension complémentaire des fonctions communicationnelles et symboliques (notamment en termes d’identité ethnoculturelle et de dynamiques sociopolitiques) des variétés et variations linguistiques dans les compétences à communiquer des individus et dans les positionnements relatifs des groupes ou communautés en interaction” (BLANCHET, 2012, p. 87).

Nos casos em que há abandono de uma das línguas, as forças sociais e políticas exercem, em geral, pressão em direção ao monolinguismo. Esse tipo de contato linguístico ocorre, geralmente, entre uma língua oficial e majoritária e línguas com um número relativamente baixo de falantes – línguas étnicas, línguas regionais, línguas de imigrantes, etc. Grande parte dessas línguas não possui tradição escrita e muitas ainda sequer foram descritas. Trata-se muitas vezes de populações marginalizadas pertencentes a comunidades linguísticas frequentemente dispersas cujas línguas possuem baixo prestígio social na sociedade mais ampla em que estão inseridas (GRINEVALD; COSTA, 2010).

Em contexto de ameaça à extinção de línguas ou obsolescência linguística, o contato caracteriza-se por um bilinguismo instável e assimétrico, visto que uma das línguas está substituindo gradativamente a outra, num processo caracterizado por uma progressiva incorporação de elementos da língua dominante pela língua dominada. A língua dominada passa por uma severa redução de seus domínios de uso que, associado à interrupção da transmissão intergeracional, tem como resultado transformações e reduções estruturais (DAL NEGRO, 2004).

É preciso esclarecer o que se entende como ameaça de extinção¹⁶ ou obsolescência de línguas – nesta tese optaremos pelos termos ameaça de extinção ou obsolescência linguística, destacando o caráter sociocultural do fenômeno observado, que é o de desuso da língua. Conforme Dal Negro (2004, p.48), obsolescência linguística diz respeito a todos os tipos de redução e perda na competência ou no uso de uma língua. Dada a amplitude de tal definição, a autora focaliza um aspecto singular do fenômeno de obsolescência, o qual descreve satisfatoriamente a conjuntura de nosso objeto de estudo, a língua francoprovençal: o estágio final de uma língua que sofreu um processo progressivo de decadência estrutural ao longo de gerações em uma comunidade onde a língua foi falada como língua nativa. Trata-se assim de uma língua que foi deixando de ser falada, que foi substituída por uma outra língua que se sobrepôs e se tornou língua dominante. O contato linguístico apresenta-se assim, como afirma Thomason (2015), como uma pré-condição para o desaparecimento da língua.

O caso do francês em relação às línguas regionais na França, assim como o do espanhol na constituição da Espanha, do inglês na Inglaterra, posteriormente, do inglês, português e espanhol nas Américas, são apenas alguns exemplos que podemos citar onde o

¹⁶ A bibliografia sobre línguas ameaçadas adota diferentes termos para descrever o fenômeno: ameaça de extinção, obsolescência, morte de língua, etc. Os termos que traduzem metáforas com fenômenos biológicos podem, no entanto, levar a uma falsa interpretação do fenômeno, que é essencialmente condicionado por fatores sociais. No entanto, o uso desses termos ainda é dominante e buscam provocar uma maior sensibilização nas pessoas, sobretudo nos órgãos governamentais, para a situação dessas línguas e a urgente necessidade em se desenvolver projetos de revitalização linguística.

processo de dominação política, social e cultural e a conquista de territórios por um grupo significou também a sobreposição de uma língua ou variante linguística sobre as demais, as quais foram caindo em desuso, deixando de ser transmitidas às novas gerações, culminando numa situação de obsolescência ou ameaça. Na Espanha, temos dois exemplos de línguas que resistem a esse processo de assimilação, o galego e o catalão – cada qual enfrentando um contexto sociocultural e político específico –, no entanto, muitas outras línguas faladas na antiga Ibéria, tiveram o mesmo fim daquelas faladas na França: o desuso, o isolamento e o esquecimento.

Thomason (2015) comenta a situação das línguas indígenas nos Estados Unidos, no Canadá e na Austrália e enfatiza o papel de fatores sociais, econômicos e políticos no processo de obsolescência de línguas, afirmando ainda que “nenhuma língua morre por razões linguísticas; a morte de uma língua é sempre causada por fatores sociais no sentido mais amplo”¹⁷ (THOMASON, 2015, p. 44). O prestígio da língua dos invasores, assim como a necessidade de inserção e ascensão social atuam fortemente no abandono das línguas nativas e na assimilação à cultura dominante, na medida em que favorecem uma atitude negativa do falante em relação à própria língua, o que se mostrou um fator decisivo na ruptura da transmissão da mesma às novas gerações.

Segundo Dal Negro (2004), a literatura sobre contato linguístico diverge em relação ao enquadramento do tema da obsolescência linguística. Alguns autores assumem que os mecanismos de mudança linguística encontrados em casos de obsolescência linguística são os mesmos estudados em linguística histórica, a única diferença seria a velocidade das mudanças. Seguindo essa vertente, McMahon (1994) define e caracteriza o fenômeno de extinção de língua como um processo gradual de decadência e obsolescência de uma língua, que envolve essencialmente mudanças linguísticas semelhantes às observadas em casos de línguas não ameaçadas, mas são motivadas por razões sociolinguísticas particulares. A autora afirma que nos casos de “morte” de língua, as mudanças ocorrem mais rápido e estratégias de marcação morfológica são frequentemente perdidas e não substituídas, gerando lacunas na língua, pontos de entrada para a língua dominante.

Do ponto de vista sociolinguístico, ocorre, em geral, uma transferência de fidelidade de uma parte da população da língua nativa para uma língua introduzida, na qual os falantes se tornaram bilíngues. Esta nova língua é frequentemente falada nativamente por falantes com maior poder econômico/político, maior prestígio e muitas vezes mais numerosos. A língua

¹⁷ Tradução nossa. Do original: “No language dies for linguistic reasons; language death is always caused by social factors in the broadest sense” (THOMASON, 2015, p. 44).

nova está frequentemente associada a novas tecnologias e a uma cultura que se apresenta como mais desenvolvida. Essa língua é então associada à riqueza e ao progresso, o que faz com que os falantes abandonem gradativamente a língua nativa, que passa a ser usada em contextos cada vez mais reduzidos, até ser totalmente substituída pela língua introduzida (MCMAHON, 1994).

Em algumas situações – sobretudo quando as línguas em contato são relacionadas como uma língua crioula e seu superestrato ou um dialeto e a variedade padrão –, a língua com menos prestígio toma de empréstimo grande quantidade de palavras e construções da língua dominante de forma que as duas se tornam gradualmente indistinguíveis (MCMAHON, 1994). Isso pode ser observado em algumas variantes do francoprovençal e nos falares pertencentes ao domínio *oïl* na França, dada a proximidade entre essas línguas e a língua francesa.

Em outros casos, a língua minoritária perde gradualmente seus contextos de uso e deixa de ser transmitida às novas gerações tornando-se obsoleta. Estabelece-se um *continuum* de proficiência que distingue membros fluentes, em geral os mais velhos que aprenderam a língua na infância, e membros menos fluentes, os mais jovens, que foram pouco expostos à língua e encontram poucas ocasiões onde utilizá-la. A cada geração as palavras e estruturas linguísticas vão caindo em desuso (MCMAHON, 1994). Pode-se dizer que essa situação corresponde ao que ocorreu com grande parte das línguas minoritárias faladas na França.

Autores como Myers-Scotton (1998, 2002, apud DAL NEGRO, 2004), concebem as línguas obsoletas como um caso especial de contato assimétrico que tem como resultado a progressiva incorporação de estruturas e léxico da língua dominante pela língua dominada. A autora rejeita os conceitos de marcação e simplicidade como construtos explicativos e questiona se a perda seria o único resultado do desgaste linguístico, incorporando os conceitos de convergência, incorporação, adaptação e *code-switching* (DAL NEGRO, 2004). Disso decorre que o falante bilíngue transita entre os dois ou mais sistemas linguísticos preenchendo as possíveis lacunas. A língua dominada se transforma mas também transforma e adapta os elementos que toma da língua dominante, deixando suas marcas nesta última, que não sai incólume dos efeitos do contato.

A última vertente discutida por Dal Negro (2004) toma a obsolescência como um fenômeno independente, caracterizado por mudanças internas peculiares, provocadas sobretudo pela severa diminuição de uso da língua e pela interrupção da transmissão. É preciso dar a devida importância à língua dominante de contato como fonte de transferência estrutural e lexical, e dimensionar o papel combinado dos fatores internos e externos. A língua

em desuso perde ao mesmo tempo falantes e função social na comunicação. Postulando-se que há uma forte correlação entre forma e função chega-se à seguinte hipótese formulada por Dorian (1977, p. 24): “o uso reduzido de uma língua levará também a uma forma reduzida da língua”¹⁸.

Emerge dessa discussão teórica o papel decisivo dos fatores extralinguísticos no encaminhamento das mudanças que levam ao desaparecimento de uma língua. É o comportamento dos falantes, condicionado pelas relações sociais da comunidade em que estão inseridos, que determina a extensão, a direção e a natureza dos efeitos linguísticos do contato com uma língua dominante. Tomar exclusivamente a estrutura das línguas envolvidas no contato, que podem ou não compartilhar traços fonético-fonológicos, padrões sintáticos, morfológicos ou características semânticas, como chave de explicação dos fenômenos, postulando restrições estruturais e buscando generalizações, não é suficiente para explicar os desdobramentos estruturais desencadeados pelo contato (THOMASON; KAUFMAN, 1991).

Com efeito, é necessário considerar ambos os fatores, externos e internos em sua ação conjunta, descrevendo e analisando resultados linguísticos de situações de contato de línguas em correlação com determinados fatores sociais. Thomason e Kaufman (1991) analisam os resultados do contato de línguas levando em conta a intensidade do contato, os tipos de empréstimo e as pressões culturais envolvidas. O aumento da intensidade e do tempo de contato, o aumento de empréstimos de natureza lexical e estrutural associados a pressões culturais por parte do grupo dominante levam à substituição gramatical e o consequente abandono de uma das línguas (THOMASON; KAUFMAN, 1991).

Quando o grupo dominante concentra maior poder político e econômico que os demais e os grupos dominados sofrem estigmatização e são segregados da sociedade mais ampla, o abandono das línguas minoritárias é favorecido, visto que a adoção da língua dominante passa a ser um pré-requisito para a integração e a ascensão social. A mudança pode levar muitas gerações e a língua nativa passa por um vagaroso processo de desgaste, fenômeno observado, por exemplo, por Scheinbein (2006) na comunidade de sefarditas falantes do *hakitia*, variante marroquina do judeu-espanhol, em Belém do Pará. Por outro lado, existem casos em que o grupo pressionado resiste obstinadamente à assimilação e mantém o que pode da língua nativa enquanto toma de empréstimo grandes porções da gramática da língua dominante, como é o caso da comunidade Calon do município de Mambaí (Goiás, Brasil), estudada por Dantas de Melo (2005).

¹⁸ Tradução nossa. Do original: “the reduced use of a language will lead also to a reduced form of that language” (DORIAN, 1977, p. 24).

Em contextos em que não há legislação que proteja e estimule o uso de línguas minoritárias – como foi durante muito tempo o caso da França em relação às línguas regionais, com avanços recentes no nível regional¹⁹ – essas línguas tendem a se restringirem, primeiramente, a regiões menos urbanizadas e mais afastadas, a situações como festas típicas, colheitas, rituais religiosos, e a expressões linguísticas com função expressiva como xingamentos, provérbios, ditos, maldições/bençãos, entre outras (ver SCHEINBEIN, 2006 e COHEN, 2002). A língua passa, portanto, por um processo de estratificação social que caminha em direção à verticalização do dialeto, processo frequente no percurso histórico de línguas minoritárias e em extinção, que consiste no fato de uma língua ou seus vestígios estarem presentes em contextos sociais específicos (COHEN, 2003). A variação vertical se sobrepõe à variação horizontal ou espacial, que se torna um critério insuficiente para descrever e analisar essas línguas.

2.3 Consequências estruturais da extinção linguística

Com relação às consequências estruturais observadas em línguas em situação de ameaça, Dorian (1989) afirma que muitas vezes esses fenômenos foram deixados de lado, considerados corrupções, desvios ou erros de falantes imperfeitos. No entanto, segundo a autora, tais “erros” podem indicar uma ativa e inovadora capacidade de processamento da linguagem. A autora afirma que os fenômenos observados em contextos de obsolescência linguística são estruturados e portanto passíveis de análise científica e de interesse para a teoria linguística. No entanto, o fato de os diversos estudos na área utilizarem metodologias e perspectivas diferentes, assim como uma terminologia especial, dificulta enormemente a comparação entre essas pesquisas e a tipificação dos fenômenos. Tendo essa limitação em mente, discutiremos alguns trabalhos que analisaram fenômenos estruturais em línguas em desaparecimento, a partir dos quais buscaremos extrair uma tipologia de fenômenos que nos guiará na análise dos dados desta pesquisa.

Campbell e Muntzel (1989) afirmam que o processo de desaparecimento de uma língua apresenta desenvolvimentos estruturais característicos. Os autores trabalham com um *continuum* de proficiência e observam que, por exemplo, quando falantes de uma língua ficam

¹⁹ Vale lembrar que, enquanto os países Europa ocidental adotaram medidas de proteção de sua diversidade linguística a partir das décadas de 1970 e 1980, só em 1999 a França assina a *Charte pour les Langues Régionales ou Minoritaires*, mas sem jamais ratificá-la em sua legislação (BERT; COSTA, 2009, p.7).

muito tempo sem usá-la ativamente, a fonologia continua intacta, com alguns desvios do modelo nativo, mas muito do léxico é esquecido, ficando retidos os itens mais frequentes e salientes do vocabulário. A gramática também tende a se preservar, mas as produções são caracterizadas por construções e frases mais simples, com pouco acesso a variantes estilísticas ou pragmáticas e a sentenças complexas.

Os autores trabalham com algumas hipóteses acerca do fenômeno de desaparecimento de um língua e das mudanças esperadas, aplicadas sobretudo para fenômenos fonético-fonológicos: perda de distinções fonológicas e preservação daquelas que são comuns às duas línguas em contato; distinções com alta carga funcional (em termos fonológicos e/ou morfológicos) tendem a sobreviver por mais tempo; tendência de substituição das formas “marcadas” por formas “não marcadas” – para os autores, a forma marcada é a menos “natural”, de difícil pronúncia ou exótica –; desenvolvimento da variabilidade – uma regra obrigatória pode se tornar opcional, deixar de ser aplicada ou ser substituída –; desenvolvimento de irregularidades decorrentes de supergeneralizações (*overgeneralizations*) ou de subgeneralizações (*undergeneralizations*) de regras. Campbell e Muntzel (1989) afirmam também que reduções de marcas e categorias morfológicas também são observadas na fala de semi-falantes que também tendem a usar um número menor de dispositivos sintáticos do que os falantes competentes.

Mougeon e Beniak (1989) fazem algumas considerações interessantes acerca de seu estudo do processo de contração (*contraction*) do francês falado na cidade de Welland, em Ontario (Canadá), onde o inglês é língua dominante. Os autores afirmam que as simplificações e as reduções estilísticas são os dois principais tipos de mudança interna observados em casos de línguas em processo de restrição de uso. No entanto, embora o esperado fosse o gradativo confinamento da língua minoritária a situações mais informais, no caso do francês de Welland, os autores observaram o contrário. Com o aumento gradual dos casamentos exogâmicos (entre francófonos e anglófonos), o francês foi perdendo espaço nos ambientes familiares, ficando restrito basicamente ao ambiente das escolas bilíngues, onde ele ainda é ensinado. Este fato contribuiu para que se preservasse uma versão mais formal da língua, contrariamente ao que ocorre com línguas que sobrevivem em ambiente familiar.

Campbell (1994) (*apud* Dal Negro, 2004), por sua vez, destaca os seguintes fenômenos em contextos de obsolescência linguística: estruturas marcadas dão lugar a estruturas não marcadas; oposições gramaticais são niveladas e regras são simplificadas ou desaparecem completamente; nivelamentos nos e entre paradigmas aumentam; estruturas analíticas substituem formas sintéticas; reduções funcionais levam a uma contração estilística

e à redução de estruturas sintáticas elaboradas; variações alomórficas são simplificadas, embora possa-se observar também o aumento da variação aparentemente não-motivada. Dal Negro (2004) acrescenta ainda o ganho de novas regras importadas da língua de contato e a influência positiva de estruturas paralelas da língua dominante sobre o sistema em decadência.

Os fenômenos linguísticos observados em situações de obsolescência linguística podem seguir outros direcionamentos, não necessariamente marcados por perdas ou reduções. Um exemplo são casos de gramaticalização apresentados por Dal Negro (2004): o desenvolvimento de uma nova categoria verbal na língua tariana (língua amazônica) através da gramaticalização de verbos seriais via cliticização, tornando o sistema verbal mais complexo (AIKHENVALD, 1999 *apud* DAL NEGRO, 2004); a gramaticalização de sujeitos clíticos como partículas afirmativas (*agreement markers*) em verbos de num dialeto alemão no norte da Itália, aumentando a complexidade morfológica do verbo e das categorias gramaticais marcadas nele, como por exemplo o caso de verbos que apresentam marcação de gênero na terceira pessoa do singular (DAL NEGRO, 2004, p. 51).

Thomason (2015) descreve os fenômenos de perda sofridos por línguas em situação de ameaça a partir do conceito de desgaste (*attrition*), definido como a perda de vocabulário e estrutura sem nenhuma adição compensatória na forma de empréstimos ou novas criações. Esses fenômenos são comumente observados entre semi-falantes da língua, definidos pela autora como alguém que não fala a língua com total fluência, ou seja, com total domínio da estrutura tradicional da língua, por nunca a terem aprendido por completo. Os semi-falantes são, em geral, filhos dos últimos falantes fluentes da língua e são, eles mesmos, os últimos falantes da língua obsoleta, visto que não a estão transmitindo aos seus próprios filhos (THOMASON, 2015). Segundo Thomason (2015), a fala dos semi-falantes é caracterizada por hesitações, dificuldades de fornecer traduções de frases simples, de realizar uma narração coerente na língua, lacunas no vocabulário, simplificações gramaticais com tendência à eliminação de irregularidades, etc.

Os semi-falantes também são descritos como “falantes imperfeitos” (DAL NEGRO, 2004) por terem adquirido a língua de forma incompleta seja devido à ruptura precoce do processo de aquisição ou ao caráter casual e descontínuo desse processo resultante da ruptura da transmissão. Enquanto os falantes nativos fluentes vivenciam a perda da língua ao longo do tempo, na medida em que deixam de usá-la e tornam-se falantes “enferrujados”, os semi-falantes, por terem tido uma aquisição fragmentária, acabam por recriar a língua, tendo como fonte de transferências sua língua materna.

Quando há revitalização linguística, e a língua passa a ser aprendida como segunda língua, vemos o surgimento de uma nova categoria de falante, os chamados novos falantes, em geral semi-falantes que passam a estudar a língua, e que também contribuirão com essa nova versão da língua que surge, fortemente marcada pelo contato com a língua materna desses falantes (ver discussão sobre novos falantes nas seções 2.4.5 do capítulo 2 e 3.8 do capítulo 3). Observa-se nesses casos, mais frequentemente, fenômenos de mudança induzida pelo contato com a língua dominante, primeira língua desses falantes. Dentre tais fenômenos, destacamos o decalque, os empréstimos, as adaptações, alinhamentos e outros processos analógicos, assim como fenômenos de alternância de código (*code-switching*), de convergência ou transferência.

O decalque ocorre quando, numa situação de contato entre duas línguas, uma palavra ou expressão da língua doadora é traduzida *mot-à-mot* (palavra por palavra) para a língua receptora, como uma forma de evitar o empréstimo (VIARO, 2011). O empréstimo, por sua vez, pode ser definido como a integração de uma unidade ou traço linguístico de uma língua B numa determinada língua A, traço este inexistente na língua A e que é incorporado em decorrência do contato entre as duas línguas. A integração do item à língua importadora pode ser mais ou menos completa, apresentando diferentes graus de adaptações fonéticas e morfológicas (DUBOIS *et al.*, 2006). A amplitude desse conceito demanda algumas precisões e delimitações em relação aos conceitos de *code-switching*, transferência e convergência.

Matras (2009) enfatiza o caráter estruturado do empréstimo que ocorre, em geral, enquanto um processo diacrônico, decorrente do contato histórico entre línguas. O elemento tomado de empréstimo se integra à língua receptora e é difundido pela comunidade. O *code-switching* ou alternância de códigos, por outro lado, ocorre no nível individual e da fala, no momento da conversação. A alternância de código ocorre sempre em falantes bilíngues, enquanto o empréstimo é atestado em falantes monolíngues da língua importadora (MATRAS, 2009). Matras (2009) define o fenômeno de alternância de códigos mostrando tratar-se de um fenômeno sistemático que pode cumprir diferentes funções numa conversação, como a de precisar o sentido de uma palavra ou expressão, funções estilísticas, expressividade, funções sociais, identitárias e muitas outras.

Essa primeira distinção entre empréstimo e *code-switching* proposta por Matras (2009) torna-se problemática quando observam-se casos de inserções relativamente intergradadas de itens numa determinada língua, não necessariamente resultante de um contato diacrônico prolongado. O empréstimo, por sua vez, sobretudo em estágio inicial, pode apresentar pouca

integração e ainda não estar amplamente difundido na comunidade. O autor propõe assim a ideia de um *continuum code switching*-empréstimo, que leva em conta o grau de bilinguismo (falante bilíngue X monolíngue), o grau de composição do item (frase, sentença X único item lexical), a funcionalidade (uso estilístico X padrão), a especificidade do referente (lexical X para-lexical), a operacionalidade (vocabulário essencial X operações gramaticais), a regularidade do processo (ocorrência única X regular) e integração estrutural (não integrado X integrado) – a característica da esquerda refere-se ao *code-switching* e a da direita ao empréstimo.

Matras (2009) admite ainda a ocorrência de *code-switching* em aprendizes de L2 como uma forma de compensar lacunas lexicais no idioma de destino, o que pode ocorrer inclusive com relativo esforço de integração do item com objetivos pragmáticos.

Aos conceitos de empréstimo e *code-switching* se adicionam – e as vezes se confundem – os conceitos de transferência e convergência. Clyne (1991) define transferência como o processo de trazer qualquer item, traço ou regra de uma língua para outra. A convergência, por sua vez, é entendida como a criação de uma nova forma na língua sob influência de outra língua, tornando as línguas mais próximas uma da outra (CLYNE, 2003 *apud* MEYERS-SCOTTON, 2006). A ideia de transferência descrita por Clyne parece querer explicar ocorrências isoladas de palavras, como uma forma de contornar a problemática de distinguir empréstimo de *code-switching*. Meyers-Scotton, por sua vez, parece englobar no conceito de *code-switching* o que Clyne chama de transferência, e delimita o conceito de convergência como um processo abstrato que afeta traços abstratos da estrutura linguística e não elementos da superfície, como inserções lexicais. A convergência ocorre, por exemplo, em casos de mudanças na ordem das palavras motivada pelo contato, afetando a estrutura profunda da língua (MEYERS-SCOTTON, 2006).

Em nosso estudo, o fato de a língua estar em processo de desaparecimento, e grande parte dos entrevistados serem semi-falantes, a entrada de elementos da língua dominante pode ocorrer por lacunas decorrentes de uma aquisição fragmentária da língua, tal como observado por Matras (2009) em aprendizes de L2 e classificados como um tipo de *code-switching*. Nesses casos, a ideia de transferência nos parece mais adequada, enquanto uma inserção pontual e isolada de uma palavra da língua dominante – que no nosso caso é a primeira língua desses falantes – na língua dominada. O fato de o francoprovençal e o francês serem línguas irmãs, tipologicamente próximas, parece, de um lado, facilitar os fenômenos de trocas entre as línguas, mas de outro, dificulta a identificação de fenômenos mais profundos, como casos de convergência tal como definido por Meyers-Scotton (2006), dada a coincidência nas duas

línguas de muitos dos traços abstratos da estrutura linguística, como as características sintáticas, por exemplo.

Os casos discutidos anteriormente mostram que é possível extrair generalizações acerca das consequências estruturais do desaparecimento de uma língua. O caso do francês de Welland mostra como os fatores extralinguísticos estão profundamente imbricados e são indispensáveis para a compreensão dos resultados propriamente linguísticos. Desta forma, é importante estabelecer também generalizações acerca das motivações externas para os fenômenos de perda ou de manutenção linguística, tal como proposto por Cohen (2009), em sua matriz retenção-mudança, que discutiremos a seguir.

Cohen analisou o caso do francoprovençal (2002), do judeu-espanhol (2003, 2005, 2008 e 2009), língua de base hispânica em intenso contato com diferentes línguas nos territórios onde seus falantes chegaram após as diversas diásporas, e a língua dos ciganos calons (2003 e 2019). Não tendo caráter oficial em nenhum Estado nacional, faladas por grupos minoritários, minorizadas pelos próprios falantes e em constante convivência e concorrência com outras línguas, o judeu-espanhol, o francoprovençal, as línguas ciganas e muitas outras encontram-se em uma situação potencialmente mais propensa ao abandono, à obsolescência e à substituição linguística e, em decorrência disso, à fenômenos de mudança e de desgaste estrutural provocados pelo desuso.

Cohen (2009) propõe uma matriz que sistematiza os fatores condicionantes dos fenômenos de retenção ou mudança nos contextos de desaparecimento de línguas associando fatores internos, estruturais, e externos, socioculturais e psicossociais. Essa matriz foi elaborada a partir do estudo do processo de extinção do francoprovençal e do judeu-espanhol (incluindo os resultados das pesquisas de Scheinbein, 2006) e sobre fenômenos históricos de mudança no português brasileiro (incluindo resultados da pesquisa de Penna, 1998). A autora defende a ideia de que os processos de mudança em contextos de extinção são análogos ao que ocorre na evolução histórica das línguas ou em outras situações de contato, chegando à formulação da seguinte hipótese: “o que resiste à mudança acaba por resistir à extinção” (COHEN, 2009, p. 60).

A matriz apresenta generalizações sobre casos de retenção e mudança, distinguindo os fatores internos e externos que favorecem a mudança induzida pelo contato com uma língua dominante que se sobrepõe e pelo desuso – que se manifesta na perda de elementos, estruturas ou traços distintivos – e os que favorecem a retenção, a resistência à mudança e ao desaparecimento, mesmo em situações avançadas de obsolescência. Reproduzimos a seguir a matriz retenção-mudança (adaptado de COHEN, 2009):

Quadro 1: Matriz retenção-mudança (adaptado de COHEN, 2009)

RETENÇÃO	MUDANÇA
FATORES INTERNOS	FATORES INTERNOS
GÊNERO: MASCULINO	GÊNERO: OUTROS
NÚMERO: PLURAL	NÚMERO: OUTROS
TRAÇO ACUSATIVO	OUTROS CASOS
MODO IMPERATIVO	OUTROS MODOS
TONICIDADE	ÁTONO
VOGAIS POSTERIORES	VOGAIS ANTERIORES
NOMES PRÓPRIOS	NOMES COMUNS
REFERÊNCIA EXO-ENDOFÓRICA	REFERÊNCIA ENDOFÓRICA
ESTRUTURAÇÃO RÍGIDA (NOMINALIZAÇÕES, ESTRUTURAS BIMEMBRES)	-----
FATORES EXTERNOS	FATORES EXTERNOS
FUNÇÃO EMOTIVO-REPRESENTATIVA (PROVÉRBIOS)	FUNÇÃO REPRESENTATIVA
RURAL/ISOLADO /REDE SOCIAL FORTE	URBANO/REDE SOCIAL FRACA
RESISTÊNCIA À EXTINÇÃO	MUDANÇA

A coluna da esquerda mostra os fatores internos (estruturais) e externos (extralinguísticos) que tendem a resistir à mudança induzida pelo contato com a língua dominante e aos efeitos do desuso, e a coluna da direita os elementos que tendem a se alterar, sofrendo mais acentuadamente os efeitos do contato. O trabalho de Cohen (2002) sobre os artigos definidos no francoprovençal mostra que o artigo masculino [lu] é o que resistirá mais tempo por ser uma forma procedente do acusativo latino, apresentar a vogal posterior [u] e ser uma forma tônica. O plural também tenderia a se manter por carregar mais informações gramaticais do que as formas do singular.

Penna (1998) estudou a retenção do pronome *ele* acusativo no português brasileiro. Segundo a autora, o *ele* acusativo, fenômeno antigo na língua e não uma inovação do português brasileiro, teria permanecido nessa variedade do português e expandido seus usos devido à sua origem demonstrativa, a sua proximidade com os substantivos, e a sua forma invariável quanto às flexões de caso, o que possibilitou a expansão de seus usos em todas as funções sintáticas na passagem do latim para as línguas românicas. Além disso, o *ele* acusativo apresenta uma dupla capacidade referencial: exofórica e endofórica, daí sua capacidade de se referir tanto à situação (dêixis) quanto ao texto (anáfora e catáfora). Todas essas características tornam o pronome *ele* acusativo uma forma com carga funcional mais “pesada”, guardando mais informações do que os outros pronomes, o que o torna um forte candidato a resistir a processos de mudança.

O trabalho de Scheinbein (2006) sobre o *hakitia* em Belém do Pará mostra que o modo imperativo e as construções com estruturação rígida tendem a se manter, como ficou

claro na análise da conservação de ditos, provérbios e refrões, nessa variedade do judeu-espanhol em avançado grau de desaparecimento na comunidade estudada.

Com relação aos fatores externos, o estudo de Scheinbein (2006) apontou a função emotivo-representativa, manifesta nos xingamentos, bênçãos, maldições e eufemismos, como favorecedora da retenção. Cohen (2009) esclarece que os elementos rural, isolado e rede social forte atuam cumulativamente, associados à função duplamente emotiva e representativa, tornando as formas linguísticas altamente funcionais do ponto de vista externo (extralinguístico). As formas com forte carga funcional do ponto de vista interno e externo tenderiam a resistir a processos de mudança (COHEN, 2009).

A noção de rede social se mostrou uma categoria interpretativa enriquecedora em estudos sociolinguísticos. Segundo Milroy (1992), a análise da rede social parte do pressuposto bastante razoável de que todo indivíduo estabelece relações sociais com outros indivíduos e independe da determinação de grupos sociais predefinidos, muitas vezes controversos. Mapeando a rede social do indivíduo também temos acesso aos grupos aos quais o falante pertence e podemos determinar a qualidade desses vínculos: se são vínculos fortes – ligam indivíduos de um mesmo grupo que também se relacionam em outros grupos – ou fracos – ligam indivíduos de grupos diferentes. Laços fortes reforçariam a norma consensual de determinada comunidade de fala, favorecendo a manutenção, enquanto laços fracos seriam mais propensos a mudanças, a interferências externas, atuando também na difusão das inovações. No estudo de línguas em desaparecimento, a noção de rede social pode nos auxiliar na caracterização da comunidade de fala e na interpretação do comportamento dos falantes: visão positiva X negativa da língua, preservação X abandono, uso X não uso, situações de uso, entre outros. Esse tema será retomado na seção 3.6 do capítulo 3.

A matriz de Cohen (2009) será retomada ao final da análise dos dados desta pesquisa numa tentativa de sistematizar os fatores atuantes nos fenômenos por nós descritos e analisados no estudo do desaparecimento do francoprovençal na comunidade de Saint-Étienne-du-Bois, França.

2.4 Metodologia de campo

Nesta seção descrevemos a preparação e execução do trabalho de campo e da realização das entrevistas no vilarejo de Saint-Étienne-du-Bois, departamento de Ain, na França, e discutimos os desafios teórico-metodológicos enfrentados.

2.4.1 Trabalho de campo e coleta de dados em contexto de extinção linguística

O tipo de pesquisa por nós empreendido demandava a realização de trabalho de campo e coleta de dados linguísticos e sociolinguísticos junto a uma comunidade ou grupo de falantes da língua estudada. Tratando-se de línguas em vias de extinção, algumas questões e obstáculos específicos devem ser levados em conta na seleção da comunidade a ser estudada. Primeiramente deve-se ter uma noção preliminar do grau de preservação da língua na comunidade. Em alguns casos, o avançado grau de desuso da língua pode inviabilizar a pesquisa, assim como o baixo número de falantes capazes de participar ativamente da pesquisa. Pode ocorrer, por exemplo, de os falantes serem muito idosos e não terem condições físicas e psicológicas de participar de entrevistas, gravações, etc. É preciso sondar previamente se existem falantes mais competentes na língua, ao lado de falantes menos competentes, semi-falantes, falantes passivos ou novos falantes (a tipologia dos falantes será apresentada no capítulo 3, onde discutiremos o perfil sociolinguístico do falante). A diversidade de tipos de falantes é importante para que se possa comparar diferentes versões da língua e suas evoluções.

Questões de ordem sociopolítica também devem ser observadas: a existência de conflitos políticos e sociais podem inviabilizar a realização da pesquisa. É importante que haja pessoas interessadas na preservação da língua e que queiram colaborar com a pesquisa. Em alguns casos de ameaça de línguas, as pessoas podem sofrer perseguição social e política por falar a língua. Em outros contextos, o preconceito associado à língua pode ser tão grande que os falantes não têm motivação para falá-la ou falar sobre ela.

Outro fator importante é a localização da comunidade e a viabilidade de realização da pesquisa de acordo com os meios e financiamentos disponíveis. Embora frequentemente as comunidades mais isoladas sejam as menos estudadas e potencialmente interessantes para a análise linguística, o êxito da realização do trabalho de campo é bastante afetado por questões de ordem prática e orçamentária: como chegar ao local, quantas vezes e quanto tempo é possível ficar na região, como localizar e contatar as pessoas que participarão das entrevistas, onde e com quais equipamentos realizar as entrevistas, entre outros.

No nosso caso, o de uma pesquisadora brasileira estudando uma língua regional na França, muitos obstáculos tiveram de ser superados para a realização do trabalho de campo e da coleta de dados da oralidade. A possibilidade de realização do Estágio Doutorado Sanduíche com financiamento da Capes encorajou o desenvolvimento do projeto que deu

origem a esta tese, no entanto, devido a questões políticas que afetaram o Brasil nos anos de 2015 e 2016, não obtivemos o financiamento internacional da Capes e minha ida para Lyon só foi possível pois fui acompanhando meu esposo que também estava em Estágio Sanduíche na França, sendo que grande parte dos custos foi pago com recursos pessoais.

Vencido o primeiro obstáculo, pude passar uma temporada de 9 meses, de setembro de 2015 a maio de 2016, em Lyon, onde fui acolhida no *Institut Pierre Gardette* por Claudine Fréchet e Jean-Baptiste Martin, pesquisadores do francoprovençal, que orientaram minha estadia em Lyon e tornaram possível meu trabalho com falantes dessa língua na pequena cidade de Saint-Étienne-du-Bois.

Embora as línguas regionais tenham sido expressamente sufocadas em território francês, atualmente, na comunidade estudada, não se sente nenhum clima de perseguição ou de repressão aos seus falantes. Ficou bem clara, entretanto, a preponderância do francês, língua nacional, língua materna dessas pessoas, que possui um valor muito grande no contexto da sociedade mais ampla. Não se sente em momento algum que o francoprovençal concorre com o francês. No âmbito local, do *pays*, a língua regional aparece como uma marca de identidade, algo que individualiza o vilarejo e seus habitantes que falam determinada variante da língua, que por sua vez se distingue da do vilarejo vizinho. As pequenas diferenças se sobressaem mais do que as semelhanças na percepção dos falantes. Quando encontramos pessoas de cidades diferentes é comum ouvi-los dizer: “aqui nós falamos assim”, “mas lá eles falam diferente” (ver seção 1.4 do capítulo 1).

Na realidade, observamos que o francoprovençal ocupa um lugar bastante delimitado, não como uma língua da comunicação mas como patrimônio da cultura local tradicional, não sendo mais uma ameaça ao francês. Tendo sido objeto de recentes projetos de recuperação e manutenção com financiamento regional, as pessoas se sentem bastante à vontade para falar da língua, mas não necessariamente falam a língua, a qual perdeu sensivelmente seus domínios de uso nas últimas décadas. Os mais motivados, em geral, atuam junto a associações e se engajam efetivamente nas atividades de recuperação e vivência da língua. Desta forma, tive uma excelente acolhida por parte desses agentes sociais e dos falantes que encontrei em Saint-Étienne-du-Bois, que se prontificaram de imediato a colaborar com a pesquisa.

2.4.2 Observação participante

Para a realização da presente pesquisa, como já comentamos na seção 2.1, optou-se por uma abordagem sociolinguística e etno-sociolinguística, que considera a língua como um fato social. Estudar uma língua é estudar a comunidade que a fala, seus falantes, seres inseridos em um determinado contexto sociocultural que determina de diversas maneiras suas práticas linguísticas. Neste ponto, nossa pesquisa se aproxima de pesquisas antropológicas e etnográficas, áreas com grande prática de pesquisa empírica fundada no método da observação participante. Tal prática foi adotada por linguistas, sobretudo sociolinguistas, como o próprio Labov em sua pesquisa sobre o inglês falado por adolescentes negros no Harlem, e tem sido de grande valia para o estudo da linguagem humana.

Segundo Amaro-Péguy (2014, p. 69), “o trabalho de campo consiste em deslocar-se até os lugares de vivência da comunidade linguística que se pretende estudar e a compartilhar seu cotidiano”²⁰, ou seja, o pesquisador deve introduzir-se nessa sociedade e dela fazer parte em algum nível, mesmo que limitado e temporário, e assim poder observar o comportamento de seus membros fora dos contextos formais de realização de entrevistas. O pesquisador, portanto, integra o grupo e participa de suas atividades, e assim pode ocupar uma posição privilegiada na observação dos fenômenos.

Esse tipo de observação fornece informações gerais sobre a comunidade em termos socioculturais, possibilitando ao pesquisador enquadrar sua pesquisa dentro de um universo maior, o da comunidade linguística. O “diário de campo” torna-se então um importante documento capaz de mostrar as nuances das práticas sociais e linguísticas do grupo estudado que serão de grande valia na interpretação dos dados linguísticos e sociolinguísticos coletados em entrevistas que complementarão o trabalho de coleta de dados da pesquisa. Ao longo da realização do trabalho de campo desta pesquisa, dois cadernos foram preenchidos com anotações, observações e reflexões sobre as vivências que pude experimentar junto à comunidade estudada.

Na obra de Philippe Blanchet (2012) encontramos um bom guia metodológico que aborda questões relativas ao trabalho de campo com uma abordagem etno-sociolinguística. Essa obra direcionou o enquadramento metodológico desta pesquisa e forneceu os princípios e passos a serem seguidos. Um deles, a observação participante, é tratado pelo autor como um meio privilegiado de obter dados empíricos mais próximos do real, visto que o pesquisador

²⁰ Tradução nossa. Do original: “Le travail de terrain consiste à se rendre sur les lieux de vie de la communauté linguistique que l’on souhaite étudier, et à partager son quotidien” (AMARO-PEGUY, 2014, p. 69).

frequenta a comunidade estudada e pode observar suas práticas sociais e linguísticas. Nesse sentido, é mais fácil presenciar interações espontâneas *in loco* e até mesmo fazer parte delas, integrando a comunidade e, posteriormente, passar para a realização de entrevistas dirigidas ou semi-dirigidas. Blanchet (2012) chama entrevistas dirigidas e semi-dirigidas toda situação explícita de entrevista, diferentemente da observação participante, quando o pesquisador coleta informações na vivência junto ao grupo estudado. A entrevista semi-dirigida é constituída de questões abertas as quais o entrevistado é livre para responder como quiser, enquanto a entrevista dirigida propõe questões fechadas, com respostas pré-determinadas. Na presente pesquisa, realizou-se essencialmente entrevistas semi-dirigidas e exercícios de tradução, que serão detalhados na seção 2.6 deste capítulo.

A presente pesquisa se deparou, entretanto, com questões ou desafios para a realização da observação participante, que serão detalhados na próxima seção. É preciso levar em conta que, tratando-se do estudo de uma língua regional minoritária em vias de desaparecimento, já há muito substituída pelo francês como língua da vida prática, da comunicação cotidiana em todos as interações sociais, os contextos de uso dessa língua são raros e esporádicos, o que dificultou o estabelecimento de uma observação participante de usos efetivos da língua e de interações entre falantes na língua regional, tornando as entrevistas semi-dirigidas o modo mais eficaz para coletar determinadas informações e os dados propriamente linguísticos.

Essa dificuldade em se presenciar o uso da língua mais do que um obstáculo metodológico, revela a própria situação da língua e de seus falantes objeto deste estudo: são falantes bilíngues, com diferentes graus de competência na língua regional, que têm o francês como língua materna e de uso cotidiano e que só alternam os códigos em situações específicas. O uso do francês nos mostra, assim, o não uso do francoprovençal, a perda de espaço da língua na comunicação e nas interações sociais, o que pude observar nas reuniões do grupo *patoisant* do vilarejo de Saint-Étienne-du-Bois e nos demais contextos em que pude encontrar falantes da língua.

2.4.3 A escolha do campo e suas características

Lyon é a principal cidade do sudeste da França e terceira maior cidade do país, com aproximadamente 500.000 habitantes, 2 milhões na região metropolitana. A cidade abriga importantes centros universitários de excelência, entre eles a *École Normale Supérieure de Lyon*, as *Universités de Lyon* (Lyon 1, 2 e 3) e a *Université Catholique de Lyon*, que abriga o *Institut Pierre Gardette* (IPG), especializado no estudo do francoprovençal, do occitano e do

francês regional. Essas universidades atuam em conjunto no desenvolvimento de importantes projetos na área da linguística, dos quais pode-se destacar trabalhos na área da dialetologia, dos estudos dos topônimos, da elaboração de atlas linguísticos e dos estudos das línguas regionais e do francês regional.

Tratava-se, portanto, de uma cidade estratégica como ponto de partida para estudar o francoprovençal. Evidentemente, embora Lyon esteja dentro do domínio linguístico francoprovençal, seria difícil encontrar falantes da língua nessa cidade, que é uma cidade grande para os padrões europeus, altamente urbanizada e ocupada por pessoas vindas de diversos lugares, dentro e fora da França. Como apontamos anteriormente, há décadas as línguas regionais da França, e sobretudo o francoprovençal, vêm sofrendo restrição de uso, ficando confinadas ao contexto rural, a pequenos vilarejos e comunidades que cultivam a língua como patrimônio local. Seria necessário, portanto, partir para as cidades próximas para localizar os falantes dessa língua e buscar cuidadosamente os contextos onde ela ressurgiu.

Cheguei em Lyon em setembro de 2015 e logo integrei as atividades do IPG. Pude conhecer um pouco do trabalho do Instituto com as línguas regionais e colaborar com as ações em desenvolvimento, dentre elas, o curso de *Formation d'Intervenants en Langue Régionale*, que consistia em formar indivíduos, membros ou funcionários de associações para atuarem na sensibilização e difusão do francoprovençal no departamento Ain, na Região Rhône-Alpes. A formação contou com financiamento da Région Rhône-Alpes (atualmente Auvergne-Rhône-Alpes), e foi coordenada por Claudine Fréchet e Jean-Pierre Gerfaud, presidente da associação Patrimoine des Pays de l'Ain sediada em Bourg-en-Bresse – onde ocorreram os encontros –, com colaboração de Jean-Baptiste Martin e de falantes da língua oriundos de diferentes regiões dentro do departamento. Pude então conhecer membros de associações de diversos vilarejos nas proximidades que atuavam na manutenção e difusão dos falares francoprovençais.

Em um dos encontros da *Formation*, pude conhecer JP²¹, originário de uma cidadezinha bem próxima de Saint-Étienne-du-Bois, que foi quem me introduziu no grupo *patoisant* da cidade, organizou toda a dinâmica de realização das entrevistas, sendo um dos entrevistados, e contribuiu imensamente com a presente pesquisa compartilhando comigo todo o seu conhecimento da língua. As reuniões da *Formation* ocorreram de outubro de 2015 a maio de 2016, uma reunião por mês às sextas-feiras de 9h às 17h. Participei de 7 dos 9 encontros e nessas ocasiões pude encontrar diversas vezes com JP e outros falantes

²¹ O nome de cada participante ou colaborador da pesquisa foi abreviado com o objetivo de garantir sua anonimidade.

(chamados *patoisants*), tanto de Saint-Étienne-du-Bois como de outras cidades do departamento de Ain. Pude então conversar bastante com essas pessoas, ouvi-os falar de sua história, vida pessoal, sua relação com a língua regional, etc. Foram, portanto, interações riquíssimas para compreensão das práticas linguísticas dessas pessoas.

De janeiro a maio de 2016 participei das reuniões mensais do *Groupe Patois* de Saint-Étienne-du-Bois, realizadas no espaço da associação *Maison du Pays en Bresse*, em Saint-Étienne-du-Bois, vilarejo localizado a aproximadamente 85 quilômetros de Lyon e a 10 quilômetros de Bourg-en-Bresse, capital do departamento de Ain, região conhecida tradicionalmente como Bresse. As reuniões aconteciam nas tardes do segundo sábado de cada mês. A escolha desse grupo, em meio a tantos outros existentes – diversas são as associações que se dedicam ao cultivo da língua local – se deu primeiramente por sugestão de Jean-Baptiste Martin, que informou-me tratar-se de um grupo antigo, estável, relativamente numeroso e com participantes bastante competentes na língua. Além disso, interessava-me continuar trabalhando com a variedade bressana da língua, a qual já tinha tido contato no mestrado. Outro fator levado em conta dizia respeito à dimensão prática: Saint-Étienne-du-Bois estava bastante próxima de Bourg-en-Bresse, onde é possível chegar de trem de Lyon. O deslocamento em direção aos vilarejos na França nem sempre são fáceis, embora a rede ferroviária e rodoviária sejam bastante extensas, os custos podem ser elevados e a alguns lugares só se chega de carro.

Minha entrada no grupo se deu por intermédio de JP, semi-falante e entusiasta da língua, personagem bastante engajada na vida comunitária de Saint-Étienne-du-Bois e bastante atuante nas ações ligadas à língua regional. Foi ele quem me apresentou ao grupo e que, posteriormente, mobilizou as pessoas para a realização das entrevistas. Eu apareci então como uma estudante brasileira, vinda do longínquo Novo Mundo para estudar a língua deles. Assumi então a postura de quem quer aprender a língua e fui calorosamente acolhida pelo grupo, que via nisso um aumento no *status* de sua língua, ainda muito desvalorizada no contexto da França. Instalada em Lyon, eu precisava pegar um trem até Bourg-en-Bresse e uma carona até o local da reunião. Jean-Paul ou algum outro membro do grupo gentilmente iam me buscar na estação em Bourg e me levava de volta no final do encontro para eu pegar o trem para Lyon.

O *groupe patois* é formado por aproximadamente 25 pessoas. Nessa ocasião, eles traduzem coletivamente textos do francês para o francoprovençal. No início da reunião, eles discutem alguma questão relacionada à associação, como atividades ligadas ao museu que funciona no local, organização de festas ou outra atividade na comunidade, etc. Em seguida

passam para a tradução. Na sala, que é uma antiga casa de fazenda bressana reconstruída no local, os participantes se organizam em fileiras como em uma sala de aula e uma pessoa, em geral AP, então organizador do grupo, ou, na ausência dele, JP, fica na frente, diante de um painel de papel que todos podem ver, escrevendo a tradução, que é estabelecida em discussão coletiva. O texto traduzido no primeiro encontro de que participei tratava da criação tradicional de galinhas na região. Após a tradução de um trecho, os participantes são convidados a ler em francoprovençal e depois a fazer a tradução inversa – do francoprovençal para o francês, como forma de fixar o sentido do que estão lendo.

No início ou no final da tradução, eles costumam discutir algum tema gramatical da língua, em geral a conjugação de um verbo. O processo de tradução ocorre da seguinte maneira: uma pessoa começa a ler o texto em francês, em geral quem está escrevendo, e começa a traduzir em voz alta e anotar, outras pessoas começam então a intervir, concordando, dando outras sugestões. Os mais velhos são sempre chamados a dar sua opinião, a discutir os pontos duvidosos ou polêmicos. Eles consultam também um glossário desta variante da língua – o único existente.

Um pequeno trecho pode provocar muita polêmica na tradução, sobretudo quando contém palavras modernas, de realidades inexistentes na época em que a língua ainda era falada no dia-a-dia. A solução mais frequente é adaptar ou *patoiser* uma palavra do francês, ou reescrever de forma descritiva, usando palavras mais simples. A discussão gira muito em torno de se tal tradução “soa *patois*”, recorre-se muito à memória e à intuição do mais velhos e ao glossário. No que diz respeito aos verbos e conjugações, as discussões são muitas. Hesita-se muito em algumas pessoas do discurso, como o *vous* (pt. vós) e *nous* (pt. nós). Segundo eles, o *nous* entrou em completo desuso, sendo substituído pelo *on* (pt. a gente). O uso de *vous* também foi reduzido, pois o seu uso em contexto formal ou de polidez é bastante raro. O *tu* também costuma gerar polêmicas e hesitações, indicando a existência de possíveis lacunas no sistema pronominal e verbal, fenômenos importantes para a presente pesquisa.

A um determinado momento interrompe-se a tradução e parte-se para a parte mais festiva, quando eles servem vinho ou espumante, café, e alguma *patisserie*. Nesse momento, as pessoas se levantam, conversam um pouco e em seguida começam a partir.

Para a maior parte dos participantes, essas reuniões são as únicas ocasiões em que eles têm contato com o francoprovençal, em que se pode manter pequenas conversas na língua. De todas as pessoas com quem conversei, nenhuma possui interlocutores próximos – cônjuge, membros da família, vizinhos – que possibilite o uso cotidiano e constante da língua. Observei também que, em momentos quando falantes mais velhos começavam a falar a língua

entre si, a aproximação de algum não falante ou falante menos competente, ocasionava a rápida volta ao francês.

2.4.4 Realização das entrevistas

Um tempo depois de eu estar participando das reuniões em Saint-Étienne-du-Bois, JP começou a mobilizar algumas pessoas para a realização das entrevistas. JS, então presidente da associação *Maison de pays en Bresse* e AP, responsável pelas reuniões do grupo *patois*, foram responsáveis por entrar em contato com as pessoas, agendar dia e horário para o encontro e organizar uma complexa dinâmica para que eu pudesse chegar até eles. Visto que era impossível chegar a Saint-Étienne-du-Bois de transporte público, eu dependia de uma carona da estação de Bourg-en-Bresse até a sede da associação, onde realizei a maior parte das entrevistas. Assim, alguém da associação ou a própria pessoa entrevistada me buscava e levava de volta a Bourg. Dois encontros ocorreram em Bourg, na sede da Associação *Patrimoine de Pays de l'Ain*.

As entrevistas ocorreram entre 8 e 29 de março de 2016. Foram entrevistadas 9 pessoas²². A maior parte das entrevistas teve duração de uma hora e meia a duas horas. Em geral, encontrei duas pessoas por vez. Embora os entrevistados tenham se mostrado bastante disponíveis e colaborativos, as dificuldades de deslocamento inviabilizaram um maior número de encontros. Vale lembrar que a maior parte dos entrevistados são idosos, moradores de cidade pequena, para os quais mesmo um deslocamento de 10km até Bourg seria complicado. Tive oportunidade de ter dois encontros com um dos falantes, um dos mais competentes, o que possibilitou a realização do questionário estendido. As entrevistas foram gravadas com um gravador cedido pelo *Institut Pierre Gardette*, o que possibilitou o registro em boa qualidade.

Foram aplicados dois questionários, o primeiro, que chamamos de Questionário Sociolinguístico, constituiu-se de uma entrevista semi-dirigida aplicada em francês e teve como objetivo coletar informações sobre a trajetória do entrevistado, aquisição da língua, uso, atitude, etc. No segundo questionário, o Questionário Linguístico, foram coletados materiais na língua francoprovençal por meio da tradução de palavras e frases propostas em francês. Discutiremos em detalhes a elaboração e aplicação dos questionários na seção 2.6. As

²²Devido a problemas técnicos, uma das sequências gravadas foi perdida e o material desse entrevistado (JB) teve que ser excluído da análise.

entrevistas foram desenvolvidas em francês, língua de trabalho, e língua comum à pesquisadora e aos entrevistados.

Os entrevistados foram bastante receptivos e colaborativos. É evidente a satisfação deles ao falar sobre a língua, o que geralmente está relacionado a memórias felizes, à infância, tempos vistos com muita nostalgia. No caso dos mais velhos, temos também algumas memórias tristes, relacionadas à guerra, às dificuldades financeiras, ao abandono do campo, à própria perda da língua. Na segunda parte das entrevistas, a parte propriamente linguística, alguns falantes menos competentes se sentiam um pouco frustrados por não saberem responder, não se lembrarem ou não conhecerem algumas palavras.

2.4.5 Seleção dos entrevistados

A seleção dos entrevistados ocorreu por sugestão de Jean-Baptiste Martin, que sondou com JS quem atenderia ao perfil que procurávamos: quanto aos mais competentes não havia dúvida, JC e JT eram dos mais velhos, respectivamente 83 e 84 anos, e considerados bons *patoisants* na comunidade. Precisávamos entrevistar também semi-falantes, pessoas que aprenderam a língua tardiamente, menos competentes. Dos entrevistados, apenas um é mulher, a própria JS, que foi a única disponível. Embora eu tenha conhecido outras mulheres no grupo, poucas atendiam ao perfil buscado – ser originária da cidade ou de proximidades, por exemplo. Esse tipo de dificuldade é característica do estudo de línguas ameaçadas e dificilmente consegue-se controlar de forma balanceada os fatores sociolinguísticos tais como gênero, idade, escolaridade, etc. Os outros entrevistados são homens, entre 63 e 85 anos: AP, JP, AB, AA, MR, JB (material excluído da análise final das entrevistas), totalizando 9 pessoas. O entrevistado mais jovem tem 63 anos e não foi possível encontrar falantes ou semi-falantes mais jovens, o que é mais um indicativo da ruptura da transmissão da língua às novas gerações.

O processo de seleção dos entrevistados e de realização das entrevistas nos colocou diante da problemática de se definir “falante”. Nos estudos de línguas em extinção, em geral, é difícil definir o que seja um falante e determinar qual o nível de conhecimento e o exercício que ele realmente tem da língua. Em muitos casos, trata-se de semi-falantes, ou de pessoas que apenas compreendem a língua, ou que compreendem apenas um conjunto de itens lexicais. Na seção 2.3 apresentamos a definição de semi-falante proposta por Thomason (2015). Dorian (1977) analisa o tema em seu estudo sobre o gaélico, falado na Escócia. Segundo a autora, a identificação desses falantes e de seu real domínio da língua é crucial

para se aferir quão completa e quão intacta é a versão da língua que se recebe dos informantes, em relação ao que se define como sua estrutura tradicional, dominada por falantes que a aprenderam e a utilizavam quando ela ainda era língua de comunicação corrente.

A autora estabelece um contínuo de proficiência da língua distinguindo os falantes mais fluentes dos menos fluentes em gaélico: os primeiros se sentiriam mais à vontade em relação ao gaélico do que ao inglês e os últimos, inversamente, se sentiriam mais a vontade com o inglês do que com o gaélico – esses seriam semi-falantes (*semi-speakers*), que falam um gaélico “imperfeito”, com as marcas deixadas pelo processo de obsolescência. É possível também identificar falantes bilíngues que transitam bem entre as duas línguas, no entanto, é preciso observar que em geral, uma das línguas é hierarquicamente superior à outra, ou seja, uma das línguas possui maior valor social, e a outra pode ser desvalorizada e estigmatizada. No caso do francoprovençal diante do francês, houve grande desvalorização da língua regional e forte estigma associado a seus falantes.

O’Rourke, Pujolar e Ramallo (2015) tratam da noção de novo falante (*new speakers*) de línguas minoritárias e sua importância nos projetos de revitalização. Segundo os autores, novos falantes são indivíduos com pouca ou nenhuma exposição a uma língua minoritária, mas que a adquiriram através de programas de imersão ou educação bilíngue, projetos de revitalização ou enquanto adultos aprendizes da língua. Esses falantes muitas vezes são desvalorizados em relação aos falantes nativos tradicionais, os quais não reconhecem essa nova versão da língua, que é, em geral, resultado de tentativas de padronização e gramatização para letramento e difusão. No entanto, os novos falantes podem constituir um importante grupo sociolinguístico em projetos de revitalização linguística. Essa noção de novo falante é importante para a presente pesquisa visto que nossos entrevistados são, em boa parte, pessoas envolvidas com a valorização e difusão da língua. Em especial os menos competentes, que aprenderam a língua tardiamente, e que são atualmente estudiosos da mesma, o que afeta enormemente as características da versão da língua que eles dominam.

Tais parâmetros orientaram a elaboração dos questionários, o que tornou possível estabelecer um *continuum* de proficiência dos falantes entrevistados de maneira a melhor analisar os dados linguísticos. A análise das entrevistas sociolinguísticas mostraram a grande complexidade no estabelecimento das competências linguísticas e na classificação dos entrevistados, dada a grande variabilidade das formas de aquisição da língua, contato com a língua na infância, uso e atitude diante da língua, entre outros. Esse tema será apresentado e discutido no perfil sociolinguístico do falante, no capítulo 3, onde estabeleceremos uma

tipologia dos falantes, inspirada sobretudo nos trabalhos de Bert (2001 e 2010) e Bert e Costa (2009).

2.5 Constituição do *corpus*

Buscamos mostrar ao longo deste capítulo que o interesse da pesquisa vai além dos materiais propriamente linguísticos gravados nas entrevistas. Numa abordagem qualitativa/etnográfica dos fenômenos sociolinguísticos, admitimos que não há *corpus* objetivamente representativo ou dados objetivos entendidos como “dons espontâneos depositados ao longo do caminho pelos informantes os quais bastaria ‘colher’ ou ‘coletar’” (BLANCHET, 2012, p.57)²³. Trata-se, na terminologia proposta por Blanchet (2012), de um conjunto de elementos observáveis (*assemblage des observables*), importantes mais por sua significação do que por sua representatividade, considerando a realização de um trabalho de campo fundado na observação participante das micro-situações de interação ou comunicação que devem ser interpretadas em profundidade pelo pesquisador levando em conta o sentido que lhe é dado pelos atores sociais envolvidos. Sobre a constituição do *corpus*, Blanchet afirma que:

A questão não é determinar como e no que esse material parcial “reflete o real” mas como e em que ele dá conta de certas construções interpretativas do mundo social para alguns desses atores (incluindo o pesquisador, que é um ator em metaposição) (BLANCHET, 2012, p. 56-57)²⁴.

O “conjunto de elementos observáveis” desta pesquisa compreende, portanto, as anotações dos diários de campo, que englobam as diversas interações que pude fazer parte ao longo do trabalho de campo e que muito revelaram sobre as práticas sociais e linguísticas de membros da comunidade estudada, indivíduos bilíngues com diferentes graus de competência na língua minoritária e que, embora tenham o francês como língua da comunicação cotidiana, ainda cultivam a língua local.

²³ Tradução nossa. Do original: “dons spontanés déposés au bord du chemin par des informateurs qu’il ne resterait plus qu’à ‘cueillir’ ou ‘collecter’” (BLANCHET, 2012, p. 57).

²⁴ Tradução nossa. Do original: “La question n’est pas de déterminer comment et en quoi ce matériel partiel “reflète le réel” mais comment et en quoi il rend compte de certaines constructions interprétatives du monde social par certains de ses acteurs (y compris le chercheur qui en est un acteur en métaposition)” (BLANCHET, 2012, p. 56-57).

Embora as interações na língua francoprovençal sejam raras e esparsas, essa língua se faz presente de outras maneiras, como objeto de estudo e cultivo, como bem cultural e símbolo de identidade do indivíduo e de seu pertencimento à comunidade, conforme o conceito de língua pós-vernacular trabalhado por Pivot (2014), o qual discutiremos na seção 3.7. Além disso, o francoprovençal emerge na fala das pessoas através das palavras e expressões francoprovençais que foram tomadas de empréstimo pelo francês e também no sotaque do francês da região, ou seja, nas características do que conhecemos como francês regional de substrato francoprovençal.

Complementarmente às informações obtidas por meio da observação participante, compõe o *corpus* desta pesquisa o resultado obtido por meio da aplicação do Questionário Sociolinguístico, descrito na subseção 2.6.1, o qual nos forneceu de forma mais pontual informações acerca do perfil sociolinguístico dos diferentes tipos de falante.

Nosso *corpus* ou “conjunto de elementos observáveis” é constituído ainda do material obtido por meio do Questionário Linguístico (descrito detalhadamente no subseção 2.6.2), cujo objetivo foi reunir dados propriamente linguísticos de uma variante do francoprovençal denominada *bressan* do vilarejo de Saint-Étienne-du-Bois. Buscou-se por meio desse material linguístico observar as consequências estruturais do fenômeno de abandono ou desuso pelo qual passa a língua, os efeitos do contato com a língua dominante (o francês) e as estratégias que os falantes menos competentes engajados nas atividades de valorização e difusão da língua utilizam para completar as lacunas de uma aquisição fragmentária e tardia. A interpretação e estudo dos dados obtidos nessas entrevistas levaram em conta os diferentes perfis dos falantes entrevistados e toda a conjuntura sociocultural que caracteriza a posição, o valor, a função e os sentidos da língua e de seus falantes no seio da comunidade local e da sociedade mais ampla, o que foi descrito e analisado no capítulo 3.

Os dados linguísticos obtidos, cotejados com o perfil sociolinguístico do entrevistado, revelaram dois tipos de situação: de um lado, os falantes que aprenderam a língua na infância e puderam utilizá-la em suas interações sociais durante um período da vida e que, posteriormente, perderam progressivamente seus contextos de uso cotidiano; do outro lado, pessoas que tiveram pouco ou nenhum contato com a língua na infância, nunca tendo tipo muita possibilidade de usá-la ou presenciar seu uso, mas que, posteriormente, por meio dos projetos de revitalização e dos grupos e associações comunitárias, passaram a aprender e a estudar regularmente a língua, a atuar em sua difusão e manutenção, incluindo-a em suas práticas sociais e culturais e, eventualmente, em suas interações e comunicações.

O *corpus* assim definido e delimitado atende aos objetivos de uma pesquisa que busca interpretar os materiais linguísticos com base nos chamados fatores externos ou sociais. A investigação da história social da língua e seu encaminhamento rumo à extinção, assim como a análise dos fatores da UNESCO, detalhados no capítulo 1, serão imprescindíveis para a compreensão da situação da língua na comunidade estudada. A análise propriamente estrutural terá com fundamentação teórico-metodológica as teorias do contato linguístico e os estudos das consequências estruturais do processo de obsolescência apresentados nas seções 2.2 e 2.3.

2.6 Questionário

O questionário foi elaborado com ajuda de Claudine Fréchet et Jean-Baptiste Martin e foi dividido em duas partes: a primeira parte, que denominamos Questionário Sociolinguístico, tratou da história pessoal e perfil do falante entrevistado, de seus usos e atitudes em relação à língua; a segunda parte, o Questionário Linguístico, constituiu-se de uma lista de palavras e frases simples e complexas propostas em francês as quais os entrevistados deviam fornecer uma tradução ou equivalente em francoprovençal.

2.6.1 Questionário sociolinguístico

O objetivo desse questionário, disponível nos anexos, é traçar o perfil do falante, seu contato com a língua regional, forma de aquisição, uso da língua, atitude em relação à língua, etc. As gravações contendo informações sociolinguísticas não puderam ser transcritas na íntegra pela enorme quantidade de tempo exigida. Optou-se então por criar fichas de cada entrevistado com o resumo das informações relevantes.

2.6.2 Questionário linguístico

O Questionário Linguístico pode ser conferido nos anexos e é composto de quatro partes: uma lista de palavras; uma lista de frases simples, em geral com nomes no singular e no plural; os demonstrativos, que foram elicitados a partir de objetos e imagens; uma lista de frases mais complexas, que aborda alguns verbos e tempos verbais. Uma quinta sequência de frases, que chamamos de Questionário Estendido, foi aplicada na totalidade ou parcialmente a

três dos entrevistados, ela abarca verbos no imperfeito, no condicional e os possessivos. A entrevista ocorreu da seguinte maneira: eu propunha a palavra ou frase em francês e perguntava qual seria o equivalente, ou como dizer aquilo em francoprovençal.

a. Lista de palavras

As palavras foram selecionadas a partir de trabalhos anteriores sobre o francoprovençal, em especial Martin (1995) e o *Atlas Linguistique et Ethnographique du Jura et des Alpes du Nord* (ALJA) (MARTIN; TUAILLON, 1971). São palavras pertencentes a um campo semântico relacionado à vida cotidiana no meio rural que representa um conjunto lexical tradicional e local. A seleção dessas palavras teve como objetivo a possibilidade de comparar os dados coletados com dados do ALJA publicado em 1971 (MARTIN; TUAILLON, 1971), e assim observar a evolução das formas no decorrer do tempo, não é raro o desaparecimento de palavras e a sua substituição por formas de origem francesa, o que pode ser bem visualizado nos mapas.

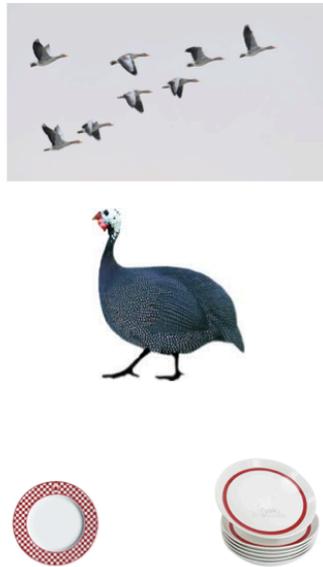
b. Frases simples

Essas frases tiveram como objetivo coletar nomes masculinos e femininos no singular e no plural, os artigos definidos e indefinidos, alguns verbos, alguns possessivos e determinados itens lexicais, a partir dos quais foi possível estudar alguns fenômenos fonéticos e morfológicos importantes para a caracterização da língua dentro do grupo românico.

c. Demonstrativos

Para elicitare os demonstrativos foram usados lápis coloridos e folhas brancas e as perguntas foram feitas apontando para o objeto e movendo-o para perto ou longe do entrevistado e da entrevistadora. O objetivo era observar a existência de formas diferentes para expressar o grau de distanciamento do objeto. Utilizou-se também as imagens da Figura 1 contendo pássaros e pratos (fr. *oiseau(x)*, fr. *assiette(s)*) para elicitare as formas em contexto fonético vocálico para as perguntas 7 e 8, que podem ser conferidas nos anexos.

Figura 1: Imagens utilizadas na eliciação de demonstrativos



d. Frases complexas

As frases complexas tiveram como objetivo coletar alguns verbos no presente do indicativo, no pretérito imperfeito e no subjuntivo presente e imperfeito; alguns itens lexicais e alguns fenômenos fonéticos que serão detalhados na análise dos dados (capítulo 4).

e. Questionário estendido

Essa parte do questionário foi aplicado a apenas três entrevistados e abordou verbos no pretérito imperfeito, condicional e os possessivos. A seleção dos verbos e tempos verbais se orientou em trabalhos anteriores (Martin 2005, 2011, 2012), os quais indicavam a ocorrência de fenômenos linguísticos importantes para a presente pesquisa, que serão detalhados no capítulo 4.

No geral, as entrevistas correram bem e as gravações ficaram com boa qualidade, no entanto, ocorreram alguns problemas técnicos: em uma das entrevistas, no momento de troca do cartão de memória, uma sequência curta não foi gravada; embora tenha feito inúmeras cópias dos arquivos, um deles foi perdido, toda a sequência da parte sociolinguística de um

dos entrevistados (JB), o qual teve que ser excluído da análise, para manter o rigor metodológico da pesquisa.

Outro problema enfrentado diz respeito à própria elaboração do questionário, sobretudo o linguístico. Como o francês não é minha língua materna e embora eu tenha contado com a supervisão e colaboração dos professores franceses, algumas das frases não foram bem escolhidas e provocaram estranhamento nos entrevistados. Além disso, algumas frases ou termos/palavras simplesmente não eram bem recebidas pelos entrevistados que diziam frequentemente “não falávamos assim em *patois*”, o que fazia com que eles alterassem bastante a frase motivadora. Em alguns casos, esse recurso utilizado pelos entrevistados refletia na verdade um desconhecimento de determinada forma ou tempo verbal, ou de determinado verbo, indicando perdas da língua.

3 Os *patoisants*: perfil sociolinguístico do falante do francoprovençal

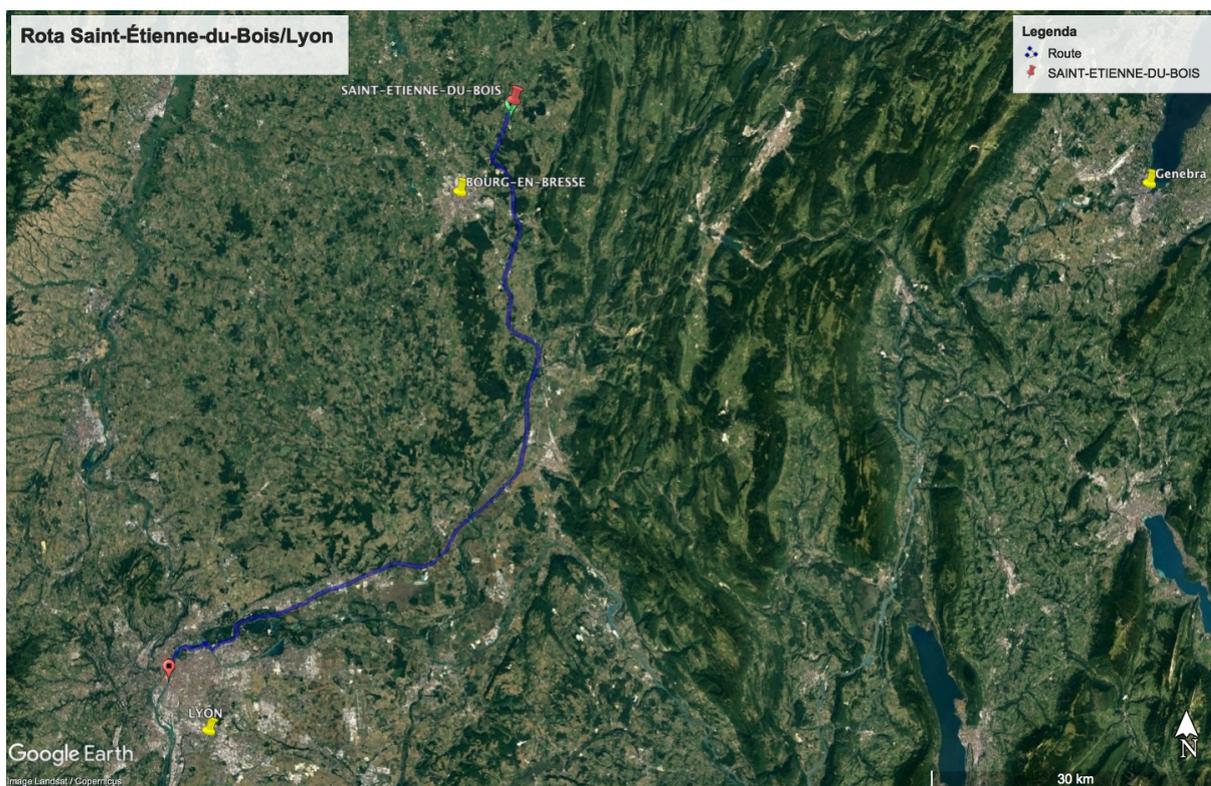
3.1 Apresentação

Neste capítulo apresentaremos os resultados da observação participante realizada junto ao *groupe patois* de Saint-Étienne-du-Bois (SEB) e outros contextos em que pude interagir com membros da comunidade e da análise das entrevistas sociolinguísticas com o objetivo de traçar o perfil do entrevistado e extrair uma tipologia do falante do francoprovençal de SEB, chamados localmente de *patoisants*.

3.2 *Commune de Saint-Étienne-du-Bois*: a comunidade

O vilarejo de Saint-Étienne-du-Bois, que apresenta o *status* de *commune* “divisão territorial administrada por um prefeito e um conselho municipal” (LITTRÉ, 1873-1874), está localizado nas planícies da Bresse, ao pé do Revermont, pequena cadeia de montanhas ao longo do Maciço do Jura, ao norte dos Alpes. Saint-Étienne-du-Bois faz parte do departamento de Ain, a 11 km de Bourg-en-Bresse, capital do departamento, e 80 km de Lyon, capital da Região Auvergne-Rhône-Alpes (criada pela reforma territorial de 2015). A fronteira com a Suíça está localizada a aproximadamente 100 km do vilarejo. A figura 2 mostra a rota Saint-Étienne-du-Bois/Lyon, passando por Bourg-en-Bresse. A localização de Genebra pode ser vista à direita da figura.

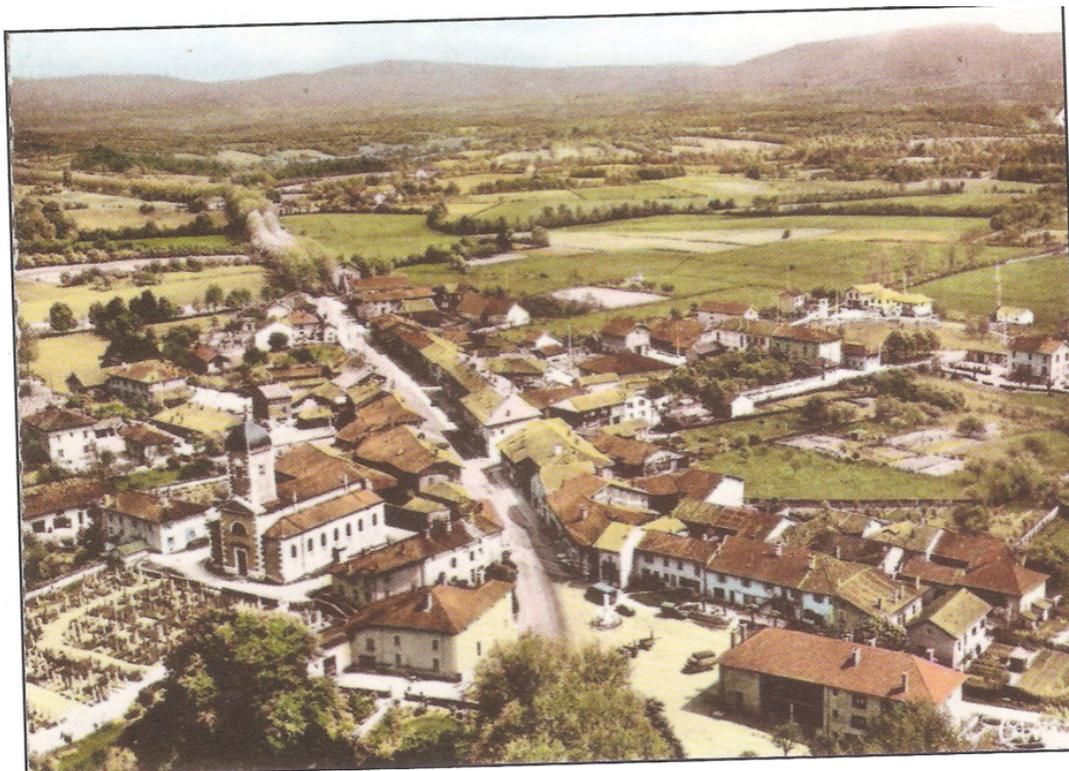
Figura 2: Rota Saint-Étienne-du-Bois/Lyon (aprox. 80 km) (*Google Earth*, 2019)²⁵



O vilarejo se estende sobre uma superfície de 2.839 ha com altitudes médias de 236 metros e sua população é de aproximadamente 2.500 habitantes (SUBTIL, 2016). O povoado é cortado pela Rodovia 1083 e pela linha férrea Bourg-en-Bresse/Mouchard, que, paralelamente, dividem o território, passando pelo centro da cidade: um punhado de casas, comércio, uma igreja, um cemitério. Poucas são as diferenças quando observamos uma foto da década de 1950 e uma imagem atual disponível no *Google Maps*, como pode-se observar nas figuras 3 e 4.

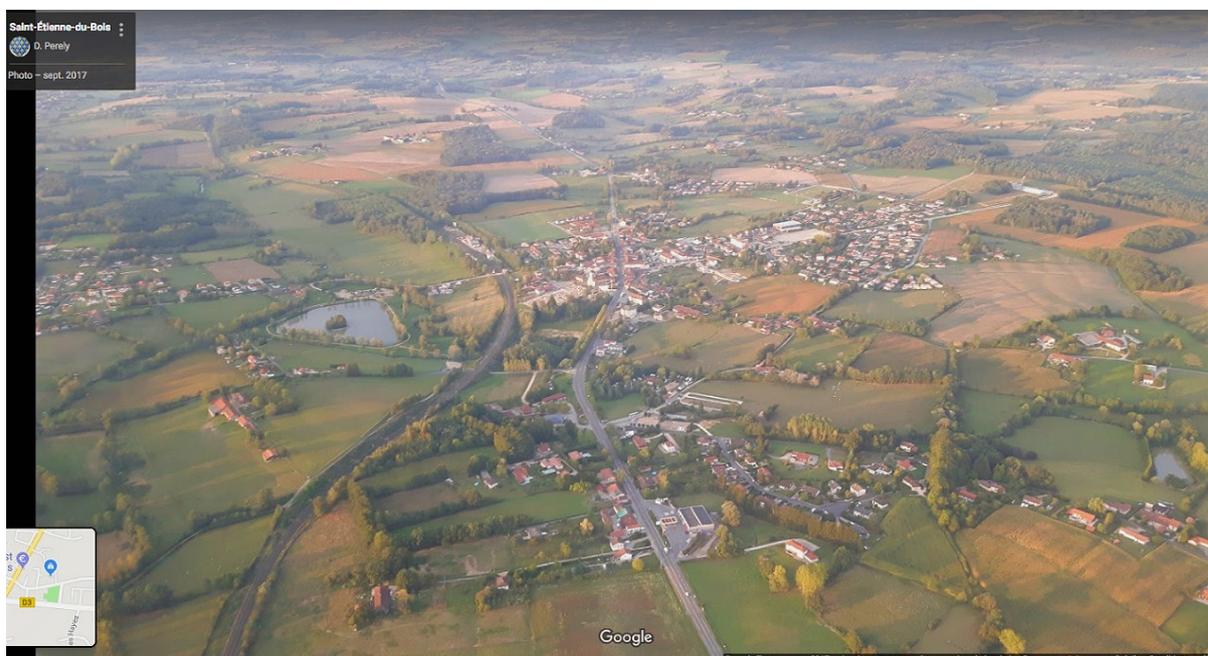
²⁵ Gerado a partir do aplicativo *Google Earth Pro* 7.3.2.5776 em julho de 2019.

Figura 3: Vista aérea do vilarejo – cartão postal dos anos 1950 (SUBTIL, 2016, p 48)



Vue aérienne du village – Carte postale datant des années 1950

Figura 4: Vista aérea do vilarejo – foto de 2017 (Google Maps, 2019)²⁶



²⁶ Disponível em <https://www.google.com.br/maps/place/01370+Saint-%C3%89tienne-du-Bois,+France/@46.288361,5.292785,3a,75y/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipMxnsalzjaqggQlqQdo2CgDQTDSTu6A69acdq7x12e10!3e12!6shhttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMxnsalzjaqggQlqQdo2CgDQTDSTu6A69acdq7x%3Dw203-h114-k-no!7i4608!8i2592!4m5!3m4!1s0x47f34cdcd631aa29:0xb660ab25b000eb4e!8m2!3d46.288361!4d5.292785>. Acesso em 12/07/2019

O território da *commune* é dividido em 6 seções, as quais correspondem, em geral, aos tradicionais *hameaux*, pequenos agrupamentos de habitações rurais afastadas do burgo ao qual estão ligadas administrativamente, que por sua vez se originaram dos feudos medievais. Antigamente, deslocar-se pela planície bressana era tarefa difícil: numerosos brejos, riachos e prados pantanosos frequentemente intransitáveis caracterizavam a paisagem local. O solo de natureza argilosa demandava grande quantidade de pedras, insuficientes nas localidades próximas, para a construção de vias de comunicação, às quais foram pouco a pouco sendo ampliadas.

Trata-se de uma comunidade historicamente rural, ligada ao trabalho da terra, ainda predominante na atualidade: cultivo de ervas para alimentação animal, cultivo de cereais (milho, trigo, cevada, canola); criação diversificada de animais, gado leiteiro e de corte, suíno e o tradicional frango da Bresse (*la volaille de Bresse*). A cidade possui ainda uma produção artesanal importante e algumas indústrias bem implantadas nos ramos da construção civil, automobilística, mecânica, etc.

A mecanização da produção agrícola e a industrialização alteraram profundamente o modo de vida tradicional da cidade, onde hoje é possível se deslocar facilmente de carro. Antigas propriedades rurais têm sido transformadas em *villas*, casas de campo requintadas utilizadas prioritariamente para o lazer, mantidas por filhos de antigos agricultores que abandonaram a atividade e foram estudar e trabalhar nas cidades médias ou grandes das proximidades (Bourg-en-Bresse e Lyon, sobretudo). O poema “La tara de Brache” (A terra de Bresse), de Jean-Paul Pobel, narra essas mudanças e seus efeitos na vida dos camponeses e seus descendentes em seu *pays*, *la Bresse*. O tom nostálgico do poema revela o papel das tradições e do modo de vida rural na formação da identidade local, fortemente ligada à língua regional, o *patois*. Apresentamos na sequência o poema, escrito em francoprovençal dos arredores de Saint-Étienne-du-Bois, de onde Pobel e sua família são originários. Este poema foi traduzido por mim para o português e publicado no jornal *Letras*, em 2017.

Texto 1: Poema “La tara de Brache”, Jean-Paul Pobel; tradução Simone Gomes (POBEL, 2017)

Ta la Brache que m'a balya lou zhou,
Zhe te davou bin còque mou d'amou.
É dè ton vètrou que zhe me si fa.
É dè ta tara que zha ètô fachounô.
É lou voualin de te sharizhe qu'on m'a apri lé premi pô.
Quemè lé zheunou de mon azhou,
Zha chôtô lé bazhanyon, lé tera pi lé bi.
T'ave plin de bouachon, u yo, qu'on tyulive dejalanye.
Te tare pi té prô n'évon pô byè byo :
É t'avoua lé boue pi lé shevô qu'on travalyôve.
É ta jo cadanche que zha apri la posyèche
Pi lou plazi du travô byin fa.
Mé le seuje on byin shèzha tyè le mécanique pi lé tracteur chon t'arevô.
L'on tyeupô lé bouachon, l'on rasèblô léz'ectare.
É n'y ave pô mé de travô pe tou lou mondou.
É t'a la vela qu'on ne tui parti,
É n'achèlème (HLM) que l'on apelô sètye.
Ya bin falu si abituô, mé é l'éve pô la méma sheuja.
É ne chintive pô mé lou fin tyeupô, ni mémou la tara moulya.
Mémou lez'étale n'avon pô lou mémou vezhazhou.
Yè n'a que chon parti louin, tinqe a Pazhi pe sertin,
Mé l'on tui gardô dè on carou de jô tète
Ton amou que lé prè u fin fon de jô tyeu.
Quemè i ne pouijon pô che pôchô de ta.
Yè n'a byè que chon revenu.
L'échayon, quemè ma, de ne ryin èbleye de tou che que te léz'i a balya.
É pe sètye que tin que zhe pouzhe, é t'è patoua que zhe te shètezhe

Ta la Brache que m'a balya lou zhou,
Zhe te davou bin còque mou d'amou.

A ti, Bresse que me deu vida
Eu te devo sim umas palavras de amor
É no teu ventre que me fiz.
É na tua terra que fui moldado
Foi ao longo de teus caminhos que me ensinaram os primeiros passos
Como os jovens da minha idade,
Pulei barrancos, fossos e valas.
Eras cheia de arbustos onde colhíamos avelãs
Teus campos e teus prados nem eram tão vastos
Era com bois e cavalos que trabalhávamos
E foi em sua cadência que aprendi a paciência
E o prazer do trabalho bem feito.
Mas as coisas mudaram muito quando as máquinas e os tratores chegaram.
Cortaram os arbustos, anexaram os hectares.
Não havia mais trabalho pra todo mundo
E foi pra cidade que todos partimos
Viver nas habitações populares, HLM, como chamavam
Era preciso se habituar, mas não era mais a mesma coisa.
Não se sentia mais o cheiro do feno cortado, nem da terra molhada
Mesmo as estrelas não tinham mais o mesmo brilho.
Muitos partiram pra longe, alguns mesmo pra Paris
Mas todos levaram gravado na memória
Teu amor que os prende bem fundo no coração
Como não puderam te esquecer,
Muitos para ti retornaram.
E tentam, como eu, não esquecer tudo aquilo que nos deste
É por isso que enquanto eu puder, é em patois que te cantarei

A ti, Bresse que me deu vida,
Eu te devo sim umas palavras de amor.

A região denominada Bresse é um dos quatro *pays*, originários das províncias do Antigo Regime, presentes no departamento de Ain: *pays de Bresse*, *pays de Gex*, *pays des Dombes* e *pays du Bugey*. Segundo Tuailon (2007), ao norte, a planície bressana se expande adentrando o domínio *d'oïl*, denominando-se Bresse do norte, historicamente ligada à diocese da cidade de Chalon-sur-Saône, localizada no departamento de Saône-et-Loire. A Bresse do sul, francoprovençal, ligava-se à diocese de Lyon, uma das mais antigas da França, de onde partiram os primeiros evangelizadores do mundo rural galo-romano (por volta do século II d.C.). Por meio da Igreja Católica, Lyon teria atuado como força centrípeta, mantendo as línguas da região mais próximas de si e do que viria a ser o domínio francoprovençal – mais conservador em relação à herança latina –, e menos suscetíveis às influências inovadoras do norte.

Tuailon (2007) chama a atenção para a superposição entre o domínio diocesano, o domínio linguístico e as características arquiteturais da região. Ainda hoje é possível distinguir a passagem de um *pays* a outro pelas características da arquitetura das casas e construções: ao sul casas baixas cobertas com telhas do tipo canal (semi-redonda) com pouca

inclinação onde se falam *patois* francoprovençais, ao norte casas elevadas cobertas com telhas planas onde encontra-se falantes dos *patois d'oïl*. Essas características mostram que uma certa identidade histórica prevalece, a despeito da fragmentação política e econômica e do isolamento característicos da Idade Média, o que nos levar a admitir o importante papel da Igreja como talvez a única força agregadora que sobreviveu às invasões germânicas.

Em Saint-Étienne-du-Bois as casas de antigas fazendas bressanas ainda existentes conservam essas características, como podemos observar nas figuras 11 e 12, a chamada *La Ferme des Mangettes* (Fazenda das Mangettes). Essa construção, datando de 1465, encontrava-se em ruínas em 1983, quando foi comprada pela associação comunitária, desmontada peça por peça – segundo um costume local que considera as construções bens móveis separados da terra, podendo portanto ser vendidas e deslocadas –, restaurada e reconstruída na entrada sul do vilarejo, onde instala-se hoje a sede da associação *Maison de Pays en Bresse*.

Figura 5: *La Ferme des Mangettes*, atual sede da Associação *Maison de Pays en Bresse*



Figura 6: *La Ferme des Mangettes* (detalhe chaminé *sarrasine*)²⁷



Trata-se de uma construção tipicamente bressana, com a presença das telhas canal e da chaminé *sarrasine*, característica das fazendas da região, raramente encontradas na atualidade. A associação *Maison de Pays en Bresse* abriga ainda um museu que reproduz as características das fazendas, da vida rural tradicional e expõe objetos da época: vestimentas, utensílios, ferramentas e móveis ligados aos costumes da época, tudo etiquetado com seus respectivos nomes em língua local e uma tradução para o francês. O local serve ainda como palco para as festas, apresentações teatrais e musicais que buscam reproduzir o ambiente dos tempos nostálgicos, trazendo a culinária típica: o famoso **poûle de Brache a la crinma** (frango de Bresse ao molho branco) e a **paria** (palavra francoprovençal para geleia de pera); as danças e músicas tradicionais.

O antigo modo de fabricação da geleia **paria** é revivido todo ano, em outubro, na *Fête de la Paria*, quando os habitantes se reúnem para a preparação da geleia como faziam seus antepassados: as peras devem ser cozidas em suco de maçã, sem adição de açúcar, em um **shodron de tyuivrou** (caldeirão de cobre) por cerca de 12 horas, e remexidas por 5 ou 6 horas ininterruptas, o que demanda uma grande quantidade de voluntários para se revezarem. Ademais, outras festas e eventos da cidade promovem o encontro dos moradores e a vivência de sua história e de suas tradições: a *Fête de la Pêche* (Festa da Pesca), promovida pela *Société de Pêche* (Sociedade dos pescadores), a *La Vogue (Fête Patronale)*, festa em

²⁷ Fonte das figuras 11 e 12: <https://www.bresse-revermont.fr/decouvrir-explorer-revermont-bresse/patrimoine-et-architecture/tous-les-sites/?ferme-des-mangettes-a-cheminee-s399080>, acesso em 12/07/2019

homenagem ao padroeiro da cidade, as atividades da *Société de Chasse* (Sociedade de Caça); além de outras atividades promovidas pela *Maison de Pays en Bresse*, como as demonstrações e as oficinas do grupo *Vieux Métiers* (Antigos Ofícios), cujo objetivo é apresentar os antigos ofícios ao público e ensinar as antigas técnicas de fabricação de cestos de vime, as técnicas de confecção e traçado de cordas, a afiação de faca, a técnica para passar adequadamente as toucas usadas pelas mulheres da época, entre outros; e as reuniões do *Groupe Patois*, que permitem o encontro de antigos agricultores da cidade e das redondezas e outros membros da comunidade interessados na vivência, no cultivo, na documentação, na transmissão, e na valorização da língua local.

Todos esses eventos representam situações potenciais para falar e transmitir a língua local, na medida em que promovem o encontro das gerações mais novas com os mais velhos que ainda conhecem essa língua e abordam temas relacionados às tradições locais, ao patrimônio, ao saber local de uma época e de um modo de vida em que a língua da comunicação era o francoprovençal.

Figura 7: Festa da **Paria**, preparação tradicional da geleia de pera, típica da região²⁸



Com base nas entrevistas formais, registradas em áudio, e na minha participação tanto no *groupe patois* de SEB, como na *Formation d'Intervenants* em Bourg-en-Bresse, onde também interagi com pessoas de SEB e das redondezas, além do contato com outros pesquisadores que têm um conhecimento amplo da realidade da língua na região, foi possível caracterizar a comunidade linguística como um todo: o vilarejo de Saint-Étienne-du-Bois. É

²⁸ Fonte: <https://www.leprogres.fr/environnement/2011/10/16/fete-de-la-paria-la-confiture-de-piores-reine-de-saint-etienne-du-bois>, acesso em 12/07/2019

necessário esclarecer o que entendemos como comunidade linguística ou comunidade de fala, conceito que, segundo Scherre (2006), pressupõe o compartilhamento de sistemas linguísticos ou padrões estruturais abstratos, mas também a existência de modos compartilhados de interpretar o comportamento linguístico e de atitudes sociais em relação à linguagem. Nas áreas da sociologia da linguagem e da etnografia da comunicação, cujos principais nomes são Gumperz, Hymes e Fishman, a caracterização de comunidade linguística focaliza, além do compartilhamento das normas de uso e de interpretação da linguagem, a densidade de comunicação e a integração simbólica em diferentes contextos sociolinguísticos, abarcando situações em que mais de uma língua se fazem presentes (SCHERRE, 2006).

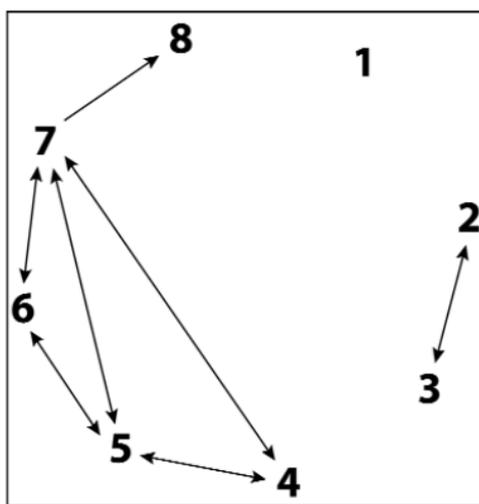
Nessa mesma linha, Milroy (1992), na esteira de Gumperz, a comunicação envolve não apenas o código linguístico compartilhado, mas dimensões relacionadas à socialização, às formas de pensar, agir e sentir de uma comunidade. A comunicação/interação depende do domínio de “esquemas interpretativos” (ou conjunto de normas) que permitem aos interlocutores compreender e produzir significados em uma determinada situação comunicativa. O conceito de norma social deve ser compreendido como hábitos comunicativos dos interlocutores, construídos pela cultura e (re)produzidos através da socialização. Falhas de comunicação e mal-entendidos ocorrem quando temos contextos de interação entre falantes que não compartilham essas normas, embora possam falar a mesma língua. Em situações de contato de grupos minoritários, contextos de *code-switching*, entre outros, a variação estilística se dá de acordo com determinada co-ocorrência de normas, o que complexifica a identificação e definição do que seja comunidade linguística (MILROY, 1992).

A discussão do conceito empreendida por Scherre (2006) dá conta de diferentes contextos de bilinguismo e multilinguismo, enfatizando a dimensão sociológica que subjaz o fenômeno da linguagem não apenas como comunicação mas como elemento configurador das interações sociais entre os membros de uma coletividade, que podem interagir em diferentes níveis utilizando diferentes códigos.

Nos caso de línguas em avançado grau de ameaça, deve-se considerar a assimetria e os diferentes valores das línguas em questão. Em geral, a língua dominante engloba a totalidade dos falantes da comunidade (da cidade, da região, ou país) e a língua minoritária ameaçada representa um subgrupo dentro da comunidade mais ampla. Como discute Bert (2010), analisando a situação da occitano e do francoprovençal na região do Pilat, na França, a tarefa de contabilizar os falantes dessas línguas e de estabelecer a subrede que os conecta mostrou-

se extremamente complexa. Mesmo em se tratando de um pequeno vilarejo, onde todos se conhecem, muitos desconhecem as competências linguísticas em língua regional de pessoas próximas, e a rede que os falantes estabelecem entre si é frequentemente fragmentada em sub-redes, algumas sem ligações entre si, como mostra o esquema proposto por Bert (2010):

Figura 8: Representação esquemática de uma comunidade de língua ameaçada (BERT, 2010, p. 93)



Na figura 9, os números representam os falantes, que estão todos interligados pela língua dominante (não representada no esquema), mas que, no que tange à língua minoritária se ligam da seguinte maneira: 1 é uma pessoa que, embora fale a língua, não a utiliza com nenhum outro falante; 2 e 3 utilizam a língua entre si, mas não com os outros membros que conhecem a língua, os quais inclusive podem ignorar a competência de 2 e 3 – tratando-se de línguas com baixo prestígio social é comum que os falantes escondam seu domínio da língua diante de determinados membros ou grupos da comunidade –; os falantes 4 ao 8 formam uma rede onde 4 utiliza a língua com 5 e 7, mas não com 8 ou 6; o falante 7, por sua vez, dirige-se a 8 em língua minoritária, mas 8 só responde na língua dominante (como mostra o direcionamento da seta entre 7 e 8). Esse esquema exemplifica de forma clara a complexidade do que seria uma comunidade de fala de uma língua ameaçada, o que nos leva a questionar a pertinência do próprio uso do conceito de comunidade de fala. Segundo Bert (2010):

(...) a comunidade formada de falantes de uma língua em perigo não é senão virtual: ela é na realidade, atomizada, desintegrada em subredes que se ignoram. E, em decorrência de falecimentos e da falta de novas interações na língua ameaçada, essas subredes se fragmentam cada vez mais: a dinâmica de declínio iniciada se acelera progressivamente (BERT, 2010, p. 94)²⁹.

²⁹ Tradução nossa. Do original: la communauté formée des locuteurs d’une langue en danger n’est plus que

No caso do francoprovençal, trata-se de uma língua em estágio avançado de ameaça, historicamente sufocada pelo francês, que tornou-se progressivamente a língua urbana, de prestígio, símbolo do avanço, de desenvolvimento e de esclarecimento. O francês adquire assim uma posição hierarquicamente superior na sociedade geral, ficando as demais línguas em posição inferior, desvalorizada, estigmatizada, ligada sobretudo ao mundo rural, associado durante muito tempo ao atraso, à ignorância e à incultura. Neste contexto, o francoprovençal sobreviveu em pequenas redes de falantes, frequentemente reduzida com a perda dos falantes mais idosos, os quais a utilizam em situações muito específicas, em geral na ausência de não falantes. Como afirma Bert (2010), a língua possui uma vida subterrânea, escondida, tornando difícil a observação dessas interações e mesmo seu conhecimento por outros membros da comunidade é limitado. Essas características foram observadas no vilarejo de SEB, o que nos alertou para a necessidade de se analisar com cautela o testemunho dos falantes ou habitantes acerca do uso da língua e da competência linguística de membros da comunidade. O número de falantes da língua minoritária, as competências e frequência de uso são, frequentemente, subestimadas pelos próprios membros da comunidade.

Os falantes do francoprovençal no vilarejo de SEB são agricultores ou filhos de agricultores, com faixa etária entre 60 e 90 anos. A geração dos netos de agricultores, mesmo dos mais velhos, os quais não tive ocasião de encontrar, conhecem muito pouco a língua, apenas itens lexicais e regionalismos de origem francoprovençal. Como pudemos ver na seção 1.3 do capítulo 3, onde analisamos a língua a partir dos fatores da UNESCO (2003), a ruptura da transmissão foi relativamente abrupta, sobretudo no que tange ao contato, mesmo que passivo, das crianças com a língua em uso nas interações quotidianas. No caso de SEB, embora a ruptura possa ter se processado em épocas diferentes, de acordo com a localidade rural/urbano ou mesmo com características específicas em determinadas famílias com maior apego à língua, estimamos que os nascidos a partir da década de 1950, mesmo em contexto rural, tenham tido pouco ou nenhum contato com a língua na infância. Veremos, no entanto, que algumas pessoas na faixa etária de 60 a 70 anos ainda conhecem a língua, embora numa versão bastante diferente da língua dos falantes mais velhos.

virtuelle: elle est en réalité atomisée, délitée en sous-réseaux qui s'ignorent. Et, en raison des décès et de l'absence de nouvelles interactions en langue menacée, ces sous-réseaux se morcellent eux-mêmes de plus en plus: la dynamique de déclin qui s'est enclenchée s'accélère toujours plus (BERT, 2010, p. 94).

3.3 Perfil dos entrevistados: aquisição, competência e uso da língua

A partir das entrevistas gravadas pudemos traçar a biografia linguística de cada entrevistado, com o objetivo de compreender o processo de aquisição da língua, o desenvolvimento das competências e as práticas linguísticas e sociais dessas pessoas, revelando diferentes perfis de falantes. A partir dessas características e tomando como parâmetro a tipologia elaborada por Bert (2001) e Bert e Costa (2009), propomos uma tipologia dos falantes adaptada à realidade da comunidade estudada, o vilarejo de SEB e arredores. Em Bert (2010), o autor descreve com detalhes seu trabalho junto aos falantes do francoprovençal e do occitano na região do Pilat (departamento de Loire), e percebemos tratar-se de uma situação sociolinguística muito próxima do que encontramos na região bressana, sobretudo no que tange às formas de aquisição e ao uso atual da língua.

O declínio do francoprovençal e do occitano na França – embora tenha tido diferentes resultados nas diferentes regiões onde essas línguas foram faladas, o que explica porque em algumas localidades a língua regional tenha desaparecido quase completamente, mas em outras ainda presente certa vitalidade – apresenta uma dinâmica similar, característica de processos de desaparecimento ou obsolescência de línguas os quais culminam na baixa do número de falantes e na ruptura da transmissão intergeracional da língua, que é gradativamente substituída por uma língua de maior prestígio, neste caso o francês. É fundamental a observação dos fatores externos: histórico, político, social e cultural, para compreender tal dinâmica, e assim poder traçar suas características e compreender sua evolução. No capítulo 1 empreendemos uma avaliação geral da vitalidade da língua francoprovençal a partir dos fatores proposto pela UNESCO (2003) (seção 1.3) e na sequência investigamos as raízes históricas da língua e de seu encaminhamento rumo à situação de ameaça.

É preciso esclarecer ainda que, como os nossos entrevistados foram selecionados dentre os participantes de um grupo de valorização da língua, criou-se um viés: todos tendem a ter uma imagem favorável da língua, são pessoas que buscaram o grupo para fortalecer os laços sociais e comunitários e reviver um tempo passado nostálgico, e a língua surge como um elemento ativador da memória individual e coletiva, como símbolo da identidade local e como uma riqueza herdada que deve ser preservada e valorizada. Esse sentimento é efeito de uma mudança de atitude em relação à língua que vem se processando nos últimos 20, 30 anos com a revalorização da cultura e das tradições locais. Desta forma, dentre as pessoas do grupo

estudado não encontramos a categoria de “falante fantasma” (BERT; COSTA, 2009, p. 39-40), comum em casos de línguas ameaçadas, que são pessoas que conhecem a língua mas negam esse conhecimento, por razões diversas como o sentimento de estigma, traumas pessoais, etc. E sabemos, entretanto, que esses existem na comunidade, assim como pessoas que conhecem a língua, inclusive ativamente, mas que não têm interesse em cultivá-la e não querem participar do *groupe patois*, conforme depoimento de membros do grupo, que estão frequentemente convidando pessoas para participarem de suas atividades.

Os depoimentos e avaliações dos entrevistados e de outras pessoas da comunidade acerca da competência e uso da língua local de pessoas de seu convívio mostraram-se pouco precisos e pouco confiáveis. Observou-se ser comum os netos não saberem que os avós falam a língua regional. Muitas pessoas podem ter a impressão de que a língua não existe mais, por não terem ocasião de presenciar seu uso, principalmente pelo fato de muitos falantes evitarem usar a língua na presença de não falantes.

Apresentamos no quadro 2 as informações básicas dos entrevistados:

Quadro 2: Perfil dos entrevistados

NOME	SEXO	IDADE	ORIGEM	Rural/Urbano	Escolaridade
JC	M	83	SEB	R	fundamental
JT	M	84	SEB	R/U	fundamental
MR	M	68	Viriat	U	técnico
AA	M	84	Bourg-en-Bresse	U	técnico
JP	M	70	Bény/SEB	U	técnico
AB	M	71	Coligny	U	técnico
AP	M	63	SEB	U	técnico
JS	F	65	SEB	U	médio

Fonte: dados da pesquisa

Dentre os 8 entrevistados³⁰ temos 7 homens e uma mulher. Tal desproporcionalidade deveu-se primeiramente a limitações de disponibilidade e compatibilidade de agenda para a realização das entrevistas. Além disso, o grupo *patois* de SEB carece atualmente de mulheres com o perfil buscado, grande parte delas é originária de outra região. Apesar disso, observou-se que o fator gênero é bastante significativo no caso do francoprovençal. Sendo as

³⁰ Lembramos que foram realizadas nove entrevistas, mas uma teve que ser descartada devido a uma falha técnica que provocou a perda de uma das sequências da entrevista, conforme explicitado no capítulo 2.

mulheres mais sensíveis ao estigma social do que os homens, é esperado, conforme indicam estudos sociolinguísticos clássicos como os discutidos por Labov (1994), que elas evitem o uso e a transmissão de uma língua com baixo prestígio social.

Há que se considerar a posição das mulheres numa sociedade tradicional essencialmente rural, quando a língua regional ainda reinava na comunicação quotidiana. Hippolyte Piroux, camponês octogenário natural de Polliat, também na região bressana, conta suas memórias numa obra dedicada ao falar bressan das regiões a oeste de Bourg-en-Bresse (PIROUX, 2011). Ele afirma que as mulheres do campo eram desprezadas. Quando nascia uma criança, esperava-se um menino, que significaria braços fortes para ajudar no trabalho pesado da fazenda. Se o bebê era menina, era comum o patriarca dizer “mais uma mijona”. No entanto, as mulheres tinham uma importante função nos trabalhos domésticos e eram responsáveis por inúmeras tarefas externas, no cuidado com os animais e as plantações. Nos anos de guerra, quando os homens tiveram de partir para as trincheiras, não foram raros os casos de fazendas conduzidas por mulheres (PIROUX, 2011).

A vida rural, porém, era considerada uma vida difícil, de trabalhos pesados, pouco conforto e poucas oportunidades de ascensão social, sobretudo para as mulheres. Por isso, essas eram encorajadas a buscar uma melhor qualidade de vida na cidade, a qual teriam acesso, sobretudo, via casamento. Para encontrar um bom casamento, que proporcionasse a elas morar em uma casa ou apartamento na cidade, era imprescindível falar a língua francesa. As mulheres que falavam a língua local recebiam forte estigma e eram consideradas burras ou ingênuas, como mostra a canção *Petite Sylvie*, transcrita a seguir.

Texto 2: Canção *Petite Sylvie*³¹

Intérprete: Émile Maniglier (1970)
Tradução nossa

*Petite Sylvie, maîtresse de troupeaux,
Fille si jeune et gentille
Que fait'-vous en champ là ?*

D'fèle(que) ma colognè
De garde mou meuton
Quan s'in vin le tantou
D'lou rintre a la maizon.

*Petite Sylvie, sont-ils cela
Tous vos amusements ?
Fille si jeune et gentille,
N'avez vous pas d'amant ?*

Pequena Sylvie, mestra dos rebanhos
Moça tão jovem e gentil
Que fazes tu neste campo?

Eu fio minha roca,
Eu guardo minhas ovelhas
Quando vem o por do sol
retorno a minha casa

Pequena Sylvie são esses
Os teus divertimentos ?
Moça tão jovem e gentil,
não tens outros amores ?

³¹ Disponível em www.cmtra.org/francoprovençal

Tèk 'yè qu'vou me dète
Qu'é touk' y è qu'd'aman ?
Non, zhamai de la via,
Ma mâre m'a parla d'sin.

*Petit Sylvie, si votre mère
Ne vous en a pas parlé
L'amour ma fille
Ne te le dit-il pas ?*

Qué touk'yè qu'l'amour ?
De n' intingne rin
D'intingne qu'ma cologn(è)
È ma rita dè lin.

*Cruelle Sylvie
Vous me faites souffrir
Cruelle Sylvie
Vous me faites mourir.*

Tèk foudrè bin y fère
Pè vou fère gari
D'lé d'l'apotiqueur
De vé'la vous en quérir.

*De l'apothicaire
Je n'en ai pas besoin
Mon coeur et mon âme
Sont entre vos mains.*

O que me dizes,
O que são esses amores ?
Não, nunca na vida,
Minha mãe deles me falou.

Pequena Sylvie, se tua mãe
deles não falou
O amor minha menina,
em ti não se despertou ?

O que é isso, o amor ?
Não, não compreendo
Só entendo da minha roca
E meu fio de lã cosendo

Cruel Sylvie
Tu me fazes sofrer
Cruel Sylvie
Tu me fazes morrer

O que é preciso fazer
Para bem curar-te ?
Um boticário
Vou procurar-te

De boticário
Não tenho precisão
Meu coração e minha alma
estão nas tuas mãos

A canção é um diálogo entre um homem e uma jovem pastora, Sylvie. Deve-se observar que o homem fala sempre em francês (em itálico) e a moça em língua local. A letra mostra de maneira sutil a ingenuidade da moça do campo, que não sabe o que é o amor e que parece não compreender que está sendo cortejada pelo homem. Ainda hoje é comum encontrar mulheres entre os chamados “falantes fantasmas” (BERT, 2010), que conhecem a língua local mas escondem isso dos outros e negam quando questionadas. A língua está geralmente ligada a memórias tristes e mesmo em contexto de revalorização da língua, essas mulheres não conseguem se livrar do sentimento de vergonha e do desprezo que sofreram na infância, principalmente em ambiente escolar.

O francoprovençal permaneceu, assim, associado ao mundo rural e ao trabalho rural masculino, tendo sido rapidamente eliminado da educação das meninas, que deveriam falar o francês, língua de prestígio e da ascensão social. Alguns entrevistados relataram que os avós e os pais não falavam a língua local com as filhas e netas, apenas com os filhos e netos. As mulheres acabavam aprendendo a língua passivamente e muitas não desenvolveram competência ativa na mesma. É o caso da entrevistada JS, cujo pai era falante, mas nunca

falou a língua com ela. Ela adquiriu uma competência passiva e conhece sobretudo as palavras que entraram para o francês regional, muitas delas, inclusive, afrancesadas.

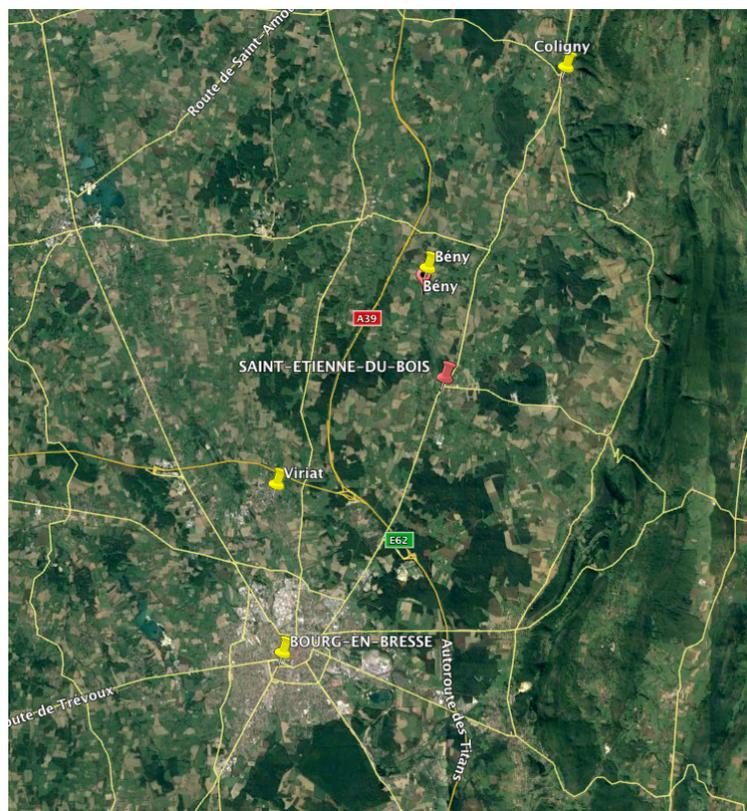
A idade também é um elemento bastante importante, pois sabemos que a ruptura da transmissão intergeracional iniciou-se na segunda metade do século XIX, com a instituição do ensino obrigatório em francês, e agravou-se na segunda metade do século XX. Desta forma, os nascidos a partir das décadas de 1950/60 já não aprenderam o francoprovençal ativamente em casa. Os pais dessas pessoas já falavam o francês e usavam essa língua para comunicar-se com os descendentes, reservando a língua local para conversas entre si, com seus pais, sogros/sogra e com vizinhos da mesma geração ou mais velhos. Embora em determinadas localidades a ruptura da transmissão possa ter sido mais tardia, entre os entrevistados é evidente seu caráter abrupto: enquanto todos eles tenham tipo algum contato com a língua na infância em ambiente familiar ou nas interações com a vizinhança, seus filhos já não tiveram a mesma experiência – nenhum entrevistado relatou o uso da língua com seus próprios filhos ou netos.

As crianças e jovens da comunidade têm um contato eventual com a língua, por meio dos programas de valorização, de atividades desenvolvidas pela associação comunitária ou da intervenção de militantes voluntários nas escolas.

Alguns dos entrevistados são originários de vilarejos vizinhos, bastante próximos de SEB, como Viriat (10 km), Béný (6 km) ou Bourg-en-Bresse (10 km), que embora seja uma cidade média e capital do departamento de Ain, apresenta ainda regiões rurais ou os chamados *hameaux*, onde ainda é possível viver relativamente distante do agito da cidade. Esses entrevistados possuem uma ligação com SEB, seja por terem se casado com alguém da cidade, ou por terem antepassados originários dali. Apenas o entrevistado AB, originário de Coligny (12 km, ao norte de SEB) não tinha nenhuma ligação anterior com SEB, onde aprendeu a língua via projetos de valorização e em sua participação no *groupe patois* da cidade. Considera-se, desta forma, que todos falam ou conhecem a mesma variedade do francoprovençal, com possíveis pequenas variações, dada a situação fragmentária da língua, já discutida na seção 1.4.5 do capítulo 1, e dado o caráter variável da linguagem em geral.

Apresentamos na figura 10 a localização do local de origem dos entrevistados:

Figura 9: Local de origem dos entrevistado (*Google Earth*, 2019)³²



Todos os entrevistados são atualmente aposentados. Os dois entrevistados mais velhos, JC e JT, possuem baixa escolaridade e passaram a infância em contexto rural. JC é lenhador e permaneceu nesse meio, hoje é proprietário de uma pequena propriedade rural em SEB. JT trabalhou alguns anos como motorista de uma empresa de equipamentos e maquinário agrícola, sendo ele responsável pela entrega desses materiais, o que favoreceu seu contato com agricultores, ocasião em que se usava a língua local. Posteriormente, JT tornou-se funcionário de uma fábrica de automóveis em Bourg-en-Bresse, mas manteve o uso da língua por ter colegas de trabalho que também a falavam, e a utilizavam, em algumas ocasiões, como língua de ocultação. Os demais entrevistados, embora em sua maioria oriundos de famílias de agricultores, viveram majoritariamente em contexto urbano (durante os estudos e o início da vida profissional e conjugal) e possuem uma formação de nível médio ou técnica: enfermeiros, funcionários públicos, assistente social (nível técnico).

³² Gerado a partir do aplicativo *Google Earth Pro* 7.3.2.5776 em julho de 2019.

3.4 Tipologia dos falantes

O contexto sociolinguístico de aquisição do francoprovençal a partir da instauração do francês como língua da instrução é extremamente complexo. Os entrevistados mais velhos (JC 83 e JT 84 anos) tiveram o francês como língua materna visto que seus pais, embora tenham sido falantes monolíngues do francoprovençal até a entrada na escola (idade de 6 anos), tornaram-se bilíngues em francês e evitaram falar a língua local com os filhos por julgarem que isso atrapalharia o seu desenvolvimento escolar. Vale lembrar que essa geração que entrou na escola tendo o francoprovençal como única língua sofria punições e era estigmatizada no ambiente escolar. Naquela época, as línguas regionais eram associadas ao atraso e consideradas um obstáculo ao perfeito aprendizado do francês.

Embora os pais priorizassem o francês nas interações com JC e JT, a língua local ainda era a língua de comunicação entre os pais, desses com os avós, os vizinhos e amigos da mesma geração, sobretudo em ambiente rural e no contexto dos trabalhos rurais desenvolvidos pelos homens. Desta forma, JC e JT tiveram importante exposição à língua na primeira infância, desenvolvendo facilmente a competência passiva e ativa no decorrer do tempo.

O entrevistado JC nunca deixou o vilarejo de SEB, sempre morou no *hameau* de Montaplan, é lenhador e marceneiro, acabou aprendendo a falar a língua no contexto do trabalho rural junto ao pai e no contato com a vizinhança. Sua exposição e contato com a língua foram contínuos durante toda a vida, embora com declínio acentuado nas últimas décadas após a perda de seus principais interlocutores: o pai, o sogro (com quem morava e conversava exclusivamente em língua local até sua morte) e vizinhos da mesma geração. A esposa, embora compreendesse a língua, não a falava, e o casal não a transmitiu aos seus filhos, os quais compreendem apenas parcialmente a língua. Atualmente seu uso da língua é bastante reduzido e ocorre esporadicamente quando encontra algum conhecido da mesma geração ou no contexto dos encontros do *groupe patois* e de outras atividades de valorização da língua e da cultura tradicional que ele desenvolve na comunidade. Mesmo nessas ocasiões, é raro travarem conversas na língua, passando rapidamente ao francês.

Igualmente, JT morou toda a vida em SEB, também em Montaplan – ele e JC foram amigos de escola e de vizinhança. Esteve um tempo na Alemanha, durante o serviço militar. Em ambiente familiar, falava a língua local com o pai, a mãe e a avó paterna, que falava em francoprovençal apenas com os netos homens, com as netas falava sempre em francês. A

língua era usada ainda nas interações com a vizinhança e nos contextos do trabalho rural (plantação, colheita e *battage* – quando os cereais são batidos para se separarem da haste – de grãos). JT usava correntemente a língua com agricultores enquanto trabalhou na entrega de equipamentos agrícolas na região. Encontrou também interlocutores na fábrica de automóveis em Bourg-en-Bresse onde trabalhou até se aposentar. A esposa compreende a língua, mas não fala, e não transmitiram a língua aos filhos, sendo portanto o francês a língua dominante no ambiente familiar após o casamento.

Atualmente, após a morte da mãe, que se tornou uma importante interlocutora no final da vida, tendo sido uma das fundadora do *groupe patois* de SEB, JT tem pouquíssimas oportunidades de usar a língua. Ele relata que quando encontra conhecidos que falam a língua em ambientes públicos (mercado, igreja, etc.) é comum se saudarem na língua local e passarem rapidamente ao francês. Mesmo nas ocasiões dos encontros do *groupe patois*, conversas mais longas na línguas são raras – como também pude observar nas reuniões que participei – e isso parece ocorrer principalmente devido à presença de pessoas que não falam a língua ou que a dominam parcialmente.

JC e JT apresentam trajetórias similares, caracterizadas por um contato importante com a língua na infância, o que garantiu uma aquisição quase completa em contexto de bilinguismo francês/francoprovençal, estando o francoprovençal inserido numa posição inferior na hierarquia linguística vigente (francês/línguas regionais-*patois*). Ambos mantiveram uma contínua exposição à língua desde a infância e desenvolveram as competências passiva e ativa, sendo capazes de manter uma conversação na mesma e tendo um domínio amplo do vocabulário (o que pode ser confirmado na aplicação do questionário linguístico, do qual trataremos no capítulo 4. JC e JT foram enquadrados, assim, na categoria falante *quasi-nativo*. Atualmente, dada a acentuada redução dos contextos de uso da língua, ambos apresentam um uso ocasional da mesma.

Optamos pela criação da categoria *quasi-nativo* para caracterizar esses falantes pois, embora eles apresentem fluência na língua, não pudemos classificá-los com segurança como falantes nativos³³ da língua francoprovençal, segundo a definição de Crystal (1983) que afirma que a língua nativa é aquela adquirida naturalmente durante a infância, na qual o falante terá as intuições mais confiáveis e os julgamentos mais acertados sobre a maneira como a língua é usada. Como discutiremos anteriormente, mesmo esses falantes mais velhos e

³³ A bibliografia em língua francesa sobre o francoprovençal e sobre línguas ameaçadas em geral usa frequentemente o termo *locuteur traditionnel* (falante tradicional) para descrever o falante nativo.

mais competentes tiveram uma aquisição irregular da língua, visto que seus pais já privilegiavam o francês nas interações com os filhos.

Os entrevistados MR, AA e JP adquiriram a língua passivamente na infância, ao ouvirem os pais conversarem entre si, mas só foram desenvolver as competências ativas posteriormente, quando passaram a se interessar pela língua e a se engajar no grupo comunitário. Os três passaram por longos períodos sem contato com a língua, sobretudo após o casamento e durante a vida ativa no trabalho, mas o fato de terem sido “banhados” no *patois* na infância garantiu uma recuperação bastante satisfatória da língua de maneira a conseguirem manter uma conversação, embora não possuam um domínio completo do vocabulário, tal como os falantes *quasi*-nativos. A esses chamaremos de semi-falantes³⁴ [+competentes].

AB e AP foram pouco expostos à língua na infância. AP relata que os pais, embora agricultores, falavam muito pouco o francoprovençal. A mãe compreendia, mas não falava. Quando adolescente, teve contato com vizinhos mais velhos que falavam a língua no contexto da colheita. Já adulto, conviveu com colegas de trabalho que falavam a língua e a usavam como língua de ocultação. Seus estudos da língua se intensificaram quando passou a se tornar o responsável pelos encontros do *groupe patois*. AB, por sua vez, também teve pouco contato com a língua na infância. Sua família é de Coligny, vilarejo ao norte de Bourg-en-Bresse e sempre moraram em contexto urbano. Após casar-se, foi morar em Bourg e proximidades. Aprendeu a língua tardiamente, no grupo *patois* e ao preparar as emissões francoprovençal/francês para uma rádio local em conjunto com JP. Os dois também passaram por longos períodos sem contato com a língua, o qual se intensificou após terem se aposentado e se dedicado às atividades de valorização da língua. Esses foram classificados como semi-falantes [-competentes]. Ambos possuem um conhecimento fragmentário do vocabulário e têm dificuldade em manter uma conversação na língua.

Os falantes *quasi*-nativos, ao serem questionados sobre a competência dos mais jovens, a classificam como regular, e consideram que o falar deles não soa como a língua que conheceram na infância. Afirmam ainda que os mais jovens não respeitam as terminações das palavras, frequentemente afrancesadas, e desconhecem grande parte do vocabulário especificamente francoprovençal, introduzindo palavras do francês. Os falantes *quasi*-nativos carregam ainda uma visão purista e nostálgica da língua, mas sua percepção nos permite

³⁴ A definição de semi-falante foi discutida nas seções 2.3 e 2.4.5 do capítulo 2.

constatar que a fala dos semi-falantes é bastante marcada pelo contato com o francês, e que muito do léxico tem sido perdido e substituído por empréstimos e transferências do francês.

A entrevistada JS, embora tenha tido contato constante com a língua desde a infância – o pai falava com o avô e outros homens da família – nunca aprendeu a falar, apenas compreende. Ela relata como as mulheres eram excluídas das conversas em língua local, mesmo no contexto rural, onde há uma rígida divisão sexual do trabalho. O francês representava uma possibilidade de ascensão social, sobretudo para as mulheres, em geral via casamento, de sair do campo e ter uma vida melhor na cidade. Embora a língua regional tenha feito parte de seu ambiente familiar (mesmo adulta e casada, ela sempre morou próximo à casa da família), ela só foi se interessar por ela quando começou a acompanhar o pai, já idoso, às reuniões do grupo *patois*, do qual ele foi um dos fundadores. Após a morte do pai, ela continuou a frequentar as reuniões como uma forma de preservar sua memória. O perfil de JS será descrito como falante passivo. A maior parte das palavras que Josette conhece são aquelas que entraram para o francês regional. Ela apresentou muitas dificuldades nos exercícios de tradução propostos no questionário linguístico, mas foi capaz de reconhecer muitas das palavras quando propostas na língua local. Ela possui, assim, um nível bom de compreensão e é capaz de ler textos na língua.

No quadro 3 sintetizamos as informações sobre cada entrevistado, que foram classificados em quatro perfis, como descrito anteriormente: falante *quasi*-nativo, semi-falante [+ competente], semi-falante [- competente], falante passivo.

Quadro 3: Tipologia do falante do francoprovençal de SEB

	NOME	SEXO	IDADE	Aquisição	Exposição a língua	Competências	Uso atual
falante <i>quasi</i> -nativo	JC	M	83	passiva completa/ativa satisfatória	contínua desde a infância	satisfatórias	ocasional
	JT	M	84	passiva completa/ativa satisfatória	contínua desde a infância	satisfatórias	ocasional
semi-falante [+ competente]	MR	M	68	passiva na infância/ativa tardia	interrompida	passiva completa/ativa satisfatória	ocasional
	AA	M	84	passiva na infância/ativa tardia	interrompida	passiva completa/ativa satisfatória	ocasional
	JP	M	70	passiva na infância/ ativa parcial tardia	interrompida	passiva satisfatória /ativa parcial	ocasional/estudo quotidiano
semi-falante [- competente]	AB	M	71	passiva parcial tardia/ ativa parcial tardia (adolescente/adulto)	interrompida	passiva limitada /ativa limitada	ocasional/estudo quotidiano
	AP	M	63	passiva parcial tardia/ ativa parcial tardia (adolescente/adulto)	interrompida	passiva limitada/ ativa limitada	ocasional/ estudo quotidiano
falante passivo	JS	F	65	passiva parcial na infância/ativa muito fraca	contínua/mas limitada	passiva satisfatória/ ativa fraca	ocasional/ estudo quotidiano

Fonte: dados da pesquisa

A complexidade que emerge das tentativas de traçar uma tipologia dos falantes de línguas ameaçadas é discutida em Bert (2010) e Grinevald e Bert (2010). É frequentemente difícil estabelecer um *continuum* de proficiência tal como proposto por Dorian (1977), visto que, mesmo dentro da categoria semi-falante, pode haver grande diversidade de perfis. No caso desta pesquisa podemos postular um *continuum* que vai do falante *quasi*-nativo, caracterizado como: + proficiente (aquisição e competências completas), + velho, + rural, - escolaridade, + uso quotidiano, + exposição contínua à língua; ao falante passivo: - proficiente (aquisição e competências parciais, fracas ou nulas), + jovem, + urbano, + escolaridade, - uso quotidiano, - exposição contínua à língua. Pode-se observar, entretanto, que dentre os entrevistados nem sempre todas essas características estão presentes.

O semi-falante MR, por exemplo, tem 68 anos, mas sua proficiência está mais próxima dos falantes *quasi*-nativos do que dos outros semi-falantes da mesma geração. Ele ainda guarda o que os *quasi*-nativos chamam de “timbre *patois*” e tem um domínio quase completo do vocabulário proposto. Isso pode dever-se a alguma característica idiossincrática do entrevistado ou a algum fator que não foi elucidado nas entrevistas. A entrevistada JS,

embora seja sem dúvida a menos proficiente de todos, apresenta uma competência passiva que pode superar a de alguns semi-falantes.

Há que se considerar ainda a noção de novo falante, discutida por O'Rourke, Pujolar e Ramallo (2015) e Costa (2015) (ver capítulo 1 seção 2.4.5). Como já esclarecemos, todos os entrevistados fazem parte do grupo *patois* e estão engajados em associações e em projetos de valorização da língua. JP, AB, AP e JS estão envolvidos com projetos que demandam um estudo quotidiano da língua, tanto nas preparações dos encontros do grupo, tradução e revisão de textos, elaboração e gravação das emissões de radio, entre outros. Trata-se, assim, de falantes que, com o tempo, têm aumentado seu conhecimento da língua, ampliando o vocabulário e as demais competências. No entanto, na visão dos falantes *quasi-nativos*, esses novos falantes estão recriando a língua, alterando-a a tal ponto que eles não reconhecem mais a língua de seus antepassados. Tocamos aqui o tema da identidade sociocultural, que desenvolveremos melhor nas próximas seções deste capítulo.

Com relação à transmissão, todos os entrevistados afirmaram que não transmitiram a língua aos seus próprios filhos. No tempo em que os filhos eram pequenos, o preconceito em relação à língua ainda era muito forte e temia-se que seu uso com as crianças afetasse o perfeito aprendizado do francês. Um dos entrevistados relata que a esposa chegou a proibi-lo de falar a língua com os filhos. A esposa, com quem tive o prazer de conversar em algumas ocasiões, lembrava com arrependimento desse fato, dizendo que na época ela não sabia o quanto seria importante preservar essa língua. Deve-se destacar que os filhos e netos dos entrevistados, mesmo dos mais velhos, vivem atualmente em contexto urbano e exercem profissões desconectadas do ambiente rural, o que se mostrou um fator altamente favorecedor ao abandono da língua.

3.5 Um modo de vida em mudança, uma língua em declínio

A análise das entrevistas revelou uma grande diferença na percepção acerca do processo de abandono e desuso da língua quando comparamos os falantes *quasi-nativos* aos outros entrevistados. Os falantes *quasi-nativos* são marcados por um forte sentimento de perda da língua, associada às mudanças no modo de vida local e rural que marcou sua infância e que é lembrado com nostalgia. A vida no campo, frequentemente marcada por dificuldades financeiras, pouca estrutura e conforto, além da instabilidade e o medo advindos

com as guerras, é lembrada com um sentimento dúbio de nostalgia de uma vida mais simples e saudável mas também de sofrimento e privações.

A vida dos camponeses – em geral pequenos proprietários, ou arrendatários de um grande senhor –, antes da mecanização, era marcada por uma rotina de trabalhos que engajava toda a família: além dos trabalhos domésticos, as mulheres se ocupavam das aves, das vacas, e outros pequenos animais, do cultivo de legumes na horta, da produção de queijo e manteiga e da venda do excedente no mercado e feiras da cidade. Os homens se engajavam no trabalho pesado do campo: cultivo de cereais, feno, abate de árvores, manejo dos grandes animais. As crianças, desde que começavam a se autonomizar, eram cooptadas para ajudar nos trabalhos, sobretudo nos períodos de grande demanda de braços: durante o plantio e a colheita, o que privava as crianças de frequentarem a escola (PIROUX, 2012). O museu abrigado na sede da associação *Maison des pays en Bresse*, reconstrói uma típica casa de fazenda bressana, com seu forno a lenha, onde se assava o pão e se cultivava o fogo durante todo o dia e toda a noite para manter a casa aquecida.

Nesse contexto, a língua de comunicação é o *patois du pays*, a língua local. É nessa língua que os camponeses falavam correntemente, nomeavam os animais, os instrumentos de trabalho, os alimentos, a natureza, as mudanças climáticas que tanto interferiam em seu cotidiano, as localidades, as características do solo, e também os sentimentos e os amores, registrados nas canções e poemas tradicionais. A língua está fortemente ligada a esse modo de vida. Na cidade, média ou grande, onde se encontram pessoas de diferentes regiões, reina a língua dominante, a língua escrita, das formalidades, da burocracia, da escola, da corte, da república.

Além de toda a campanha de expansão do francês e aniquilamento das línguas regionais, já discutidos no capítulo 1, a mecanização do campo e as mudanças no modo de vida rural são os principais responsáveis pelo desaparecimento dessas línguas, que nunca puderam se urbanizar. O desenvolvimento tecnológico foi pouco a pouco introduzindo o francês, na medida em que se alterava o cotidiano da vida do camponês e de seus descendentes que passavam a não mais fazer o pão em casa mas a comprá-lo na *boulangerie*. As roupas não eram mais produzidas a partir da lã das ovelhas ou do fio produzido a partir do cânhamo, cultivado na propriedade, nem era necessário mais ter um par de **cabeu**, sapatos de madeira típicos da região, que facilitavam os deslocamentos pelos terrenos argilosos e lamacentos. Martin (1995) comparou dados lexicais coletados na década de 1950 para o *Atlas*

Linguistique et Ethnographique du Lyonnais (ALLY) e dados do início da década de 1990, e observou que:

Os mapas do atlas correspondem a um vocabulário essencialmente rural dos anos quarenta. Muitas realidades ou noções então em uso ou bem presentes na memória das pessoas hoje desapareceram, e seu desaparecimento corresponde à morte dos falantes dessa geração. A maioria dos termos designando objetos e instrumentos tradicionais não são mais conhecidos atualmente, visto que os próprios objetos não são mais conhecidos. Em uma época submetida a uma revolução tecnológica, o desaparecimento de um bom número de termos técnicos antigos – incluindo os ligados à agricultura – é inevitável (MARTIN, 1995, p. 221)³⁵.

As palavras desaparecem na medida em que a realidade que elas representam torna-se obsoleta, e na medida em que os hábitos, as percepções e conhecimentos ligados à uma determinada realidade ou dimensão da vida, e a um determinado campo semântico, se transformam. Esse sentimento de perda, vivido pelos falantes nativos, se acentua com a diminuição dos contextos de uso da língua, agravado pela perda progressiva de seus interlocutores, mais velhos ou da mesma geração (acima de 80 anos). A língua passa a ser usada apenas em saudações rápidas ou *pour rigoler* (por diversão), em encontros ocasionais com outros falantes ou semi-falantes. Como meio de comunicação ou expressão, passa-se ao francês.

Por outro lado, os semi-falantes entrevistados, sobretudo os mais engajados nos projetos de valorização da língua, apresentam uma visão mais otimista. Trata-se de pessoas que tiveram algum contato com a língua na infância e passaram por um período de interrupção do contato. Esses militantes da língua passaram grande parte de suas vidas em contexto urbano, embora sempre na região. O interesse pela língua surgiu exatamente no contexto em que essas pessoas retornam à sua terra natal, após a aposentadoria, buscando viver mais próximos à natureza e ter melhor qualidade de vida. Esses, ao realizarem diferentes atividades ligadas à valorização e difusão da língua, experimentam um sentimento de grande satisfação, de recuperação de um passado idealizado, e acabam por superdimensionar a presença e o papel da língua em seu cotidiano.

³⁵ Tradução nossa. Do original: “Les cartes de l’atlas correspondent à un vocabulaire essentiellement rural des années quarante. Beaucoup de réalités ou notions alors en usage ou bien présentes dans les mémoires ont aujourd’hui disparu, leur disparition correspondant à la mort des patoisants de cette génération. La plupart des termes désignant des objets ou parties d’instruments traditionnels ne sont plus connus aujourd’hui parce que ceux-ci ne sont eux-mêmes plus connus. A une époque qui est soumise à une révolution technologique, la disparition de bon nombre de termes techniques anciens - y compris en agriculture - est inévitable” (MARTIN, 1995, p. 221).

3.6 Vida associativa e rede social

Na seção 1.5 do capítulo 1, falamos sobre a importância das associações nos projetos de revitalização e valorização do francoprovençal na França. A análise dos fatores 5, 6 e 7 da UNESCO (2003), na seção 1.3, também nos mostraram os avanços e impasses em relação à conquista de novos domínios e mídias, à elaboração de materiais para educação e letramento, às políticas linguísticas e papel das instituições na manutenção e difusão da língua.

Todos os nossos entrevistados são aposentados e estão engajados em duas ou mais associações – observou-se que essa prática associativa é bastante comum entre os aposentados, como uma forma de se manterem ativos e contribuírem com projetos sociais e culturais nos quais acreditam, e assim manterem uma função na comunidade.

Essas pessoas estão inseridas dentro de uma comunidade sociolinguística cujas interações giram, predominantemente, em torno do vilarejo de SEB, de alguns vilarejos ou localidades próximos (onde alguns moram ou têm parentes e amigos) e de Bourg-en-Bresse, que é a capital do departamento, onde há estação de trem, um comércio mais robusto, feiras, bancos, cartórios, etc. A língua dominante nesses ambientes é sem dúvida o francês, língua oficial e da comunicação quotidiana, mesmo nos ambientes familiares. Todos estão submetidos, assim, a uma norma social, no sentido proposto por Milroy (1992), onde o francês é a língua de prestígio e as línguas locais ocupam uma posição inferior na hierarquia linguística.

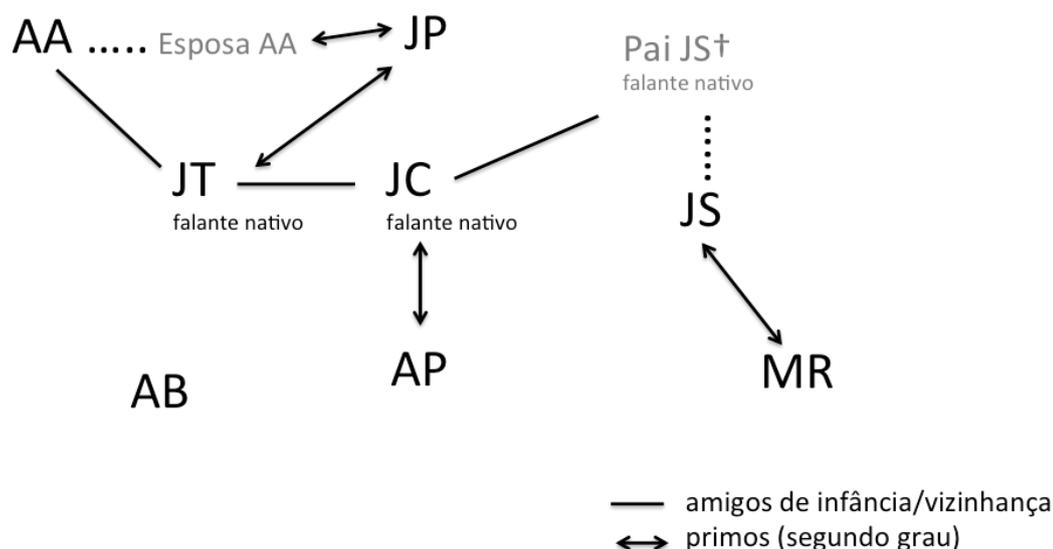
Por outro lado, os falantes da língua regional constituem uma sub-rede dentro dessa comunidade mais ampla onde prepondera a língua francesa. Como a língua regional encontra-se em processo de desuso, não sendo mais transmitida às novas gerações em ambiente familiar, essa sub-rede apresenta-se de forma fluida e fragmentária, como já discutimos na seção 3.2 deste capítulo, seus falantes estão frequentemente pulverizados pelo território de seu domínio, muitos sem contato entre si, ou até mesmo desconhecendo a competência linguística uns dos outros. As associações, surgem, assim, como um elemento centralizador, que atrai essas pessoas e as coloca em contato. Não são raros os relatos de pessoas que só ficaram sabendo que um conhecido ou mesmo um parente conhecia a língua quando passaram a se encontrar em reuniões do grupo *patois* ou outras atividades das associações. Nesse contexto, as associações que se ocupam da língua cumprem um papel fundamental para o desenvolvimento de projetos de valorização do francoprovençal e para a vivência e sobrevivência dessa língua, na medida em que cria um espaço no qual ela é colocada no

centro das atenções e das práticas socioculturais do grupo, desempenhando importante função identitária e de coesão social.

Além das associações exercerem essa função agregadora, conectando os falantes, observou-se que os entrevistados também estão ligados entre si por laços de parentesco, vizinhança ou trabalho, constituindo uma rede social densa. Entre nossos entrevistados, foi possível mapear uma rede de laços de parentesco, amizade e vizinhança, como mostra a figura 11: JT e JC, classificados como falantes *quasi*-nativos, e o semi-falante [+ competente] AA são os mais velhos e estão conectados por laços de amizade e vizinhança desde a infância, incluindo o pai de JS, já falecido (o pontilhado mostra a relação entre JS e seu pai, e AA e sua esposa, os quais não foram entrevistados e por isso estão em cor cinza). Os demais entrevistados se ligam por laço de parentesco (primos de segundo grau): JP é primo da esposa de AA e primo de JT; AP é primo de JC e MR é primo de JS, cujo pai era amigo de infância de JC. A avó materna de JS também pertencia à família de JC.

A população do vilarejo é composta por um determinado conjunto de famílias que se interconectam historicamente através de casamentos: JC relata que os moradores de SEB se casavam mais frequentemente com pessoas de localidades a oeste do vilarejo, onde os deslocamentos eram mais fáceis, do que a leste, onde as dificuldades de locomoção eram mais acentuadas.

Figura 10: Rede de parentesco, amizade e vizinhança entre os entrevistados



Fonte: dados da pesquisa

Conforme Milroy (1992), uma rede social densa pode favorecer a manutenção de variedades de baixo prestígio, na medida em que reforça a norma consensual interna à comunidade, abrigando-a de interferências externas. No caso de línguas em processo de obsolescência, entretanto, esse fator pode atuar duplamente: de um lado, a rede de indivíduos ligados pelas associações e outros laços fortes reforçam o valor da língua dentro do grupo favorecendo sua manutenção, de outro lado o fechamento do grupo em si mesmo minimiza sua capacidade de atuar nos níveis mais amplos da comunidade, reduzindo o impacto de suas ações na luta contra o desaparecimento da língua.

Além disso, mesmo reforçando o valor da língua local e seu papel afetivo e integrador na comunidade de SEB, essa rede densa – já bastante distante das redes comunitárias rurais do passado quando todos se conheciam, frequentavam os mesmos ambientes e se ligavam por fortes laços de solidariedade e convivialidade – encontra-se em progressivo e evidente processo de fragmentação e possível reestruturação, com a morte dos membros mais velhos e a chegada de pessoas novas frequentemente vindas de outras cidades ou regiões. Nesse sentido, evidencia-se a vulnerabilidade dos laços fortes (GRANOVETTER, 1973), e a necessidade de se criar uma rede mais ampla que reúna os diferentes indivíduos, grupos e entidades que se ocupam da língua francoprovençal, agregando assim mais poder e visibilidade às ações de manutenção e mesmo de difusão da língua. Tal projeto já vem sendo empreendido com a criação da *Fédération du Francoprovençal*, como discutimos na seção 1.5 do capítulo 1, mas os resultados ainda são muito incipientes e os obstáculos bastante importantes como, por exemplo, a dificuldade de se reunir fisicamente pessoas de regiões distantes dentro do domínio da língua, em geral pessoas mais velhas, moradores de pequenas cidades e frequentemente com dificuldades ou simplesmente pouco dispostas aos deslocamentos necessários.

3.7 Língua-objeto: valorização, manutenção e transmissão

A análise dos fatores da UNESCO (2003) (seção 1.3 do capítulo 1) corroborada pelo estudo do perfil dos falantes do francoprovençal no vilarejo de SEB mostrou que o grau de ameaça dessa língua na França é bastante elevado, sobretudo pelo fato de ela não estar sendo transmitida às novas gerações no ambiente familiar, pela falta de reconhecimento e implementação do ensino formal da língua e por uma acentuada redução de seu uso como

meio de comunicação cotidiano. Nas últimas décadas, os projetos de valorização e revitalização da língua buscam reverter esse quadro, no entanto, o contexto sócio-histórico que levou a essa situação, descrito no capítulo 1, marcado sobretudo por uma política linguística explicitamente contrária à manutenção dessa língua em território francês, gerou múltiplos obstáculos à realização dessa tarefa.

A transmissão, fator 1 na escala da UNESCO, é talvez o maior desafio aos projetos de valorização e revitalização da língua. Observamos na comunidade estudada que não se vislumbra reintroduzir a língua na comunicação cotidiana, conforme apontou também Pivot (2014), mas conservá-la como patrimônio linguístico, conferindo-lhe um novo sentido em um espaço produtivo, no qual ela possa não apenas se preservar mas se atualizar e se reproduzir, num contexto em que a língua oficial dominante, o francês, é a língua privilegiada em todas as esferas de interação. A língua passa por um processo de patrimonialização, fenômeno que pode ser entendido, segundo Pivot (2014), como um processo social de transformação de uma língua num objeto simbólico, em uma espécie de bem cultivado e estimado de uma coletividade e com importante papel identitário.

A identidade deve ser compreendida em sua dimensão individual – na medida em que é experimentada, vivenciada pelos sujeitos – mas também enquanto um construto social. A construção da identidade ocorre em decorrência do processo de socialização, ou seja, da interiorização pelo indivíduo das normas, valores e crenças coletivas nas quais os membros do grupo pautam suas práticas, ações e comportamentos, resultando na formação do que Bourdieu chamou de *habitus*: tendências a agir, pensar e sentir de determinadas formas adquiridas pela socialização (BOURDIEU, 1977). Embora propriedade do indivíduo, a identidade não é una ou uniforme, mas resulta da negociação dos significados de sua experiência de pertença a diferentes grupos sociais, ou seja, de sua filiação social, das posições que ele ocupa nos grupos de que faz parte, os quais, por sua vez, se estruturam em relação aos campos ou classes sociais distintas que caracterizam a estratificação social da sociedade mais ampla. Por isso, o mais correto seria falar em uma identidade múltipla, resultante da síntese das práticas sociais pautadas no *habitus* (lado individual) e da posição do indivíduo na comunidade e na estrutura social mais ampla (lado coletivo) (BATTISTI, 2014).

Nesse sentido, o falante do francoprovençal se mostra como um indivíduo cindido entre duas dimensões identitárias, atraído por duas forças que o definem enquanto ser social: de uma lado a comunidade mais ampla, representada pela nação e pela língua francesa – entendida como uma entidade abstrata, uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008);

de outro lado a comunidade local, mais concreta e imediata, vivenciada no dia-a-dia, onde a língua local adquire lugar e sentido social, embora a função social comunicativa continue sendo majoritariamente desempenhada pelo francês.

Ao objetivar-se e exteriorizar-se enquanto bem patrimonial que deve ser preservado e valorizado, a língua passa a existir independentemente daqueles poucos falantes que a falam fluentemente e pode, assim, reintroduzir-se nas práticas sociais da comunidade. Nesse sentido, delinea-se uma nova concepção de revitalização, que busca ir além da ideia de fazer com que uma língua que deixou de ser usada como língua da comunicação volte a ter pleno uso em todas as esferas da vida, como aconteceu com o hebraico. Segundo Pivot (2014), revitalizar constitui “o conjunto de ações que têm como fim colocar a língua no centro de suas práticas socioculturais. A revitalização é entendida como tudo o que permite modificar a situação sociolinguística de maneira positiva: ‘fazer viver’ a língua, ensiná-la, produzir documentos escritos, criar obras...” (PIVOT, 2014, p. 23)³⁶.

Mesmo sem tornar-se meio de comunicação, a língua ganha novo sentido e passa a fazer parte das práticas sociais da comunidade, ganha valor simbólico e passa a ser cultivada e valorizada: nos eventos comunitários, nas festas, nos encontros dos grupos *patois*, nas intervenções nas escolas, na geração de novas obras culturais (músicas, literatura, teatro, etc). Nesse sentido, surge o que Pivot (2014, citando Shandler, (2006)) chamou de língua pós-vernacular, uma língua que se torna objeto de afeto e deve ser promovida, defendida e salvaguardada como elemento da cultura, símbolo da identidade local e de pertencimento a uma coletividade. Por essa razão, no caso do francoprovençal, é mais frequente falar-se em valorização da língua do que em revitalização, visto que o termo *revitalizar* carregaria a ideia de colocar a língua novamente no uso cotidiano, num contexto de bilinguismo ou multilinguismo ao lado do francês e de outras línguas locais, o que observamos não ser o caso na comunidade estudada nem tampouco na França em geral, conforme apontaram outros trabalhos (PIVOT, 2014 e BERT; COSTA, 2009).

Os projetos de sensibilização e valorização do francoprovençal desenvolvidos na França que têm seguido essa linha de pensamento e conduta parecem estar tendo maior êxito do que as tentativas de implementação do ensino escolar da língua que, em geral, têm pouca adesão e são pouco expressivos em domínio francoprovençal. Projetos de formação de

³⁶ Tradução nossa. Do original: “l’ensemble des actions qui ont comme objet de mettre la langue au centre de leurs pratiques socio-culturelles. La revitalisation est alors entendue comme tout ce qui permet de modifier la situation sociolinguistique de manière positive: ‘faire vivre’ la langue, l’enseigner, produire des documents écrits, créer des oeuvres...” (PIVOT, 2014. p. 23).

mediadores para atuarem na sensibilização e na difusão da língua no departamento de Ain, organizados pela associação *Patrimoine des Pays de l'Ain*, têm contribuído para a multiplicação dessas ações por todo o departamento, formando uma equipe especializada em atividades de reconhecimento, valorização e vivência do patrimônio linguístico da região, associado ao patrimônio histórico e cultural do departamento.

No vilarejo de SEB, a atuação de indivíduos engajados na salvaguarda do francoprovençal, falantes, semi-falantes ou aprendizes da língua, têm tido esse tipo de orientação. Mesmo pessoas menos competentes na língua, apropriam-se dela por meios das obras que ajudam a criar – dicionários, traduções de textos, materiais de ensino e difusão, músicas, entre outros – e tornam-se referência para a comunidade, na medida em que se tornam guardiães da língua.

Alguns desafios, no entanto, ainda se apresentam como obstáculos ao êxito dos projetos de difusão e valorização da língua no longo prazo. O primeiro diz respeito à inexistência de uma grafia unificada, o que prejudica a elaboração de materiais para uso num nível mais amplo do que o vilarejo. Tradicionalmente cada cidade ou sub-região possui uma forma de escrever, em geral estabelecida por um falante com maior prestígio, competência e engajamento – são frequentemente pessoas idosas que dificilmente aceitam adotar outra grafia. Esse tema é constantemente discutido no seio das associações, mas sem avanços em direção a um consenso sobre a adoção de uma grafia unificada.

Outra questão que frequentemente se coloca é a da atualização ou modernização da língua e possibilidades de penetração junto aos jovens. Observou-se que esse tema é uma espécie de fantasma que assombra os projetos de revitalização do francoprovençal. Como trata-se de uma língua em desuso, falada apenas por pessoas mais velhas, ligada basicamente ao ambiente rural e às atividades tradicionais do campo, há uma dificuldade em trazer a língua para os dias atuais, em abordar assuntos da contemporaneidade. Isso ocorre, de uma lado, pela dificuldade em expressar essas novas realidades e os impasses que a criação ou empréstimo de novas palavras trazem; e de outro, devido ao próprio interesse ou dificuldade das pessoas envolvidas nos projetos, em geral pessoas mais velhas, que apresentam resistência diante de alguns temas mais modernos.

Coloca-se então o risco de museificação da língua, que consiste na transformação da mesma em algo rígido e distante da realidade atual, em objeto estático e sem vida, ligado ao passado, ao folclore. Se por um lado, a museificação possa ser vista como uma etapa necessária da preservação dessa língua e seja uma reivindicação dos próprios falantes

(PIVOT, 2014), os quais privilegiam a relação da língua com as tradições locais, as antigas profissões, as antigas práticas rurais e artesanais; por outro lado, corre-se o risco de encerrá-la dentro das paredes de um museu, tornando-a interessante para o turista, mas pouco atrativa aos habitantes, reduzindo sua real inserção na cultura e na vivência da comunidade local.

Todas essas questões estão em plena fase de discussão e de busca de alternativas que atendam e conciliem as diferentes demandas existentes. Nesse contexto, o debate no seio das associações, nos grupos de vivência da língua, nas reuniões da *Fédération du Francoprovençal*, se mostra de extrema importância na medida em que coloca diferentes pontos de vista em contato – da academia, das associações, dos falantes nativos mais conservadores, dos semi-falantes e novos falantes –, possibilitando que através do diálogo possa-se avançar na busca por soluções que favoreçam a manutenção da língua e o sucesso das iniciativas de valorização do francoprovençal na França.

3.8 Novos falantes e o futuro da língua

O desenvolvimento de projetos de valorização e revitalização do francoprovençal tem como resultado o surgimento de novos falantes (*new speakers, néo-locuteurs*) da língua, uma nova categoria de falante que é colocada em posição hierarquicamente inferior em relação aos falantes nativos, sendo esses últimos considerados possuidores de uma versão autêntica e legítima da língua. Num contexto em que a linguagem aparece como definidora da coletividade, detentora de uma visão de mundo e de conhecimentos que ela expressa e transmite, o falante nativo encarna a essência e a potencialidade cultural dessa coletividade (O'ROUKE; PUJOLAR; RAMALLO, 2015). Revitalizar revela-se então um campo de batalhas, na medida em que os diversos grupos ou agentes da revitalização entram em embates em torno da apropriação dessa língua e da cultura que ela carrega e de sua projeção na atualidade.

Segundo Costa (2015), em seu estudo sobre o provençal na França, os novos falantes são definidos não apenas por sua competência na língua – frequentemente marcada pelo contato com a língua dominante –, mas também como uma categoria social constituída predominantemente por jovens, urbanos e de classe média. Em contraposição, os falantes nativos são mais velhos, originários do meio rural e oriundos da classe trabalhadora. A versão da língua provençal dos novos falantes na comunidade estudada por Costa (2015) é

considerada “artificial, literária, normativa, reconstituída ou idiossincrática, urbana, jovem” (COSTA, 2015, p. 133)³⁷, uma língua que apresenta aspectos do contato com a língua dominante que são condenados pelos falantes nativos, sobretudo traços sintáticos e prosódicos. Por outro lado, os empréstimos presentes na fala dos falantes nativos – devidos ao longo e intenso contato com o francês e outras línguas vizinhas – são vistos como autênticos por estarem embutidos numa sintaxe mais tradicional (COSTA, 2015).

A inserção dos novos falantes na comunidade linguística se apresenta assim problemática, na medida em que esses falantes têm dificuldade em adquirir legitimidade diante dos falantes nativos, considerados modelo da língua autêntica, correta, pura e original, uma abstração que pouco tem a ver com a realidade dinâmica das línguas e que revela, na verdade, uma ideologia da natividade, muitas vezes reproduzida mesmo nos meios acadêmicos, sobretudo nos campos da dialetologia (expresso na definição do falante nativo ideal) e da linguística aplicada, nas metodologias de ensino de línguas (O’ROUKE; PUJOLAR; RAMALLO, 2015).

As agendas de revitalização seguem frequentemente esse mesmo padrão, pretendendo recuperar a língua em uma forma não alterada, “original”, e os efeitos do contato e da mudança linguística são vistos como um problema, como perda. A emergência dos novos falantes coloca então em evidência as contradições presentes nos projetos de revitalização, colocando em questão os pressupostos básicos das práticas de planejamento linguístico de comunidades linguísticas minoritárias na Europa. De um lado, coloca-se os falantes nativos como representantes legítimos da comunidade e de outro, com o desaparecimento inevitável desses falantes tradicionais, os não nativos são chamados a aprender e a usar a língua para reverter o processo de obsolescência (O’ROUKE; PUJOLAR; RAMALLO, 2015).

Na medida em que os falantes nativos de línguas minoritárias, que a aprenderam na infância quando ela ainda era usada como meio de comunicação, deixam de existir, não tendo sido capazes de transmitir a língua ativamente aos seus descendentes, são os programas de revitalização e os novos falantes a única possibilidade de evitar o desaparecimento completo da língua, mesmo que a língua que sobreviva seja sensivelmente diferente da língua de seus antepassados. Essa parece ser mais uma característica das chamadas línguas pós-vernaculares (PIVOT, 2014), marcadas pelo contato, pelo multilinguismo de um mundo cada vez mais global e interconectado e por comunidades fundadas na diversidade de práticas linguísticas e sociais.

³⁷ Tradução nossa. Do original: “artificial, literary, normative, reconstituted or idiosyncratic, urban, young” (COSTA, 2015, p. 133).

Os novos falantes do francoprovençal no vilarejo de SEB e arredores³⁸, que tiveram pouco contato com a língua na infância e que desenvolveram competências ativas na língua tardiamente, são desvalorizados pelo falantes *quasi*-nativos, que caracterizam a fala daqueles como afrancesada, errada, com um sotaque que não soa mais como a língua que eles aprenderam na infância. O mito da língua ancestral, pura e idealizada, ainda reina nos sentimentos e atitudes desses falantes, principalmente daqueles que viram sua língua ir desaparecendo aos poucos, juntamente com o modo de vida tradicional que marcou sua infância no meio rural. Os *quasi*-nativos cultivam uma espécie de lealdade linguística (DAL NEGRO, 2004) conservadora à língua de seus antepassados, rejeitando alterações em sua estrutura e vocabulário.

Os novos falantes, por sua vez, são mais propensos aos fenômenos de adaptação, analogia, empréstimos, entre outros, devido às características de seu processo de aquisição da língua – pouca exposição à língua na infância, longo período sem contato com a língua, etc –, mas também por terem uma atitude diante da língua diferente da dos *quasi*-nativos. Os novos falantes estão comprometidos com ações que visam a sobrevivência da língua, mesmo após a morte dos mais velhos, desta forma há uma lealdade maior em relação à manutenção dessas ações, à criação de materiais e contextos em que se possa viver a língua e torná-la viva, do que com uma manutenção formal de uma suposta língua pura idealizada.

Os novos falantes experimentam ainda um forte sentimento de insegurança linguística, o que gera muita hesitação nas entrevistas, e muitas vezes demonstram menos do que eles realmente sabem da língua. Os mais velhos são tomados como referência dessa língua pura, mas seu conservadorismo é visto como um entrave diante da necessidade de se atualizar ou modernizar a língua. Os falantes *quasi*-nativos são resistentes à introdução de palavras estrangeiras para a expressão das novas realidades e tecnologias e são frequentemente avessos a qualquer tentativa de normatização ou padronização da língua, assim como à criação de uma grafia comum.

Como discute Dal Negro (2004), há casos em que línguas desapareceram sem passar por grandes processos de mudanças ou decadências estruturais, devido ao fato de seus falantes, embora altamente leais aos aspectos formais da língua, terem abandonado seu uso de forma mais ou menos abrupta, sem ter passado por contextos de *code-switching*, empréstimos, surgimento de semi-falantes ou tentativas de revitalização. Esse não parece ser o caso do francoprovençal, que tem na figura dos semi-falantes e dos novos falantes a emergência de

³⁸ Com exceção dos falantes nativos e dos semi-falantes MR e AA, os demais foram considerados também novos falantes, visto tratar-se de pessoas engajadas no estudo e na difusão da língua.

uma nova versão da língua, marcada pelo contato e submetida às forças sociais e formais que alteram as línguas naturais.

Observa-se, assim, uma forte oposição entre o velho e o novo, e uma dificuldade em se chegar ao consenso em relação a elementos essenciais às ações de revitalização, como a criação de material didático na língua, por exemplo, o que demanda um acordo em relação à grafia e gramática da língua. A problemática da padronização parece esbarrar em uma questão identitária a nível local. O francoprovençal varia enormemente em seu território e essa variação expressa-se nas diferenças, maiores ou menores, que distinguem o *patois* de cada vilarejo. Essas diferenças são exacerbadas pelos falantes, sobretudo os que estão em contato com falantes de variantes de outras línguas como o occitano e os falares *d'oïl*. São essas diferenças que individualizam seu vilarejo, o *patois du pays*, revelando e reafirmando sua origem. Desta forma, na percepção dos falantes, cada um fala o *patois à sa façon* (a sua maneira), e padronizá-lo seria negar o que ele tem de essencial, seu caráter dialetal (conforme TUAILLON, 1988).

Nesse sentido, pode-se afirmar que os embates que afloram nos grupos e associações atuantes na revitalização do francoprovençal na França estão longe de se resolverem. A falta de uma efetiva unidade dos diferentes grupos fragmentados em vasto território, mais ou menos isolados nas pequenas cidades, contribui para a dificuldade em se empreender um projeto de revitalização com maior impacto, sobretudo na transmissão. A idealização da língua dos antepassados e a insistência na ideia de que revitalizar é recuperar essa língua perdida em sua forma intacta acabam por desestimular o interesse de potenciais novos falantes, que não veem vantagens ou utilidade em se aprender a língua, associando-a ao passado, a um modo de vida considerado ultrapassado.

A sobrevivência do francoprovençal parece depender da aceitação dessa nova língua que surge, marcada pelo contato, pela incorporação e adaptação de elementos da língua dominante, o francês.

4 ANÁLISE DOS DADOS LINGUÍSTICOS : O FALAR BRESSAN DE SAINT-ÉTIENNE-DU-BOIS

4.1 Apresentação

Neste capítulo apresentaremos a descrição e análise dos dados linguísticos coletados nas entrevistas. A elaboração do questionário linguístico e a coleta de dados da variante francoprovençal de Saint-Étienne-du-Bois (SEB) levou em conta as limitações de tempo e recursos para a realização das entrevistas (ver seção 2.4 do capítulo 2), assim como o fato de a língua estar em acentuado desuso na comunidade estudada – como discutido e analisado no capítulo 3. Desta forma, no questionário linguístico selecionamos características e elementos linguísticos que julgamos importantes para o estudo do desaparecimento da língua na comunidade, na medida em que revelam a manutenção ou não de traços gerais que distinguem o francoprovençal dentro do grupo galo-românico – conforme Tuaille (2007), Martin (1990, 2011 e 2013) –, assim como as evoluções ou mudanças decorrentes do contato com a língua dominante.

Importantes obras que descrevem e analisam a língua francoprovençal, tais como Tuaille (1988, 2007), Stich (1998, 2003), Martin (1995, 2005, 2011, 2012), e mais especificamente a variante bressana falada no departamento de *Ain*, como a obra de Martin (2013), Martin (1996), que apresenta textos e glossário do francoprovençal de SEB, assim como o *Atlas Linguistique et ethnographique du Jura et des Alpes du Nord* (ALJA) (MARTIN; TUAILLON, 1971), serão tomadas como ponto de referência para as análises dos dados coletados.

Os dados linguísticos foram analisados levando em conta a tipologia dos falantes entrevistados, descrita e analisada no capítulo 3, de maneira a associar as características sociolinguísticas, modos de aquisição, exposição e uso da língua, entre outros, aos resultados propriamente linguísticos. Três categorias de falantes foram identificadas: falante *quasi*-nativo, semi-falante (classificados como [+ competentes] e [- competentes]) e falante passivo. Os entrevistados foram categorizados num *continuum* de proficiência que tem num extremo o falante *quasi*-nativo, que é o mais proficiente, adquiriu a língua na infância – embora sua primeira língua tenha sido o francês –, teve maior exposição e maior uso da mesma; na

sequência o semi-falante (com perfis e proficiência variados); e no outro extremo o falante passivo, menos proficiente, aquisição tardia, menor exposição e uso da língua.

Dado seu caráter regional e minoritário, os falares francoprovençais tiveram de resistir, no decorrer de toda a sua história, a três fortes situações de contato: ao norte os falares do domínio *d'oïl*, ao sul os falares occitanos e a língua francesa, língua oficial da nação presente na região já há alguns séculos. O domínio do francês, sendo uma língua *d'oïl*, reforçava a sobreposição das características setentrionais sobre as meridionais (occitano). Segundo Tuaille (2007), os principais traços linguísticos impostos pelos falares setentrionais são: a acentuação oxítona, fechamento do timbre [a] em [e], pronúncia de [j] no lugar de [ts] ou outras variantes, pronúncia de [œ] ou [ɛ̃] no lugar de [ɔ̃], além dos empréstimos lexicais.

A análise dos dados linguísticos dos semi-falantes se mostrou de grande importância para a observação da manutenção e das mudanças em relação aos falantes *quasi*-nativos, mais proficientes, e ao que está descrito na bibliografia de referência. Alguns elementos tendem a se preservar, enquanto outros tendem a evoluir, a se alterar. Os dados coletados juntos à única entrevistada mulher, classificada como falante passivo, a qual teve grande dificuldade de realizar a maior parte dos exercícios de tradução e eliciação propostos, foram importantes para avaliar principalmente as palavras que entraram para o francês regional. Essas palavras, ao terem sido tomadas de empréstimo pelo francês são fortes candidatas a se preservarem, embora possam ter sofrido adaptações à morfologia e fonética do francês.

No capítulo 2 discutimos a problemática de se estabelecer uma tipologia dos fenômenos linguísticos e determinar suas consequências na estrutura da língua, tendo como base teorias do contato linguístico e estudos específicos em contextos de obsolescência linguística. Os fenômenos analisados neste capítulo foram caracterizados em dois tipos: os fenômenos de manutenção ou retenção e os fenômenos de mudança. A análise levou em conta o perfil dos entrevistados e outros fatores sociais e históricos atuantes, discutidos nos capítulos 1 e 3. Ao final, buscamos sintetizar os resultados e sistematizá-los numa matriz de fatores internos e externos favorecedores da mudança ou da manutenção, nos moldes da matriz de Cohen (2009).

Os fenômenos de mudança foram descritos da seguinte maneira: 1. fenômeno de empréstimo, que pode ser antigo, consolidado e difundido, com evidência histórica, ou recente, quando há menor integração e co-ocorrência com a palavra mais antiga; 2. fenômeno de decalque (cf. VIARO, 2011); 3. fenômeno de transferência (pode ser entendido também

como *code-switching*), quando há introdução pontual ou isolada de determinada palavra do francês no francoprovençal; 4. fenômeno de convergência, quando uma característica estrutural mais abstrata (características morfosintática ou fonética) do francês é introduzida na língua local, tornando-a mais similar ao francês – excetuando-se os casos de itens lexicais, os quais foram interpretados como empréstimo, decalque ou transferência³⁹; 5. desgaste ou perda, foram os casos de desaparecimento de palavras, formas ou características da língua junto aos semi-falantes (cf. THOMASON, 2015).

Esses fenômenos podem se caracterizar por adaptações, alinhamentos ou nivelamentos via analogia nos níveis fonético ou morfológico, os quais revelam as estratégias criativas dos falantes que buscam recuperar uma língua a qual foram pouco expostos e que tem pouco uso em seu cotidiano.

4.2 Organização e apresentação dos dados

Os dados linguísticos coletados por meio da aplicação do Questionário Linguístico, apresentado e descrito no capítulo 1, foram representados utilizando-se uma grafia local, criada pelo grupo *patois* de SEB, na época, sob direção de um dos falantes mais antigos da cidade, já falecido, André Macon, principal colaborador para a criação da obra *Qu'elle était riche notre langue* (MARTIN, 1996), que apresenta textos e glossário do francoprovençal de SEB, e de outras obras de divulgação da língua do vilarejo. Tal grafia se inspirou bastante na *Graphie de Conflans pour le savoyard*, criada por falantes do falar *savoyard* a partir de certas convenções do francês com o objetivo de tornar a língua acessível ao maior número de leitores.

Nossa opção por essa grafia se justifica pela necessidade de se manter a proximidade entre os dados por nós coletados e outros materiais escritos na língua, que foram utilizados na pesquisa. Além disso, acredita-se que, assim, futuras pesquisas ou mesmo a criação de materiais com objetivos de difusão e revitalização da língua a partir dessas dados possam ser mais facilmente empreendidos e utilizados pela comunidade local.

Na apresentação dos exemplos linguísticos, quando um fenômeno fonético-fonológico foi tratado, utilizou-se a transcrição fonética segundo as regras definidas pelo IPA (Alfabeto

³⁹ Sobre os conceitos de empréstimo, decalque, transferência, convergência e *code-switching*, ver discussão teórica na seção 2.3 (cap. 2), a partir da qual chegamos nessas definições, adaptadas à realidade por nós encontrada.

Fonético Internacional). Todos os exemplos foram glosados e traduzidos para o português. O francês é uma língua sempre levada em conta tanto por ser a língua materna dos entrevistados e língua dominante na situação de contato, como por ter sido a língua de trabalho na aplicação do questionário: as palavras ou frases foram propostas em francês e os entrevistados deveriam fornecer uma tradução na língua local, o que justifica observar a ocorrência de fenômenos como o decalque, empréstimos ou outros tipos de fenômenos induzidos pelo contato.

As ocorrências foram codificadas de maneira a permitir sua localização no banco de dados: questionário (1 para lista de palavras, 2 para frases simples, 3 para frases complexas, 4 para demonstrativos e 5 para questionário estendido) nome do entrevistado (abreviado em maiúscula), número da ocorrência/frase no *corpus*. Exemplo: 1JC2, ocorrência extraída da lista de palavras, o entrevistado é JC, segunda ocorrência/frase. A informação acerca da tipologia do falante será colocada ao lado do código, entre parênteses: 1JC2 (falante *quasi-nativo*).

O sistema de glosas utilizado nesta tese foi inspirado na *The Leipzig Glossing Rules* (2015)⁴⁰ e adaptado segundo as características da língua estudada e os objetivos da análise. Representamos as categorias gramaticais pertinentes às análises desenvolvidas. A lista das abreviaturas utilizadas está disponível no início deste volume.

4.3 Grafia e sons da língua

Apresentaremos nesta subseção a relação entre os grafemas utilizados na notação dos exemplos e os sons da variante do francoprovençal falada em SEB. Embora esta grafia tente evitar a utilização de grafemas ou letras que não são pronunciadas, como ocorre frequentemente com o francês, a representação de alguns sons ainda é idêntica à francesa, sobretudo as vogais. Isso ocorre, provavelmente, como uma estratégia de tornar a escrita da língua mais familiar aos falantes monolíngues do francês. As palavras paroxítonas são marcadas com um sublinhado sob a sílaba tônica.

- **a** é pronunciado sempre [a] como em **tapa** (fr. *tape*, pt. *tapa*).

⁴⁰ Disponível em <https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>, acesso em 12/07/2019.

- **e** é pronunciado [ə] e, diferentemente do francês onde *e* frequentemente desaparece, no francoprovençal essa letra é sempre pronunciada, preservando a sílaba: **fene** ['fənə] (fr. *femmes* [fam], pt. mulher).
- **i** é pronunciado [i], como em **abitô** (fr. *habiter*, pt. habitar), **idé** (fr. *idée*, pt. ideia), exceto quando diante de **n**, quando temos a vogal nasal.
- A grafia **o** representa [ɔ]: **olye** (fr. *aiguille*, pt. agulha).
- **ou** representa o som [u]: **bonzhou** [bõ'du] (fr. *bonjour*, pt. bom dia)
- **u** representa [y]: **fumi** (fr. *fumier*, pt. estrume)
- **eu** representa [ø]: **deu** (fr. *deux*, pt. dois)

Os acentos grave, agudo e circunflexo são utilizados para marcar a diferença entre vogais:

- **è** representa [ɛ] em palavras como **èfeu** (fr. *effort*, pt. esforço), **lèdou** (fr. *laid*, pt. feio) e, mais frequentemente, em palavras onde ocorreu o fenômeno de desnasalização tardia típico do bressan: **èfè** (fr. *enfant*, pt. criança), **chouvè** (fr. *souvent*, pt. frequentemente), **vè** (fr. *vent*, pt. vento).
- **é** representa [e]: **étyeula** (fr. *école*, pt. escola), **féta** (fr. *fête*, pt. festa), **fouzhé** (fr. *forêt*, pt. floresta).
- **ô** representa sempre [o], em geral um pouco mais longo e mais fechado do que o [o] francês de palavras como *peau* ou *cadeau*. **Ô** aparece em palavras como **cadô** (fr. *cadeau*, pt. presente), **travô** (fr. *travail/travaux*, pt. trabalho/trabalhos), **môvè** (fr. *mauvais*, pt. mal) e nas terminações dos infinitivos de verbos do primeiro grupo: **parlô** (fr. *parler*, pt. falar), **demèdô** (fr. *demander*, pt. perguntar), **amô** (fr. *aimer*, pt. amar).

As semi-vogais são:

- [j] é grafada **y** e aparece entre vogais em palavras como **paye** (fr. *payer*, pt. pagar), **payi** (fr. *pays*, pt. país), **faya** (fr. *brebis*, pt. ovelha) – não modificando o som a vogal precedente – e diante de consoantes em palavras como **dyablou** (fr. *diable*, pt. diabo), **lya** (fr. *lit*, pt. cama/leito), **tyela** (fr. *tuile*, pt. telha).
- [ɥ], mais rara, é grafada **u** e ocorre em palavras como **lui** (fr. *lui*, pt. ele/o), **truite** (fr. *truite*, pt. truta).

- [w], também semi-vogal, ocorre nos grupos **oua** e **ouin** em palavras como **pouajon** (fr. *poisson*, pt. peixe), **pouin** (fr. *point*, pt. ponto).

As vogais nasais:

- **an** [ã]: **anzhou** (fr. *ange*, pt. anjo)
- **in** [ɛ̃]: **invitô** (fr. *invité*, pt. convidado) – grafado **in** mesmo antes de **p** e **b**
- **on** [ɔ̃]: **darbon** (fr. *taupe*, pt. topeira).

No que diz respeito às consoantes, temos: **b** [b], **d** [d], **f** [f], **l** [l], **m** [m], **n** [n], **p** [p], **r** [r], **t** [t], **v** [v], **z** [z]. O som [k] é grafado **c**, exceto diante de **e** ou **i**, onde escreve-se **qu-**, como em **quefondre** (fr. *gaspiller*, pt. desperdiçar). O grafema **g** marca o som [g], mas diante de **e** ou **i** é grafado **gu-**, como em **guelye** (fr. *quille*, pt. quilha/boliche).

[ʃ] é grafado **ch** e [s] sempre **s**, exceto em contexto intervocálico, onde grafa-se **ss**. [ʒ] é grafado **j**, como na palavra **jônou** (fr. *jaune*, pt. amarelo). As fricativas dentais [θ] e [ð], inexistentes no francês, são grafadas **sh** e **zh** respectivamente. **Zh** representa ainda a evolução do r intervocálico, fenômeno típico do falar bressan: **mèzhe** ['mɛðə] (fr. *mère*, pt. mãe). **Ny** representa a nasal palatal [ɲ].

Consoante dobrada acontece apenas com **n** e marca a nasalização da vogal precedente: **prunna** (fr. *prune*, pt. ameixa) é pronunciada ['prãna], e **minnou** (fr. *mien*, pt. meu/o meu) pronuncia-se ['mẽnu].

4.4 Fenômenos fônicos

4.4.1 Tonicidade

A língua francoprovençal, assim como a maior parte das línguas românicas, conservou do latim o padrão acentual predominantemente paroxítono: a sílaba tônica da maior parte das palavras é a penúltima. Dentre as línguas galo-românicas, o francês é a única que evoluiu de forma diferente: o acento tônico das palavras francesas recai sempre na última vogal pronunciada, o que confere a esta língua um ritmo bastante distinto do das demais línguas românicas e a distingue de suas vizinhas imediatas, o occitano e o francoprovençal.

Segundo Tuailleon (2007), o paroxitonismo é um importante traço distintivo do francoprovençal diante do francês e dos outros falares pertencentes ao domínio *langue d'oïl*. Trata-se de uma característica que revela a resistência da língua diante das inovações e das pressões setentrionais, atuantes pelo menos desde o avanço franco pela Gália, conforme discutido na seção 1.4 do capítulo 1. O oxitonismo que caracteriza os falares *d'oïl* é resultado de um processo gradual de enfraquecimento das vogais átonas finais que se difundiu sobretudo a partir do século XVI (TUAILLON, 2007). O francoprovençal, assim como o falares occitanos, conservaram essas vogais finais, as quais apresentam uma grande variabilidade de timbres, inexistentes no francês moderno. Temos, por exemplo, as palavras francoprovençais **cholou** [ʃ'olu], no francês *sale* [sal] (pt. sujo), **shenou** [ʃ'ənu], no francês *chêne* [ʃɛn] (pt. carvalho) e **coulouna** [ku'luna], no francês *colonne* [kɔlɔn] (pt. coluna). Observe que, no francês, a perda da vogal final, preservada apenas na grafia arcaizante da língua, torna a palavra oxítona ou monossílaba.

O longo contato com o francês, entretanto, vem forçando a oxitonização de muitas palavras do francoprovençal. Tuailleon (*apud* Hoyer, 1993, p. 3) identificou esse fenômeno, que ele chamou de *neo-oxytons*, nos *patois* de Grenoble e do Grésivaudan, desde o século XVII e início do XVIII, através da análise da versificação, ([ʃ'pena] torna-se [pena]). Nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, observou-se que, mesmo os falantes menos fluentes preservam a acentuação paroxítona das palavras em francoprovençal. Trata-se de uma característica muito marcante da língua e da qual os entrevistados têm bastante consciência e se esforçam para pronunciar as palavras mantendo as paroxítonas.

No francoprovençal, como mostra Tuailleon (2007), o paroxitonismo é um traço fonológico distintivo, o que é comprovado por meio da análise de pares mínimos como [la 'ruza] (fr. *la rose*, pt. a rosa) e [la ruza] (fr. *la rosée*, pt. o orvalho). Além disso a vogal átona final desempenha função gramatical na expressão do gênero, do número ou da pessoa verbal, o que contribui para sua manutenção. A manutenção do paroxitonismo pode ser analisada através da observação da manutenção das vogais átonas finais. Nos exemplos 1 ao 5, as vogais átonas finais aparecem nas palavras **épena**, **épene**, **roja**, **fena**, **fene**, **trobla**, **troble**, **brava**, **brave**.

1. [2JC11 (falante *quasi*-nativo)]

l' épena de la roja ; la roja a dez épene
ART.F.SG espinho.F.SG PREP ART.F.SG rosa.F.SG ; ART.F.SG rosaF.SG ter-PRS.3SG de.ART.F.PL espinho.F.PL
[le'pəna də la 'roʒa] [la 'roʒa a deze'pənə]
'o espinho da rosa; a rosa tem espinhos'

2. [2AA10 (semi-falante + competente)]

zh' a vu na fena; zh' a vu deu fene
1SG ter-PRS.1SG ver-PST.PTCP INDF.F.SG mulher.F; 1SG ter-PRS.1SG ver-PST.PTCP dois mulher.F.PL
[ðə vy na 'fəna] [ðə a vy dø 'fənə]
'eu vi uma mulher; eu vi duas mulheres'

3. [2JP12 (semi-falante - competente)]

zh' a na trobla; t' o deu troble
1SG ter-PRS.1SG INDF.F.SG mesa.F.SG ; 2SG ter-PRS.1SG dois mesa.F.PL
[ðə na 'trobla] [to dø 'troblə]
'eu tenho uma mesa; você tem duas mesas'

4. [2AP13 (semi-falante - competente)]

l' éve brava chla fena; me chezhô évon brave
3SG ser-IPFV.3SG bela.F.SG DEM.F.SG mulher.F.SG ; POSS.F.PL irmã.F.PL ser-IPFV.3PL bela.F.PL
[l'evə 'brava ʃla 'fəna] [mə ʃə'zo e'võ 'bravə]
'ela era bela esta mulher; minhas irmãs eram belas

5. [2JS10 (falante passivo)]

zh' a vu na fena; fene
1SG ter-PRS.1SG ver-PST.PTCP INDF.F.SG mulher.F; mulher.F.PL
[ðə vy na 'fəna] ['fənə]
'eu vi uma mulher; mulheres'

Não ocorreram, em nossos dados, casos de oxitonização do tipo ([l'pena] que se torna [pena]), no entanto, constatou-se algumas ocorrências de enfraquecimento da átona final. As vogais átonas finais desaparecem nas palavras **épena** e **roja**, que tornam-se [epən] e [roʒ] no exemplo 6, na palavra **rouzhou** que realiza-se como [ruð] em 7 e na palavra **pyara**, [pjar] em 8.

6. [2AP11 (semi-falante - competente)]

l' épene de la roje

ART.SG espinho PREP ART.F.SG rosa

[lepən də la roʒ]

‘o espinho da rosa’

7. [4JP1 (semi-falante - competente)]

chli grayon e rouzhe; chlé grayon chon rouzhe

DEM.M.SG lápis ser-PRS.3SG vermelho ; DEM.M.PL lápis ser-PRS.3PL vermelho

[ʃli grajõ e ruð]

[ʃle grajõ ʃõ ruð]

‘esse lápis é vermelho; esses lápis são vermelhos’

8. [3JS16 (falante passivo)]

na pyar

INDF.F.SG pedra

[na pjar]

‘uma pedra’

O fenômeno de enfraquecimento da vogal átona final altera a estrutura silábica da palavra – palavras dissílabas tornam-se monossílabos tônicos e palavras trissílabas (que não apareceram em nossos dados) tornariam-se dissílabos oxítonos – afetando não apenas a morfologia da língua, mas seu ritmo, suas características prosódicas. Esse fenômeno foi interpretado como um caso de convergência em direção ao francês.

4.4.2 Palatalização de consoantes e vogais

A língua francoprovençal caracteriza-se por uma série de fenômenos de palatalização que distinguem seu domínio linguístico dentro do grupo galo-românico. A observação desses fenômenos nos dados coletados nos possibilita identificar os elementos que se mantêm e aqueles que sofrem mais os efeitos do contato e se alteram.

O primeiro fenômeno de palatalização que abordaremos é a evolução do CA latino. Esse é um fenômeno comum ao domínio *langue d'oïl* e ao francês, e ocorre também no occitano setentrional. No francês e na maior parte dos falares *d'oïl* o C latino diante de A deu origem ao *ch* [ʃ]. No francoprovençal, por outro lado, CA originou [ts], e evoluções subsequentes resultaram em outras articulações: [θ], [s], [st] e [f]. Na Bresse e em especial no vilarejo de SEB, predominou a fricativa dental desvozeada [θ]. Em nosso questionário testamos a presença desse som nas seguintes palavras, propostas em contextos de frases em

francês: *chèvre* (pt. cabra), *vache* (pt. vaca), *chemise* (pt. camisa), *chaud* (pt. quente), *chanter* (pt. cantar), *mâcher* (pt. mastigar), *cheval* (pt. cavalo).

Entre os falantes *quasi*-nativos e a maior parte dos semi-falantes observou-se a manutenção da fricativa dental desvozeada [θ], grafada **sh**: **shévra**, **vashe**, **shemije**, **shô**, **shètô**, **môshe~mâshe**, **shevô**. Apenas um dos semi-falantes e a falante passiva substituíram [θ] por [ʃ] nas seguintes ocorrências:

9. [3AP2 (semi-falante - competente)]

vou	date	byin	mâché	le	caroute
2PL	dever-PRS.2PL	bem	mastigar-INF	ART.F.PL	cenoura.F.PL
			[ma]e]		

‘vocês devem mastigar bem as cenouras’

10. [3JS26 (falante passivo)]

é	fa	chô
N	fazer-PRS.3SG	calor
		[ʃo]

‘faz calor’

11. [3JS3 (falante passivo)]

na	chèvra
INDF.F.SG	cabra.F.SG
	[ʃevra]

‘uma cabra’

Na ocorrência 9, a palavra fornecida pelo entrevistado é foneticamente idêntica ao equivalente francês (*mâcher*) e parece tratar-se de uma transferência pontual. AP conhece o som [θ], que aparece em outros dados fornecidos por ele. No caso da entrevistada JS, que forneceu as palavras [ʃo], foneticamente idêntica ao francês *chaud*, e [ʃevra] **chèvra**, onde há conservação da átona final [a], parece tratar-se de um fenômeno mais profundo de convergência, indicando a substituição mais ampla do som [θ] por [ʃ] na falante passiva, o que foi observado também na palavra **dimèshe** (fr. *dimanche*, pt. domingo), que torna-se **dimèche** [dimeʃ] (JS148).

Na região de Bresse, a palatalização ocorre também com o S em palavras como **cha** (fr. *soir*, pt. noite), **chajon** (fr. *saison*, pt. estação), **chenô** (fr. *semer*, pt. semear) e muitas outras. O r intervocálico também pode se palatalizar em [ð] grafado **zh** de forma variável

como na palavra **ourel~~y~~e/ouzhel~~y~~e** (fr. *oreille*, pt. orelha). A presença das consoantes palatais na língua, em especial no falar bressan de SEB, é portanto um traço marcante que o distingue dentro do grupo galo-românico e mesmo diante de outros falares francoprovençais vizinhos.

O fenômeno da palatalização também afetou a evolução do A nos infinitivos verbais e nos nomes femininos no francoprovençal. Diante de consoante não palatal o A se conserva. No caso dos infinitivos verbais, no bressan, A velariza-se em **ô** [o], como em **amô** (pt. amar). Quando há presença de uma consoante palatal, por outro lado, A torna-se **ie**, **i** ou **e** no francoprovençal. No caso do bressan de SEB, predomina **e** [ə]. A dupla série morfológica dos nomes femininos será tratada na seção 4.5.2, onde abordaremos a morfologia nominal. Vejamos os casos dos infinitivos verbais em contexto palatal. A palatalização da vogal A foi observada entre todos os entrevistados, provavelmente favorecida pela semelhança com o francês, que também apresenta o fenômeno:

12. [3JP1 (semi-falante - competente)]

Léz **éfè,** **vou** **date** **mèzhe** **dé** **légume**
 ART.M.PL criança 2PL dever-PRS.2PL comer-INF INDF.M.PL legume
 ‘Crianças, vocês devem comer legumes’

13. [3MR2 (semi-falante + competente)]

Vou **date** **byin** **môshe** **le** **caroute**
 2PL dever-PRS.2PL bem mastigar-INF ART.F.PL cenoura.F.PL
 ‘Vocês devem mastigar bem as cenouras’

14. [3AP6 (semi-falante - competente)]

Te **ne** **da** **pô (≈)** **zhuzhe** **léj** **autrou**
 2SG ADV.NEG dever-PRS.2PL NEG julgar-INF ART.M.PL outro
 ‘Você não deve julgar os outros’

15. [5JC14 (falante *quasi*-nativo)]

Zhe **deva** **me** **tyushe** **d’** **ozha**
 1SG dever-IPFV.1SG REFL.1SG deitar-INF PREP hora
 ‘Eu devia me deitar cedo’

16. [5MR16 (semi-falante + competente)]

Zhe **chava** **nazhe**
 1SG saber-IPFV.1SG nadar-INF
 ‘Eu sabia nadar’

Nos exemplos (12) ao (16), os verbos **mèzhe**, **môshe**, **zhuzhe**, **tyushe** e **nazhe** apresentam o fenômeno de palatalização do A.

4.4.3 Ditongação

A ditongação espontânea de vogais acentuadas é uma característica importante a ser observada, pois foi a selecionada por Ascoli para distinguir o francoprovençal do occitano, o qual, tendo se originado de um latim isento de qualquer tipo de ditongação espontânea, não apresenta o fenômeno (TUAILLON, 2007). Por outro lado, é um traço presente no domínio *langue d'oïl*, sendo portanto um elemento que aproxima a língua de sua principal concorrente, o francês, o que, associado a fenômenos de perda dos traços distintivos do domínio francoprovençal, contribui para a convergência entre as línguas e, portanto, para o desaparecimento da língua local. Em nosso questionário, abordamos o fenômeno da ditongação do E breve latino nas palavras **pyara** (fr. *Pierre*, pt. pedra) e **pye** [pjə] (fr. *piéd*, pt. pé). Em (19) houve queda da vogal átona final, tornando a palavra mais próxima do francês *Pierre* [pjɛr], embora a falante passiva tenha mantido a vogal **a** em **pyar** [pjar].

17. [3JP40 (semi-falante - competente)]

zh'	alova	a	l'	étyeula	a	pye
1SG	ir-IPFV.1SG	PREP	ART.SG	escola.F.SG	PREP	pé

‘eu ia à escola a pé’

18. [3AA16 (semi-falante + competente)]

prè	chla	pyara
Pegar-IMP.2SG	DEM.F.SG	pedra.F.SG

‘pegue esta pedra’

19. [3JS16 (falante passivo)]

na	pyar
INDF.F.SG	pedra

‘uma pedra’

4.4.4 Nasalização de vogais e o fenômeno de desnasalização típico do bressan

O fenômeno de nasalização das vogais em francoprovençal é similar ao que ocorreu com o francês, ou seja, acontece quando a vogal é seguida de uma consoante nasal seguida de

outra consoante, por exemplo lat. CANTARE > [θãta] (fr. *chanter*, pt. cantar), ou quando a nasal torna-se final, como no lat. PANE > [pã] (fr. *pain*, pt. pão) (MARTIN, 1990, p. 681). No entanto, diferentemente do francês, o francoprovençal conservou os timbres originais dessas vogais, como pode-se observar na palavra francoprovençal **pan** [pã] que no francês realiza-se [pẽ] (fr. *pain*, pt. pão).

O francoprovençal falado em uma parte da Bresse e do Bugey, que inclui a região onde encontra-se o vilarejo de SEB, passou por um fenômeno recente de desnasalização que afetou a vogal E (E+N) e A (A+N), em alguns contextos (MARTIN, 2013). Trata-se, desta forma, de um traço bastante local, que individualiza o falar da região não apenas diante do francês, mas também de outros falares francoprovençais vizinhos. Esse traço foi observado na coleta dos dados e se mostrou uma característica que se mantém na língua, mesmo entre os entrevistados menos competentes, inclusive na falante passiva na palavra fr. *enfants*.

Vejamos algumas ocorrências onde o fenômeno da desnasalização pode ser observado na palavra **dimèshe** (pt. domingo) (20), na preposição **dè** (pt. em) (21), nas palavras **èfè** (pt. criança) (22), **dè** (pt. dente) (23), **vè** (pt. vento) (24), **grè** (pt. grande) (25), no verbo **shètova** e na palavra **shèchon** (pt. cantava, canção) (26) e no verbo **mèzhe** (pt. comer) (27):

20. [1AB48 (semi-falante - competente)]

Dimèshe

[di'mɛθə]

‘domingo’

21. [2JT1 (falante *quasi*-nativo)]

Le poulaye chon dè la cazhe

ART.F.PL galinha.F.PL estar-PRS.3PL PREP ART.F.SG gaiola

[dɛ]

‘As galinhas estão na gaiola’

22. [3JS1 (falante passivo)]

léj èfè

ART.M.PL criança

[ɛfɛ]

‘as crianças’

23. [3JP12 (semi-falante - competente)]

Zh' a mô a na dè
1SG ter-PRS.1SG mal PREP INDF.F.SG dente
[dɛ]

‘Estou com dor de dente’

24. [3MR15 (semi-falante + competente)]

Lou vè seulye feu s'ti oui
ART.M.SG vento soprar-PRS.3SG forte hoje
[vɛ]

‘O vento sopra forte hoje’

25. [5JC20 (falante *quasi*-nativo)]

Zh' azha na grè majon
1SG ter-COND.1SG INDF.F.SG grande casa
[grɛ]

‘Eu teria uma casa grande’

26. [5MR3 (semi-falante + competente)]

Zhe shètôva de brava shèchon
1SG cantar-IPFV.1SG INDF.F.PL belo.F.SG canção
[θɛ'tova] [θɛ[õ]

27. (3AA1 (semi-falante + competente)]

Vou date mèzhe dé légume
2PL dever-PRS.2PL comer.INF INDF.M.PL legume
[mɛðə]

4.4.5 Síntese sobre os fenômenos fônicos

Numa avaliação geral, podemos dizer que o falar francoprovençal de SEB mantém os principais traços fônicos que individualizam a língua dentro do grupo galo-românico. Diante do francês, a manutenção do paroxitonismo, em decorrência da manutenção das vogais átonas finais, em especial a vogal **-a** dos nomes femininos, se destaca como uma característica distintiva da língua local. A melodia francoprovençal é uma forte marca da identidade local, o que contribui enormemente para sua manutenção.

A palatalização das vogais e a ditongação do E breve latino são características que coincidem com o francês, o que contribui para que as duas línguas se tornem mais parecidas,

sobretudo quando o francoprovençal perde seus traços distintivos, como ocorreu entre alguns semi-falantes (perda da vogal átona final, mudança de [θ] para [ʃ], etc). Com relação às consoantes palatais, a manutenção da fricativa dental desvozeada [θ] é favorecida pelo valor simbólico desse som na comunidade local, tanto diante do francês como dos falares francoprovençais vizinhos que apresentam outras articulações para a palatalização do CA latino. O mesmo é observado em relação ao fenômeno de desvozeamento das vogais, que também compõe o conjunto de características distintivas do falar de SEB ou do bressan dentro do domínio francoprovençal. O domínio dessas regras da língua agregam valor simbólico ao falante, sobretudo diante dos falantes mais proficientes, e reforçam a identidade local.

A despeito dessa impressão geral de manutenção dessas características “essenciais” da língua, prevalece entre os falantes *quasi*-nativos, um forte sentimento de perda da língua e de perda do que eles chamam de “timbre *patois*”, que marca a memória nostálgica que eles têm da língua de seus ancestrais. Como discutido na seção 3.5 do capítulo 3, esses falantes mais velhos vivenciam de forma diferente os processos de mudanças socioeconômicas e culturais e a progressiva perda de espaço da língua na sociedade moderna. Isso talvez nos ajude a compreender seu conservadorismo em relação à língua e sua maior preocupação com a manutenção uniformizada de cada som, de cada palavra, os quais representam o que eles têm de mais precioso, *le patois du pays*.

4.5 Morfologia nominal

No estudo da morfologia nominal, abordaremos os artigos indefinidos e definidos, os nomes masculinos e femininos, os demonstrativos, os adjetivos possessivos **neutron** e **yeutron**, o pronome relativo **que** e os pronomes pessoais (sujeito).

4.5.1 Artigos indefinidos e definidos

Com base na análise dos dados foi possível estabelecer o sistema de artigos definidos e indefinidos, o qual se aproximou bastante do sistema francoprovençal geral descrito na bibliografia de referência, em especial Martin (2005), Tuailon (2007), e Martin (2013), sobre o francoprovençal do departamento de Ain.

No estudo da morfologia de uma língua em desaparecimento, a qual está sob constante pressão de uma língua dominante que se impõe e se sobrepõe, especialmente no caso do francoprovençal, em situação acentuada de desuso e ruptura da transmissão às novas gerações, é importante observar as formas que carregam informações gramaticais. Essas formas exercem uma determinada função, como a expressão do gênero, do número ou da pessoa verbal, o que acaba por favorecer sua manutenção, como observou Tuaille (2007, p. 38) e outros trabalhos sobre contato e extinção de línguas discutidos no capítulo 2. No entanto, observou-se que fatores externos e a intensidade do contato atuam frequentemente se sobrepondo aos fatores linguísticos, como veremos nas análises que se seguem.

Apresentamos a seguir o quadro dos artigos indefinidos do francoprovençal de SEB:

Quadro 4: Artigos indefinidos

	SG		PL	
	diante consoante	diante vogal	diante consoante	diante vogal
M	on	n'	dé [de]	déj [deʒ] ~ déz [dez]
F	na	n'	de [də]	dej [dəʒ] ~ dez [dəz]

Fonte: dados da pesquisa

O sistema de artigo indefinidos do falar de SEB apresenta um paradigma mais amplo do que o sistema francês, que se resume às formas *un* e *une*, para o singular masculino e feminino, respectivamente, e *des* [de] para o plural (fem. e masc.). O francoprovençal de SEB apresenta elisão das formas do singular diante de contexto vocálico (**n'**) e formas diferentes para o plural, marcada na articulação da vogal e: [e] para o masculino e [ə] para o feminino.

Vejamos algumas ocorrências do artigo indefinido:

28. [2JC5 (falante *quasi*-nativo)] – masculino contexto consonantal

on **tyuté, dé** **tyuté**
 INDF.M.SG faca INDF.M.PL faca
 ‘uma faca, umas facas’

29. [2JT18 / 4 (falante *quasi*-nativo)] – masculino contexto vocálico

n' **onou / déj** **ouazé**
 INDF asno.M INDF.M.PL pássaro
 ‘um asno / uns pássaros’

30. [1JP5 / 2JP8 (semi-falante + competente)] – feminino contexto consonantal

na **reuva /** **de** **brebi**
 INDF.F.SG rodaF.SG INDF.F.PL ovelha
 ‘uma roda / umas ovelhas’

31. [IJC17 (falante *quasi-nativo*)] – feminino contexto vocálico

n’ **alanye, dej** **alanye**
 INDF avelã.F INDF.F.PL avelã.F
 ‘uma avelã, umas avelãs’

Todas as formas do artigo indefinido foram atestadas entre todos os entrevistados. Entre os semi-falantes [- competentes], no entanto, observou-se uma maior dificuldade em se marcar o gênero nas formas do plural, sobretudo no contexto vocálico, quando ocorre o fenômeno de ligação (fr. *liaison*) do “s” do plural com a vogal do nome. Entre esses falantes a tendência é a redução do paradigma com uma única forma para o plural [de], o que constitui uma convergência em direção ao francês, o qual apresenta formas únicas no plural também para os artigos definidos (fr. *les*), os adjetivos demonstrativos (fr. *ces*) e os possessivos (fr. *mes, tes, ses*, etc). Embora as formas do plural carreguem mais informação gramatical, no caso dos artigos indefinidos, a pressão do contato parece prevalecer. Esse fenômeno foi observado nas gravações de alguns semi-falantes, como no exemplo (32) a seguir, no entanto é necessário uma análise mais acurada dos áudios, com uso de espectograma, para se confirmar o fenômeno (trata-se de uma diferença sutil entre os sons [e] para o masculino e [ə] para o feminino de difícil percepção a ouvidos nus), comparando com outros entrevistados e avaliar possíveis interferências fonéticas de sons próximos.

32. [IAP17 (semi-falante - competente)]

n’ **alanye, déj** **alanye**
 INDF avelã.F INDF.F.PL avelã.F
 [deʒa'lɔne]

Apresentamos no quadro 5 os artigos definidos:

Quadro 5: Artigos definidos

	SG		PL	
	diante consoante	diante vogal	diante consoante	diante vogal
M	lou [lu]	l'	lé [le]	léj [leʒ] ~ léz [lez]
F	la	l'	le [lə]	lej [ləʒ] ~ lej [ləz]

Fonte: dados da pesquisa

Apresentamos a seguir algumas ocorrências dos artigos feminino e masculino nos contextos consonantal e vocálico.

33. [2JT2 (falante *quasi*-nativo)] – M contexto consonantal

Lou joué (...), lé joué (...)

ART.M.SG ovo ART.M.PL ovo

‘o ovo, os ovos’

34. [2JP4/ 3JP1 (semi-falante + competente)] – M contexto vocálico

l’ abrou / léj éfè

ART.M.SG árvore.M ART.M.PL criança

‘a árvore / as crianças’

35. [2JC15/1 (falante *quasi*-nativo)] – F contexto consonantal

la vashe (...) / le poulaye (...)

ART.F.SG vaca.F ART.F.PL galinha.F

‘a vaca / as galinhas’

36. [2AA6 (semi-falante + competente)] – F contexto vocálico

l’ avulye, lej avulye

ART.F.SG abelha.F ART.F.PL abelha.F

‘a abelha, as abelhas’

A forma do artigo masculino singular **lou** [lu] foi atestada em todas as entrevistas, inclusive a da falante passiva. Trata-se de uma forma distintiva e com maior substância fonética diante do francês **le** [lə]. Além disso, a presença da vogal alta posterior [u] parece contribuir para sua manutenção, conforme observado por Cohen (2002) e sistematizado na matriz retenção-mudança (COHEN, 2009) (ver seção 2.3 do capítulo 2).

Como ocorre em outras línguas românicas, é comum a combinação ou contração do artigo definido com as preposições **a** e **de**. O francoprovençal de SEB se distingue do francês pela não ocorrência da combinação entre a preposição **de** e o artigo definido feminino plural **le** (**lej**, **lez** diante de vogal) (fr. *des*). Todos os entrevistados conheciam essa regra, testada na seguinte frase:

37. [2JS2 (falante passivo)]

Lou joué de la poulaye; lé joué de le poulaye
ART.M.SG ovo PREP ART.F.SG galinha.F ART.M.PL ovo PREP ART.F.PL galinha.F
O ovo da galinha; os ovos das galinhas

O contexto da entrevista – tradução de frases isoladas e fora de uma situação real de comunicação – assim como a temática abordada, ligada à criação de galinhas, atividade bastante comum na região e símbolo das tradições e da identidade local, provavelmente favoreceram a elicitación desta forma. Em conversas espontâneas e em outros contextos temáticos, é possível que se observasse a convergência para o francês *des* [de]⁴¹.

No caso das formas do artigo definido plural (fem. *le* [lə], masc. *lé* [le]), uma redução do paradigma dessas formas seria esperada, sobretudo entre os semi-falantes [- competentes], tal como observado no caso das formas do artigo indefinido plural, o que não ocorreu em nossos dados, indicando, possivelmente, uma maior resistência do sistema de artigos definidos diante dos indefinidos.

4.5.2 Nomes masculinos e femininos

Os nomes masculinos apresentam a terminação **-ou** [u] e não variam em número. Os nomes femininos apresentam uma série dupla: **-a** diante de consoante não palatal e **-e** diante de consoante palatal. No plural, os nomes femininos em **-a** passam a **-e**. Vejamos algumas ocorrências do substantivo masculino (**ônou**, fr. *âne*, pt. asno) e dos femininos (**fena/fene**, fr. *femme*, pt. mulher e **vashe**, fr. *vache*, pt. vaca) nas frases seguintes:

38. [2JP18 (semi-falante - competente)]

a. **Neutron** **pèzhe** **a** **ashetô** **n'** **ônou**
POSS.M.SG.1PL pai ter-AUX.PRS.3SG comprar-PST.PTCP INDF.SG asno.M
'Nosso pai comprou um asno'

b. **Neutre** **pèzhe** **on** **ashetô** **deuj** **ônou**
POSS.M.PL.1PL pai ter-AUX.PRS.3PL comprar-PTCP dois asno.M
'Nossos pais compraram dois asnos'

39. [2AB10 (semi-falante - competente)]

a. **Zh'** **a** **vu** **na** **fena**
1SG ter-AUX.PRS.3SG ver-PST.PTCP INDF.F.SG mulher.F.SG

⁴¹ Essa redução foi observada na entrevista de JB, que seria um semi-falante [- competente], a qual teve que ser excluída da análise devido à perda de uma sequência da entrevista, exatamente a parte sociolinguística.

‘Eu vi uma mulher’

b. **Zh’ a** **vu** **douve** **fene**
1SG ter-AUX.PRS.3SG ver-PST.PTCP dois.F mulher.F.PL

‘Eu vi duas mulheres’

40. [2JT15 [falante *quasi*-nativo]]

La **vashe** **de** **Pyaro. Pyaro** **ave** **douve** **vashe**
ART.F.SG vaca.F PREP Pedro Pedro ter-IPFV.3SG dois.F vaca.F

‘A vaca de Pedro. Pedro tinha duas vacas’

Ocorreram casos de introdução das palavras francesas *capable(s)* (a palavra esperada seria **capôbla, capôble**) (pt. capaz) e *brebis* (**faye** seria a palavra esperada) (pt. carneiro) entre os semi-falantes. Vejamos:

41. [2AA14 (semi-falante + competente)]

Chla **felye** **e** **capable; chle** **felye** **chon** **capable**
DEM.F.SG moça.F ser-PRS.3SG capaz DEM.F.PL moça.F ser-PRS.3PL capaz

‘Essa moça é capaz; essas moças são capazes’

42. [2JP8 (semi-falante + competente)]

Neutra **mèzhe** **a** **na** (\approx) **brebi**
POSS.F.SG.1PL mãe ter-PRS3SG INDF.F.SG ovelha

‘Nossa mãe tem uma ovelha’

O caso da palavra *capable* parece realmente tratar-se de uma transferência pontual da palavra francesa na língua devida a uma lacuna na aquisição dessa palavra. No caso de *brebis*, por outro lado, há evidências de que seja um empréstimo visto que apenas um dos falantes *quasi*-nativo, dos mais velhos, se lembrou da palavra antiga **faya**. Os demais recorreram ao tipo francês *brebis* ou a **moton** (fr. *mouton*, pt. carneiro), que é uma palavra pertencente ao vocabulário francoprovençal e cognata ao equivalente francês – *mouton* e **moton** têm uma provável origem céltica (LITTRÉ, 1873-1874). Martin (1995) observou o avanço do tipo *brebis* nas regiões de encontro dos domínios *langue d’oil* e francoprovençal na região lionesa e um declínio das formas antigas oriundas do latim FETA. O mesmo pode estar acontecendo em SEB, que também está bem próximo da faixa de transição para o domínio *oil*, o que reforça a hipótese de que seja um empréstimo. Martin destaca ainda o fato de a criação de carneiros ter se tornado rara nas regiões planas, o que justifica o confinamento das formas mais antigas em regiões montanhosas, onde a criação desses animais ainda prevalece.

Observou-se ainda que, nos casos de nomes femininos, dois dos entrevistados (JP e AP), aplicaram a regra morfológica geral (-a no singular e -e no plural) aos casos de palatalização, em que o esperado seria a terminação -e no singular e no plural. Vejamos:

43. [2JP16 (semi-falante + competente)]

Na **manzha** ; le **manzhe** de la **shemije**
 INDF.F.PL manga.F.SG ART.F.PL manga.F.PL PREP ART.F.SG camisa.F
 ‘Uma manga; as mangas da camisa’

44. [2AP15 (semi-falante - competente)]

La **vasha** de **Piario ; Piario** ave **douve** **vazhe**
 ART.F.SG vaca.F PREP Pedro Pedro ter-IPFV.3SG dois.F vaca.F
 ‘A vaca de Pedro; Pedro tinha duas vacas’

45. (1AP4 (semi-falante - competente)]

Na **bouta** de **palya**
 INDF.F.SG bota.F.SG PREP palha.F.SG
 ‘Uma bota de palha’

46. (1AP11 (semi-falante - competente)]

Na **cazha** a **foumazhe**
 INDF.F.SG gaiola.F.SG PREP queijo
 ‘uma queijeira⁴²’

Nos exemplos (43) a (46), as palavras esperadas seriam respectivamente **manzhe**, **vashe**, **palye** e **cazhe**, no singular ou no plural. Esses entrevistados valeram-se de uma estratégia comum em falantes menos competentes em uma língua, incluindo contextos de extinção de línguas, qual seja, o alinhamento de formas raras ou irregulares sob as formas mais correntes e regulares via analogia, como também observou Bert (2010, p. 96). Se por um lado, esse tipo de fenômeno possa ser considerado uma perda – na medida em que reduz a irregularidade das formas com consoante palatal –, por outro lado, trata-se de uma expressão da criatividade do falante e da retenção de traços distintivos da própria língua, nesse caso a oposição -a/-e para as formas do feminino. Entendemos que não se trata de um fenômeno induzido pelo contato, mas de uma estratégia para contornar o progressivo desgaste ou perda da série dupla dos nomes femininos observada nesses semi-falantes.

⁴² Trata-se aqui de um tipo de gaiola telada onde se coloca o queijo para secar durante sua fabricação.

4.5.3 Demonstrativos

Apresentamos no quadro 6 o sistema de adjetivos demonstrativos extraído da análise dos dados:

Quadro 6: Adjetivos demonstrativos

	SG	PL
M	chli, chlij(z) (diante vogal)	chli, chlij (diante vogal)
	cho, choj (diante vogal)	chlé [ʃle], chlēj(z) [ʃleʒ(z)] (diante vogal)
	chti	
	sti	
F	chla, chl' (diante vogal)	chle [ʃlə], chlej(z) [ʃləʒ(z)] (diante vogal)
	chta, cht' (diante vogal)	

Fonte: dados da pesquisa

Em sua origem latina os demonstrativos expressavam proximidade ou distanciamento espacial em relação aos interlocutores: próximo ao falante (primeira pessoa), próximo ao interlocutor (segunda pessoa) e distante de falante e interlocutor (LAUSBERG, 1966). A extensão do domínio espacial para o temporal é frequente e as noções de perto/longe passam a designar tempo presente/tempo passado, através de um processo de abstração da noção de distancia espacial.

Flutuações e confusões nos graus de distanciamento dos demonstrativos, observados já no latim, tiveram como consequência o desenvolvimento de diferentes sistemas nas línguas românicas, com uma tendência histórica ao estabelecimento de um paradigma mais reduzido de formas, frequentemente reforçadas por advérbios (CAMBRAIA; BIACHET, 2008). No francoprovençal, o antigo sistema de três graus de distanciamento dos demonstrativos latinos foi reduzido a dois graus: as formas derivadas do latim *ISTE* passaram a designar a proximidade tanto do falante como do interlocutor e o tempo presente, e as formas derivadas de *ILLE* continuaram a indicar o distanciamento e o tempo passado (GOMES, 2015).

Podemos observar no quadro 6 que as formas do adjetivo demonstrativo no francoprovençal de SEB se distinguem, basicamente, por três tipos: **chl-**, **cht-** ~ **st-** e **ch-**. O tipo **chl-**, derivado de *ECCE ILLE*), predomina na expressão do plural e alterna variavelmente com as formas *cho/choj* (possivelmente derivadas de *ECCE HOC*) no masculino singular. Tanto o tipo **chl-** como o **ch-** podem designar tanto a proximidade como o distanciamento. Vejamos algumas ocorrências:

47. [4JC1 (falante *quasi*-nativo)]

Chli **grayon** **e** **rouzhou** (próximo falante/interlocutor)
DEM.M.SG lápis ser.PRS.3SG vermelho.M
‘Este lápis é vermelho’

48. [4JC5 (falante *quasi*-nativo)]

(...) **pi** **chli** **grayon(...)** **P** **e** **tinnou** (distante falante/interlocutor)
CONJ DEM.M.SG lápis 3SG ser.PRS.3SG POSS.M.SG.2SG
‘e aquele lápis (...) ele é teu’

49. [4MR1 (semi-falante + competente)]

Cho **grayon** **rouzhou** (próximo falante/interlocutor)
DEM.M.SG lápis vermelho.M
‘este lápis é vermelho’

Quanto às formas derivadas de *ISTE*, **chti/sti** para o masculino singular e **chta** feminino singular, observou-se que são usadas apenas com sentido temporal, indicando tempo presente (hoje), **chti matin** (fr. *ce matin*, pt. esta manhã), **sti cha** (fr. *ce soir*, pt. esta noite), e se opõem às formas **chli/chla** que indicam tempo passado, **chli matin** (fr. *ce matin-là*, pt. aquela manhã).

Essa oposição das formas advindas do latim *ISTE* **chti/chta/sti/sta** em relação às formas advindas do latim *ILLE* **chli/chla** é tratada em Gomes (2015), onde analisou-se os demonstrativos no francoprovençal bressan tendo como *corpus* uma revista em quadrinhos de *As aventuras de Tintin*, de Hergé. Em Gomes (2015) identificou-se no sentido temporal o único contexto que preservou o grau de distanciamento existente na origem dos demonstrativos nas línguas românicas. O grau de distanciamento espacial, por outro lado, não é mais expresso na morfologia do demonstrativo, mas por meio do recurso a gestos (no contexto exofórico) ou a advérbios, tal como podemos observar na ocorrência (50b).

A oposição no sentido temporal aparece nos dados de todos os entrevistados, exceto da falante passiva (que não respondeu a essa parte do questionário), mostrando ser uma característica que tende a se preservar na língua. Vejamos:

50. [4JP09-11 (semi-falante + competente)]

a. **Zh'** **a** **on** **rendez-vous** **sti** **cha**
1SG ter-PRS.3SG INDF.M.SG encontro DEM.M.SG noite
‘Eu tive um encontro esta noite’

b. **Zh' a yu on rendez-vous la chemanna pochô,**
 1SG ter-PRS.3SG ter-PST.PTCP INDF.M.SG encontro ART.F.SG semana.F.SG passar-PTCP
chli zhou tye e fage bon
 DEM.M.SG dia.M ADV N fazer-IPFV.3SG bom
 ‘Eu tive um encontro a semana passada, naquele dia lá fazia tempo bom’

51. [4AP10-11 (semi-falante - competente)]

a. **Zh' a yu on rendez-vous chtí matin**
 1SG ter-PRS.3SG ter-PST.PTCP INDF.M.SG encontro DEM.M.SG manhã
 ‘Eu tive um encontro esta manhã’

b. **Zh' a yu on rendez-vous la chemanna pochô,**
 1SG ter-PRS.3SG ter-PST.PTCP INDF.M.SG encontro ART.F.SG semana.F.SG passar-PTCP
cho zhou tye e fage bon
 DEM.M.SG dia.M ADV N fazer-IPFV.3SG bom
 ‘Eu tive um encontro a semana passada, naquele dia lá fazia tempo bom’

Em (15), a primeira frase indica o tempo presente, “a noite de hoje”, na qual foi utilizada a forma **sti**. A primeira frase de (16), embora seja introduzida com o verbo no passado, indica o dia presente (a manhã de hoje) **chtí matin** (fr. *ce matin*, pt. esta manhã). Na segunda frase de (15) e (16), o contexto é passado, “a semana passada”, e as formas utilizadas fora **chli** e **cho** acompanhadas do advérbio **tye**, que reforça o sentido passado.

Ainda tratando dos adjetivos demonstrativos, observou-se junto a dois dos semi-falantes, AA e AP, hesitações e algumas mudanças em direção ao francês. Nesse caso, é importante analisar cada entrevistado separadamente, para observar como cada um deles compreende o sistema de adjetivos demonstrativos. AA é um semi-falante [+ competente], e apresentou aproximações com o francês nas formas do masculino plural diante de consoante e masculino singular e plural diante de contexto vocálico.

52. [4AA1 (semi-falante + competente)]

Cé grayon chon rouzhou
 DEM.M lapis ser-PRS.3PL vermelho.M
 [se]
 ‘Esses lápis são vermelhos’

53. [4AA7 (semi-falante + competente)]

a. **Céj** **ouizé** **peuvon** **voulô** ;
DEM.M.PL pássaro poder-PRS.3PL voar-INF
[sez ujze]

cét **ouizé** **peu** **voulô** **on** **pti** **peu**
DEM.M.SG pássaro poder-PRS.3SG voar-INF INDF.M.SG pequeno-ADV pouco-ADV
[set ujze]

‘Esses pássaros podem voar; este pássaro pode voar um pouquinho’

A forma *ce* [se] em (52), onde o esperado seria **chli** ou **chlé**, coincide totalmente com o francês *ces* [se], forma para o plural masculino ou feminino. A forma **cej** [ceʒ] em (53), onde esperaríamos **chlij(z)** ou **chléj(z)**, parece uma adaptação fonética da forma francesa *ces* [sez] diante de contexto vocálico. Na segunda frase de (53), **cet** [set], onde esperaríamos **chlij(z)** ou **choj**, coincide totalmente com o francês *cet*, forma para o masculino singular diante de vogal. Para as formas do feminino, AA apresentou um sistema próximo do fornecido pelos falantes *quasi*-nativos: **chla** para o singular (com elisão da vogal **a** diante de vogal: **chl'**) e **chle** para o plural (**chlej** diante de vogal).

AP, semi-falante [- competente], por sua vez, forneceu a forma **chej** [ʃeʒ] em (54), onde esperaríamos **chlej(z)**, para o feminino plural diante de vogal, que parece tratar-se também de uma adaptação fonética da forma francesa *ces*. AP não soube fornecer uma forma para o contexto masculino singular diante de vogal na frase *cet oiseau ne peut pas voler* (pt. esse pássaro não pode voar).

54. [4AP8 (semi-falante - competente)]

Chl' **acheta,** **chej** **achete**
DEM.SG prato.F.SG DEM.PL prato.F.PL
[ʃl' a'ʔɛtə] [ʃeʒ a'ʔɛtə]

‘Esse prato, esses pratos’

Interpretamos esses casos como transferências do francês, visto tratar-se de um fenômeno pontual, que não afetou ainda todo o sistema – as outras formas dos demonstrativos (sobretudo do masculino e feminino singular) estão bem estáveis mesmo entre os menos competentes. O contexto vocálico se mostrou especialmente sensível aos efeitos do contato com o francês.

Apresentamos a seguir o quadro dos pronomes demonstrativos levantados nas entrevistas realizadas:

Quadro 7: Pronomes demonstrativos

	SG	PL
M	<u>chotye</u> <u>chola</u>	<u>sétye</u> ['setjə]
F	<u>latye</u> <u>chlatye</u>	<u>letye</u> ['lətyə] <u>chletye</u> ['ʃlətjə] <u>chlezitye</u> [ʃlə'zitjə], <u>chlezi</u>

Fonte: dados da pesquisa

No que diz respeito aos pronomes demonstrativos, observou-se a oposição das formas do masculino singular **chotye/chola** para expressar o distanciamento espacial perto/longe entre os falantes *quasi*-nativos (55). Entre os semi-falantes, apenas AP manteve a oposição, mas utilizando a forma do adjetivo **cho** seguida do advérbio **la-bô** (fr. *là-bas*, pt. lá longe) (58). Os demais ou usaram a forma **chotye** para os dois contextos perto/longe, como em (56), ou utilizaram outra estratégia para expressar o longe (**chotye/l'ôtrou**, fr. *celui/ l'autre*, pt. esse/o outro), como em (57). Vejamos as ocorrências (as frases foram propostas num exercício de mostrar alguns lápis de colorir, ora colocados próximos aos interlocutores, ora distantes):

55. [4JC3 (falante *quasi*-nativo)]

Chotye e **rouzhou** **pi** **chola** e **zhonou**
 DEM.M.SG ser.PRS.3SG vermelho.M CONJ DEM.M.SG ser.PRS.3SG amarelo.M
 'este aqui é vermelho e aquele lá é amarelo'

56. [4MR3 (semi-falante + competente)]

Chotye **rouzhou** **pi** **chotye** **zhonou**
 DEM.M.SG vermelho.M CONJ DEM.M.SG amarelo.M
 'esse é vermelho e esse amarelo'

57. [4AA3 (semi-falante + competente)]

Chotye e **rouzhou** **pi** **l'** **ôtrou** e **zhonou**
 DEM.M.SG ser.PRS.3SG vermelho.M CONJ ART.SG outro.M ser.PRS.3SG amarelo.M
 'esse é vermelho e o outro é amarelo'

58. [4AP3 (semi-falante - competente)]

Chotye **ye** **rouzhe, cho** **la-bô** **e** **zhônou**
DEM.M.SG ser.PRS.3SG vermelho DEM.M.SG ADV ser.PRS.3SG amarelo.M
'esse aqui é vermelho, esse lá longe é amarelo'

As formas **chotye** e **chola** originaram-se da junção da forma **cho** aos advérbios **-tye** e **-la**, o que parece tratar-se de um processo de cliticização antigo na língua, tema tratado em Gomes (2015). Neste estudo, observamos que o advérbio **tye** apresenta nuances de sentido, podendo expressar tanto a proximidade quanto o distanciamento, como ocorre com a forma *là* do francês. Este fato contribuiu para a perda da distinção perto/longe e consequente redução do uso da forma **chola** diante da extensão da forma **chotye** aos contextos de distanciamento. No exemplo (58), o fato de AP usar a forma **cho la-bô** parece fortalecer a hipótese de esvaziamento semântico de **la** justificando o reforço com a partícula **bô** (fr. *celui là-bas*, pt. aquele lá longe).

Esse fenômeno poderia ser atribuído a uma possível tendência das línguas românicas à redução do paradigma dos demonstrativos, o que aconteceu com o francês e vem sendo observado em outras línguas românicas como o português, por exemplo (ver GOMES, 2015 e CAMBRAIA; BIANCHET, 2008). Por outro lado, não se pode ignorar os efeitos do contato linguístico intenso e duradouro ao qual estão submetidas as línguas românicas na França desde sua formação. O contato e os fatores sociais e culturais envolvidos revelam muito sobre os fenômenos de mudança ou resistência de características estruturais das línguas, como pudemos ver na discussão bibliográfica empreendida no capítulo 2 desta tese.

A forma do masculino plural **sétye** (fr. *ceux*) não apareceu nos dados de AA e AP, o que nos dá indícios de que seja um contexto mais suscetível ao desgaste.

4.5.4 Os adjetivos possessivos **neutron** e **veutron**

No estudo dos possessivos, nos interessa particularmente as formas do adjetivo masculino singular: **neutron** (fr. *notre*, pt. nosso), e **veutron** (fr. *votre*, pt. vosso). Essas formas com a terminação nasal **-on** se destacam como tipicamente francoprovençais. Segundo Martin (2013), trata-se de um fenômeno originado por analogia com os possessivos **mon**, **ton**, **son**.

Entre nossos entrevistados, apenas a falante passiva não forneceu a forma com a nasal, que foi substituída pela terminação **-ou** [u] que é uma marca geral do masculino na língua, como mostra o exemplo (59) – marcamos em itálico as palavras francesas introduzidas pela

entrevistada. Trata-se de uma estratégia analógica de alinhamento de formas raras ou irregulares sob as formas mais correntes, como observamos também no estudo da morfologia dos nomes na seção 4.5.2.

59. [2JS18 (falante passivo)]

Neutrou	père	a	achetô	on	âne
POSS.M.SG.1PL	pai	ter-AUX.PRS.3SG	comprar-PST.PTCP	INDF.SG	asno.M

‘Nosso pai comprou um asno’

4.5.5 O pronome relativo **que**

O pronome relativo **que** no francoprovençal é usado tanto na função sujeito como objeto, sendo um traço distintivo do francoprovençal diante do francês que possui a forma *qui* para a função sujeito. Em nosso questionário, a frase motivadora para elicitare essa forma foi: *je comprends ce que tu dis. Je ne comprends pas ce qui se passe* (Eu compreendo o que você diz. Eu não compreendo o que se passa). A totalidade dos entrevistados forneceu a forma **que** na função sujeito e objeto: **zhe comprenyou che que te di, zhe ne comprenyou pô che que che pôche**, com exceção da falante passiva, que não respondeu à essa parte do questionário.

4.5.6 Pronomes pessoais

A análise dos pronomes pessoais relaciona-se à do sistema verbal, visto que foram observadas hesitações e lacunas no sistema pronominal, em relação ao sistema tradicional descrito na bibliografia de referência (MARTIN, 2005 e 2013; TUAILLON, 2007), quando propusemos exercícios de conjugação. O **nou** quase não é mais usado no francoprovençal de SEB, e os falantes afirmam que usam apenas o **on**, que conjuga como a terceira pessoa, tal e qual o *on* francês ou o *a gente* no português. Em decorrência disso, não conseguimos levantar as formas verbais da primeira pessoa do plural. Esse fenômeno, entretanto, é bastante comum nas línguas românicas, resultando numa tendência à redução do repertório das desinências verbais nessas línguas. Por outro lado, o contato linguístico antigo e duradouro com uma língua como o francês, que já apresenta redução das desinências verbais há bastante tempo, é um fator relevante na análise da evolução desse fenômeno no francoprovençal. As pressões do contato, em contexto de extinção de língua, favorecem ainda mais a convergência entre os

dois sistemas, sobretudo no caso de línguas tipologicamente próximas, acentuando o que alguns teóricos consideram uma tendência geral das línguas ou famílias de línguas.

Por outro lado, outros pronomes parecem estar sendo claramente afetado pelo desuso. O pronome **vou**, que era usado para designar a segunda pessoa do plural e também a segunda pessoa do singular em contexto formal, não é mais usado com esse último sentido – segundo os próprios falantes eles usam apenas o **te**. No entanto, no questionário e outros exercícios de conjugação realizados, houve muita hesitação na conjugação de alguns verbos e muitos não conseguiam lembrar da forma da segunda pessoa do plural e acabavam substituindo pela forma da segunda pessoa do singular. No exemplo a seguir, o falante hesita entre o **vou** e o **te**, como se a frase com **vou** não lhe soasse natural:

60. [3JT5 (falante *quasi*-nativo)]

Vou	fete... (≈)	te	fô	bon	usazhou	de	votre	seu
2PL	fazer-PRS.2PL	2SG	fazer-PRS.2SG	bom	uso.M	PREP	POSS.2PL	dinheiro

Vocês fazem... tu fazes bom uso de teu dinheiro’

61. [3JT8 (falante *quasi*-nativo)]

Te	vu	on	café ... (≈)	vou	veuli	on	café?
2SG	querer.2SG	INDF.M.SG	café	2PL	querer.2PL	INDF.M.SG	café

‘Tu queres un café ... vocês querem um café?’

Não podemos descartar, contudo, a possibilidade de que a maneira como a questão foi colocada e o fato de ser um exercício descontextualizado tenham interferido na resposta do entrevistado, e desfavorecido a emergência da forma em foco.

Em alguns casos, o entrevistado alterou a frase motivadora de maneira a evitar a construção com o **vou** – ele recorre à construção **é fo** (fr. *il faut*, pt. é necessário):

62. [3MR1 (semi-falante + competente)]

Léj	éfè,	é	fo	mèzhe	dé	légume
ART.M.PL	criança	N	ser preciso-PRS.3SG	comer-INF	INDF.M.PL	legume

‘Crianças, é preciso comer legumes’

Les enfants, vous devez manger des légumes (frase motivadora)

63. [3MR4 (semi-falante + competente)]

a. É	fo	pô	dezhe	dé	mo	groussi
N	ser preciso.PRS.3SG	NEG	dizer-INF	INDF.M.PL	palavra	grosseiro
b. Vou	date	parlô	corectamè			
2PL	dever-PRS.2PL	falar-INF	corretamente-ADV			

‘Não se deve falar palavras grosseiras. Vocês devem falar corretamente’

Les enfants, vous ne devez pas dire des mots grossiers. Et vous devez parler correctement (frase motivadora)

No exemplo (63) o entrevistado acaba fornecendo a forma **date** na segunda frase: **vous date parlô corectamè**. No exemplo a seguir (64) outro entrevistado usa o mesmo recurso para evitar no **vous** diante do verbo **suiivre**, que é um verbo menos comum do que verbo **deva** (*devoir*):

64. [3AA3 (semi-falante + competente)

É fo byin suiivre le professeur

N ser preciso.PRS.3SG bem-ADV seguir-INF ART.M.SG professor

‘É preciso seguir o professor’

Les enfants, vous suivez le professeur (frase motivadora)

A evolução do sistema pronominal está estreitamente ligada ao domínio das formas verbais, como veremos a seguir. No entanto, pode-se postular que a redução dos contextos de uso da língua, cada vez mais limitados e possivelmente reduzidos a interações informais entre dois interlocutores, venha contribuindo para o desaparecimento do pronome da segunda pessoa do plural **vous**.

4.6 Morfologia verbal

Na análise da morfologia verbal selecionamos quatro pontos importantes para o estudo dos fenômenos de manutenção e mudança no francoprovençal já analisados por Jean-Baptiste Martin (diversos trabalhos), quem orientou a elaboração do questionário linguístico: 1) os infinitivos dos verbos do primeiro grupo (subdivido em dois subgrupos); 2) as chamadas “formas fortes” características do terceiro grupo verbal, segundo Martin (2005 e 2013); 3) o imperfeito do indicativo e 4) o subjuntivo presente e passado.

Tomamos como referência a descrição do sistema verbal proposta por Martin (2005), as considerações acerca do francoprovençal falado no departamento de Ain em Martin (2013) e o glossário organizado por Martin (1996) que apresenta os verbos no infinitivo.

4.6.1 Infinitivos dos verbos do primeiro grupo

O primeiro grupo verbal compreende os verbos originários da primeira conjugação latina -ARE e se divide em dois subgrupos: 1) verbos com um radical que termina em consoante não palatal (tipo **chantar**, fr. *chanter*, pt. cantar). Na Bresse, a terminação -ar velariza-se para [o], e tem-se então *shètô* (fr. *chanter*, pt. cantar), *pourô* (fr. *porter*, pt. portar); 2) verbos com um radical que termina em consoante palatal (tipo **mengier**, fr. *manger*, pt. comer). Na Bresse, temos **mèzhe** (fr. *manger*, pt. comer), **quèmeche** (fr. *commencer*, pt. começar) (MARTIN, 2005).

Nos dados coletados, buscamos observar a manutenção das terminações verbais, seguindo o padrão -ô [o] diante de consoante não palatal e -e [ə] diante de consoante palatal. Todos os entrevistados, com exceção da falante passiva, dominavam essa regra da língua. Os verbos atestados foram: **parlô** (fr. *parler*, pt. falar), **cojô** (fr. *coser*, pt. falar), **pourô** (fr. *porter*, pt. portar), **profitô** (fr. *profiter*, pt. aproveitar), **montô** (fr. *monter*, pt. subir), **shètô** (fr. *chanter*, pt. cantar), em contexto não palatal; **mèzhe** (fr. *manger*, pt. comer), **moshe** (fr. *mâcher*, pt. mastigar), **zhuzhe** (fr. *juger*, pt. julgar), **tyushe** (fr. *coucher*, pt. deitar), **nazhe** (fr. *nager*, pt. nadar), em contexto palatal.

Os verbos terminados em -ô são bastante frequentes e produtivos. A terminação -ô ou -e em contexto palatal, também são privilegiadas na criação de novos verbos, o que ocorre com bastante frequência durante as traduções feitas nos encontros do grupo *patois* de SEB.

4.6.2 Verbos do terceiro grupo: as formas fortes do presente do indicativo

No terceiro grupo temos um vasto repertório de verbos com infinitivos terminados em -a como por exemplo **deva**, **pouva**, **voula**, **chava** (fr. *devoir*, *pouvoir*, *vouloir*, *savoir*; pt. dever, poder, querer, saber) e -zhe/-re como **bazhe**, **fozhe**, **suivre** (fr. *boire*, *faire*, *suivre*; pt. beber, fazer, seguir). Esse grupo se caracteriza pela presença das chamadas “formas fortes” na segunda pessoa do plural do presente do indicativo e no imperativo. Essas formas fortes apresentam acento sobre o radical e não sobre a terminação, como é frequente nos verbos dos outros grupos (MARTIN, 2013, p. 17). Trata-se de uma característica que distingue o francoprovençal do francês, visto que este último só apresenta formas fortes para os verbos *dire* (fr. *vous dites* [dit], pt. vós dizeis) e *faire* (*vous faites* [fet], pt. vós fazeis), os demais

verbos no francês apresentam o acento sobre a terminação, como em *savoir* e *devoir* (fr. *vous savez* [sa've], *vous devez* [de've], pt. vós sabeis, vós deveis).

Em nosso questionário, os seguintes verbos foram abordados: *devoir*, *suivre*, *faire*, *vouloir*, *savoir*, *pouvoir*, *cuire*, *boire* e as seguintes formas fortes foram fornecidas: **date**, **suite**, **fete**, **veuli**, **chete/sete**, **peute** e **bate**. Apenas a forma para *cuire* não foi lembrada por nenhum dos entrevistados. Entre os semi-falantes houve dificuldade em fornecer a forma para o verbo *suivre* e alguns utilizaram-se de estratégias para evitar a conjugação desse verbo na segunda pessoa do plural. Em (65), o entrevistado utilizou-se da construção **é fo** (fr. *il faut*, pt. é necessário) para evitar a conjugação proposta na frase motivadora (fr. *vous suivez le professeur*, pt. vocês seguem o professor). Deve-se considerar também a vulnerabilidade do pronome **vou**, que tende a sofrer desgaste, como discutido na seção 4.5.6.

65. [3AA3 (semi-falante + competente)]

É	fo	byin	sui	ivre	le	professeur
N	ser preciso.PRS.3SG	bem-ADV	seguir-INF	ART.M.SG	professor	

‘É preciso seguir o professor’

Em (66) o entrevistado adaptou a conjugação francesa do verbo *suivre*, *vous suivez*, à fonética da língua local, criando a forma **chui****vô**, aplicando a regra geral dos verbos do primeiro grupo (terminação **-ô**).

66. [3AP3 (semi-falante - competente)]

Vou	chui	lou	mè	trou
2PL	seguir-PRS.2PL	ART.M.SG	mestre.M	

[chui]vo]

‘Vocês seguem o mestre’

Com exceção dos verbos *cuire* e *suivre*, as formas fortes ainda estão bastante presentes na língua e é dominada pelos entrevistados menos competentes. A forma para o verbo **bazhe** (fr. *boire*, pt. beber) (**vou bate**) foi fornecida inclusive pela falante passiva, como podemos observar em (27).

(67) [3JS17 (falante passivo)]

Vou	bate	du	vin	ou ...	don bin	de	l'	eau
2PL	beber-PRS.2PL	de.ART.M.SG	vinho	CONJ	CONJ	PREP	ART.SG	água

‘Vocês bebem vinho ou água’

4.6.3 O imperfeito do indicativo

Segundo Martin (2005), descrever o imperfeito do indicativo no francoprovençal é tarefa difícil, pois houve em muitos falares o que o autor chama de desorganização do sistema antigo, caracterizado por dois tipos de imperfeito: os do primeiro grupo que apresentavam o sufixo **-âv** (em contexto não palatal) ou **-iév** (em contexto palatal), e os dos segundo e terceiro grupos que não apresentavam esse sufixo. A desorganização caracterizou-se por inúmeros processos analógicos que culminaram na criação de formas originais locais, cujos elementos nem sempre remontam diretamente ao latim (MARTIN, 2012).

Segundo Martin (2005), os falares que preservaram o sistema antigo apresentam as formas **chantâvo** (verbo **chantar**, pt. cantar), **mengiévo** (verbo **mangier**, pt. comer) para verbos do primeiro grupo, mas **finéss(i)en/(i)ô** e **ven(i)en/(i)ô** para verbos do segundo grupo. Em muitas localidades, no entanto, esse sistema sofreu alteração. No *lyonnais*, por exemplo, o sufixo **-âv-** desapareceu mesmo do primeiro grupo, cuja conjugação por analogia aproximou-se das dos grupos II e III, tem-se então **chanten** para fr. *je chantais* (pt. eu cantava). No caso do bressan, ocorreu o contrário, as formas do grupo I foram usadas como modelo para as formas dos demais grupos, tem-se então o sufixo, ou em alguns casos apenas o elemento **-v-**, nos três grupos: **venivo** (fr. *venir*, pt. vir), **devévo** (fr. *devoir*, pt. dever), **vèdiva** (fr. *vendre*, pt. vender).

É possível também encontrar falares com conjugações mistas – do tipo **vendien**, **vendias**, **vendiâve**, **vendians**, **vendiâds**, **vendiant** (fr. *vendre*, pt. vender), e mesmo encontrar variação dentro de uma mesma variante da língua. Essa desorganização do sistema antigo deveria conduzir, segundo hipótese de Martin (2005 e 2012), caso esses falares continuassem em uso, a uma simplificação do sistema, tal como ocorreu no francês.

Nesta pesquisa, abordamos os verbos no imperfeito no Questionário Frases Complexas, aplicado a todos os entrevistados, (verbos fr. *être*, *aller*, *avoir*, *falloir*, *savoir*, *choisir* e *guérir*, pt. ser, ir, ter, necessitar, saber, escolher e curar) e no Questionário Estendido (verbos fr. *chanter*, *sortir*, *prendre*, *dire*, *porter*, *faire*, *nettoyer*, *manger*, *pouvoir*, *devoir*, *venir*, *vouloir*, pt. cantar, sair, pegar, dizer, portar, fazer, limpar, comer, poder, dever, vir, querer) aplicado a dois entrevistados – um falante *quasi*-nativo e um semi-falante [+competente].

Realizamos ainda um exercício escolar de conjugação com um dos entrevistados, JP, um dos semi-falantes [+ competentes], militante engajado no estudo e difusão da língua, a partir do qual pudemos estabelecer um quadro com a conjugação dos verbos fr. *être, avoir, garder, montrer, manger, donner, savoir, vendre, tenir, faire* (pt. ser/estar, haver/ter, guardar, mostrar, comer, dar, saber, vender, manter, fazer) nos seguintes tempos verbais: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito, futuro e condicional. O quadro completo pode ser consultado nos anexos.

Com relação aos verbos do primeiro grupo, com infinitivos em **-ô**, em contexto sem palatal, ou **-e** em contexto palatal, observamos a presença da sufixo **-âv-**, que na Bresse realiza-se **-ôv-** [ov] em ambos os contextos, não palatal e palatal. Vejamos a conjugação do pretérito imperfeito dos verbos **gardô** (fr. *garder*, pt. guardar) e **mèzhe** (fr. *manger*, pt. comer) fornecida por JP:

Quadro 8: Verbos **gardô** e **mèzhe** no pretérito imperfeito

GARDÔ	MÈZHE
zhe gardôva	zhe mèzhôva
te gardôve	te mèzhôve
i (le) gardôve	i (le) mèzhôve
on gardôve	on mèzhôve
vou gardôvô	vou mèzhôvô
i (le) gardôvon	i (le) mèzhôvon

Fonte: dados da pesquisa

O elemento **-v-** também está presente nos verbos **être** (fr. *être*, pt. ser/estar), **alô** (fr. *aller*, pt. ir) e está no radical do verbo **ava** (fr. *avoir*, pt. haver/ter). Vejamos algumas ocorrências:

68. [3JT40 (falante *quasi*-nativo)]

Tyè zh' eva zheunou zh' alova a l' etyeula a pye
 ADV 1SG ser-IPFV.1SG jovem.M 1SG ir-IPFV.1SG PREP ART.SG escola.F.SG PREP pé
 ‘Quando eu era jovem eu ia à escola a pé’

69. [3AP40 (semi-falante - competente)]

Tyè zh' eva zheunou zh' alova a l' etyeula a pye
 ADV 1SG ser-IPFV.1SG jovem.M 1SG ir-IPFV.1SG PREP ART.SG escola.F.SG PREP pé
 ‘Quando eu era jovem eu ia à escola a pé’

Nas ocorrências (68) e (69) podemos comparar um falante *quasi*-nativo e um semi-falante -competente e observar que ambos mantêm as formas do imperfeito em **-v-**.

Com relação aos verbos do segundo grupo, do tipo **gari/gazhi**⁴³ (fr. *guerir*. pt. curar), primeiro subgrupo do verbos advindos da quarta conjugação latina -IRE, observamos bastante insegurança e fluidez na conjugação do imperfeito. Em (70) e (71) os entrevistados recorrem a uma estrutura com o verbo no particípio passado para evitar a conjugação do verbo no imperfeito, proposto na frase motivadora (*je guérissais très vite*). Em (71), o semi-falante utilizou a forma francesa do particípio *guéri*.

70. [5JC10 (falante quasi-nativo)]

Tyè zh' eva zhenou e pi que zhe preniva la gripa,
 ADV 1SG ser-IPFV.1SG jovem.M CONJ REL 1SG pegar- IPFV.1SG ART.F.SG gripe.F.SG
zh' eva dashteu garou
 1SG ser-IPFV.1SG ADV curado-PTCP

‘Quando eu era jovem e que eu pegava gripe, eu rapidamente ficava curado’

71. [3AA41 (semi-falante + competente)]

Kyè zh' eva zheunou e pi que zh' ava la gripa,
 ADV 1SG ser-IPFV.1SG jovem.M CONJ REL 1SG ter- IPFV.1SG ART.F.SG gripe.F.SG
zh' eve dashteu guéri
 1SG ser-IPFV.1SG ADV curado-PTCP

‘Quando eu era jovem e que eu tinha gripe, eu rapidamente ficava curado’

No exemplo (72) a seguir, temos a forma **gariva** com o sufixo **-iv-**, fornecida por um falante *quasi*-nativo. Segundo Martin (2012), na origem latina, **-iv-** não aparecia nos verbos do segundo grupo, mas apenas no primeiro grupo: **-âv-**, **-év-**, **-ôv-** (na região de Bresse), para os verbos cujo radical não termina por consoante palatal, e **-ev-**, **-iv-** para os verbos com consoante palatal. A introdução desses sufixos via analogia nos segundo e terceiro grupos verbais em alguns falares francoprovençais foi descrita por Martin (2012) como uma desorganização-reorganização do sistema verbal do imperfeito do indicativo. No caso do bressan, Martin (2012) identificou que tal introdução do sufixo é um fenômeno relativamente recente, dada sua ausência em textos medievais da região de Bresse.

⁴³ **r** e **zh** variam no contexto intervocálico, como explicitado em 4.4.2.

72. [3JT41 (falante *quasi*-nativo)]

Tyè zh' eva zheunou e pi que zh' ava la gripa,
 ADV 1SG ser-IPFV.1SG jovem.M CONJ REL 1SG ter-IPFV.1SG ART.F.SG gripe.F.SG
 zhe (≈) gara(...) gariva trè vitou
 1SG curar-IPFV.1SG muito-ADV rápido-ADV.M
 'Quando eu era jovem e que eu tinha gripe, eu curava muito rápido'

Em (73), a forma **guerissôva/guerichôva** fornecida pelo semi-falante seria uma introdução do sufixo -ôv- presente nos verbos do primeiro grupo tal como **gardôva**, **mèzhôva** no radical francês do verbo *guérir*. Na sequência, o mesmo falante recupera a forma **gariva**, e hesita entre as duas. Em (74), outro entrevistado fornece a mesma forma **guerichôva**, formada a partir do radical francês. Trata-se aqui de uma adaptação do verbo francês ao sistema francoprovençal com a introdução da terminação -ôva, o que mostra a produtividade do sufixo -ôv- na adaptação de transferências ou empréstimos de verbos do francês, indicando ser um elemento resistente ao processo de extinção da língua.

73. [3JP41 (semi-falante + competente)]

Tyè zh' eva zheunou e pi que zh' ava la gripa,
 ADV 1SG ser-IPFV.1SG jovem.M CONJ REL 1SG ter-IPFV.1SG ART.F.SG gripe.F.SG
 zhe (≈)guerissôva... guerichôva, vra radou, (≈) gariva vra radou
 1SG curar-IPFV.1SG curar-IPFV.1SG ADV rápido-ADV.M curar-IPFV.1SG ADV rápido-ADV.M
 'Quando eu era jovem e que eu tinha gripe, eu curava realmente rápido'

74. [3AP41 (semi-falante - competente)]

Tyè zh' eve zheunou e pi que zh' ava la gripa,
 ADV 1SG ser-IPFV.1SG jovem.M CONJ REL 1SG ter-IPFV.1SG ART.F.SG gripe.F.SG
 (≈) zhe guerichôva vra vitou
 1SG curar-IPFV.1SG realmente-ADV rápido-ADV.M
 'Quando eu era jovem e que eu tinha gripe, eu curava realmente rápido'

A produtividade do sufixo -ôv- pode ser observada ainda na análise do verbo **chava** (fr. *savoir*, pt. saber), do terceiro grupo. No exemplo (75), o falante *quasi*-nativo apresenta a forma **chavon** (terceira pessoa do plural), sem o sufixo -ôv-, sendo portanto o -v- um elemento do radical do verbo. No exemplo (76), o semi-falante aplica a regra geral por analogia e cria a forma **chavôvon**, acrescentando o sufixo -ôv-. A forma do imperfeito **chavon** [ʃavõ] se distingue da forma do presente apenas pela sílaba tônica: a forma do presente é paroxítona (**i/le chavon** [iʃavõ]). Ao acrescentar o sufixo, mantém-se o paralelismo

entre as formas do presente e imperfeito (para a terceira pessoa do plural) observada nos verbos do primeiro grupo: **i/le montron** (presente), **i(le) montrôvon** (imperfeito) (verbo **montrô**, pt. mostrar); **i(le) chavon**, **i(le) chavôvon** (verbo **chava**, pt. saber). Essa ocorrência nos fornece indícios de que a difusão do sufixo esteja se acentuando progressivamente, na medida em que se torna um recurso para a recriação de verbos que sofreram perdas pelo desuso, tornando o paradigma verbal mais regular. A presença do sufixo marca a originalidade e a identidade do francoprovençal diante do francês, que não apresenta o sufixo em nenhum contexto.

75. [3JT44 (falante *quasi*-nativo)]

Tyè	zh'	eva	zheunou,	léz	éfè	chavon	(≈)trè	byin	shètô
ADV	1SG	ser-IPFV.1SG	jovem.M	ART.M.PL	criança	saber-IPFV.3PL	ADV	ADV	cantar-INF
(...) shètôvon	vra	byin							
cantar-IPFV.3PL	ADV	ADV							

‘Quando eu era jovem, as crianças sabiam cantar muito bem ... cantavam muito bem’

76. [3AP44 (semi-falante - competente)]

Tyè	zh'	eve	zheunou,	léz	éfè	chavôvon	vra byin	shètô	
ADV	1SG	ser-IPFV.1SG	jovem.M	ART.M.PL	criança	saber-IPFV.3PL	ADV	ADV	cantar-INF

‘Quando eu era jovem, as crianças sabiam cantar muito bem’

4.6.4 O subjuntivo presente e imperfeito

O estudo do subjuntivo tem como objetivo verificar a manutenção dos radicais e das terminações francoprovençais do subjuntivo presente e a existência de formas antigas do subjuntivo imperfeito, marcadas pela presença dos sufixos **-ess-**, **-iss-** ou **-ass-**, em franco desuso no francês falado (ex. verbo *aller* fr.: *que j'allasse*, *que vous allassiez*, pt. ir: que eu fosse, que vós fôsseis). Segundo Martin (2005), o desaparecimento da distinção entre presente e imperfeito do subjuntivo já está bastante avançado no francoprovençal, no entanto, alguns resquícios dessas formas ainda podem ser observadas em algumas regiões de seu domínio.

Nas entrevistas, três verbos foram abordados na análise do subjuntivo: fr. *être*, *avoir*, *aller* (pt. ser/estar, ter, ir). Mesmo entre os falantes mais competentes observou-se a convergência das duas conjugações do subjuntivo, presente e imperfeito, como podemos observar em (77) e (78), dados do mesmo falante *quasi*-nativo JC.

77. [3JC42 (falante *quasi*-nativo)]

Mon pte, é fo que te chaye (≈)poli,
 POSS.M.SG.1SG pequeno N ser preciso-PRS.3SG REL 2SG ser-SBJ.PRS.2SG educado
que t' ala a l' étyeula pi que te fache te devoir!
 REL 2SG ir-SBJ.PRS.2SG PREP ART.SG escola.F.SG CONJ REL 2SG fazer.SBJ.PRS.2SG POSS dever
 ‘Meu pequeno, é preciso que tu sejas educado, que tu vás à escola e que tu faças teus deveres!’

78. [3JC43 (falante *quasi*-nativo)]

Tyè zh' eva zheunou, é falive étrou byin elevô,
 ADV 1SG ser-IPFV.1SG jovem.M N ser preciso-IPFV.3SG ser-INF bem criado
é falive que zhe chaya feur, que zh' ala a l' étyeula,
 N ser preciso-IPFV.3SG REL 1SG ser-SBJ.PRS.1SG forte REL 1SG ir-SBJ.PRS.1SG PREP ART.SG escola.F.SG
é falive que zhe facha me devoir
 N ser preciso-IPFV.3SG REL 1SG fazer.SBJ.PRS.1SG POSS dever
 ‘Quando eu era jovem, era preciso ser bem criado, era preciso que eu fosse forte, que eu fosse à escola, era preciso que eu fizesse meus deveres’

Apenas o falante *quasi*-nativo JT hesitou entre uma forma arcaica, **fucha**, e a forma do subjuntivo presente, **chaya**, para o verbo **être** (fr. *être*, pt. ser/estar) no contexto do imperfeito de subjuntivo, como podemos observar em (79). Esse parece ser, no entanto, um resquício dessas formas em **-ss-**, em avançado desuso e substituídas pelas formas do presente.

79. [3JT43 (falante *quasi*-nativo)]

Tyè zh' eva zheunou, é falive que zhe (≈)fucha (...)
 ADV 1SG ser-IPFV.1SG jovem.M N ser preciso-IPFV.3SG REL 1SG ser-SBJ.IPfV.1SG
chaya poli, e pi que zh' ala a l' étyeula,
 ser-SBJ.PRS.1SG educado CONJ REL 1SG ir-SBJ.PRS.1SG PREP ART.SG escola.F.SG
e pi que zhe facha me devoir
 CONJ REL 1SG fazer.SBJ.PRS.1SG POSS dever
 ‘Quando eu era jovem, era preciso que eu fosse educado, e que eu fosse à escola e que eu fizesse meus deveres’

Entre os semi-falantes, ocorreram transferências do francês em relação ao verbo fr. *aller* (pt. ir), como podemos observar em (80), em que o entrevistado utiliza a forma francesa *ailles*, ao invés de **ala/ale**, forma francoprovençal do verbo **alô**. Entretanto, as formas **chaye/chaya** e **fache/facha** para os verbos **être** (fr. *être*, pt. ser/estar) e **fôzhe** (fr. *faire*, pt. fazer), foram atestadas em todos os entrevistados, com exceção da falante passiva que não foi capaz de realizar o exercício.

80. [3AP42 (semi-falante - competente)]

Mon gachon, é fo que te chaye poli,
POSS.M.SG.1SG menino N ser preciso-PRS.3SG REL 2SG ser-SBJ.PRS.2SG educado
que t' ailles à l' étyeula e pi que te fache ton travô!
REL 2SG ir-SBJ.PRS.2SG PREP ART.SG escola.F.SG CONJ REL 2SG fazer.SBJ.PRS.2SG POSS trabalho
'Meu menino, é preciso que tu sejas educado, que tu vás à escola e que tu faças teu trabalho!'

4.6.5 Síntese dos fenômenos morfológicos

No estudo da morfologia, observou-se entre os semi-falantes importantes fenômenos de manutenção e de mudança induzida pelo contato e pelo desuso. Constatamos uma estabilidade das formas dos artigos no singular. No plural, há evidência de uma redução das formas do plural para uma única forma que indicaria os gênero masculino e feminino, como no francês. Nesse sentido, aventamos a hipótese de redução da distinção de gênero dos determinantes no plural – artigos, demonstrativos, possessivos – marcado pela distinção entre os sons [e] (masculino) e [ə] (feminino) em favor do son [e], convergindo para o francês. No entanto, a presente pesquisa carece de dados suficientes, sobretudo de conversas espontâneas, para comprovar tal hipótese.

O artigo masculino singular **lou** [lu] se mostrou estável, confirmando a análise de Cohen (2002). A presença da vogal posterior e a tonicidade dessa forma contribuem para sua manutenção, o que pode ser pensando também no caso do morfema **-ou** [u] marca dos nomes masculinos, que também se mantêm, sendo inclusive utilizado na criação de novas palavras ou nos fenômenos de alinhamento por analogia (ex. o possessivo **neutrou**, criado pela falante passiva). A série dupla dos nomes femininos também está bastante presente nos dados, no entanto, ocorreram alguns casos de alinhamento das formas em contexto palatal sobre a regra em contexto não palatal, onde prevaleceu a oposição **-a** singular e **-e** no plural. A manutenção desses morfemas nominais é reforçada pela manutenção do paroxitismo e das vogais átonas finais – são fenômenos profundamente interligados.

Com relação ao estudo dos demonstrativos, observou-se a retenção da oposição entre as formas advindas do latim **ISTE/ILLE** na função adjetiva apenas na referência temporal. O distanciamento espacial não é marcado na morfologia do adjetivo demonstrativo, o que indica uma redução do paradigma dos adjetivos demonstrativos, caracterizado pela especialização das formas derivadas de **ISTE** na expressão do tempo. Quanto aos pronomes demonstrativos, a oposição perto longe foi observada entre os falantes *quasi*-nativos: **chotye** para o perto e **chola** para o longe. Essa oposição, no entanto, origina-se na oposição entre os advérbios **tye** e

la, que se integraram à forma **cho**, via cliticização (cf. GOMES, 2015) resultando no pronome, e não remonta ao latim. Entre os semi-falantes, prevalece a forma **chotye** em todos os contextos. As formas do plural e diante de contexto vocálico, tanto adjetivas quanto pronominais, apresentaram maior propensão aos efeitos do contato e do desuso, sobretudo transferências do francês ou sofrendo desgaste (o caso de **sétye**).

A análise dos possessivos **neutron** e **veutron** mostrou a manutenção da nasal **-on**, inclusive entre os semi-falantes. Apenas a falante passiva forneceu uma forma criada por analogia aos nomes masculinos: **neutrou**. O relativo **que** também se mantém na expressão do sujeito.

O estudo dos pronomes pessoais revelou maior instabilidade nas formas da primeira pessoa do plural **nou**, que é substituída por **on** (pt. a gente), e da segunda pessoa do plural **vou**, que sofre desgaste.

No que diz respeito à morfologia verbal, podemos destacar a manutenção das terminações dos infinitivos do primeiro grupo : **-ô**, em contexto não palatal e **-e** em contexto palatal. As chamadas formas fortes do presente do indicativo na segunda pessoa do plural dos verbos do terceiro grupo também apresentaram estabilidade, revelando também um contexto favorecedor da retenção do pronome **vou**.

No estudo do pretérito imperfeito, observou-se a manutenção do sufixo **-ôv-**, inexistente no francês, nos verbos do primeiro grupo. Os verbos do segundo grupo caracterizados pela presença do sufixo **-iv-** sofrem desgaste, observado nas tentativas do falante de evitar a conjugação, ou adquirem uma forma análoga ao dos verbos do primeiro grupo: **guérichôva** (que tomou o radical francês). Trata-se de uma transferência ou empréstimo do francês adaptado à morfologia francoprovençal. A produtividade de **-ôv-** foi observada também na análise do verbo **chava** onde ocorreu a criação da forma análoga **chayôvon**, revelando uma tendência à regularização da conjugação dos verbos do terceiro grupo por analogia com o primeiro grupo.

No que tange ao subjuntivo, observou-se que presente e imperfeito tendem a se fundir, como ocorre com o francês. Um caso de transferência do francês foi observada no verbo fr. *aller*.

4.7 Vocabulário da língua: manutenção e mudança lexical

Para estudar o vocabulário da língua, propomos aos entrevistados uma lista de palavras, fornecidas em francês, às quais eles deveriam fornecer um equivalente na língua local. São palavras típicas da língua, ligadas à cultura e às tradições locais, ao ambiente natural e outros conceitos cotidianos, que eram de uso corrente na época em que a língua local ainda era o meio de comunicação preponderante. A seleção das palavras foi baseada no *Atlas Linguistique du Jura et des Alpes du Nord* (ALJA), (MARTIN; TUAILLON, 1971), que fornece dados do vilarejo de SEB datados do final da década de 1960 e início da década de 1970, aos quais pudemos comparar nossos dados e avaliar a manutenção, a evolução/mudança ou desgaste/perda do vocabulário.

No estudo da evolução de uma língua – entendida aqui como as variações, mudanças e manutenções que caracterizam seu desenvolvimento tanto do ponto de vista diacrônico como sincrônico – devemos considerar que, mesmo em se tratando de línguas minoritárias e em vias de desaparecimento, elas estão submetidas às mesmas forças que alteram, ou que mantêm, qualquer língua natural. No estudo do léxico, como afirma Martin (1995), as mudanças raramente são uniformes, visto que a natureza e importância das mudanças variam para cada noção: “cada palavra tem uma história que se insere num determinado contexto linguístico, mas também num movimento socioeconômico ou cultural” (MARTIN, 1995, p. 221)⁴⁴. Nesse estudo, Martin (1995) observa que as principais causas das mudanças no léxico do francoprovençal da região lionesa foram o desaparecimento das palavras antigas correspondendo a realidades ou noções que também desapareceram ou estão em forte declínio e a penetração de novas palavras, frequentemente do tipo francês ou *langue d’oïl*, vindas do norte. No que diz respeito à manutenção de certas palavras, Martin (1995) destaca o fato de serem aquelas que passaram ao francês regional, o que se mostrou um importante fator de estabilidade do léxico tipicamente francoprovençal.

No presente estudo, observou-se que a idade do entrevistado é um fator relevante na análise dos dados. Os mais velhos (acima de 80 anos) possuem um conhecimento mais amplo do vocabulário proposto e forneceram a palavra tradicional⁴⁵ na maioria dos casos. O entrevistado MR, embora mais novo, 68 anos, também apresentou um bom conhecimento

⁴⁴ Tradução nossa. Do original: “Chacun des mots a une histoire qui s’insère dans un contexte linguistique certes, mais aussi dans un mouvement socio-économique ou culturel” (MARTIN, 1995, p. 221).

⁴⁵ Chamamos aqui de palavra tradicional aquela atestada como tipicamente francoprovençal, em geral mais antiga na língua, tendo como base estudos dialetológicos, em especial o ALJA (MARTIN; TUAILLON, 1971).

dessas palavras. Os demais entrevistados não conseguiram se lembrar de determinadas palavras – embora saibam que efetivamente existe uma palavra especial na língua, diferente do francês, para aquela realidade. Em alguns casos, houve introdução de palavras do tipo francês, com ou sem adaptação à fonética e à morfologia francoprovençais. Analisaremos cada caso nas próximas seções levando em conta a tipologia do falante apresentada no capítulo 3. Diferentes formas de aquisição e uso da língua ajudam a compreender as respostas obtidas.

Além disso, atua fortemente no resultado desse questionário o fato de a palavra ter entrado ou não de empréstimo no francês regional. Essas palavras do francoprovençal que passaram para o francês tendem a se preservar e aparecem mesmo nas respostas dos falantes menos competentes.

Fatores históricos e sociais são também importantes protagonistas na estudo da lista de palavras. Observou-se o desaparecimento de determinadas palavras que foram se tornando obsoletas, sobretudo por relacionarem-se majoritariamente ao meio rural e à atividade agrícola, nos modelos de uma comunidade rural tradicional ainda pouco mecanizada. Como pudemos ver no capítulo 3, as mudanças pelas quais passaram os pequenos vilarejos franceses na segunda metade do século XX tiveram como resultado uma grande alteração do modo de vida das pessoas, caracterizada por uma profunda mudança não apenas nos modos de produção material e na reprodução social, mas no nível mais microsociológico, nas formas de interação e convivialidade. A despeito disso, aquelas palavras que representam símbolos da identidade e da cultura locais tendem a se manter, mesmo com o declínio do uso da língua. O antigo e o novo, o rural e o urbano, para além da dicotomia, parecem se afirmar e se perpetuar no cultivo da história, das tradições e da língua local.

Analisaremos a seguir alguns fenômenos observados comparando os dados coletados ao que foi atestado no ALJA (MARTIN; TUAILLON, 1971), e/ou listado no glossário do falar de SEB organizado por Martin (1996). Classificamos os fenômenos da seguinte maneira: fenômenos de manutenção, quando a palavra tradicional se manteve; fenômenos de mudança induzida pelo contato com o francês, quando a palavra foi substituída por uma palavra de origem francesa ou *langue d'oïl*, via empréstimo, ou se altera se assemelhando ao seu equivalente francês (transferência). Identificamos também o fenômeno de desgaste ou perda no vocabulário, observado no desaparecimento de determinadas palavras entre os semi-falantes. Uma palavra pode sofrer mudança em alguns entrevistados e ser mantida por outros, por isso uma mesma palavra pode aparecer nos dois tipos de classificação. Os fatores que

levam à manutenção e os que favorecem a mudança atuam conjuntamente, gerando diferentes resultados nos entrevistados.

4.7.1 Fenômenos de manutenção

A análise das palavras francoprovençais que se mantêm no francoprovençal de SEB, ou seja, que foram coletadas junto à grande maioria dos entrevistados, mesmo os menos competentes, foram classificadas da seguinte maneira: a) palavras que entraram para o francês regional; b) palavras que designam objetos ou atividades que representam a cultura, as tradições locais ou alguma característica singular da localidade; c) as estações do ano e dias da semana. Algumas palavras se enquadram nas categorias a e b. Vejamos:

a) palavras que entraram para o francês regional:

alanye (fr. *noisette*, pt. avelã); **darbon** (fr. *taupe*, pt. topeira); **renoulye** (fr. *grenouille*, pt. rã); **catrouye** (fr. *pomme de terre*, pt. batata); **gatye** (fr. *regarder*, pt. olhar); **latya** (fr. *petit lait*, pt. soro de leite); **deveti** (fr. *tablier*, pt. avental); **cafa** (fr. *poche*, pt. bolso); **afatye** (fr. *balayer*, pt. varrer); **nyon** (fr. *personne*, pt. ninguém); **pro** (fr. *assez*, pt. basta)

Essas palavras entraram para o léxico do chamado francês regional – a variante do francês falada nas diferentes regiões da França – como consequência de um longo período de contato no qual o francoprovençal foi língua de substrato do francês em expansão. Uma parte dessas palavras tem uma importância para a cultura local, como veremos no próximo tópico, por isso foram incorporadas via empréstimo ao léxico francês e são conhecidas e utilizadas por não falantes do francoprovençal. Outras, como **darbon**, **catrouye**, **gatye**, **cafa**, **afatye** e **nyon** são palavras mais comuns e muito frequentes que foram incorporadas ao francês pelo longo e intenso contato entre as línguas. A palavra **pro** foi elucidada na expressão exclamativa **zh'è na pro!** (fr. *j'en ai assez!*, pt. basta!), que parece ser um contexto favorecedor da forma, como observou Martin (1995) nos dados do lionês, onde a forma francesa *assez* é privilegiada em contextos outros que não a expressão *j'en ai assez!*, diante de adjetivos, por exemplo, *assez grand*, pt. bastante grande.

b) palavras que designam objetos ou atividades que representam a cultura, as tradições locais ou alguma característica singular da localidade.

Da (fr. *faux*, pt. foice); **chaye** (fr. *faucher*, pt. ceifar); **revin** (fr. *regain*, pt. erva que cresce após o primeiro corte); **chelya** (fr. *seigle*, pt. centeio); **cheratô** (fr. *scier*, pr. serrar); **reuva** (fr. *roue*, pt. roda); **peuplou** e **byô** (fr. *peuplier* e *bouleau*, pt. álamo e vidoeiro – espécies de árvore). São palavras relacionadas ao cultivo de grãos e ao trabalho com a madeira, muito comuns na região, e outros elementos ou atividades ligadas ao meio rural.

Renoulye (fr. *grenouille*, pt. rã) e **alanye** (fr. *noisette*, pt. avelã) estão presentes na culinária local; **latya** (fr. *petit lait*, pt. soro de leite) relaciona-se às técnicas tradicionais de se produzir o queijo e a manteiga; **deveti** (fr. *tablier*, pt. avental) é um acessório presente na cozinha, tanto com papel funcional como decorativo; **buya** (fr. *lessive*; pt. lavagem de roupa) era como chamavam a lavagem das roupas no meio rural antes das máquinas de lavar modernas, que consistia num verdadeira ritual que agregava as mulheres e as crianças da vizinhança; **cabeu** (fr. *sabots*; pt. sapatos de madeira) são os sapatos de madeira típicos da Bresse adaptados ao solo lamacento da região; **goulye** (fr. *boue*; pt. lama) é uma característica importante do solo da região, que representava um importante obstáculo aos deslocamentos das pessoas antes do advento do asfalto.

c) estações do ano e dias da semana

No questionário, incluímos as estações do ano e dois dias da semana. As formas francoprovençais foram atestadas na grande maioria dos entrevistados: **renouvé** (fr. *printemps*, pt. primavera); **bon tin/buna chajon** (fr. *été*, pt. verão); **fin de l'eno** (fr. *automne*, pt. outono); **eva** (fr. *hiver*, pt. inverno); **londi** (fr. *lundi*, pt. segunda-feira); **dimèshe** [di'mɛʃe] (fr. *dimanche*, pt. domingo).

4.7.2 Fenômenos de mudança

Um dos fenômenos observados na análise dos dados foi o decalque, que consiste, numa dada situação de contato, na tradução de uma palavra ou expressão *mot-à-mot* (palavra por palavra), como uma forma de evitar o empréstimo (cf. VIARO, 2011). Se de um lado esse processo possa ser considerado um tipo de erosão do vocabulário da língua, visto resultar na perda da palavra antiga, o decalque acaba se tornando uma estratégia criativa de preenchimento de lacunas na língua e de criação de novas palavras e expressões.

Temos os casos de **cazha a froumazhou**, **flaca d'edye**, **boula de nezhe** e **mi de pon** que são traduções das expressões francesas equivalentes (fr. *cage aux fromages*, pt. recipiente onde se colocava o queijo para secar; fr. *flaque d'eau*, pt. poça de água; fr. *boule de neige*, pt. bola de neve; fr. *mie du pain*, pt. miolo do pão), fornecidas pelos entrevistados que não conheciam as respectivas palavras tradicionais **chozhizhe**, **gache**, **boul** e **myeta de pon**. Esse é um recurso comum para *patoiser* “tornar *patois*”, uma expressão ou palavra do francês ou para criar palavras modernas inexistentes na língua antiga.

O desaparecimento dessas palavras é fortemente favorecido por mudanças nos hábitos e costumes da comunidade. O pão e o queijo deixam de ser feitos em casa e tornam-se objetos de comércio, contribuindo para a perda da palavra tradicional e sua substituição pela palavra francesa. Mudanças no ambiente e na relação das pessoas com a natureza também podem ser pensadas. Além disso, no caso de **gache**, observou-se em um dos falantes *quasi*-nativos (JC) a confusão com a palavra que designa buraco lamacento ou lama (**goulya**, **goulye**, fr. *boueux*, *boue*), o que o fez recorrer ao decalque **flaca d'edye**.

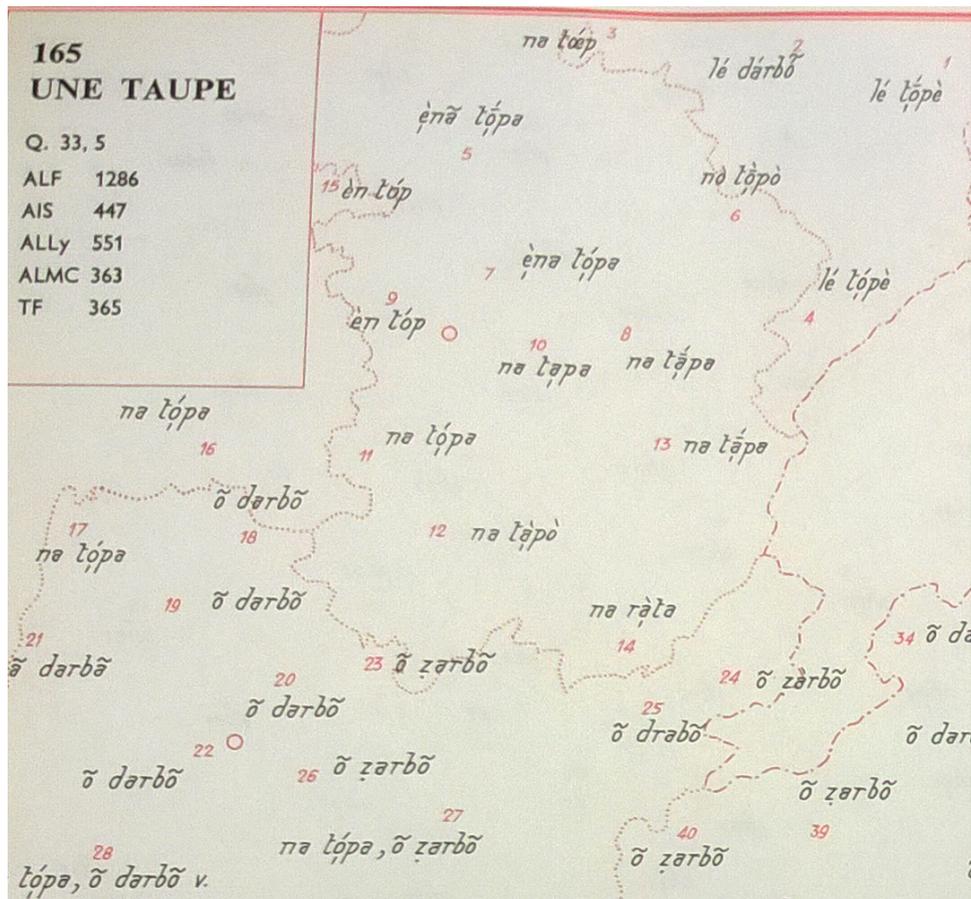
Outro fenômeno observado é o empréstimo (ver discussão na seção 2.3 do capítulo 2). Consideramos empréstimo consolidado quando a palavra foi integrada ao vocabulário da língua local de forma estruturada e a palavra antiga substituída não é conhecida nem mesmo pelos falantes mais velhos e mais competentes. Pudemos identificar dois casos desse tipo de empréstimo: **traverchin/travershin** [traverʃẽ/ traverθẽ] (fr. *traversin*, pt. travesseiro) e **étincele/étinchele** [etẽsel/ etẽʃel] (fr. *étincelles*, pt. faíscas). A variação dos sons [ʃ] e [s] é comum no francoprovençal bressan e pode ser atestada em palavras como **soupa/choupa** (fr. *soupe*, pt. sopa) e muitas outras (cf. MARTIN, 1996). Por outro lado, a substituição de [θ] por [ʃ] pode ser considerada uma convergência em direção ao francês, visto que a palatalização do CA latino no francoprovençal deu origem a [ts] e variantes, e no em SEB essa palatal se realiza em [θ], constituindo um traço distintivo da língua local diante do francês, como vimos na seção 4.4.2.

As palavras fr. *traversin* e *étincelles* provocaram hesitação em alguns dos entrevistados, principalmente os semi-falantes, e alguns preferiram não fornecer as palavras próximas do francês (**traverchin/travershin**; **étincele/étinchele**) por acreditaram que haveria uma palavra especial. Essa atitude expressa o sentimento de insegurança linguística característica de semi-falantes de línguas em desaparecimento. Entre os falantes mais competentes, no entanto, as palavras francesas foram facilmente incorporadas e adaptadas à fonética da língua local. Testamos o conhecimento dos entrevistados acerca da palavra

sensação de que tal palavra existia –; outros forneceram uma palavra semelhante ao francês, com ou sem adaptação à fonética da língua local. No segundo caso, a introdução da palavra de tipo francês pode ser interpretada ora como um tipo de empréstimo mais recente e menos estruturado e difundido – visto que entre os falantes *quasi*-nativos ou semi-falantes [+competentes] ainda foi possível encontrar as palavras tradicionais –; ora como transferência (ou *code-switching*, ver discussão na seção 2.3 do capítulo 2), revelando uma estratégia de preenchimento de uma lacuna devida possivelmente ao processo de aquisição fragmentário e descontínuo e ao pouco uso da língua característicos do perfil desses falantes, o que justifica o recurso a palavras da língua dominante.

Identificamos como empréstimos recentes ou transferências as seguintes ocorrências: **taupa** (pt. toupeira) (1AA21 e 1AB21) e **lèvrou** (pt. lábios) (1AA54). **Taupa** é uma adaptação da palavra francesa *taupe*, com acréscimo do –a, marca do feminino no francoprovençal, que substituiu a palavra tradicional **darbon**. No caso de **darbon**, o mapa 7 (MARTIN; TUAILLON, 1971) mostra a proximidade do ponto onde realizamos as entrevistas (ponto 20) com áreas de domínio do tipo *taupe*, forma que tem avançado para o sul já há pelo menos duas décadas, como observou Martin (1995), em seu estudo do falar lionês. Por outro lado, o fato de a palavra **darbon** ter entrado para o francês regional garante ainda a sobrevivência da palavra antiga, conforme discutido na subseção 4.7.1 deste capítulo.

Mapa 7: *Une taupe* (pt. uma toupeira) (MARTIN; TUAILLON, 1971)



Lèvrrou, por sua vez, é uma adaptação do francês *lèvres*, com acréscimo de **-ou**, marca do masculino no francoprovençal. Embora o entrevistado não tenha se lembrado da palavra tradicional **lèbé**, ao adaptar a palavra francesa ele conservou a morfologia e o gênero masculino da palavra francoprovençal (**on lèbé**, masculino), diante do francês que é feminino (fr. *une lèvres*, feminino).

No caso das palavras fr. *hanneton* (pt. besouro), *orvet* (pt. serpente), *lezard* (pt. lagarto), *nombril* (pt. umbigo), *joues* (pt. bochechas) e *draps* (pt. lençóis), obtivemos como respostas de alguns semi-falantes palavras idênticas ao equivalente francês, sem adaptações, visto tratar-se de palavras já compatíveis com a fonética da língua local. Esses casos podem ser analisados também como transferências ou *code switching*, uma estratégia para preenchimento de uma lacuna na aquisição dessas palavras. Como esses semi-falantes foram pouco expostos à língua na infância, tiveram uma aquisição ativa tardia, ficaram por longo períodos sem contato com a mesma e seu uso atual da língua é ocasional, é esperado que não conheçam ou não se lembrem de muitas palavras, e que a introdução de palavras do francês

seja favorecida pelo fato de ser sua língua materna e de uso cotidiano, além de serem línguas irmãs, portanto, tipologicamente próximas.

Outro fenômeno observado no estudo do vocabulário do francoprovençal de SEB foi a mudança do gênero de algumas palavras, convergindo para o francês. Isso ocorreu com a palavra feminina **la chelya** (fr. *seigle*, pt. centeio) que tornou-se **lou chelya** (1JP3) – no francês *seigle* é masculino. Embora o entrevistado tenha mantido a terminação feminina da palavra (-a), ele hesitou e acabou utilizando o artigo masculino **lou**. A palavra **dimèshe** (fr. *dimanche*, pt. domingo), que é feminina, também tornou-se **lou dimèche** [lu di'mɛʃe] (1JS48), com alteração do som θ (grafado **sh**) em ʃ (grafado **ch**), também convergindo para o francês. Interpretamos esse fenômeno como casos de convergência, pois atinge um nível mais abstrato da língua que vai além do sentido lexical do item, o gênero da palavra.

A palavra **prunna** ['prãna] (fr. *prune* [pryn], pt. ameixa) também sofreu mudança devido ao contato com o francês. **Prunna**, na realidade, já é um empréstimo adaptado de falares vizinhos do norte, visto que a palavra tradicional para “ameixa” era [davônye] (MARTIN; TUAILLON, 1971), a qual não foi fornecida por nenhum dos nossos entrevistados. [davônye] designava um tipo selvagem da fruta, e a palavra **prunna** era utilizada para se referir às ameixas comercializadas. Nos nossos dados, dois dos entrevistados forneceram a palavra ['pryna] (1JT16) e (1JP16), onde temos uma mudança fonética do som [ã] em [y], aproximando-se do francês, embora ambos tenham preservado a vogal átona final da palavra. O caso de ['pryna] pode ser considerado uma transferência isolada do francês *prune* [pryn], com adaptação à morfologia da língua local com a adição da vogal -a.

4.7.3 Síntese do estudo do léxico

No estudo do vocabulário do falar francoprovençal de SEB, identificamos a manutenção de uma parte considerável das palavras selecionadas. Trata-se, em alguns casos, de palavras que entraram para o francês regional, o que se mostrou um fator favorecedor da manutenção. Palavras que representam a cultura, as tradições e simbolizam a identidade local também tendem a se preservar, sobretudo pelo fato de serem cultivadas e lembradas nos eventos comunitários, no museu da *Maison des Pays en Bresse*, nas atividades de sensibilização à cultura e à língua local empreendidas por voluntários em escolas, asilos, e outras instituições, como mostramos no capítulo 3. As estações do ano e os dias da semana também são conhecidas da maior parte dos entrevistados, mesmo os menos competentes.

Observou-se também fenômenos de mudança induzida pelo contato com o francês e com falares do norte (*langue d'oïl*), tais como o decalque, os empréstimos (consolidados ou recentes, tratados aqui como transferências) e fenômenos que atingem níveis mais abstratos da linguagem, que descrevemos como convergências, como o caso de mudança de gênero de determinadas palavras, ou mudanças fonéticas que podem afetar o inventário de sons da língua, observadas entre alguns semi-falantes e na falante passiva. É preciso considerar que a região onde se realizou a pesquisa está próxima à zona de transição *langue d'oïl/francoprovençal* e, portanto, sempre esteve em intenso contato com uma grande diversidade de falares vizinhos.

Esses fenômenos são caracterizados por processos de adaptação fonética e morfológica que revelam a criatividade do falante e a manutenção de traços distintivos, sobretudo da morfologia e fonética, da língua local. Os casos de desaparecimento de palavras foram tratados como desgaste ou perda do vocabulário, muitas vezes relacionados a fatores sócio-históricos, mudanças no modo de vida, e mudanças tecnológicas. Embora essa perda seja sentida pelos falantes mais velhos e seja efetivamente uma perda do ponto de vista cultural e da diversidade linguística, a tendência é que essas lacunas sejam preenchidas, seja por introduções de palavras da língua dominante de contato, seja por recriações introduzidas sobretudo pelo semi-falantes ou potenciais novos falantes que possam vir a aumentar em decorrência dos projetos de valorização da língua.

4.8 Síntese e discussão sobre a análise linguística

Sintetizamos no quadro 9 os fenômenos linguísticos analisados. Na coluna Manutenção listamos os elementos ou características que se mantêm ou tendem a se manter mesmo entre os falantes menos competentes, dentre os quais podemos destacar o paroxitonismo e a manutenção das vogais átonas finais, os elementos ou características que simbolizam a cultura e a identidade local (os sons palatais, a desnasalização, o léxico tradicional), os morfemas **-ou** como marca do masculino e **-a** como marca do feminino, entre outros. Na coluna Mudança apresentamos os elementos que se alteram, seja devido ao contato com a língua dominante, o francês – empréstimos, decalque, transferências e convergências – seja devido aos efeitos do desuso, o qual pode ocasionar não apenas perdas, mas também recriações via analogia, revelando a persistência de determinadas características distintivas da

língua que resistem ao desaparecimento, como é o caso do morfema **-ou**, marca do masculino, a terminação **-ô** do primeiro grupo verbal e o sufixo **-ôv-** marca do pretérito imperfeito.

Quadro 9: Síntese dos fenômenos analisados

MANUTENÇÃO	MUDANÇA
Paroxitonismo associado à manutenção das vogais átonas finais	queda da vogal átona final
Presença das consoantes palatais	[θ] torna-se [ʃ]
Desnasalização de vogais	
Artigo indefinido: formas do singular (F e M)	Redução do paradigma do indefinidos com perda da distinção de gênero no plural
Artigo definido masculino singular lou	
Forma não contraída da preposição diante do artigo definido feminino plural: de le	
Morfema dos nomes masculinos -ou	
Série dupla dos nomes femininos: -a (não palatal) e -e (palatal)	Alinhamento das nomes femininos em contexto palatal sob a regra em contexto não palatal -e > -a
Adjetivos demonstrativos: oposição entre as formas derivadas de ISTE e ILLE no sentido temporal	As formas do demonstrativo em contexto vocálico sofrem processos de transferência ou convergência com o francês
Pronomes demonstrativos: oposição entre as formas chotye e chola na expressão da proximidade/distanciamento espacial entre os falantes <i>quasi</i> -nativos	A forma chotye se estende aos contextos de distanciamento espacial, reduzindo o paradigma do pronomes demonstrativos entre os semi-falantes
Presença da forma sétye (pronome demonstrativo masculino plural) entre os <i>quasi</i> -nativos	Desgaste da forma sétye entre os semi-falantes
Terminação nasal dos possessivos neutron e veutron	Criação da forma neutron pela falante passiva, por analogia com nomes masculinos
A forma do relativo que se mantém na expressão do sujeito	Pronomes pessoais: substituição de nou (1PL) por on
Manutenção do pronome vou diante das formas fortes de verbos do terceiro grupo	Desgaste do pronome vou (2PL) entre os semi-falantes
Terminações dos infinitivos do primeiro grupo verbal - ô (não palatal) e -e (palatal)	
Formas fortes dos verbos do terceiro grupo: ex. bate , fete , date .	Desgaste das formas forte dos verbos fr. <i>cuire</i> e <i>suivre</i>

<p>Imperfeito: sufixo -ov- nos verbos do primeiro grupo</p> <p>Léxico: palavras pertencentes ao francês regional</p> <p>Palavras que representam a cultura, as tradições e a identidade local</p> <p>Estações do ano e dias da semana</p>	<p>Criação da forma chui vô (fr. <i>suivez</i>), para a 2PL por analogia com os verbos do primeiro grupo</p> <p>Desgaste das formas do imperfeito de verbos do segundo grupo</p> <p>Criação da forma do imperfeito guérichôva/guéri ssôva (verbo do segundo grupo), sobre o radical francês <i>guér-</i> por analogia com os verbos do primeiro grupo</p> <p>Criação da forma do imperfeito chavôvon (verbo chava) por analogia com os verbos do primeiro grupo, revelando uma tendência à regularização dos verbos do terceiro grupo.</p> <p>Subjuntivo: fusão entre as formas do presente e do imperfeito, onde prevalece o presente.</p> <p>Decalques, ex: cazhe a froumazhou</p> <p>Empréstimos (consolidados ou recentes/transferências): brebi, traverchin, taupa, etc.</p> <p>Desgaste: desaparecimento de palavras mesmo entre os mais competentes</p> <p>Convergência: mudança no gênero da palavra</p>
---	--

Fonte: dados da pesquisa

No quadro 10, tomamos a matriz retenção-mudança proposta por Cohen (2009) como modelo e procuramos estabelecer os fatores internos e externos favorecedores da retenção, de um lado, e os mais propensos a mudanças, de outro.

Quadro 10: Matriz retenção-mudança no francoprovençal

RETENÇÃO	MUDANÇA
FATORES INTERNOS	FATORES INTERNOS
GÊNERO: MASCULINO	GÊNERO: OUTROS
NÚMERO: SINGULAR	NÚMERO: PLURAL
TONICIDADE	ÁTONO
VOGAIS POSTERIORES (ARTIGOS, MORFEMA NOMES MASCULINOS)	-----
NASALIDADE (POSSESSIVOS)	-----
DESNASALIZAÇÃO	-----
PRIMEIRA E SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR	PRIMEIRA E SEGUNDA PESSOA DO PLURAL
VERBOS DO I GRUPO (PRESENTE E IMPERFEITO)	VERBOS DO SEGUNDO GRUPO
SUBJUNTIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO IMPERFEITO
REFERÊNCIA TEMPORAL	REFERÊNCIA ESPACIAL
FATORES EXTERNOS	FATORES EXTERNOS
FUNÇÃO SIMBÓLICA OU IDENTITÁRIA	-----
ATITUDE POSITIVA DO FALANTE	ATITUDE NEGATIVA DO FALANTE
RURAL	URBANO
RESISTÊNCIA À EXTINÇÃO	MUDANÇA

Fonte: dados da pesquisa [a partir da matriz de Cohen (2009)]

O estudo do artigo masculino **lou** mostrou uma maior resistência do gênero masculino, do número singular, do tônico e da vogal posterior **-ou**, presente também nos nomes masculinos. A análise dos artigos indefinidos e dos demonstrativos revelou a maior vulnerabilidade do número plural, que apresentou fenômenos de perda e de transferência ou convergência em direção ao francês. A terminação nasal do adjetivos possessivos também se mostrou um contexto de retenção, assim como o fenômeno de desnasalização das vogais típico do falar bressan. Os fatores externos atuam conjuntamente favorecendo a retenção dos elementos que desempenham função simbólica ou identitária, distinguindo a língua diante do francês e de outros falares vizinhos.

O estudo dos pronomes em conjunto com a análise da morfologia verbal apontou uma maior resistência das formas da primeira e segunda pessoa do singular em relação às formas da primeira e segunda pessoa do plural, possivelmente afetadas pelo pouco uso da língua, em contextos cada vez mais restritos, em geral, a interações entre dois interlocutores. No caso do pronome de primeira pessoa do plural **nou**, parece tratar-se de um processo mais antigo na língua de substituição de **nou** por **on**, reforçado pelo contato com o francês, no qual também se observa o fenômeno.

As terminações do infinitivo dos verbos do primeiro grupo também se mostraram bastante sólidas, em especial **-ô**, servindo inclusive de modelo para recriação de verbos. O mesmo foi observado no pretérito imperfeito dos verbos do primeiro grupo, cujo sufixo **-ôv-** se difunde para os outros grupos verbais mostrando uma tendência à regularização das

conjugações do imperfeito. Por outro lado, os verbos do segundo grupo do tipo fr. *guérir* se mostraram mais sujeitos a perdas. No estudo do subjuntivo pudemos identificar a manutenção das formas do presente e o desaparecimento das formas do subjuntivo imperfeito, como tem ocorrido também com o francês falado.

A análise dos demonstrativos revelou ainda o sentido temporal como um contexto de retenção da oposição ISTE/ILLE advinda do latim. No sentido espacial há redução do paradigma com predomínio das formas advindas de ILLE e recurso a advérbios, gestos ou outras estratégias para marcação do perto/longe, o que pode ser observado em outras línguas românicas (cf. CAMBRAIA; BIANCHET, 2008).

A atitude do falante e as características rural/urbano, analisadas mais detalhadamente no capítulo 3, atuam de forma mais ampla na manutenção da língua na comunidade estudada. O contexto rural ainda é o *locus* ao qual a língua se liga de forma bastante forte: trata-se de uma língua de camponeses, ligada ao modo de vida rural e às tradições locais. Quanto mais próximo dos centros urbanos médios ou grandes, mais difícil encontrar pessoas que falem ou conheçam algo da língua, sobretudo entre os mais jovens. A atitude positiva do falante, predominante entre nossos entrevistados e demais pessoas da comunidade com as quais tive contato, engajadas nos projetos de valorização da língua e ligadas pelas associações, se mostrou um importante fator na manutenção da língua.

CONCLUSÃO

Nesta tese empreendemos o estudo da língua francoprovençal, língua regional em situação de ameaça, sobretudo na França, onde a língua francesa se impôs como língua nacional, não deixando muito espaço às línguas minoritárias presentes em seu território. A análise da vitalidade do francoprovençal, a partir dos nove fatores propostos pelo documento da UNESCO (2003), mostrou que a língua encontra-se realmente em situação delicada, sobretudo pela consolidação da ruptura da transmissão intergeracional – os últimos falantes fluentes da língua possuem mais de 70 anos –, pela drástica redução de seus contextos de uso – que atualmente se resumem a festas tradicionais, algumas interações em contexto rural e às ações promovidas por associações ou grupos que buscam promover a manutenção e vivência da língua – e pela inexistência de um projeto de educação bilíngue que pretenda implementar o ensino da língua nas escolas. Esses fatores somados ao estigma ainda associado à língua e seus falantes, embora atenuado pelos projetos de revitalização e valorização das línguas minoritárias nas últimas décadas, se apresentam como fortes condicionantes do desaparecimento da língua nas próximas décadas.

Por outro lado, as recentes iniciativas de documentação e recuperação da língua e sensibilização da sociedade em relação a sua importância, assim como o apoio institucional conquistado no nível regional têm contribuído para retardar esse processo. Falamos em retardar e não em reverter, pois avaliamos como improvável que a língua volte a ser usada na comunicação cotidiana, fora das atividades ou ações voltadas ao cultivo da história, das tradições, da cultura e da língua local. O processo histórico que levou a língua a essa situação, detalhado no capítulo 1, mostrou a eficiência da expansão do francês e sua adoção gradual pelas comunidades em território francoprovençal na França. Na comunidade por nós estudada, o vilarejo de Saint-Étienne-du-Bois, mesmo os falantes mais velhos (acima de 80 anos) já tiveram o francês como primeira língua. Desta forma, a identidade local, ligada aos costumes, às tradições e à língua local não representa uma oposição à identidade nacional a ponto de gerar uma demanda pela oficialização da língua francoprovençal.

Nesse contexto, a língua sobrevive enquanto patrimônio local, símbolo da identidade e de pertencimento a uma coletividade, como algo que deve ser preservado e vivenciado muito mais como um elemento da cultura do que como um meio de comunicação. O principal desafio dos programas de valorização atualmente é construir uma nova função para a língua

no mundo moderno, de maneira a atrair o interesse dos mais jovens, sobretudo diante do iminente desaparecimento dos falantes fluentes da língua, boa parte na faixa dos 80 anos.

Do ponto de vista propriamente linguístico, este estudo buscou compreender as consequências do processo de obsolescência na estrutura da língua observando os elementos ou características que se mantêm e os que se alteram, como resultado de uma situação de contato assimétrico no qual uma língua dominante predomina em todos os contextos de interação forçando o abandono da língua dominada. Essa análise exigiu um arcabouço teórico-metodológico que considerasse a especificidade das comunidades em contato, a função e o valor da língua na comunidade, os diferentes perfis de falantes, e outros fatores históricos, socioeconômicos e culturais que tornaram possível a interpretação dos fenômenos linguísticos.

Observou-se que a língua sofre mudanças consideráveis entre os semi-falantes, em relação aos falantes mais competentes, no entanto, mantêm-se as características distintivas da língua dentro do grupo galo-românico e sobretudo diante do francês. A penetração do francês ocorre sobretudo no léxico, nos empréstimos e decalques, em geral, em decorrência de mudanças tecnológicas e nos hábitos e costumes locais que provocaram o desaparecimento das palavras tradicionais. Na análise dos fenômenos de perda ou desgaste, constatou-se que mesmo os falantes menos competentes se valem de estratégias analógicas para preencher as lacunas da língua, mantendo as características distintivas do francoprovençal, como o paroxitonismo, o morfema **-ou** para o masculino e **-a** para o feminino, o sufixo **-ôv-** na formação de verbos do imperfeito, entre outros.

Os semi-falantes constituem ainda um importante grupo sociolinguístico atuante na valorização e manutenção da língua. Esses semi-falantes, considerados também novos falantes, estão engajados no estudo e na difusão da língua, sobretudo por meio das associações através das quais eles buscam apoio institucional para desenvolver seus projetos. Avaliamos, assim, que a recuperação da língua não enfrenta muitos obstáculos em termos linguísticos, visto que a língua está documentada e descrita de forma geral – embora as descrições mais locais sejam mais escassas – e ainda existem falantes relativamente fluentes e semi-falantes potencialmente capazes de recuperá-la. O maior obstáculo é, na verdade, a atitude das comunidades no nível local e da sociedade francesa de forma mais ampla, as quais não almejam o retorno da língua como meio de comunicação, embora não se oponham abertamente a sua manutenção.

REFERÊNCIAS

- ADAMO, Evangelia. A corpus-driven approach to language contact: endangered languages in a comparative perspective. The Gruyter, Inc., 2016. ProQuest Ebook Central, <http://ebookcentral.proquest.com/lib/unigiessen/detail.action?docID=4338526>. Created from unigiessen on 2018-09-27 07:27:04.
- AIKENVALD, A.Y. Areal typology and grammaticalization: the emergence of new verbal morphology in an obsolescent language. In GIIDEA, S. *Reconstructing grammar*. Comparative linguistics and grammaticalization, Amsterdam: Benjamins, 1999, p. 1-37.
- AMARO-PÉGUY, Lucie. *L'occitan alpin d'Usseaux*: description d'une langue en danger, en contact avec deux aires dialectales (francoprovençale et piémontaise), et sous l'influence de deux langues standards (français et italien). Thèse de Doctorat. Université Lumière Lyon 2. Faculté des Langues, Lettres et Sciences du Langage. Lyon, 2014.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- BASSETTO, Bruno. *Filologia românica*. v. 1 e 2. São Paulo: Edusp, 2013.
- BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação. In FREITAG, R. M. K. *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Edgard Blücher, 2014, p. 79-98.
- BERT, Michel; COSTA, James. *Étude FORA – Francoprovençal et occitan en Rhône-Alpes*. Projet pilotée par l'Institut Pierre Gardette de l'Université catholique de Lyon (conseiller scientifique: M. Jean-Baptiste Martin) en coopération avec l'Institut national de recherche pédagogique (INRP), les laboratoires de recherche *Interactions, corpus, apprentissages, représentations* (ICAR) et *Dynamique du langage* (DDL), du Centre de dialectologie de Grenoble et de nombreuses associations, résulte d'une commande de la Région Rhône-Alpes, 2009. Disponible em <http://icar.univ-lyon2.fr/projets/ledra/index.html>, acesso em 9/01/2013.
- BERT, Michel. *Rencontres de langues et francisation*: l'exemple du Pilat (Loire). Thèse de Doctorat. Université Lumière Lyon 2, 2001.
- BERT, Michel. Qui parle une langue en danger? Locuteurs de francoprovençal et d'occitan en région Rhône-Alpes (France). *Faits des Langues*: linguistique de terrain sur langues en danger, locuteurs et linguistes. OPHRYS, 2010, p. 79-116.
- BLANCHET, Philippe. *La linguistique de terrain*: méthode et théorie. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. L'économie des échanges linguistiques. In: *Langue française*. N°34, p. 17-34, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1998.

BRAUDEL, Fernand. *L'identité de la France*. Paris: Flammarion, 2010.

CAMBRAIA, César. N.; BIANCHET, Sandra. M. G. Caleidoscópio latino-românico: demonstrativos. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 35, p. 15-35, 2008. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/232233677_Caleidoscopio_latino-românico_demonstrativos. Acesso em 3/10/2019.

CAMPBELL, Lyle. Language death. In ASHER, R. E.; SIMPSON, J. M. Y. (eds), *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Vol. 4, Oxford: Pergamon Press, 1994, p. 1960-1968.

CAMPBELL, Lyle; MUNTZEL, Martha C. The structural consequences of language death. In DORIAN, Nancy C. *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. New York: Press Syndicate of the University of Cambridge, p. 181-196, 1989.

CERTEAU, Michel de; DOMINIQUE, Julia; REVEL, Jacques. *Une politique de la langue: La Révolution française et les patois: l'enquête de Grégoire*. Paris: Éditions Gallimard, 1975.

CHAVES DE MELO, Gladstone. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

CLYNE, Michael G. *Community languages: the Australian experience*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

COHEN, Maria Antonieta A. M. Línguas românicas em extinção: o francoprovençal. In: RAVETTI, Graziella; ARBEX, Márcia. (org.) *Performance, exílio e fronteiras. Errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2002, p. 265-279.

COHEN, Maria Antonieta. A. M. Línguas não-territorializadas: o haketia, o judeu-espanhol oriental e a língua dos calons. *Papia* (Brasília), Brasília, v. 13, p. 82-91, 2003.

COHEN, Maria Antonieta. A. M. *Judeo-Spanish in Brazil: history, identity and language*. Jerusalém, 2005. (Comunicação apresentada no Pre-Congress on Sephardic Studies. Hebrew University of Jerusalem, Israel, 2005).

COHEN, Maria Antonieta. A. M. *Judeu-espanhol hoje: Brasil e América Latina*. Belo Horizonte, 2008. (Comunicação apresentada na VIII Semana de Eventos da Faculdade de Letras, Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2008).

COHEN, Maria Antonieta. A. M. Contato linguístico na România: o judeu-espanhol. *Caligrama: Revista de estudos românicos*, Belo Horizonte, v. 14, p. 51-63, dez. 2009.

COHEN, Maria Antonieta A. M. A língua dos calon - ciganos de procedência ibérica- em Minas Gerais, Brasil. *Anais do 2o. Encontro de Língua Ibéricas*. Conferências Internacionais de Linguística. UBI, Covilhã, Portugal, 2019.

COSTA, James. New speakers, new language: on being a legitimate speaker of a minority language in Provence. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 231, 2015, p. 127-145. Disponível em <https://www.degruyter.com/view/j/ijsl.2015.2015.issue-231/ijsl-2014-0035/ijsl-2014-0035.xml>. Acesso em 3/10/2019.

CRYSTAL, David. *A first dictionary of linguistics and phonetics*. Worcester and London: The Trinity Press, 1983.

DAL NEGRO, Silvia. Language contact and dying languages. In *Revue française de linguistique appliquée*, n. 2, p. 47-58, 2004. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-linguistique-appliquee-2004-2-page-47.htm>. Acesso em 03/10/2019.

DANTAS DE MELO, Fábio. *Os ciganos Calon de Mambai: a sobrevivência de uma língua*. Brasília: Thesaurus, 2005.

DORIAN, Nancy C. The problem of the semi-speaker in language death. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 12, p. 23-32, 1977.

DORIAN, Nancy C. *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. New York: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1989.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

ETHNOLOGUE, 2019. Disponível em www.ethnologue.com. Acesso em 3/10/2019.

GARDETTE, Pierre.

GRANOVETTER, Mark S. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, v. 78, p. 1360-1380, 1973.

GRINEVALD, Colette.; COSTA, James. Langues en danger: le phénomène et la réponse des linguistes. *Faits des Langues: linguistique de terrain sur langues en danger, locuteurs et linguistes*. Paris: OPHRYS, 2010, p. 23-37. Disponível em http://www.academia.edu/972572/Langues_en_danger_le_phenomene_et_la_reponse_des_linguistes. Acesso em 3/10/2019.

GRINEVALD, Colette. Linguistique de terrain sur deux langues en danger: locuteurs et méthodes. *Faits de Langues*, 35-36, 133-177. Appears in a special issue of *Faits de Langues* on linguistic fieldwork in endangered language contexts, co-edited by Colette Grinevald and Michel Bert, 2010.

GUIMARÃES, Aléxia Teles. *Reanálise de estruturas locativas no judeu-espanhol oriental*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. 2000.

GOMES, Simone F. Línguas ameaçadas: o caso do francoprovençal. *ReVeLe: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, Belo Horizonte, n. 7, p. 1-21, maio 2014.

GOMES, Simone Fonseca. Restrição de uso de línguas: um estudo dos demonstrativos no francoprovençal. In: Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, III, 2014, Universidade Estadual de Londrina. H. ALTINO, Fabiane C.; MILANI, Gleidy A. L.; RODRIGUES, Rosa E. S. B.(orgs.). Londrina: UEL – Centro de Letras e Ciências Humanas, 2015, pp. 272-286.

GOMES, Simone F. *Línguas em extinção: estudo de um patois francoprovençal*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. 2015.

HASSÁN, I. El español safardi (judeoespañol, ladino). In (SECO, M.; SALVADOR, G. (orgs). *La lengua española hoy*. Madrid: Fundación Juan March, 1995, p. 117-140.

HÉRAN, François; FILHON, Alexandra; DEPREZ, Christine. La dynamique des langues en France au fil du XXe siècle. In *Population et Sociétés – Bulletin Mensuel d'information de l'Institut National d'Études Demographiques*, n. 376, 2002, p. 1-4.

HOYER, Gunhild. *Textes en dialecte dauphinois : établissement du texte, traduction et analyses linguistiques*. 1993. Thèse de Doctorat. Université Stendhal Grenoble III, Centre de Dialectologie.

LABOV, William. The Gender Paradox. In LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blackwell, p. 261-293, 1994.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAGARES, Xoán Carlos. Continuidades e rupturas lingüísticas na península ibérica. *Revista da ABRALIN*, n. Especial, p. 123-151. 2ª parte, 2011. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/32426>. Acesso em 3/10/2019.

LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística románica*. Madrid: Gredos, 1966. V. II.

LITTRÉ, Émile. *Dictionnaire de la langue française*. Paris, L. Hachette, 1873-1874. Electronic version created by François Gannaz. <http://www.littre.org>.

LITTRÉ, Émile. *Dictionnaire de la langue française, Supplément*. Paris, L. Hachette, 1878. Electronic version created by François Gannaz. <http://www.littre.org>.

MARTIN, Jean-Baptiste. *Permanence et évolution dans le patois du lyonnais depuis les enquetes de l'ALLY*. Dijon: ABDO, 1995.

MARTIN, Jean-Baptiste (Dir.). *Qu'elle était riche notre langue! Le patois bressan de Saint-Étienne-du-Bois (Textes et Glossaire)*. Maison de pays en Bresse, 1996.

MARTIN, Jean-Baptiste. *Le francoprovençal de poche*. Chennevières-sur-Marne: Assimil, 2005.

MARTIN, Jean-Baptiste. Le francoprovençal. *Langues et cité: bulletin de l'observatoire des pratiques linguistiques*, n°18, p. 2-3, Jan. 2011. Disponível em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKewj69ez88oLIAhVaGbkGHUfTDGkQFjABegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fwww.culture.gov.fr%2FMedia%2FThematiques%2FLangue-francaise-et-langues-de-France%2Ffichiers%2Fpublications_dglflf%2FLangues-et-cite%2FLangues-et-cite-n-18-le-francoprovençal&usq=AOvVaw0tA-ObOkqCy-tmY-wDeV0S. Acesso em 3/10/2019.

MARTIN, Jean-Baptiste. Le cycle désorganisation-réorganisation en morphologie verbale: le cas de l'indicatif imparfait en francoprovençal. In BARRA-JOVER, Mario et al. *Études de linguistique gallo-romane*. Presses Universitaires de Vincennes, 2012, p. 261-278.

MARTIN, Jean-Baptiste. *Parler patois: le francoprovençal dans l'Ain*. Bourg-en-Bresse: Patrimoine des Pays de l'Ain. Collection Patrimoines des Pays de l'Ain, n.11, 2013.

MARTIN, Jean-Baptiste; TUAILLON, Gaston. *Atlas Linguistique et ethnographique du Jura et des Alpes du Nord (ALJA)*. Paris: CNRS, 5 vol, 1971.

MARTIN, Jean-Baptiste. Francoprovençal. In HOLTUS, Günter; METZELTIN, Michael; SCHMITT, Christian. *Lexikon der romanistischen Linguistik (LRL)*. V. 1. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1990, p. 671-685.

MATRAS, Yaron. *Language Contact*. New York: Cambridge University Press, 2009.

MCMAHON, April. M. S. Language death. In MCMAHON, April. M. S. *Understanding language change*. New York: Cambridge University Press, 1994.

MEILLET, Antoine; VENDRYES, Joseph. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. Paris: H. Champion, 1966.

MYERS-SCOTTON, Carol. Review of Michael Clyne, *Dynamics of language contact: English and immigrant languages*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003 Pp. xv, 282. *Language in Society*, n. 35, 129–155. United States of America: Cambridge University Press, 2006.

MILROY, James. *Linguistic variation and change: on the historical sociolinguistics of english*. GB: Basil Blackwell, 1992.

MOSELEY, Christopher (ed.). 2010. *Atlas des langues en danger dans le monde*, 3ème edn. Paris, Editions UNESCO. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>. Acesso em 3/10/2019.

MOUGEON, Raymond; BENIAK, Edouard. Language contraction and linguistic change : the case of Welland French. In DORIAN, Nancy C. *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. New York: Press Syndicate of the University of Cambridge, p. 287-312, 1989.

O'ROURKE, Bernadette; PUJOLAR, Joan; RAMALLO, Fernando. New speakers of minority languages: the challenging opportunity – Foreword. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 231, 2015, p. 1-20, 2015. Disponível em <https://www.degruyter.com/view/j/ijsl.2015.2015.issue-231/ijsl-2014-0029/ijsl-2014-0029.xml>. Acesso em 3/10/2019.

PENNA, Heloísa M. M. M. *O emprego do pronome tônico de terceira pessoa em função acusativa no português do Brasil: mudança ou retenção?* 1998. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte.

PIROUX, Hippolyte. *Le parler franco-provençal: patois bressan des localités situées à l'ouest de Bourg-en-Bresse*. Bourg-en-Bresse: Association Radio Tropiques, 2012.

PIVOT, Bénédicte. *Revitalisation de langues postvernaculaires: le francoprovençal en Rhône-Alpes et le rama au Nicaragua*. Thèse de doctorat. Université Lumière-Lyon 2, 2014.

POBEL, Jean-Paul. La tara de Brache. A terra de Bresse. Tradução de Simone Gomes. *Letras n. 55*, Belo Horizonte, dez. 2017. Disponível em <http://letras.cidadescriativas.org.br/wp-content/uploads/2018/12/Letras-55-SAIDA.pdf>. Acesso em: 25/06/2019.

RAMALLO, Fernando. *La Carta Europea para las Lenguas Regionales o Minoritarias en su 25 aniversario*, 2017. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/318793052_La_Carta_Europea_para_las_Lenguas_Regionales_o_Minoritarias_en_su_25_aniversario. Acesso em 15/07/2019.

SCHEINBEIN, Cássia. *Línguas em extinção: o hakitia em Belém do Pará*. 2006. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte.

SCHERRE, Marta. Speech Community. In, BROWN, Keith (Editor-in-Chief). *Encyclopedia of Language & Linguistics*. Second Edition, v. 11, p. 716-722. Oxford: Elsevier, 2006.

SEPHIHA, H. V. *Le judeo-espagnol*. Paris: Entente, 1986

SEPHIRA, H. V. *L'agonie des judéo-espagnols*. Paris: Entente, 1991.

STICH, Dominique. *Parlons francoprovençal: une langue méconnue*. Paris: L'Harmattan, 1998.

STICH, Dominique. *Francoprovençal: Proposition d'une orthographe supra-dialectale standardisée*. 2001. Thèse de Doctorat. Université Paris V - René Descartes, U.F.R. Faculté des Sciences Humaines et Sociales. Paris.

STICH, Dominique. *Dictionnaire des mots de base du francoprovençal: Orthographe ORB supradialectale standardisée*. Thonon-les-Bains: Le Carré, 2003.

SUBTIL, Marie-Josette. *Saint-Étienne-du-Bois: Études des microtoponymes*. Bourg-en-Bresse: Maison de Pays en Bresse, 2016.

SWIGGERS, Pierre. Two key concepts of language endangerment : language obsolescence and language death. *Linguistica*, 47(1), 21-33, 2007.

TAGLIAVINI, Carlo. *Orígenes de las lenguas neolatinas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.

THOMASON, Sarah G.; KAUFMAN, Terrence. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1991.

THOMASON, Sarah. Contact explanations in linguistics. In HICKEY, Raymond (org.). *Handbook of language contact*, 31-47. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012.

THOMASON, Sarah. *Endangered languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

TUAILLON, Gaston. Le francoprovençal. Langue oubliée. In: VERMES, G. *Vingt-cinq communautés linguistiques de la France*. Tome Premier. Paris: L'Harmattan, 1988.

TUAILLON, Gaston. *Le francoprovençal*. Valée d'Aoste: Musumeci Éditeur, 2007.

UNESCO ad Hoc Expert Group on Endangered Languages. *Language Vitality and Endangerment*, 2003. Disponível em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00120-EN.pdf>. Acesso em 12/07/2019

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

WARTBURG, Walther von. *Evolution et structure de la langue française*. 3. ed., revue et augmentée. Berne: A. Francke, 1946.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. The Hague; Paris: Mouton & Co, 1970.

ANEXOS

1. Questionário sociolinguístico

Questionnaire sociolinguistique

1. Informations générales

Prénom /nom :..... Sexe

Âge :.....

Lieu de naissance :

Situation de famille : marié(e), célibataire, veuf(ve), divorcé(e)

Lieu d'habitation actuel :.....

Depuis quand :.....

Lieux d'habitation précédents : « Avez-vous déjà vécu ailleurs ? »

.....quand ? période :.....

Profession(s) exercées :.....

Niveau de scolarité : _ primaire _ secondaire _ supérieur (quelle formation ?)

1. Quelle(s) langue(s) parlez-vous?

2. Quelle(s) langue(s) considérez-vous comme votre (vos) langue(s) maternelle(s) ?
.....

3. Et le PATOIS, vous le parlez, vous le comprenez, vous l'écrivez ?

4. Comment vous avez appris la PATOIS? Vous avez déjà suivi des cours de PATOIS ?

5. Comment vous évaluez votre compétence en PATOIS?

vous diriez que vous le parlez : très bien – assez bien – bien – peu – pas du tout

6. Quelques informations sur vos parents :

a) Vos parents sont nés où ?

b) Ils parlaient PATOIS ?

c) Ils parlaient français aussi ?

d) Quelle(s) langue(s) ils parlaient à la maison ?

e) Ils parlaient patois avec qui ? (les enfants, membres de la famille, voisins, gens du village)

f) Ils écrivaient dans quelle(s) langues ?

7. Quelques informations sur les grands-parents :

Paternels

- a) Vos grands-parents paternels sont nés où ?
- b) Ils parlaient PATOIS ?
- c) Ils parlaient français aussi ?
- d) Quelle(s) langue(s) ils parlaient à la maison ?
- e) Ils parlaient patois avec qui ? (les enfants, membres de la famille, voisins, gens du village)
- f) Ils écrivaient dans quelle(s) langues ?

Maternels

- a) Vos grands-parents maternels sont nés où ?
- b) Ils parlaient PATOIS ?
- c) Ils parlaient français aussi ?
- d) Quelle(s) langue(s) ils parlaient à la maison ?
- e) Ils parlaient patois avec qui ? (les enfants, membres de la famille, voisins, gens du village)
- f) Ils écrivaient dans quelle(s) langues ?

[Vos frères et sœurs parlent ou comprennent le PATOIS ?]

8. Il y a eu une période de votre vie où vous êtes resté longtemps sans parler ou écouter le PATOIS?

2. Les langues régionales et la vie associative

9. Participez-vous au groupe PATOIS de Saint-Étienne-du-Bois ?

10. Depuis quand?

11. Quelles sont les activités développées par l'association ?

12. Vous participez à d'autres associations, groupes ou développez d'autres activités liées au PATOIS?

13. Participez-vous à d'autres activités communautaires dans votre village – liées ou non à la langue locale ?

14. Par rapport au groupe PATOIS de Saint-Étienne-du-Bois:

- a) il y a parmi les participants du groupe des membres de votre famille ? qui ?
- b) des amis ?
- c) des voisins?
- d) d'autres personnes qui vous rencontrent hors les rencontres de l'association ? Vous parlez PATOIS dans ces occasions ?

3. Usages de la langue, vie quotidienne et réseau social

15. Vous connaissez d'autres appellations pour le PATOIS parlé dans votre ville/ village? (francoprovençal, patois, arpitan, patois de xxxx, etc.)

16. Où parlez/entendez-vous PATOIS actuellement

- à la maison
- au travail
- dans votre quartier
- au marché, au village
- pendant les activités organisées par l'association
- dans des fêtes du village, réunions familiales, etc.
- dans d'autres situations/lieux ? Lesquel(le)s ?

17. Avec qui parlez-vous (ou de qui vous entendez) le PATOIS actuellement ?

- membres de votre famille [y inclus des tantes, oncles, cousins, etc], qui ?
- des amis, qui ?
- des voisins, qui ?
- gens du village (commerce/services, église, évènements de la communauté, etc) qui ?
- personnes liés au travail, qui ?
- participants de l'association Saint-Étienne-du-Bois ou d'autres associations, qui ?
- gens d'autres villages, qui ?

18. Vous diriez que vous utilisez le PATOIS tous les jours souvent parfois jamais

19. Votre femme/mari est originaire d'où ?

a. Elle/il parle PATOIS ?

b. Vous communiquez en PATOIS? Dans quelles situations ?

20. Vous avez des enfants ?

- a) Vous parlez actuellement ou vous parliez PATOIS avec eux/elles ?
- b) Ils habitent où? Quelles sont leurs professions ?
- c) Ils parlent/comprennent le PATOIS?

21. Vous avez des petits-enfants ?

- a) Vous parlez patois avec eux ?
- b) Ils parlent/comprennent le PATOIS?

22. Vous utilisez/avez déjà utilisé le PATOIS pour ne pas être compris par d'autres personnes que ne le comprennent pas ? Vos parents ou grands-parents faisaient ça ?

23. Vous connaissez des jurons, des mots grossiers, des insultes en PATOIS? Vous utilisez le patois pour jurer ou insulter ? Vos parents/grands-parents faisaient ça ? Vous pouvez me donner quelques exemples de jurons en patois ?

Attitude envers la langue

24. À votre avis, le PATOIS est-il : une langue, un dialecte ou un patois ? Pourquoi ?

25. À votre avis, c'est important de parler et de connaître le PATOIS aujourd'hui et dans l'avenir ? Pourquoi ? Quel serait alors le rôle du PATOIS pour les nouvelles générations ?

26. Êtes-vous favorable à l'enseignement du PATOIS dans les écoles ?

27. Vous croyez que les personnes de votre ville/village ou de la région sont favorables au maintien et à la transmission des langues régionales ? Et la société française en générale, serait-elle favorable ?

28. Vous – ou quelqu'un qui vous connaissez – avez déjà été victime de préjugés en tant que locuteur du PATOIS – par exemple à l'école, dans des situations publiques, auprès de gens d'autres villes, etc ? Est-ce que cela arrive encore actuellement ?

2. Questionário linguístico

2.1 Lista de palavras

ENQUÊTE LINGUISTIQUE

Liste de mots

1. j'ai une faux, deux faux
2. il faut faucher le regain/faire sécher le regain
3. le seigle, un champ de seigle
4. une botte de paille
5. La roue, les roues de la voiture
6. Scier une planche de bois/ le bois
7. la sciure
8. une génisse
9. traire la vache
10. Le petit lait
11. cage aux fromages
12. la mie du pain
13. les miettes de pain
14. le peuplier (arbre)
15. le bouleau (arbre)
16. Je mange une prune
17. la noisette, les noisettes sont dans le sac
18. Je mange une fraise
19. la chauve-souris
20. le hanneton (insecte)
21. Une taupe
22. l'orvet (serpent qui ne voit pas claire)
23. le lézard gris
24. la grenouille
25. la fourmi
26. le traversin
27. Balayer – il faut balayer cette pièce
28. les balayures
29. la lessive
30. une aiguille (à coudre)
31. la fumée, quand on brûle du papier
32. les étincelles - qu'on voit quand on remue le bois en train de brûler dans un four
33. se mettre à l'abri (de la pluie)
34. à l'abri (du vent)
35. profond (un étang, une mare)
36. les nuages sont hauts dans le ciel
37. j'ai vu un éclair, il fait des éclairs (f)
38. les flaques d'eau, quant il pleut
39. la boue, quand il pleut (terre+eau)
40. la neige
41. une boule de neige
42. glisser/ ça glisse; se glisser; ça m'a glissé des mains
43. le printemps
44. l'été
45. l'automne
46. l'hiver
47. le lundi
48. dimanche (la, le ?)
49. j'ai sommeil
50. bercer un bébé
51. j'ai un sifflet de bois
52. les joues (f)
53. Regarder., tu dois regarder par la fenêtre
54. les lèvres (f) - essuie les lèvres
55. le nombril (des humains, des animaux)
56. le tablier (ordinaire) que les femmes portent
57. une poche (de vêtement)
58. les sabots (chaussures en bois.)
59. le fumier (de vache, de poule?)
60. il n'y a personne dans la salle
61. j'en ai assez
62. la pomme de terre
63. un drap (de lit), il faut changer les draps

2.2 Phrases simples

Phrases

1. Les poules sont dans la cage
2. L'œuf de la poule ; les œufs des poules ;
3. Il faut séparer les poussins des poules
4. Il y a des oiseaux sur l'arbre
5. J'ai un couteau, mes frères ont des couteaux
6. J'ai vu une abeille ; il y a des abeilles.
7. L'abeille fait le miel, les abeilles font le miel.
8. Notre mère a une brebis/mouton; Nos mères ont des brebis/moutons.
9. Vous avez un cochon
10. J'ai vu une femme ; j'ai vu deux femmes
11. L'épine de la rose ; la rose a des épines
12. J'ai une table ; tu as deux tables
13. Elle était belle, cette femme ; mes sœurs étaient belles
14. Cette fille est capable (belle) ; ces filles sont capables (belles)
15. La vache de Pierre ; Pierre avait deux vaches
16. Une manche (de vêtement), les manches de la chemise
17. Je regarde la montagne ; Les montagnes sont belles
18. Notre père a acheté un âne, nos pères ont acheté deux ânes
19. C'est un travail simple. C'est une fête simple.

2.3 Demonstrativos

Démonstratifs : activité avec des crayons, des feuilles et images annexes.

1. Ce crayon est rouge, ces crayons sont rouges
2. cette feuille est blanche, ces feuilles sont blanches
3. Regarde ces deux crayons: celui-ci est rouge et celui-là est jaune
4. Regarde ces deux feuilles: celle-ci est à moi et celle-là est à toi
5. Regarde ces crayons : ceux-ci sont à moi, ceux-là sont à toi
6. Regarde ces feuilles : celles-ci sont à toi, celles-là sont à moi
7. Ces oiseaux peuvent de voler ; Cet oiseau ne peut pas voler (IMAGE)
8. Regarde cette assiette, ces assiettes (IMAGE)
9. J'ai un rendez-vous ce soir,
10. J'ai eu un rendez-vous ce matin
11. J'ai eu un rendez-vous la semaine dernière. Ce jour-là, il a fait beau.
12. L'hiver est très doux cette année.
13. C'est bon
14. Ça va comme ça
15. C'est ça, ce n'est pas ça
16. C'était toi qui m'as appelé hier ?
17. C'est formidable !
18. Je veux ça
19. Qui est-ce ?
20. Je comprends ce que tu dis. Je ne comprends pas ce qui se passe.

2.4 Phrases Complexes

Phrases : comment vous dites...

1. Les enfants, vous devez manger des légumes
2. Les enfants, vous devez bien mâcher les carottes
3. Les enfants, vous faites la **queue** et vous suivez le professeur. (ou Vous suivez l'émission radio? Oui.)
4. Les enfants, vous ne devez pas dire des mots grossiers. Et vous devez **parler** correctement.
5. Vous faites bon **usage** de l'argent/ de votre temps libre.
6. Tu ne dois pas **juger** les autres.
7. Tu dois porter tes lunettes
8. Vous voulez un café? Oui.
9. Vous savez où est l'église ? Oui.
10. Vous pouvez m'aider ? Oui, bien sûr.
11. Vous cuisez du pain tous les jours
12. J'ai mal à une dent
13. J'ai un neveu qui s'appelle Jean
14. C'est beau, les champs de blé
15. Le vent souffle fort aujourd'hui
16. Prends cette pierre
17. Vous buvez du vin ? Non, on boit de l'eau.
18. C'est une belle **plantation**
19. Je mange une cerise
20. Attache ta ceinture
21. Regarde l'heure
22. Je suis **heureux**/heureuse
23. Il a des grandes oreilles, une oreille
24. La chèvre est dans le pré

25. Le cheval regarde les étoiles
26. Il fait chaud
27. Il s'est cassé une jambe
28. Je tiens une planche large
29. Je dois faire un voyage
30. C'est la période du dégel
31. Regarde, un singe !
32. Il mange sa soupe
33. C'est **savoureux**
34. Marie et Jean lavent la vaisselle
35. Je suis au troisième étage
36. Claude et Pierre portent des chemises noires
37. Je ne peux pas refuser ce cadeau
38. Le bébé suce son biberon
39. Vous avez raison

40. Quand j'étais jeune, j'allais à l'école à pied
41. Quand j'étais jeune et que j'avais la grippe, je guérissais très vite
42. Mon fils, il faut que tu sois poli, que tu ailles à l'école et que tu fasses tes devoirs !
43. Quand j'étais jeune, il fallait que je sois poli, que j'aille à l'école et que je fasse mes devoirs !
44. Quand j'étais jeune, les enfants savaient très bien chanter.

2.5 Questionário estendido

45. Parler du passé

46. Quand j'étais jeune...
47. j'avais toujours/jamais les pieds nus
48. je chantais des belles chansons
49. je sortais avec mes copains
50. j'allais à l'école à pied
51. je prenais un long chemin
52. je disais bonjour aux voisins
53. je ne portais pas des lunettes
54. je faisais mes devoirs

55. quand j'étais jeune et que j'avais la grippe, je guérissais très vite

56. je nettoiais ma maison
57. je mangeais de la paria,
58. je pouvais monter sur les arbres
59. je devais me coucher tôt
60. je venais souvent voir mon grand-père.
61. je savais nager
62. je voulais être grand
63. la vie était plus simple

64. Rêver, faire des hypothèses

65. Si j'étais riche...

66. je ferais un long voyage et j'irais au Japon
67. j'aurais une grande maison
68. je saurais profiter de la vie

69. Si j'avais une belle voix...

70. je serais chanteur et je chanterais des belles chansons

71. Si j'étais toi...

72. je dirais la vérité
73. je sortirais plus tôt
74. je prendrais le bus, pas la voiture.
75. je nettoierais cette chambre, elle est trop sale.
76. je mangerais plus de légumes.

77. J'ai une grippe, si j'avais un médicament...

78. je guérirais plus vite

Activité avec des crayons, des feuilles (grayon – nom masc., foulye)

1. ton crayon est rouge, le mien est vert, le tien est rouge
2. tes crayons sont grands, les miens sont petits, les tiens sont grands
3. ta feuille est blanche, la mienne aussi, la tienne est blanche aussi,
4. mes feuilles sont blanches, les tiennes aussi
5. le crayon et la feuille de Jean-Paul : le sien est jaune, la sienne est blanche aussi
6. les crayons et les feuilles de Jean-Paul : les siens sont rouge et jaune, les siennes sont blanches
7. Notre crayon : le nôtre est... Notre feuille : la nôtre est...
8. Nos crayons : les nôtres sont... Nos feuilles : les nôtres sont
9. Votre feuille : la vôtre est
10. Vos feuilles : les vôtres sont
11. Marie et Jean ont un crayon et une feuille : le leur ; la leur
12. Marie et Jean ont plusieurs crayons et feuilles : les leurs ; les leurs

3. Conjugação de verbos - falar francoprovençal de Saint-Étienne-du-Bois (por JP)

	<i>présent</i>	<i>imparfait</i>	<i>passé composé</i>	<i>plus-que-parfait</i>	<i>futur</i>	<i>conditionnel</i>
ÉTRE (ÊTRE)	zhe si t'é i (le) on e vouz'ête i (le) chon	zh'êva t'éve l'ève on éve vouz'êvô l'évon	zh'a étô t'ô étô l'a étô on a étô vouj'ate [ête] étô l'on étô	zh'ava étô t'ave étô l'ave étô on ave étô vouj'avô étô l'avon étô	zhe chezhe te chezhé i (le) chezha on chezha vou chezha i (le) chezhon	zhe chezhe te chezhe i (le) chezhe on chezhe vou chezhyô i (le) chezhyon
AVA (AVOIR)	zh'a t'ô l'a on a vouj'ate l'on	zh'ava t'ave l'ave on ave vouj'avô l'avon	zh'ava t'ô avu l'a avu on a avu vouj'ate avu l'on avu	zh'ava avu t'ave avu l'ave avu on ave avu vouj'avô avu l'avon avu	zh'azhe t'azhé l'azha on azha vouj'azha l'azhon	zh'azhe t'azhe l'azhe on azhe vouj'azhyô l'azhyon
GARDÔ (GARDER)	zhe gardou te garde i (le) garde on garde vou gardô i (le) gardon	zhe gardôva te gardôve i (le) gardôve on gardôve vou gardôvô i (le) gardôvon	zh'a gardô t'ô gardô l'a gardô on a gardô vouj'ate gardô l'on gardô	zh'ava gardô t'ave gardô l'ave gardô on ave gardô vouj'avô gardô l'avon gardô	zhe gardezhe te gardezhé i (le) gardezha on gardezha vou gardezha i (le) gardezhon	zhe gardezhe te gardezhe i (le) gardezhe on gardezhe vou gardezhhyô i (le) gardezhyon
MONTRÔ (MONTRER)	zhe montrou te montre i (le) montre on montre vou montrô i (le) montron	zhe montrôva te montrôve i (le) montrôve on montrôve vou montrôvô i (le) montrôvon	zh'a montrô t'ô montrô l'a montrô on a montrô vouj'ate montrô l'on montrô	zh'ava montrô t'ave montrô l'ave montrô on ave montrô vouj'avô montrô l'avon montrô	zhe montrezhe te montrezha i (le) montrezha on montrezha vou montrezhé i (le) montrezhon	zhe montrezhe te montrezha i (le) montrezha on montrezha vou montrezhé i (le) montrezhon
MÈZHE (MANGER)	zhe mèzhou te mèzhe i (le) mèzhe on mèzhe vou mèzhô i (le) mèzhon	zhe mèzhôva te mèzhôve i (le) mèzhôve on mèzhôve vou mèzhôvô i (le) mèzhôvon	zh'a mèzha t'ô mèzha l'a mèzha on a mèzha vouj'ate mèzha l'on mèzha	zh'ava mèzha t'ave mèzha l'ave mèzha on ave mèzha vouj'avô mèzha l'avon mèzha	zhe mèzhezhe te mèzhezhe i (le) mèzhezha on mèzhezha vou mèzhezha i mèzhezhon	zhe mèzhezhe te mèzhezhe i (le) mèzhezhe on mèzhezhe vou mèzhezhyô i mèzhezhyon
BALYE (DONNER)	zhe balyou te balye i (le) balye on balye vou balyô i (le) balyon	zhe balyôva te balyôve i (le) balyôve on balyôve vou balyôvô i (le) balyôvon	zh'a balya t'ô balya l'a balya on a balya vouj'ate balya l'on balya	zh'ava balya t'ave balya l'ave balya on ave balya vouj'avô balya l'avon balya	zhe balyezhe te balyezhé i (le) balyezha on balyezha vou balyezha on balyezhon	zhe balyezhe te balyezhe i (le) balyezhe on balyezhe vou balyezhyô on balyezhyon
CHAVA (SAVOIR)	zhe cha te chô i (le) chô on chô vou chôte (sête) i (le) chôvon	zhe chava te chave i (le) chave on chave vou chavô i (le) chavon	zh'a su t'ô su l'a su on a su vouj'ate su l'on su	zh'ava su t'ave su l'ave su on ave su vouj'avô su l'avon su	zhe chazhe te chazhé i (le) chazha on chazha vou chazha i (le) chazhon	zhe chazhe te chazhe i (le) chazhe on chazhe vou chazhyô i (le) chazhyon
VÈDRE (VENDRE)	zhe vèdou te vèdiva i (le) vèdiva on vèdiva vou vèdivô i (le) vèdivon	zhe vèdiva te vèdiva i (le) vèdiva on vèdiva vou vèdivôvô i (le) vèdivon	zh'a vèdu t'ô vèdu l'a vèdu on a vèdu vouj'ate vèdu l'on vèdu	zh'ava vèdu t'ave vèdu l'ave vèdu on ave vèdu vouj'avô vèdu l'avon vèdu	zhe vèdre te vèdré i (le) vèdra on vèdra vou vèdra i (le) vèdron	zhe vèdre te vèdre i (le) vèdre on vèdre vou vèdrhyô i (le) vèdrhyon
TENI	zhe tenyou te tîn i (le) tîn	zhe teniva te tenive i (le) tenive	zh'a tenu t'ô tenu l'a tenu	zh'ava tenu t'ave tenu l'ave tenu	zhe tindre te tindré(a) i (le) tindra	zhe tindre te tindre i (le) tindre

(TENIR)	on tin vou teni i (le) tenyon	on tenive vou tenivô i (le) tenivon	on a tenu vouj'ate tenu l'on tenu	on ave tenu vouj'avô tenu l'avon tenu	on tindra vou tindra i (le) tindron	on tindre vou tindryô i (le) tindryon
FÔZHE (FAIRE)	zhe fa te fa i (le) fa on fa vou fate i (le) fon	zhe faja te faje i (le) faje on faje vou fajôvô i (le) fajon	zh'a fa t'ô fa l'a fa on a fa vouj'ate fa l'on fa	zh'ava fa t'ave fa l'ave fa on ave fa vouj'avô fa l'avon fa	zhe fazhe te fazhé(a) i (le) fazha on fazha vou fazha i (le) fazhon	zhe fazhe te fazhe i (le) fazhe on fazhe vou fazhyô i (le) fazhyon

4. Corpus: lista de palavras

entrevistado palavra francesa	JC	JT	MR	AA	JP	AB	AP	JS
1. une faux, deux faux (foice)	on da, deu da	on da, deu da	on da, deu da	on da, douva fau	on da, deu da	on da	on da, deu da	na fau (≈)
2. il faut faucher le regain	chaye lou revin	é fau chaye lou revin	é fau chaye lou revin	é fau chaye lou revin	é fau chaye lou revin	(≈)	chaye lou revin	
3. le seigle (centeio)	de/la chelya	la chelya	la chelya	la chelya	lou/la (≈)chelya	lou selya	la chelya	
4. une botte de paille	na bouta de palye	na bouta de palye	na bouta de palye	na bouta de palye	na bouta de palye		na bouta de palya	
5. une roue, les roues (roda)	na reuva, le reuve	la reuva, le reuve	na reuva, le reuve	na reuva, le reuve	na reuva, le reuve	la reuva, le reuve	la reuva, le reuve	
6. scier du bois (serrar)	cheratô na peu	cheratô na peu de beu	cheratô na planshe/de beu	cheratô na planshe/de beu	cheratô na planshe de beu	chaye lou beu	chaye na planshe/lou beu	
7. la sciure (serragem)	lou cheron	lou cheron	le cheron	(≈)	(≈)	(≈)	(≈)	
8. une génisse (novilha)	na vela	na vela	na vela	na vela	na vela , na genisse	na vela	na vela	
9. traire la vache (ordenhar)	trezhe la vashe	trezhe la vashe	trezhe na vashe	trezhe le vazhe	trezhe la vashe	vash	trèzhe la vasha	
10. le petit lait (soro de leite)	lou pte lè/la latya/lou baton/bab eure/lou caya	la latya	lou caya, lou babeurou	lou pte le	la latya	lou pte lé	la latya	la latya fr.region al
11. cage aux fromages	chozhizh e	la chozhizhe a froumazhou	na chozhizhe, na cazhe a froumazhou	na cazhe pe metô lou froumazhou	cazhe a froumazhou , froumazhiz he		na cazha a froumazhe	
12. la mie du pain (miolo do pão)	la/na mieta	(≈) la mi du pon	la mi de pon	mi de pon	la mi du pon	la mi du pon	la mi de pon	
13. les miettes de pain (migalhas)	le miete	le miete de pon	le miete	de miete de pon	de miete de pon		le miete de pon	
14. le peuplier (árvore)	lou peuplou	on peuplou	lou peuplou	on peuplou	lou peuplou		lou peupla	
15. le bouleau (árvore)	lou byô	lou byô	lou byô	on byô	(≈)			
16. une prune (ameixa)	na prunna	pr[y]na	na prunna	na prunna	pr[y]na (≈)	prunna	prunna	
17. la noisette (avelã)	n'alanye/j 'alanye	n'alanye, dej alanye	j'alanye, na j'alanye, lej'alanye	dej alanye, n'alanye	dej alanye, l'alanye	l'alanye, lez alanye	l'alanye, lej alanye	l'alanye, l'alany fr.region al

								1
18. une fraise (morango)	na froja	na froja	na froja	froja	froja	fraja	froja	
19. la chauve-souris (morcego)	(≈)na rata-voulache	(≈)??	na rata-voulache	(≈)	(≈) la voula-rata		(≈)	
20. le hanneton (besouro)	na bourdelye	lou haneton	(≈)?	(≈)	(≈) lou haneton		(≈)	
21. une taupe (toupeira)	on darbon	on darbon	on darbon	na taupa	on darbon	na taupa	on darbon	on darbon fr. regional
22. l'orvet (serpente)	n'évyo	(≈)	n'évyo	(≈)	n'orvet (≈)		(≈)	
23. le lézard gris (lagarto)	on verdele, on luija	on luija	on lezar	on lezar gri	on lezar (≈)	(≈)	(≈)	
24. la grenouille (râ)	la renoulye	la renoulye	na renoulye	na renoulye	na renoulye	na renoulye	na crenalya	la renoulye
25. la fourmi (formiga)	la froumezi	na fourmi/na foumilyesa	na fromezhi	na formi	na fourmi	na fourmi	la fromezhi	la fromezhi
26. le traversin (travesseiro)	(≈) na cotreta, lou traverchin	lou travershin	(≈)	on travershin	(≈) lou traverchin		(≈)	
27. Balayer (varrer)	afatye	afatye	afetye	afetye	afatye	(≈)	afatye	afatye
28. les balayures	l'afatyon	l'afatyon (≈)	(≈)	(≈)	le cheni (≈)		lej afatyezhe(≈) [consultou]	
29. la lessive	la buya	la buya	la b[a]ya	la buya	la buya	(≈) la baya	la buya	
30. une aiguille (à coudre) (agulha)	n'olye	n'olye	n'olye	(≈)	n'olye	n'olye	(≈)	
31. la fumée (fumaça)	la fumizhe	la fumizhe	la femizhe	la famô	la fumizhe	(≈) fumô	femezhô	
32. les étincelles (faïscas)	étincelles	(≈) étincelles	(≈)	dez étinchale	(≈)		(≈)	
33. se mettre à l'abri (de la pluie)	che metre a la vreu de la pluzhe	che metre a la vreu de la pluzhe	a la cheuta de la pluzhe	a la cheuta de la pluzhe	che metre a la vreu/a la cheuta	(≈) ch'abritô	che metre a la cheuta	a cheuté fr. regional
34. à l'abri (du vent)	a la vreu de l'ozhe	a la vreu du vè	a la vreu de l'ozhe	a la vreu du vent	che mettre a la vreu		che metre a la vreu	
35. profond (un étang, une mare)	pron, pronda	pron, charva pronda	pron, pronda	prion, prionda	pron, pronda		pron, pronda	
36. les nuages (nuvens)	le nuazhou, bouronda, varcha	le niola	le nuazhou	(≈)	(≈)		le niola	
37. un éclair, il fait des éclairs (f)	(≈) y a eludô, y élude	y a iludô	ça élude	yelude, yeludô	y élude, y eludô		e y elude	
38. les flaques d'eau (poça de água)	on goulya, na flaca d'edye, renoulye	le gache	na flaque d'edye	capou d'edye	le flaque d'edye		(≈) consultou	(≈) gasou
39. la boue (lama)	la goulye	la goulye	la goulye	la boue	la goulye	la goulye	la geulya	la goulye fr. regional
40. la neige (neve)	la nezhe	la nezhe	la nezhe	de nezhe	la nezhe	la nezhe	la nezhe	
41. une boule de neige	na boula de nezhe	na boule de nezhe	na boule de nezhe	na boula de nezhe	na boula de nezhe		(≈)	

42. glisser/ ça glisse; se glisser; ça m'a glissé des mains (deslizar)	é kole/ zh'a koulô/é m'a éshapô	é kole/ zh'a kaltô/ é m'a éshapô	kaltô, e kalte, e m'a éshapô	e kaltôve, kaltô, e m'a éshapô	e kalte, zh'a kaltô, e m'a deurousha		lyete, consultou kaltô	
43. le printemps	lou renouvé	lou renouvé	lou renouvé	lou renouvé/renouvô	lou renouvé	lou renouvé	lou renouvé	
44. l'été	lou bon tin	lou bon tin	lou bon tin	l'été	la buna chajon	lou bon tin	lou bon tin	l'etô
45. l'automne	la fin de l'eno	la fin d'eno	la fin de l'eno	l'otone	la fin d'eno	la fin d'eno	la fin d'eno	l'otone
46. l'hiver	l'eva	l'eva	l'eva	l'eva	l'eva	l'eva	l'eva	l'eva
47. le lundi	lou londi	lou londi	lou londi	lou londi	lou londi	lou londi	lou londi	lou londi
48. dimanche (la,le ?)	la dimèshe	la dimèshe	la dimèshe	la dimèshe	la dimèshe	la dimèshe	la dimèshe	lou dimèche (≈)
49. j'ai sommeil (estou com sono)	zh'a senou	zh'a senou	zh'e senou	zh'a chenou	zh'a chenou	zh'a senou	zh'a chenou	zh'a senou
50. bercer un bébé (ninar um bebê)	diurtô	diurtô	gretô	brelô	(≈)		(≈)	
51. un sifflet de bois (apito)	on subleu de beu	zh'a on subleu è beu	zh'e on subleu de beu	(≈)	zh'a on subleu è beu		subleu de beu	
52. les joues (f) (bochechas)	le zheve, na zheva	le zheve rouzhe	le zheva	les joues	le zheve	(≈)	(≈)	
53. regarder (olhar)	gatye	gatye		gatye	gatye	gatye	gatye	zyoté fr. regional
54. les lèvres (f) (lábios)	lé lèbé, on lèbé	lé lèbé, on lèbé		les lèvro	le lèbé		lé lèbé	lou lovre
55. le nombril (umbigo)	lou burelyon	lou buzhelyon	lou burelyon (animaux), lou nombri (≈)	(≈)	(≈)		(≈) lou nombri	
56. le tablier (ordinaire) (avental)	lou deveti	lou deveti	on deveti, cazeni, on cayouni	on deveti, cuzeni, cayouni	on deveti	lou deveti	lou deveti	lou deveti, cayouni
57. une poche (bolso)	na cafa	na cafa	na cafa	na poche	na cafa	na cafa	na cafa	na cafa
58. les sabots (sapatos típicos)	lé cabeu	lé cabeu	lé cabeu, caboute	de cabeu	on cabeu, lé cabeu	lé cabeu	lé cabeu	de cabeu
59. le fumier (estrume)	lou fumi	lou fumi	lou fumi	de femi	lou fumi	lou fumi	lou fumi	lou fumi
60. il n'y a personne dans la salle	nyon	nyon	nyon	nyon	nyon	nyon	nyon	nyon
61. j'en ai assez	zh'è na pro	zh'è na pro	zh'è ne pro	pro	zh'è na pro	zh'è na bin pro	zh'è na pro	zh'e na pro
62. la pomme de terre (batata)	catroulye	na catroulye	la catroulye	la catroulye	la catroulye	na catroulye	la catroulya	catrouyle fr. regional
63. un drap (de lit) (lençol)	on lèssu	on lèssu	on lèssu	on lèssu	on dra		(≈)	lèssu

5. Corpus Phrases simples e complexas - excerto

CORPUS 1- FRASES SIMPLES JC (FALANTE QUASI-NATIVO)

1.	Les poules sont dans la cage Le poulaye chon dè la cazhe
2.	L'œuf de la poule ; les œufs des poules lou joué de la poulaye ; le joué de le poulaye
3.	Il faut séparer les poussins des poules e fau sepazho le pouzhin de le poulaye
4.	Il y a des oiseaux sur l'arbre y a dej ouazé su l'abrou
5.	J'ai un couteau, mes frères ont des couteaux zh'a on tyuté, me frozhe on de tyuté
6.	J'ai vu une abeille ; il y a des abeilles. zh'a vu n'avulye, y a dej avulye
7.	L'abeille fait le miel, les abeilles font le miel. l'avulye fa lou mi ; lej avulye fon lou mi
8.	Notre mère a une brebis/mouton; Nos mères ont des brebis/moutons. neutra mezhe a na faye ; neutre mezhe on de faye
9.	Vous avez un cochon vouz ete on cayon
10.	J'ai vu une femme ; j'ai vu deux femmes zh'a yu na fenna ; zh'a yu douve fenne
11.	L'épine de la rose ; la rose a des épines l'epenna de la roja ; la roja a dez epenne
12.	J'ai une table ; tu as deux tables zh'a na trobla ; t'o douve troble
13.	Elle était belle, cette femme ; mes sœurs étaient belles l'eve brava chla fenna ; me seuzho evon brave
14.	Cette fille est capable (belle) ; ces filles sont capables (belles) chla felye e capobla ; chle felye chon capoble
15.	La vache de Pierre ; Pierre avait deux vaches la vashe de Piaro ; Piaro ave douve vashe
16.	Une manche (de vêtement), les manches de la chemise Na monzhe ; le monzhe de la shemije
17.	Je regarde la montagne ; Les montagnes sont belles zhe gatyo la montagne ; le montagne chon brave
18.	Notre père a acheté un âne, nos pères ont acheté deux ânes Neutron pèzhe a ashetô on onou ; neutre pèzhe on ashetô deuj onou
19.	C'est un travail simple. C'est une fête simple. é t'un travô chimplou ; e na feta chimpla.

MR (SEMI-FALANTE)

1.	Les poules sont dans la cage
2.	L'œuf de la poule ; les œufs des poules lou joué de la poulaye ; le joué de le poulaye
3.	Il faut séparer les poussins des poules
4.	Il y a des oiseaux sur l'arbre ya dej ouazé sou l'abrou
5.	J'ai un couteau, mes frères ont des couteaux zh'e on kuté/coté, me frozhe on de coté
6.	J'ai vu une abeille ; il y a des abeilles. zh'e vio n'aveulya ;
7.	L'abeille fait le miel, les abeilles font le miel. lej aveulye fon lou mi
8.	Notre mère a une brebis/mouton; Nos mères ont des brebis/moutons. Neutra mère on moton/brebi ; neutre mère on de moton
9.	Vous avez un cochon vouz ete on cayon [≈]
10.	J'ai vu une femme ; j'ai vu deux femmes zh'e vio na fena ; zh'a vio douve fene
11.	L'épine de la rose ; la rose a des épines ????
12.	J'ai une table ; tu as deux tables zh'e na trobla ; zh'e douve troble
13.	Elle était belle, cette femme ; mes sœurs étaient belles l'ève brava chla fena ; me sezho evon brava/ bale
14.	Cette fille est capable (belle) ; ces filles sont capables (belles) chla felye capobla ; chle felye chon capoble
15.	La vache de Pierre ; Pierre avait deux vaches la vashe de Piaro ; Piaro ave douve vazhe
16.	Une manche (de vêtement), les manches de la chemise na monshe ; le monshe de la shemije
17.	Je regarde la montagne ; Les montagnes sont belles
18.	Notre père a acheté un âne, nos pères ont acheté deux ânes Neutron pèzhe a ashetô n'onou ; neutre pèzhe on ashetô deuj onou
19.	C'est un travail simple. C'est une fête simple. e t'on travô chimplou ; e na feta chimpla

JP (SEMI-FALANTE)

1.	Les poules sont dans la cage le poulaye chon dè la cazhe
2.	L'œuf de la poule ; les œufs des poules lou joué de la poulaye ; le joué de le poulaye
3.	Il faut séparer les poussins des poules y fau sepazho le pouzhin de le poulaye
4.	Il y a des oiseaux sur l'arbre y a dez ouazé su l'abrou
5.	J'ai un couteau, mes frères ont des couteaux zh'a on tyuté, me frèzhe on de tyuté
6.	J'ai vu une abeille ; il y a des abeilles. zh'a vu n'avulye ; ya dej avulye
7.	L'abeille fait le miel, les abeilles font le miel. l'avulye fa lou mi ; lej avulye fon lou mi
8.	Notre mère a une brebis/mouton; Nos mères ont des brebis/moutons. notra mèzhe a na [≈]brebis ; notre mèzhe on de brebis
9.	Vous avez un cochon vouj ate on cayon
10.	J'ai vu une femme ; j'ai vu deux femmes zh'a vu na fenna ; zh'a vu deu fenne
11.	L'épine de la rose ; la rose a des épines [≈] l'eronzhe de la roja ; la roja a dez eronzhe
12.	J'ai une table ; tu as deux tables zh'a na trobla ; t'o deu troble
13.	Elle était belle, cette femme ; mes sœurs étaient belles l'eve brava chla fenna ; me seuzhò evon brave
14.	Cette fille est capable (belle) ; ces filles sont capables (belles) chla felye ye capable ; chle felye chon capable
15.	La vache de Pierre ; Pierre avait deux vaches la vasha/e[ç] de Piaro ; Piaro ave deu vashe
16.	Une manche (de vêtement), les manches de la chemise na manzha ; le manzhe de la shemije
17.	Je regarde la montagne ; Les montagnes sont belles zhe gatyo la montagne ; le montagne chon brave
18.	Notre père a acheté un âne, nos pères ont acheté deux ânes Neutron pèzhe a ashetô on onou ; neutre pèzhe on ashetô deuj onou
19.	C'est un travail simple. C'est une fête simple. [esqueci de perguntar]

JS (FALANTE PASSIVO)

1.	Les poules sont dans la cage
2.	L'œuf de la poule ; les œufs des poules lou joué de la poulaye ; le joué de le poulaye
3.	Il faut séparer les poussins des poules
4.	Il y a des oiseaux sur l'arbre
5.	J'ai un couteau, mes frères ont des couteaux kyuté
6.	J'ai vu une abeille ; il y a des abeilles. abelie
7.	L'abeille fait le miel, les abeilles font le miel.
8.	Notre mère a une brebis/mouton; Nos mères ont des brebis/moutons.
9.	Vous avez un cochon un cayon
10.	J'ai vu une femme ; j'ai vu deux femmes zh'a vu na fena ; fene
11.	L'épine de la rose ; la rose a des épines
12.	J'ai une table ; tu as deux tables trobla
13.	Elle était belle, cette femme ; mes sœurs étaient belles
14.	Cette fille est capable (belle) ; ces filles sont capables (belles)
15.	La vache de Pierre ; Pierre avait deux vaches
16.	Une manche (de vêtement), les manches de la chemise
17.	Je regarde la montagne ; Les montagnes sont belles
18.	Notre père a acheté un âne, nos pères ont acheté deux ânes Neutrou père a achetô on ane ;
19.	C'est un travail simple. C'est une fête simple.

CORPUS FRASES COMPLEXAS

JC (FALANTE QUASI-NATIVO)

1. Les enfants, vous devez manger des légumes lé gamin vou date mèzhe votre catroulye
2. Les enfants, vous devez bien mâcher les carottes vou date byin moshe le caroute
3. Les enfants, vous suivez le professeur. vou suite byin lou metrou
4. Les enfants, vous ne devez pas dire des mots grossiers. Et vous devez parler correctement. vou ne dates pô dezhe de mou groussi.
5. Vous faites bon usage de l'argent/ de votre temps libre. vou fete bun usazhou de votre seu/ vou date fozhe
6. Tu ne dois pas juger les autres. te ne da pô zhuzhe lej autrou
7. Tu dois porter tes lunettes te da portô te lunete
8. Vous voulez un café? Oui. vou vouli on café
9. Vous savez où est l'église ? Oui. vou sete yo que y a l'elije
10. Vous pouvez m'aider ? Oui, bien sûr. vou peute m'adye
11. Vous cuisez du pain tous les jours vou founaye tou le zhou
12. J'ai mal à une dent zh'a mô a na dè
13. J'ai un neveu qui s'appelle Jean zh'a on neveu que ch'apale Jean
14. C'est beau, les champs de blé É bravou, lé carou de blô
15. Le vent souffle fort aujourd'hui lou vè seulye for istiuu
16. Prends cette pierre predre chla piara
17. Vous buvez du vin ? Non, on boit de l'eau. vou bate de vin ? non on ba d'edye
18. C'est une belle plantation É na brava plètation
19. Je mange une cerise

zhe mèzhou na cerija
20. Attache ta ceinture atasha ta chentuje
21. Regarde l'heure gatya l'ozha
22. Je suis heureux/heureuse zhe si ézho/ézhoja
23. Il a des grandes oreilles, une oreille l'a de bale j'ouzhelye, n'ouzhelya
24. La chèvre est dans le pré la shevra dè lou pro
25. Le cheval regarde les étoiles la cavala gatye lez étale
26. Il fait chaud É fa shô
27. Il s'est cassé une jambe i ch'e cachô na piata/ shambe
28. Je tiens une planche large zhe teniou na peu/planshe larzhe
29. Je dois faire un voyage zhe davou fozhe on viazhou
30. C'est la période du dégel É lou moumè du dezhalou
31. Regarde, un singe ! gatye, on chinzhou
32. Il mange sa soupe i mèzhe cha choupa
33. C'est savoureux É bon, É buna
34. Marie et Jean lavent la vaisselle Mari pi Jean lavon la vachala
35. Je suis au troisième étage zhe si ou trajemou étazhou
36. Claude et Pierre portent des chemises noires Yaudou pi Piaro peurton de shemije nazhe
37. Je ne peux pas refuser ce cadeau Ne peouvou pô refujô chli (≈) ... che que te me balye
38. Le bébé suce son biberon lou pte tete cha fieula

39. Vous avez raison vouj ate rajon
40. Quand j'étais jeune, j'allais à l'école à pied
41. Quand j'étais jeune et que j'avais la grippe, je guérissais très vite
42. Mon fils, il faut que tu sois poli, que tu ailles à l'école et que tu fasses tes devoirs ! mon pte i fau que te chaye (≈)poli, que t'ala à l'étyeula pi que te fache te devoir !
43. Quand j'étais jeune, il fallait que je sois poli, que j'aie à l'école et que je fasse mes devoirs ! tyè zh'eva zheunou, i falive étrou byin elevô, i falive que zhe chaya feur, que zh'ala a l'étyeula, i falive que zhe facha me devoir
44. Quand j'étais jeune, les enfants savaient très bien chanter. le gamin chavon byin shètô
45. Les jeunes filles choisissent les beaux garçon lé zheune feulye choisichon/choisivon lé bravou magnat
46. Quand j'étais jeune, les jeunes filles choisissaient les beaux garçon lé zheune feulye choisivon lé bravou magnat

JP (SEMI-FALANTE)

1. Les enfants, vous devez manger des légumes lez éfè, vou date mèzhe de légume
2. Les enfants, vous devez bien mâcher les carottes vou date byin mashe le caroute
3. Les enfants, vous faites la queue et vous suivez le professeur. (Vous suivez l'émission radio? Oui.) vou fete la couva e pi vou suite lé professeur
4. Les enfants, vous ne devez pas dire des mots grossiers. Et vous devez parler correctement. vou ne date/devon(≈) pô dezhe des vilains mots. Parlô/cojô patois
5. Vous faites bon usage de mes conseils vou fete bon uzhajou/ ujazhou de me (≈) [consultou o golssário]
6. Tu ne dois pas juger les autres. te ne da pô zhuge [consultou] zhuzhe
7. Tu dois porter tes lunettes te da portô te lunete
8. Vous voulez un café? Oui. vou veli on café
9. Vous savez où est l'église ? Oui. vou chôte u yo te ya l'elieje
10. Vous pouvez m'aider ? Oui, bien sûr.

vou peute m'adye
11. Vous cuisez du pain tous les jours vou (≈) tuitô/tuizhô/tuijô de pon
12. J'ai mal à une dent zh'a mô a na dè
13. J'ai un neveu qui s'appelle Jean zh'a on neveu que ch'apale Jean
14. C'est beau, les champs de blé É bravou, lé shan de blô
15. Le vent souffle fort aujourd'hui lou vè seulye feu istiui
16. Prends cette pierre prè chla piara
17. Vous buvez du vin ? Non, on boit de l'eau. vou bate de vin ? non on ba d'edye
18. C'est une belle plantation É na brava plantation
19. Je mange une cerise zhe mèzhou na (≈)sezhija [consultou] sezhije
20. Attache ta ceinture atashe ta chintezha
21. Regarde l'heure gatya l'ozhe
22. Je suis heureux/heureuse zhe si éjô/(≈) [consultou] ézho, ézhoja
23. Il a des grandes oreilles, une oreille l'a de bale j'ouzhelye, n'ouzhelya
24. La chèvre est dans le pré la shevra ye dè lou pro
25. Le cheval regarde les étoiles lou shèvô gatye lez étale
26. Il fait chaud É fa shô
27. Il s'est cassé une jambe i ch'e (≈)cachô la shamba
28. Je tiens une planche large zhe tein na planshe (≈)larzhe
29. Je dois faire un voyage zhe da fozhe on viazhou

30. C'est la période du dégel É la période du (≈) dézhelô (consultou)
31. Regarde, un singe ! gatya, on shinge (consultou) chinzhou
32. Il mange sa soupe i mèzhe cha choupa
33. C'est savoureux É vra bon
34. Marie et Jean lavent la vaisselle Mari pi Jean lavon la vachala
35. Je suis au troisième étage zhe si u trajemou étazhou
36. Claude et Pierre portent des chemises noires Lyaudou e Piaro peurton de shemije nazhe
37. Je ne peux pas refuser ce cadeau Zhe ne peuvou pô refujô chli cadeau, chl'étrane
38. Le bébé suce son biberon lou bébé (≈)suce chon biberon [consultou] chuche chon bibezhon
39. Vous avez raison vouj ate rajon
40. Quand j'étais jeune, j'allais à l'école à pied Tyè zh'eva zheunou, zh'alova a l'étyeula a pie
41. Quand j'étais jeune et que j'avais la grippe, je guérissais très vite zh'eva zheunou e pi que zh'ava la gripa, zhe guerissova/guerichova, vra radou (consultou) gariva vra radou
42. Mon fils, il faut que tu sois poli, que tu ailles à l'école et que tu fasses tes devoirs ! mon éfè e fau que te chaye byin élevô, que t'aïlle/ale à l'étyeula e pi que te fache te devoir !
43. Quand j'étais jeune, il fallait que je sois poli, que j'aïlle à l'école et que je fasse mes devoirs ! tyè zh'eva zheunou, é falive que zhe chaye byin élevô, que zh'alve a l'étyeula, que zhe fache me devoir
44. Quand j'étais jeune, les enfants savaient très bien chanter. lé éfè chavon(≈)chovon/chavovon(sugeri) vra byin shètô

AP (SEMI-FALANTE)

1. Les enfants, vous devez manger des légumes lé éfè, é fau mèzhe de légume/ vou date mèzhe de catroulye
2. Les enfants, vous devez bien mâcher les carottes vou date byin (≈)mâcher le caroute
3. Les enfants, vous suivez le professeur. (Vous suivez l'émission radio? Oui.) (≈) vou chui vô lou metrou

4.	Les enfants, vous ne devez pas dire des mots grossiers. Et vous devez parler correctement. vou ne date pô dezhe de gre mot (≈) de gre mou. Vou date cojô quème é fau
5.	Vous faites bon usage de l'argent/ de votre temps libre.
6.	Tu ne dois pas juger les autres. te ne da pô zhuzhe(≈) lej autrou (consultou material para confirmar)
7.	Tu dois porter tes lunettes
8.	Vous voulez un café? Oui. te vu on café/ vu-te on café
9.	Vous savez où est l'église ? Oui. vou chate yo qu'é l'elije
10.	Vous pouvez m'aider ? Oui, bien sûr. peute-vou m'adye
11.	Vous cuisez du pain tous les jours
12.	J'ai mal à une dent zh'a mô a na den(≈) na dè
13.	J'ai un neveu qui s'appelle Jean
14.	C'est beau, les champs de blé
15.	Le vent souffle fort aujourd'hui lou vè seulye feur istiui
16.	Prends cette pierre
17.	Vous buvez du vin ? Non, on boit de l'eau. bate-vou de vin ? non on ba d'edya
18.	C'est une belle plantation
19.	Je mange une cerise zhe mèzhou na sherija
20.	Attache ta ceinture atashe ta chein(≈)
21.	Regarde l'heure getya l'ozha
22.	Je suis heureux/heureuse
23.	Il a des grandes oreilles, une oreille

l'a de grè j'ou(r)elye, n'ou(r)elya (consultou e corrigiu para ouzhelye)
24. La chèvre est dans le pré la shievra ye dè lou pro
25. Le cheval regarde les étoiles lou shevô gatye lej étale
26. Il fait chaud É fa shô
27. Il s'est cassé une jambe i ch'e cachô la shamba
28. Je tiens une planche large zhe tin na larzha planshe
29. Je dois faire un voyage zhe davou fozhe on viazhou
30. C'est la période du dégel
31. Regarde, un singe !
32. Il mange sa soupe i mèzhe sa choupa
33. C'est savoureux
34. Marie et Jean lavent la vaisselle Marie e Jean fon la vachala
35. Je suis au troisième étage zhe si ou trajemou (≈)étazhou
36. Claude et Pierre portent des chemises noires Claude pi Piare peurton de shemije nazhe
37. Je ne peux pas refuser ce cadeau
38. Le bébé suce son biberon
39. Vous avez raison vouj ate rajon
40. Quand j'étais jeune, j'allais à l'école à pied Tyè zh'eve zheunou, zh'alova a l'étyeula a pie
41. Quand j'étais jeune et que j'avais la grippe, je guérissais très vite Tyè zh'eve zheunou e pi que zh'ava la gripa, (≈) zhe guerichova vra vitou
42. Mon fils, il faut que tu sois poli, que tu ailles à l'école et que tu fasses tes devoirs ! mon gachon, é fau que te chaye poli, que t'aille à l'étyeula e pi que te fache ton travô!

43. Quand j'étais jeune, il fallait que je sois poli, que j'aïlle à l'école et que je fasse mes devoirs ! tyè zh'eve zheunou, é falive que zhe chaye poli, que zh'aly a l'étyeula, i falive que zhe fache mon travô
44. Quand j'étais jeune, les enfants savaient très bien chanter. Tyè zh'eve zheunou, lé éfè chavovon vra byin shètô
45. Les jeunes filles choisissent les beaux garçon
46. Quand j'étais jeune, les jeunes filles choisissaient les beaux garçon